

Universidade Federal da Bahia
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Alda Britto da Motta

**“NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA”:
A PEDAGOGIA INESPERADA NOS
GRUPOS DE IDOSOS**

Idosos!

Salvador - Bahia
1999

Alda Britto da Motta

**“NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA”:
A PEDAGOGIA INESPERADA NOS
GRUPOS DE IDOSOS**

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério Cunha de Campos.

Salvador - Bahia
1999

UFBA/ FAGED/ Biblioteca Anísio Teixeira

M921 Motta, Alda Britto da
“ Não tá morto quem peleia”: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. – Salvador, 1999.
270 p. il; fotos

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia.

1. Velhice 2. Velhice – Aspectos sociais 3. Idosos
4. Gênero 5. Centro de convivência 6. Socialização 7. Educação I. Título

CDD 305.26
362.6

ALDA BRITTO DA MOTTA

**“NÃO TÁ MORTO QUEM PELEIA” : A PEDAGOGIA INESPERADA
NOS GRUPOS DE IDOSOS**

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério Cunha de Campos.

Aprovada com distinção conforme registro na Ata da Defesa Pública da Tese na Pós-Graduação em Educação/UFBa, do dia 13 de abril de 1999.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. ROGÉRIO CUNHA DE CAMPOS (ORIENTADOR)
Universidade Federal de Minas Gerais

PROF. DR. RUSSEL PARRY SCOTT
Universidade Federal de Pernambuco

PROFA. DRA. INAIÁ MARIA MOREIRA DE CARVALHO
Universidade Federal da Bahia

PROFA. DRA. TERESINHA FRÓES BURNHAM
Universidade Federal da Bahia

PROFA. DRA. CECÍLIA MARIA BACELAR SARDENBERG
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Tese pronta, é o momento de agradecer àqueles que, diretamente ou indiretamente, a apoiaram e até tiveram ou têm para mim, surpreendentes (na dimensão da emoção) e reveladoras ligações com ela.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, Rogério Cunha de Campos, pelo apoio em todos os momentos e respeito cordial à profissional, que está sempre querendo voar por toda parte.

Aos colegas ou amigos, que leram alguns ou muitos capítulos do trabalho, e fizeram suas críticas e sugestões: a Cecília Sardenberg, Inaiá Carvalho, Agueda Célia Fontes, Benedita Cabral, Márcia Gomes e Antônia Garcia. Também meu filho Maurício Motta, sobre aspectos legais das citações.

Aos componentes da equipe do projeto, então estudantes de Ciências Sociais e bolsistas de Iniciação Científica pelo CNPQ, uma turma bem seleta de jovens talentosos e responsáveis, todos atualmente graduados: Adalci Paixão de Menezes, Ana Carla Souto Rocha, Edna Brito Mascarenhas Sousa, Edna Maria do Carmo Santana, Paula Lopes Pontes e Raimundo Lago Ribeiro Júnior.

Aos que ofereceram apoio material ou moral, no processo de redação da tese, como meus amigos Inaiá e José Luiz de Carvalho Neto, que puseram sua acolhedora casa de praia à minha disposição para o “exílio” necessário aos primeiros tempos de elaboração do trabalho; Ruthy Laniado, que me presenteou com os primeiros pacotes de papel e com isso realizou a mágica fundadora da materialização da tese; depois suplementada pela seleção de vários recortes de jornais.

Às companheiras do NEIM, fraternidade ao longo de muitos anos de lutas, que me dispensaram, solenemente, de comparecer às reuniões do grupo e decretaram o meu novo exílio de escrevinhação, na sala atordoantemente lilás! Um carinho especial a Ívia Alves, consultora especial para a área da minha velha paixão

latente, a literatura – que de vez em quando infringia a “lei do exílio” e ia à minha sala saber como eu estava andando. E a Rita Costa, “irmã de plantão” de todas nós, irrequietas “meninas do NEIM”.

Falando em companheirismo, destaco Maria Helena Cruz, de minha turma do Doutorado, que numa fase de vida profissional, quando o coleguismo é, lamentavelmente, uma lembrança apenas do passado, esteve sempre próxima, mesmo que sendo a que mora mais distante.

A D. Cecy Dias da Silva, gaúcha valente na defesa do “direito institucional de ir-e-vir” dos seus 92 anos, com dois revólveres tão velhos quanto ela, a inspiradora coragem, certezas e o título desta tese.

A todos os idosos entrevistados, que abriram as suas vidas para nós e valem muito, para todos, o desmistificar a velhice como tempo de inatividade, solidão e tristeza. Representando a todos, homenagem em especial D. Augusta, do grupo da AMPLA, cujo centenário o bairro esperava comemorar, que nos deixou a lembrança de sensibilidade e vigor, de um corpo sempre em prontidão para dançar.

Às coordenadoras dos grupos e programas estudados, atenciosas, dedicadas à difícil tarefa, tentando acertar: Lili, D. Elza, Lucinha.

Aos professores também entrevistados e em especial a Eny Kleide, com quem muito da idéia de uma faculdade para a “terceira idade” na Bahia começou.

Ao Departamento e ao Mestrado em Sociologia da UFBA., pelo tempo de liberação de tarefas.

À Pós-Graduação em Educação, a oportunidade da aceitação de uma teimosa socióloga e do convívio cordial e produtivo.

Ao CNPq e seu inteligente programa de bolsas de Iniciação Científica: oportunidade de troca também com os estudantes.

A Maria José Bacelar, competente anjo da guarda editorial, incansável e indispensável neste pressionante final de arrumação gráfica da tese, na normatização e editoração do trabalho.

Por fim, impossível cumprir ritos de passagem sem convocar a família:

Aos avós Alda e Arthur, pais substitutos de logo, quando Carmen e Antônio tão cedo ainda partiram. Tenho certeza de que foram os grandes responsáveis, na sua serenidade e afeição, por que eu sempre tenha gostado de velhos.

A minha avó Hercília, vida difícil, mas sempre firme e forte, que nunca estaria pronta para morrer, porque “a missão não estava terminada”.

Aos meus filhos, Marcelo, Maurício e Márcia, o amor realizado.

Por fim, Gabriela, minha neta, que nasceu no dia do aniversário de minha avó e retrança o ciclo da vida. Esperança, como no poema de Paulo Mendes Campos, “que alcance um tempo mais distante e mais tranqüilo e ajude a redimí-lo”.

RESUMO

Este trabalho documenta e analisa as atividades em programas ou grupos “de convivência” de idosos de ambos os sexos e diferentes classes sociais em Salvador, Bahia, com atenção ao que estão sendo as propostas, em que extensão elas estão sendo seguidas e algumas das consequências principais desse encontro coletivo de mulheres e homens.

Foram estudados quatro diferentes tipos de grupos ou programas. Três organizados e um informal – um grupo de homens que se encontra regularmente numa praça de bairro. Apenas um grupo, o mais formalmente organizado, reúne idosos de classe média ou alta, os outros congregando idosos das classes populares de Salvador. Esses grupos constituíram o foco tanto de observação participante como de entrevistas longas e individuais, em número próximo de 100, incluindo participantes, professores e coordenadores.

Concluo, neste trabalho, que esses grupos ou programas são inovadores, tanto no propor atividades educativas/culturais para idosos, como, e sobretudo, em lhes oferecer um “espaço” onde a sociabilidade extra-familiar está podendo se desenvolver. Tudo isso contribuindo para forjar uma nova identidade coletiva de idosos que, embora ainda incipiente, promete futuras consequências de ordem social e política.

ABSTRACT

This dissertation documents and analyzes the activities of senior citizens groups and programs geared to both women and men of different social classes in Salvador, Bahia. Our attention focuses in the objectives of these programs/groups, the extent to which they have been accomplished, their social and political impact, and their significance for the participating women and men.

Four such groups/programs were studied. Three are organized groups for both sexes, with specific programs, while the fourth is an "informal" group of men who meet in a neighborhood square. Only one of the groups, the most organized one, caters to middle or upper class individuals, the other three tending to senior citizens in working-class areas of Salvador. These groups were the focus of both "participant observation" as well as individual interviewing with close to 100 people including participants, instructors and coordinators.

I argue in this work that these groups/programs are innovative not only on proposing educational/social activities for the elderly, but also in simply offering them a "space" where extra-familial sociability can develop. This has contributed to the forging of a "new identity" for senior citizens which though still incipient, promises to be of greater social and political consequences.

SUMÁRIO

PARTE I – INTRODUZINDO O TEMA

1	A VELHICE COMO PROBLEMÁTICA ATUAL	10
2	CATEGORIAS DE ANÁLISE E TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	25

PARTE II – A ETNOGRAFIA COMO DOCUMENTO

3	O GRUPO DE IDOSOS DA AMPLA	51
4	OS IDOSOS DA PRAÇA SÃO BRAZ	84
5	A ASSOCIAÇÃO “IDOSOS UNIDOS VENCEREMOS”	96
6	A FACULDADE DA TERCEIRA IDADE	132

PARTE III – BUSCANDO SOCIABILIDADES, FORMANDO IDENTIDADES

7	A FAMÍLIA DO IDOSO	176
8	O PEDAGÓGICO NOS GRUPOS E PROGRAMAS PARA IDOSOS ..	191
9	SOCIABILIDADE E GRUPOS	213

PARTE IV – REVENDO CATEGORIAS E CONCLUINDO

10	CATEGORIAS DO COTIDIANO NA ANÁLISE	227
11	CONCLUSÕES	237
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	243
	ANEXOS	255

PARTE I

INTRODUZINDO O TEMA

1 A VELHICE COMO PROBLEMÁTICA ATUAL

INTRODUÇÃO

O tema da velhice e do envelhecimento, antes negligenciado pelas Ciências Sociais, começa a emergir como digno de estudo, no Brasil, na década de 80, e se consolida como interesse e produção acadêmicos, além de questão política e até problema social, nos anos 90.

Durante um longo tempo, o discurso que predominou como competente (Chauí, 1980) a respeito da velhice foi o da Medicina, que constituiu uma especialidade, a Geriatria, o da Psicologia e o do Serviço Social. Mais adiante, o de uma Gerontologia enfim Social. Os velhos eram para ser tratados, cuidados, protegidos – nunca realmente observados ou ouvidos.

Com a entrada em cena, sistemática, de uma visão mais complexa e abrangente da realidade, respaldada no “ir às coisas mesmas” do processo de pesquisa das Ciências Sociais, em grande parte pela percepção da necessidade de registro e análise de novas categorias sociais, corporificadas em novos atores (Sader, 1988; Laclau, 1996), presentes nos também novos movimentos sociais, entre eles os mais velhos, aposentados, atenuou-se, por fim, a força dos enfoques do envelhecimento como sinônimo do adoecimento, e de velho como desvalido social. Foi, então, possível começar a ver os de mais idade como atores sociais, não apenas porque existem em número expressivo, mas também porque estão mais dinâmicos, em múltiplas atividades, inclusive políticas, e em processo de construção – ainda incipiente e pouco pressentida – de uma identidade coletiva de geração.

Entretanto, sempre que abordada a situação atual dos velhos na sociedade, como questão ou como problema, a moldura teórico/discursiva de quase todos os enquadres vem sendo sua expressão demográfica – e como “moldura”, onipresente e limitadora de espaços.

A questão demográfica é, realmente, ponto fundamental. É evidente o crescimento do contingente de idosos – no Brasil e no mundo – ensejado pela queda da fecundidade e pela extensão da esperança de vida propiciadas pelos avanços da

ciência moderna e da saúde pública, e que isto se reflete em mudanças na dinâmica das idades. É evidente, igualmente, que o aumento desse segmento populacional conduz à urgência de definição, por parte da sociedade, de uma política – de como lidar com o fato, recente e crescente, de que há um número cada vez maior de “inativos” para serem mantidos e, também, que sua esperança de vida se estendeu mais (isto é, há, hoje, mais velhos, e vivendo por mais tempo).

Entretanto, a questão é muito mais ampla e complexa, vai além dos fatos demográficos. A evidência social dos velhos, hoje, – fenômeno universal – tem a ver, também, com outros fatos ou acontecimentos sociais importantes; e que ultrapassam a verificação pela simples matemática ou por cálculos atuariais. Que têm que ser também conhecidos, discutidos e, na medida do possível, revistos.

Mudanças na economia e nos modos de vida em um capitalismo que se desenvolve, primeiro, como crescimento industrial e colonialismo expansivo e, mais recentemente, como globalização da economia e de decisões políticas, concomitantemente reconfiguraram os modos de solidariedade (Lenoir, 1998:80) entre as gerações na família e as relações entre indivíduos, sociedade e Estado.

Essa trajetória significou, historicamente, além da separação quase radical entre produção industrial e produção doméstica – e entre indivíduos/membros da família que participavam de cada uma dessas formas de divisão do trabalho – a separação entre “classes” de trabalhadores. A princípio entre os homens e mulheres & crianças (estas duas consideradas “força de trabalho suplementar”), e mais recentemente, o desprivilegiamento profissional também dos trabalhadores mais velhos. Com isso, evidentemente, agravando o problema da sua sobrevivência quando afastados do mercado de trabalho.

Essa questão, dos encargos em relação aos velhos, que se estende em longas discussões, no século XIX, a propósito da miséria, e da aposentadoria possível de operários e camponeses, incorpora, no século XX, uma classe média que se avoluma no trabalho assalariado. Ao mesmo tempo, mais e mais diferenciadas as relações de gênero e as gerações na família, tornam-se também outros os modos de solidariedade. Sobre estes Lenoir (1998:82) resume:

A passagem de um modo de sucessão segundo o qual as relações entre as gerações eram diretamente controlados pelos pais, para um modo em que o acesso às posições de poder e aos bens era feito cada vez mais pela mediação de diplomas e concursos, teve como efeito transformar o âmbito das relações entre filhos e pais e modificar a definição do conteúdo e da intensidade das trocas

entre eles, em suma, das obrigações recíprocas. Além disso, um grande número de campos que, tradicionalmente, eram da alçada da família e contribuíram para que ela existisse como grupo, foram, pouco a pouco, delegados a instituições e a um pessoal especializado.

Aproximando-se o século XXI, acentuadas todas essas tendências que se desenvolviam, intensificam-se também as preocupações e discussões, postas acentuadamente, como referido, em termos de fenômeno demográfico e de seguridade ou de previdência social. Não raro, em tom meio catastrófico. Ficam “esquecidos”: os novos padrões (e possibilidade de relações) de família; a retirada, gradativa, do Estado, das ações de bem-estar ou de política social, além de sua falência prévia em algumas dessas ações, como as exatamente relativas à gestão da previdência social; o desemprego intenso e crescente, que conduz, entre outros prejuízos humanos e sociais, à diminuição do número de trabalhadores ativos com a sua contribuição previdenciária – além da sua dependência da solidariedade de família: quase sempre, das gerações mais velhas. Por fim, o aumento, também crescente, de trabalhadores na economia informal e sem registro legal, dos “inativos”, tornados mais aceleradamente assim pela escancarada “oxigenação da produção” – cínica ou ingênua designação da dispensa dos mais velhos – nas empresas (Veja, 1994).

Tudo isso em grande parte ignorado ou ocultado, centram-se as discussões, agora, no caso do Brasil – embora não “privilégio” apenas dos brasileiros – em termos da falência quase iminente do sistema de previdência nacional, sugerido, ou até afirmado, quanto aos idosos e aposentados, o “perigo” que seu alto número e teimosa longevidade significam para o próprio processo de reprodução social.

São as discussões principais que se vêm travando, publicamente, sobre o (não) lugar dos idosos, hoje. Como, evidentemente, não haveria um processo intencional de malevolência social em relação a eles, permanecem abertas as oportunidades – já aí também muito lucrativas para a produção capitalista – para a sua assunção, enquanto aposentados ou pensionistas com alguma renda, como consumidores privilegiados em um mercado de específicos bens e serviços destinados à “terceira idade” (Lenoir, 1979; Ariès, 1983; Britto da Motta, 1994a e 1996c; Debert, 1997). A exemplo dos destinados às práticas do lazer, dos cursos e programas culturais, inclusive “Universidades” para a Terceira Idade; mais recentemente, publicações “especializadas” e artigos de cosmética. Toda uma

ideologia da terceira idade (cf. Laslett, 1987) é tecida em relação à figura do idoso – tão mais apreciado quanto não assuma a condição de velho –, e à “necessidade” ou importância desses serviços. Crítica que só as Ciências Sociais estão fazendo.

Pouco referido, relativamente, é o dinamismo atual dos idosos, em movimentos que remetem à esfera do trabalho – o dos aposentados – e ao crescente desenvolvimento de uma sociabilidade extra-familiar, geracional, com o engajamento em grupos de variada natureza (Britto da Motta, 1996b). São estes, entretanto, responsáveis pelo desenho – compensador – já nítido, de uma nova imagem social dos mais velhos, como mais ativos, autônomos e saudáveis (Britto da Motta, 1996a; Peixoto, 1998). Felizmente possível pelas contradições características do modo capitalista de viver. Movimentos responsáveis, igualmente, pelo esboço da referida e ainda pouco percebida construção de uma identidade coletiva de idosos – bastante conscientes de que vivem um novo tempo social juntos; embora sejam ainda objeto, espero que momentâneo, de eufemísticas e despolitizantes designações, tais como “terceira idade”, “maior idade” e – beirando o ridículo – “melhor idade”.

A DINÂMICA DAS IDADES

A base teórica da discussão sobre a velhice é a idade, como construção e marco da trajetória humana no tempo, seu conteúdo social e histórico e sua dinâmica enquanto gerações.

Que significa, para uma pessoa, ter uma determinada idade? Ser parte de uma geração?

As sociedades, em diferentes momentos históricos, atribuem um significado específico às etapas do curso de vida dos indivíduos: infância, juventude, maturidade, velhice. Também estabelecem funções e atribuições preferenciais para cada grupo de idade, na divisão social do trabalho e dos papéis na família. Essas atribuições são, em boa parte, arbitrárias, porque nem sempre se firmam numa materialidade ou numa cronologia de base biológica, quanto às reais aptidões e possibilidades, e sim, em relações construídas em um tempo social essencialmente dinâmico, mutável. Os trabalhos de Ariès (1978, 1983) demonstram bem essa historicidade.

Expondo “As Idades da Vida”, Ariès (1978:480) analisa: “...a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a ‘juventude’ é a idade privilegiada do século XVII, a ‘infância’, do século XIX e a ‘adolescência’, do século XX.”

Ao mesmo tempo, estão-se construindo/ideologizando outras idades. Lenoir (1979:57) analisa a mais atual e difundida dessas invenções, a “terceira idade”, “cette nouvelle étape du cycle de la vie tendant à s’intercaler entre la retraite et la vieillesse...” Invenção capitalista, para discutir e justificar uma nova gestão da vida dos velhos trabalhadores, os sem herança ou patrimônio. Mas sem demora a classificação vai-se estender à classe média, com a qual como que adquire a plena expressividade, porque ela, sim, vai ter alguma renda – salário, aposentadoria ou pensão – para ser gerida, aplicável em lazer e atividades culturais que para essa idade são definidos como “próprios” (Lenoir, 1979; Ariès, 1983; Britto da Motta, 1996c).

Por fim, com a recente extensão do percurso de vida, crescendo a população de velhos e também a sua longevidade, já se inicia a referência a uma “quarta idade”. Menos eufemística, porque inapelavelmente designativa dos velhos mais velhos – mais fragilizados e desgastados pela “idade”, por isso mesmo necessitando de outros serviços profissionais...

Com tantas construções, as idades no capitalismo estariam mais nítidas, demarcadas? Quadro completo?

Não. Elementos fundamentais da organização e da cultura das sociedades, as idades participam da sua dinâmica – constroem-se, reconstroem-se e mudam seus significados. O próprio Ariès já apontava, por um lado, o privilegiamento social de certas idades, e por outro, que o ancião havia desaparecido. Lenoir indica o sentido de negação da velhice na referência à “terceira idade”. Agora, suponho, o sentido da ancianidade possa ser retomado com a “quarta idade”... se esta não for redefinida.

Debert (1993:7) aponta uma tendência atual à homogeneização das idades, concomitante e contraditória com esse movimento de “transformação das idades em um mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo.”

Efetivamente, as crianças são reenviadas ao mundo dos adultos jovens, enquanto os idosos “rejuvenescem”, física e socialmente, cada vez mais. Completa-se a tendência à realização daquele padrão de sociedade jovem que Morin

(1967:159) já discernia na década de 60, a à ampliação de um mercado que a serve, e se serve dela.

Tratando-se, então, de situações que se definem e delimitam socialmente, as relações que se estabelecem em função das diferentes idades ou gerações se revelam como de poder. Entre classes sociais, sim, mas também intraclasse, em âmbito de “classes” de idade, na medida em que o poder está disseminado por toda a estrutura social (Foucault, 1986), e freqüentemente geminado à produção do saber e de hierarquias.

É, igualmente, referenciada a poder a interpretação de Bourdieu (1983:112), ao enfatizar como as divisões por categorias sociais, por idade ou gerações, são construídas: “As classificações por idade (também por sexo e classe) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter [...] em seu lugar.”

Como divisões de poder, essas relações podem ser objeto de manipulação. Lembre-se a antiquíssima referência bíblica ao episódio de Esaú e Jacó pelo direito de primogenitura, ou as clássicas questões de herança e assunção de títulos nobiliárquicos nas realezas e casas nobres, ao longo dos séculos. Na modernidade capitalista, outras definições/manipulações são produzidas: Idades para entrar ou sair do mercado de trabalho, para votar e ser votado, para casar. Até para morrer; pelo menos socialmente. Diferentes atribuições de jovens, adultos plenos e velhos. Momentos tão demarcados e importantes, que se fazem ritualizados (Van Gennepe, 1974). A transitoriedade e, sobretudo, a relatividade da situação etária ou geracional dos indivíduos expressam-se, à perfeição, na bela frase de Bourdieu (1983:113): “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém.”

Sobre essas passagens, Redondo (1992:1) expõe:

Em uma cultura estruturada a partir do trabalho produtivo fora da unidade doméstica, a entrada e a saída do mundo do trabalho determinam mudanças importantes no ciclo de vida, contribuindo para estabelecer as grandes transições na biografia pessoal.

Do mesmo modo que a participação do jovem no mercado de trabalho o assinala como adulto responsável (e a sua assunção social formal ao público), um dos momentos cruciais da passagem da maturidade à velhice dá-se com a aposentadoria (reenvio do trabalhador ao privado e à inatividade oficial).

O outro âmbito ou ponto de partida de definição social etária e geracional é o casamento, e seus desdobramentos reprodutivos. A ampliação da rede de relações sociais e a existência dos filhos, principalmente (também por isso, o descasamento desestrutura). Casar-se é também “tornar-se adulto” – até em termos legais. Uma outra forma de alcance da maioridade social, embora, no caso da sociedade moderna, pela participação no privado. Por outro lado, mas em seqüência cronológica, o casamento dos filhos, a saída deles de casa, assinalam o cumprimento de uma etapa de vida também para os mais velhos, como provedores/socializadores, quase tanto quanto para os jovens.

Quando se somam a cessação do compromisso de trabalho e a diminuição das obrigações de família (filhos adultos, trabalhadores, casados), dá-se uma transição especialmente significativa na vida dos indivíduos em direção à velhice social. Porque nem sempre, a essa altura da vida, se está biologicamente velho, mas apenas “velho” demais para exercer determinadas atividades ou ter acesso a certas categorias de bens ou posições sociais (Lenoir, 1998:68). O que é parte da dinâmica das relações de poder e luta entre as gerações, característica histórica tão onipresente quanto a solidariedade.

OS VELHOS

É difícil definir velhice. Mesmo como delimitação referida ao biológico e ao individual, pela sua inseparabilidade do social e histórico. A medicina, instituições assistenciais, culturais e burocráticas, públicas ou privadas, ensaiam estabelecer limites numéricos, sempre a começar dos 55 a 65 anos, para designar o início da condição de velho. O âmago da dificuldade dessa definição, que se refere, então, a características bio-sociais, reside no fato de que os indivíduos são, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Idades aproximadas, ou a mesma geração, não garantem características constitucionais – relativas a resistência física, saúde, inteligência – similares nem, muito menos, a qualidade de vida que a condição de classe enseja – acesso a conforto material, cuidados médicos, desgastes no trabalho.

Como expressão disto, encontra-se que o envelhecimento não é um processo homogêneo (Debert, 1984:130) mesmo no limite de cada indivíduo. Há sempre

partes, órgãos ou funções do corpo que se mantêm muito mais “jovens”, “conservados”, sadios, do que outros – os médicos e a vida cotidiana estão sempre apontando isso (Britto da Motta, 1995a:149). Do mesmo modo como no terreno dos sentimentos e das representações “a velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações.” (Debert, 1988:62). Nem diante de todos os projetos. “A velhice não é uma identidade permanente e constante.”

A questão de uma identidade geracional é também particularmente complexa. Se todo processo identitário se reconstrói ao longo do percurso de vida dos indivíduos, pelo menos cada um deles se faz em torno a uma condição existencial constante, tal como a sexuada, a racial ou a de classe social. Diferentemente ocorre com as idades, que mudam a cada ano, e as gerações, que se definem por intervalos temporais cada vez mais curtos (dos 25 anos tradicionais, aos 10 ou menos, no acelerar do tempo capitalista).

A identidade geracional será, então, muito mais mutável e de difícil fixação. Mais difícil, ainda, a de velho.

Por isso mesmo, por não se dar por inteiro, de modo que se revele e convença, inexoravelmente, da sua existência, a velhice vem como um choque, porque chega primeiro pelo olhos dos outros. Este o sentido de inúmeros depoimentos, inclusive os referidos por Simone de Beauvoir (1980).

É também difícil reconhecer-se como velho – principalmente como velha – porque a velhice é sempre associada, muito mais que às propaladas sabedoria e experiência, à decadência, física, mental, social. À doença, dependência e fealdade. À senilidade e proximidade da morte. Todos exorcizam o fantasma de seu futuro, afastando-se dele ou até ensaiando destruí-lo. Embora haja até quem tente brincar com a situação, como a vivaz senhora de 83 anos, chegada do médico: “As jovens vão fazer o pré-natal, nós fazemos o pré-mortal.”

Diante de uma imagem geral da velhice plena de negatividade, analisa Belo (1990:8), os que “têm saúde e de uma certa forma se sentem participando do cotidiano... não se consideram velhos.” Reconhecem, até, que a “velhice” – definida pelo modelo do preconceito ainda vigente – existe, mas não é aquilo que está neles. “Velho é sempre o outro.” (Debert, 1988).

Não há que estranhar, então, a recorrência generalizada de mecanismos de resistência ao envelhecimento. E que eles sejam desenvolvidos principalmente pelas mulheres, a quem tradicionalmente foram cobradas juventude e beleza, contenção e

disciplina. Já o homem, como expressou Beauvoir (1980), “acha-se empenhado em empresas mais importantes que a do amor; [...] e como não lhe pedem as qualidades passivas de um objeto, as alterações de seu rosto e de seu corpo não arruinam suas possibilidades de sedução.”

Com a idéia de resistência, não me estou reportando especialmente aos recursos tradicionais de “correção” da natureza, tais como pintar os cabelos brancos, fazer massagens ou até cirurgia plástica, hoje de uso crescente pelos homens. Refiro-me a processos de reflexão, a representações e comportamentos que Debert (1984:135) define como “mecanismos que visam desnaturalizar o processo de envelhecimento, colocando-o também como uma questão de auto-convencimento.” É exatamente esse sentido que apreendo quando, na praia, a mulher de 65 anos, firme no seu maiô, declara, com intensidade: “Velhice nunca vai me pegar.”

A questão da velhice como auto-convencimento é crucial, porque contém uma carga pesada de negatividade política e existencial, na medida em que adjudica ao indivíduo toda a responsabilidade pelos problemas que possa estar enfrentando como idoso e que são, em maioria, de caráter social e cultural, como as limitações econômicas (baixa aposentadoria) e a exclusão dos espaços de participação (Belo, 1990:12). Isso lhe dificulta a percepção de que pode lutar pelos seus direitos de cidadania.

Por outro lado, alguns mecanismos de desnaturalização da velhice têm, pelo menos, uma eficácia de ordem existencial mais individual. Entre esses, e constituindo, ao mesmo tempo, um modo de sobrevivência e resistência ao modelo de construção social do idoso, ou “ideologia da velhice” (Haddad, 1986:13), está a busca da (re)afirmação da autonomia – a capacidade de fazer ou decidir por si próprio, com independência, sem precisar de ajuda. Principalmente as tarefas do cotidiano.

Sendo as mulheres as “donas” do trabalho doméstico, por aí começa a sua auto-afirmação ou resistência. Continuando a realizá-lo, ou o fazendo até com mais empenho, quando idosas, sentem-se saudáveis e vigorosas. Enquanto os homens, nesse âmbito, ficam mais dependentes.

Desenha-se, aí, uma interessante questão teórica. Tendo o trabalho doméstico, como resultado do intenso debate levado pelo feminismo da década de 70, alcançando estatuto acadêmico como tema, e ao mesmo tempo se fixado politicamente como motivo e símbolo da subordinação feminina, analisado não mais

apenas sob o estrito enfoque das relações de gênero, mas abrangendo o da idade/geração, adquire um outro significado, alternativo – exatamente o de meio de auto-afirmação e até de liberação.

Um desdobramento da questão também aparece, sob o ângulo da classe social: o trabalho doméstico na velhice, parece ser um recurso afirmador principalmente de mulheres de classe média, que não tiveram, em sua trajetória de vida, a obrigação de realizá-lo na totalidade das tarefas diárias. Reforça esta hipótese o caso, encontrado por Debert (1984:138), da ex-empregada doméstica que, vivendo em um asilo, vê como vantagem principal de estar lá, o não ter que realizar tarefas de natureza doméstica.

Outros autores vêm encontrando resultados semelhantes quanto a essa função tardia do trabalho doméstico como possibilidade de independentização e resistência (Andrade, 1992; Ferreira e Rodrigues Junior, 1992).

Depoimento exemplar é o de “Nina”, 65 anos, in Andrade (1992:96):

O trabalho para mim não é empecilho. Pelo contrário, é muito útil [...] Eu sou uma pessoa que não tenho nada, eu tenho energia, eu trabalho direto. Depois que meu marido faleceu [...] Antes, eu tinha empregada. Porque ele ficava em casa, doente [...] Depois que ele faleceu eu acabei com a empregada. Eu tomo conta de minha casa.

Já a reação dos homens ao envelhecimento é diferente. Ferreira e Rodrigues Junior (1992:65) encontram “uma certa resignação e aceitação da velhice como algo inexorável” entre eles. Compare-se depoimentos de homens e mulheres, nesse mesmo estudo:

“Meu projeto agora é me soltar por aí, pelo mundo, viajar, até num jegue velho, por aí. Eu quero mais é curtir a vida.” (Mulher, 64 anos).

“Pro futuro imediato, nenhum projeto. O que nós temos agora é pedir a Deus que nos dê anos de vida e saúde, que é a obrigação de todos nós.” (Homem, 61 anos).

Conclui, também comparativamente, Debert (1984:66):

Assim, enquanto as mulheres acionam uma série de mecanismos para mostrar que a velhice é uma questão de auto-convencimento e que mulher deve reagir, evitando fazer o que é típico das velhas, os homens resistem à velhice mostrando que é importante conscientizar-se de que não se é mais moço; é isto que lhes

permitiria não ter um comportamento típico de velho, estigmatizado pela sociedade.

Por outro lado, a velhice masculina apresenta alguns aspectos que dificultam particularmente a sua assunção, sobre as quais há uma ênfase de gênero, tanto quanto, comparativamente, de geração: a perda de poder social, pela retirada do mercado de trabalho, a diminuição da força física e da virilidade afirmativa – todos importantes características do homem jovem (Featherstone et al, 1995:8)

O lazer em grupo torna-se um recurso eficaz de resistência e recuperação de prazeres perdidos no tempo, e que reúne homens e mulheres. Sempre, mais mulheres. Merece estudo mais demorado, que tento aqui, porque tem sentido ambivalente: na medida em que constitui reação ao modelo cristalizado de “velho parado” da “ideologia da velhice”, é, ao mesmo tempo, substitutivo e reconstrução dele, com a forma “velho” mais dinâmico “de hoje em dia”, que resgata o prazer dos encontros, das danças e dos passeios nos períodos de baixa estação, propiciando lucro às empresas de turismo, hoteleiras e outras que participam da organização das “brincadeiras”. É o caso dos eufemísticos Clubes da Maior Idade (ver, sobre a clientela dos mesmos, em Salvador, Ferreira e Rodrigues Junior, 1992). Esse recurso assemelha-se à “liberdade” dos índios velhos Suyá (em Seeger, 1980), de comerem alimentos proibidos ao restante da tribo: comidas que de outra forma não iriam ser aproveitadas... Alimento intersticial na sociedade primitiva, tempo/espço intersticiais da sociedade capitalista.

O paralelismo é, entretanto, parcial. Não há homologia entre modos históricos de produção da vida social. Considerando-se, inclusive, no capitalismo, a situação determinante da classe social, alguns alcançam, nessa fase, o ápice sócio-econômico, enquanto relativamente poucos velhos têm acesso a esses referidos interstícios sociais – ao lazer mais barato, à roupa “melhorzinha” para a reunião e a festa. Para muitos outros, além dos asilos restam as instituição tutelares e os “trabalhos sociais”. Cursos, oficinas, grupos de convivência, programas de pré-aposentadoria, etc. Plenos de ambivalência. Pretendendo “restituir”, principalmente aos mais pobres, o que nunca foi deles e ainda não será.

A verdade é que se os meios de realização da vida fossem sempre adequados, envelhecer-se-ia com muito mais segurança e vigor. Sem necessidade de artificiais reuniões, mais ou menos gratificantes, de grandes grupos. Os velhos

simplesmente reunir-se-iam com quem quisessem, de qualquer idade, sem o recurso social ao rebanho.

Mas como ainda não é assim que acontece, vamos encontrar os velhos sós, em movimentos, na família, e, cada vez mais, em cursos, grupos de convivência e similares reuniões apenas geracionais. Como os deste estudo. Entretanto, essa oportunidade de reunirem-se e realizarem atividades juntos, se não é o ideal existencial único, constitui, pelo menos, uma oportunidade de ampliação da sociabilidade e do encontro geracional.

Em ocasião anterior discuti (1994b:363) como as identidades se constróem mais clara e rapidamente nos movimentos sociais. Citava Cardoso, (1988:140) em sua definição desse processo: “É no confronto que as identidades se constróem”, porque “a alteridade é o fundamento da identidade...” As diversas identidades, “longe de serem configurações estáticas, são como narrativas que se vão construindo através e durante o diálogo.”

Referia eu, nessa análise, o exemplo privilegiado do movimento, diretamente político, dos aposentados, naquele momento muito visível e vitorioso na luta pelo 147% de reposição nos seus “benefícios” previdenciários: “No processo da luta, sentiam-se gradativamente fortalecidos [...] ao tempo em que os idosos iam passando, no noticiário da imprensa, de ‘velhinhos’, ‘agitando bandeirinhas’, ou fotografados em festas/pastiches, ‘a vanguarda política do país’”, segundo a Folha de São Paulo (1992).

Hoje, creio que também outros grupos geracionais, com freqüentes e regulares reuniões e atividades coletivas, possam contribuir, embora em escala mais reduzida e compasso muito mais lento, para essa construção de uma identidade coletiva de idosos, enquanto vivenciam juntos um novo cotidiano, novas atividades e relações de amizade e – agora a alteridade! – reações e atitudes de preconceito. Quando, nas entrevistas, falam sobre “o idoso de hoje”, estão destacando uma figura diferente da vigente no passado, (Ver Parte II) e da qual, a contemporânea, é, certamente, o modelo.

Esta a direção teórica das minhas preocupações, uma tentativa de conhecer mais sobre a problemática da idade/geração na sociedade, – um caminho teórico pouco explorado – principalmente o “trecho” relativo ao envelhecimento e à velhice, ainda menos aproximado e, não raro, equivocadamente tratado.

Para isso, importou acompanhar a trajetória histórica dos de mais idade, na sua importância crucial nas sociedades pré-capitalistas – memória e ligação entre as gerações, poder e respeitabilidade social – inclusive, e fortemente, no Oriente, até a sua marginalização como segmento social na sociedade moderna e contemporânea, com uma leve recomposição de “status”, agora.

Importou, principalmente, avaliar o atual lugar social dos idosos, com estudos e reflexões teóricas, acompanhamento e realização de pesquisa empírica em grupos definidos, detendo-me na informação sobre modos de vida, – aí incluídas as relações de família – auto-percepções e representações sobre a condição social do velho (enquanto geração, gênero e classe), suas práticas de sociabilidade e lutas afirmativas, em movimentos e no cotidiano. Em suma, como estão vivendo e percebendo essa fase da vida.

Nessa trajetória, pude discernir a imagem que se tem atualmente dos velhos, e o fato, relativamente recente, da gestão que se está realizando, ou procurando realizar, da sua vida. Por fim, mas não por último – antes tentando dar ao processo uma relevância específica (ou especial) que a realidade não sustentou – procurei analisar, na miríade de cursos e programas culturais e de lazer educativo anunciados e oferecidos para pessoas de mais idade – concentrando-me em três grupos organizados – que pedagogia se está propondo ou aplicando a eles, para que e com que resultados.

Iria encontrar uma pedagogia “leve” e informal, sobretudo um processo de ressocialização, de resultados talvez inesperados (como relato no capítulo 8).

O TRABALHO

Expostas, nesta Introdução, tendências das discussões atuais sobre a velhice, e sua base teórica, a dinâmica das idades e gerações, no Capítulo 2 apresento as categorias básicas de análise, a língua da minha fala; categorias que iriam informar as escolhas metodológicas, postas também aqui como parte intrínseca do processo de investigação.

A Parte II representa o coração da pesquisa. Os Capítulos 3 a 6 compõem a etnografia de cada um dos quatro grupos estudados – e na minúcia com que em alguns momentos descrevi a vida e personagens dos grupos, firmo a idéia da

etnografia como documento. Mas documento “quente”, dinamizado pela análise que exatamente o uso das categorias já expostas possibilitou.

A Parte III é o lugar de aprofundamento de algumas questões, esboçadas entre a Introdução e a Etnografia, que se revelaram importantes.

Os Capítulos 7 e 9 enfeixam dois aspectos fundamentais da vida social dos de mais idade, que são exatamente as relações de família e a sociabilidade mais ampla, não-familiar. A pesquisa revelou um retrato de família menos conhecido, onde o idoso é figura preeminente e necessária à reprodução cotidiana do grupo; por outro lado, documentou formas novas de sociabilidade extra-familiar, que repõem os idosos em circulação social e lhes suprem necessidades afetivas, de informação e de uso do tempo que a família e o isolamento “natural” da aposentadoria ou da velhice não lhes ensejavam.

O Capítulo 8, que poderia ter posição central no contexto desta tese, perde essa possibilidade por força da realidade. Ele vai demonstrar, entretanto, como a inexistência de dados é também um dado, portanto, com significado analisável, e, principalmente, como a “pedagogia” dos cursos e programas para idosos é muito mais intenção e promessa informalizada que realização educacional. Que o processo de educação para idosos está sendo, inesperadamente, outro.

Na Parte IV, o Capítulo 10 reabre uma discussão sobre categorias ou designações classificatórias que circulam no cotidiano, e que, ao contrário das categorias teóricas, em maioria obscurecem a percepção e despolitizam os atores e o debate, mais que nomeiam com propriedade. Velho, idoso, “maior”, terceira idade, quarta idade, “melhor” idade... Toda uma gama de designações insatisfatórias. E a urgência de superá-las.

Por fim, Conclusões gerais e busca de perspectivas.

2 CATEGORIAS DE ANÁLISE E TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

CATEGORIAS

A vida social é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido (ou ensejam ao analista entrever um sentido...). Os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias. Cada conjunto desses constitui-se, então, em uma dimensão básica da vida social – mas nenhum deles, analisado isoladamente, dá conta da sua complexidade. Inclusive porque são dimensões co-extensivas, isto é, “recobrem-se parcialmente uma à outra” (Hirata, Kergoat, 1993).

Realizam-se no cotidiano e na História e podem ser também definidas como categorias relacionais ou categorias de experiência. Expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias. Provisórias, porque na dialética da vida os lugares sociais se alternam, as situações sociais desestruturam-se e reconstroem-se em outros moldes. Do ponto de vista de cada indivíduo ou grupo, isto significa a múltipla pertinência de classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividades ou de identidades correspondentes.

Essas categorias relacionais mais determinantes e analiticamente valiosas referem-se quase todas ao bio-social; o sexo, a idade, a cor estão inscritos no corpo, tanto quanto na cultura, como gênero, geração e etnia. Só a classe, categoria sobredeterminante, refere-se apenas ao social; mas não deixa de ser um coletivo – teórico, político e da prática – que se corporifica em homens e mulheres, de diferentes idades e raças. Aquele elemento fundador de ordem biológica é, com frequência, destacado para justificar, ideologicamente, o poder e a dominação: o sexo “frágil” e “burro”, a raça “preguiçosa” e “feia”, a idade imatura ou da “esclerose”. Não fosse a essência da ideologia a naturalização do social.

Isto significa que o conhecimento de cada uma das categorias remete, sempre, a uma análise de relações de poder. Análise que, anteriormente, quase só se fazia em relação a classes, em termos de lutas e conflitos. Mas as classes secamente estruturais, sem as suas dissensões (frações) e divisões internas: “sem sexo, sem idade e sem cor” – como ainda encontrei terreno para criticar, há poucos anos (Britto da Motta, 1991).

Entretanto, no bojo das discussões da multireferida crise de paradigmas na ciência atual, desenvolveu-se um novo debate sobre o alcance analítico das classes sociais, que oscila entre o seu abandono teórico (ou conclusão sobre sua ineficácia analítica em relação à sociedade atual) e recurso a outros sujeitos teóricos ou atores coletivos, tais como gênero, etnia, região e nacionalidade (Laranjeira, 1993:89); ou, por outro lado, uma abertura de visão que percebe/incorpora, a uma análise de classes, outras categorias analíticas, de ordem bio-cultural, que em grande parte referem-se aos sujeitos alternativos referidos anteriormente, mas que realizam-se em interface com as classes, articulam-se entre si e são por essas condicionados.

Essa última postura foi a do feminismo mais recente, na sua trajetória de afirmação da importância das relações e de uma visão de subjetividade de gênero (Scott, 1988; Souza Lobo, 1991; Kergoat, 1986; Combes, Haicault, 1986; Lavinias, 1989; Castro, 1992). A ela me filio (1991, 1993).

A análise de classes, tradicionalmente, então, considerada de ordem apenas estrutural, é melhor resgatada, atualmente, na proposta de Thompson (1987:9-11):

... a classe é uma relação e não uma coisa [...] Ela não existe para ter um interesse ou uma consciência ideal...

... é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura [...] mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas.

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus.

Alternativamente, ou complementarmente, uma outra dimensão da análise de classe, não diretamente referida ao político, e particularmente útil no estudo dos grupos aqui selecionados, refere-se a uma sinapse de vivências e experiências, ou de práticas socializadoras, expressa pelo conceito de “habitus” (Bourdieu, 1987 e 1989). Na tradução interpretativa de Laranjeira (1993:91): “Conjunto de

condicionantes comuns em relação à atuação no cotidiano que produz experiências comuns e que, por sua vez, gera um conjunto de disposições internalizadas em relação a agir de determinada forma.”

No Brasil, o sentido teórico de classe e de categorias importantes, como experiência, desenvolvidas por Thompson (1987; 1991), foi trabalhado mais profundamente, e com criatividade, por Souza Lobo. Seus textos mais antigos formaram parte significativa da produção pioneira de estudos e pesquisas sobre a dinâmica de classe e gênero e – um pouco menos – geração, e os mais recentes, enfeixados na obra póstuma “A Classe Operária tem dois Sexos” (1991), tiveram reflexos nas pesquisas, inclusive, internacionais (também participaram desse debate, entre outras, Saffioti, 1992; Castro, 1992 e Britto da Motta, 1991, com variados enfoques).

Expondo a definição de experiência de Thompson (1991:15): “Resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”, Souza Lobo (1991) vai mais além, em direção à categoria gênero, propondo: “O conceito parece-me adequado na medida em que permite articular trajetórias e representações [...] quebrando a dicotomia objetividade-subjetividade, que [...] parece levar sempre a um impasse...”

O conceito de experiência é particularmente útil no estudo do envelhecimento, mas também é importante de maneira geral, para pensar similitudes e diferenças de vivências no interior de cada categoria social. O exemplo do gênero: existem homens e mulheres (dois gêneros). Ao mesmo tempo, cada um deles apresenta variações internas à sua condição: diferenças de idade, de classe, de cor, etc. Do que só se poderá concluir: há diversidade de experiências de gênero, a depender da valorização social de cada um desses aspectos e/ou da vivência que se tem deles. Há então, aí também, hierarquias.

Interessante pensar-se que essas diversidades e similitudes no interior de cada categoria – não apenas, é claro, do gênero – se dão exatamente em função da existência de outras categorias da mesma magnitude. É como um jogo. Porém, sempre pleno de hierarquias.

Na prática da pesquisa, as articulações são visíveis. Castro (1992:61) relata:

As sindicalistas (trabalhadoras domésticas) contam casos de racismo filtrado por relações de classe, indicam casos de sexismo no interior das relações raciais e rotulam como distintos os problemas das mulheres mais jovens e das mais velhas [...] O sindicato seria lugar de mulher mais velha.

Estudando, também, trabalhadoras domésticas, analisei (Britto da Motta, 1992:34):

Mulheres, esposas, enquanto gênero são social e familiarmente subordinadas; enquanto classe, são aliadas dos maridos. Como empregadas domésticas, e empregadoras, enquanto gênero são consideradas de “natureza” social comum; enquanto classe, são antagonistas.

Essas categorias expressam, também, diferentes dinamismos segundo o tempo e o lugar. Por exemplo, o ser negra na Bahia é uma determinação fundamental em movimentos culturais, políticos, ou até de trabalhadores, como os empregados domésticos; mas não é assim em todo o Nordeste; muito menos no sul do país. O ser jovem ou madura importou, diferencial e decisivamente, para a mulher afrontar dificuldades familiares de inserção nos movimentos de bairro, pujantes de 70 e 80, mas certamente as condições de participação serão diferentes para a próxima geração (Britto da Motta, 1991:7).

O gênero como categoria analítica é de constituição recente, do feminismo da década de 70. Elaborado mais sistematicamente por Gayle Rubin (1975) como “sistema de sexo-gênero”, apresenta a opressão da mulher como socialmente construída. Estuda os sistemas de parentesco na produção das identidades de gênero e da subordinação da mulher.

A categoria é em seguida adotada, com uma certa universalidade, como referente à gradativa construção social/cultural realizada no ser biológico/natural que se é ao nascer. Torna-se uma categoria analítica ao mesmo tempo demonstrativa e crítica dos fatores ideológicos que informam a vida das mulheres. Constitui-se, por isso mesmo, como um certo gesto político, no conter, por definição, a negação da existência de uma “natureza” feminina e outra masculina (lembre-se, um dos mais persistentes estereótipos que se tentava apagar, na época, era o da mulher “mais perto da natureza” – pela maternidade, afetividade, etc. – e os homens, da cultura, como seus produtores).

Propunha manter uma tendência desse novo campo de conhecimento, que se revelara desde o início dos estudos sobre mulher, de aliar a prática acadêmica à

militância. O que já registravam Franchetto et al (1981:8), como “extremamente interessante, pois obriga os sujeitos do fazer ciência a uma reflexão a um só tempo política e epistemológica.”

Pensado também como um passo adiante da categoria mulher, que fora recuperada do cotidiano pelo movimento feminista como conscientizadora e instigadora de práticas políticas renovadoras, a categoria gênero postula ainda expressar a existência de um sistema de relações em que o homem está mais diretamente incluído, num movimento que expressei como de “recomposição da totalidade” (Britto da Motta, 1992).

O conceito difundiu-se com rapidez na literatura feminista, principalmente nos “women’s studies”, da Inglaterra e dos Estados Unidos, onde, com Joan Scott (1988), iria ter, na década de 80, amplo desenvolvimento como categoria de análise histórica.

No Brasil, algumas autoras trabalham, já em começo da década de 80, a visão do gênero como uma dimensão básica da vida social. Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981:7), em artigo pioneiro, já expressavam: “Um ângulo de leitura do mundo.”

Heilborn (1992:103;104) retoma, mais recentemente, essa análise: “(N)uma perspectiva simbólica da sociedade [...] o gênero está arrolado entre as categorias universais do pensamento humano.” Explica:

Gênero é um constructo abstrato, um princípio de classificação que emerge da observação do real: diferenciação sexual do reino animal e vegetal. Entretanto, o que a operação lógica mantém do real é o princípio da descontinuidade, do que não é idêntico, inscrito na biologia. Representa, portanto, a marca elementar da alteridade. (citanto Hérietier, 1979:227)

Continua:

... masculino e feminino possuem significados distintos em cada cultura. Este par classificatório, tomado como idioma, impera sobre atividades e objetos que a eles são associados [...] O universo circundante passa, portanto, por uma categorização de gênero.

Adiante: “Pode-se ir mais além e indagar se ele (gênero) se constitui em uma espécie de matriz de outras classificações simbólicas, isto é, se possui, diante de outras atividades do pensamento, alguma precedência...”

Outras autoras chegam próximas de afirmar esse sentido fundante do gênero. Lavinias (1989:6) afirma: “A constituição de uma identidade social, qualquer que seja ela, implica necessariamente o processo simultâneo de construção da identidade de gênero.” Em apoio inicial disto, cita conhecido – na época, recente – trabalho de Souza Lobo, que demonstra diferenças na assunção de identidades masculina e feminina. Os homens se identificando como trabalhadores e as mulheres, sobretudo pela maternidade. Aquelas mulheres, porém, que já vivenciaram regularmente o trabalho fabril, “ao se enunciarem como operárias costumam identificar-se como ‘mulheres trabalhadoras’, incluindo o gênero como diferença constitutiva, e inseparável da sua condição de classe.”

Também discutindo gênero, os usos feministas da categoria e a difusão inicial de uma análise mais sistemática das outras categorias relacionais, analisei (Britto da Motta, 1991:7):

A perspectiva das relações de gênero também lembra/demonstra outras dimensões analíticas fundamentais na sociedade. Além de não ser necessariamente alternativa, mas co-extensiva à de relações de classe, também exemplifica ou enseja enfoques em outras categorias ou determinações sociais, como idade e raça, que têm diferentes dinamismos...”

Uma afirmação pessoal básica, como gênero, venho encontrando em idosos, na pesquisa. Principalmente da parte das mulheres. Sua identidade de gênero parece ser, realmente, constitutiva da sua identidade (geracional) de idosas. Trajetórias sociais de gênero vêm demonstrando ser determinantes na situação real e nos sentimentos dessas pessoas como idosas – ultrapassando, não raro, a diversidade de situação de classe – quando homens e mulheres vêm-se colocando diferencialmente quanto a possibilidades e sentimentos de bem-estar, liberdade e auto-realização na velhice (Britto da Motta, 1994a, 1995b, Debert, 1994).

A categoria idade/geração, como as outras categorias sociais referidas, também se expressa no marco das relações sociais de poder (Britto da Motta, 1994a). É grande a sua complexidade analítica: além de referir-se a uma dimensão fundante de relações sociais, em articulação inextrincável a outras categorias de semelhante magnitude, projeta-se, mais que aquelas, em uma outra dimensão (ou abrangência), a-temporal, ao mesmo tempo “natural” e social, através da qual faz e refaz seus sentidos.

As idades são importantes fatores de organização social, mesmo no capitalismo, com posições e situações especificamente definidas em todas as sociedades, e variados graus de formalização e reconhecimento institucional. Margaret Mead (1970:56) expressa belamente essa sucessão organizatória das idades, referindo-se particularmente aos velhos como “os imigrantes no tempo” (o que, em certo grau, todos os grupos de idade também são).

A idéia de tempo é também inerente ao conceito de “habitus” (Bourdieu, 1990) – um tempo social, uma construção de práticas “imediatamente ajustadas ao presente”. Esse conceito multívoco (“habitus” de classe, talvez também de gênero), poderá, ainda mais, contribuir para a compreensão da categoria velhice no processo de reprodução social. Em *Coisas Ditas* (Bourdieu, 1990:130/132), essa construção é sugerida:

O “habitus”, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe...

Os “habitus” individuais são produto da interseção de séries causais parcialmente independentes. Percebe-se que o sujeito não é o ego instantâneo de uma espécie de cogito singular, mas o traço individual de toda uma história coletiva.

...Basta que os agentes se deixem levar por sua “natureza, isto é, pelo que a história fez deles, para estarem... ajustados ao mundo histórico com o qual se defrontam, para fazerem o que é preciso...” [...] O contra-exemplo é o de Dom Quixote, que coloca em ação num espaço econômico e social transformado, um “habitus” que é produto de um estado anterior desse mundo. Mas bastaria pensar no envelhecimento.

Realmente, há muito a refletir sobre o sentimento do velho no mundo, e neste mundo atual, considerando-se que muitas das suas construções mentais e experiências foram forjadas e vivenciadas em um outro tempo social, desde um tempo passado. Mas não vejo porque a remissão apenas ao passado, porque ele vive também hoje, e a experiência é uma jornada que não (tem que) termina(r).

Bourdieu, em outro momento (1983:113), já havia discutido a alternância ou sucessão das gerações em termos de leis específicas de envelhecimento para cada campo:

Para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas de funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por essa luta (‘nouvelle vague’, ‘novo romance’, ‘novos filósofos’...) Isto [...] mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável.

Chega às diferenças que geram conflitos (1983:118), mas que são também diversidades no tempo social:

Uma coisa muito simples e na qual não se pensa, é que as aspirações das sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura de distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens: aquilo que para os pais era um privilégio extraordinário [...] se tornou banal, estatisticamente. E muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes. Aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda uma vida, é dado imediatamente, desde o nascimento, à geração 2.

A idéia de tempo social concentra outras articulações e formas de análise possíveis entre o tempo histórico e o tempo biográfico, ou como expressa Zárraga Moreno (1992:1-2), o tempo da mudança social e o tempo dos indivíduos enquanto agentes sociais. Ou um tempo social etário e um tempo social geracional. Muitas categorias e enfoques para expressar as clássicas dimensões da relação indivíduo/coletivos/contexto social. Impossível a análise sem articulá-las, ainda que em intensidades muito diferenciadas de abordagem.

O tempo dos indivíduos é expresso mais perceptivelmente pela idade, mas, sabemos, é socialmente construído, e institucionaliza-se, isto é, adquire significado mais diretamente social, como grupos de idade – jovens, adultos, velhos – ou como legitimidades para realizar, ou não, tal ou qual ação social.

O tempo das gerações tem um sentido eminentemente social e histórico. Conta com uma tradição de análise filosófica (Ortega y Gasset, 1929; Julian Marías, 1949), mas apenas começa a ter um estatuto teórico construído nas Ciências Sociais, bastante esquecidas de Mannheim (1952). Na discussão sobre categorias relacionais e construções culturais, tem-se sugerido a equivalência do par de conceitos idade/geração com outros pares já mais trabalhados teoricamente: geração estaria para idade como gênero está para sexo e etnia para raça. Isto é, ter-se-ia uma elaboração de ordem cultural sobre o seu correspondente par biológico. Reluto, diante dessa dualidade tão simples. O “biológico” idade, referente ao tempo “natural”, não é também de inscrição tão subjetiva nos indivíduos e nos grupos, no seu desconstruir-se/(re)construir-se anual, ao sabor das representações culturais da cada grupo? (Por exemplo, ainda é muito mais simples um homem aceitar – ou ter aceitos – os seus 60 anos de idade, que uma mulher. Que haveria de biológico nessa diferença de atitudes?)

A inseparabilidade e intercambialidade analítica das duas categorias de experiência – ou de situação – podem ser exemplificadas na asserção de Zárraga Moreno (1992:28): “Toda geração é determinada pela sucessão de conjunturas históricas em que vive, ainda que o efeito... de cada conjuntura seja distinto de acordo com a categoria de idade em que se encontra cada geração.”

Assim como a inseparabilidade analítica entre idade/geração e outras categorias relacionais: “A determinação geracional não é, em cada conjuntura, nem única nem unívoca. [...] É distinta em cada classe social, em cada categoria de sexo, etc. É específica para cada uma delas.”

Como geração, os indivíduos se reconhecem mas, inescapavelmente, como projeção coletiva. E a grande realização dos grupos geracionais está na identificação como construtores de cultura, ou de mudanças políticas em determinados momentos históricos (Mannheim, 1952).

As gerações figuram, então, uma categoria mais abrangente que as idades (em relação à sucessão no tempo e sobretudo a esse sentido coletivo que encerram), mas não em todos os sentidos. Discutindo categorias propostas por Fortes, Debert (1994:18) expõe outro ângulo da questão:

Enquanto as gerações têm como referência a família, as idades são institucionalizadas, política e juridicamente. A organização geracional subsume a ostensiva descontinuidade geral. A idade, em contraste, opera atomisticamente, com o indivíduo formalmente isolado [...] e deixa a questão da continuidade [...] para a ordem institucional não-familiar.

Isto é, para o Estado. As ações estatais, através do aparato jurídico e das políticas sociais, definem grande parte das formas de inclusão e exclusão social dos indivíduos segundo sua condição etária. Assim, o que figura mais definidamente individual e particular pode projetar-se como o mais público e formal.

Idades e gerações são importantes fatores de organização social. Isto é tão universal, “tão evidente”... que não se costuma referir. Entretanto, a condição etária e, principalmente, o envelhecimento, ainda são, como assinala Debert (1994:22) “mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos.”

Numa perspectiva de idade/geração, ser jovem, ou ser velho, é uma “situação”, vivida em parte homogeneamente e em parte diferencialmente segundo o gênero e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário. Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e

cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a).

Gênero e idade/geração são, então, dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias. Proposta uma análise da condição social atual de velho, não há como fazê-la sem esse conhecimento sobre os diferenciais de gênero e de classe social que a constituiriam internamente e lhe dariam específicos sentidos.

VELHICE, CONDIÇÃO SEXUADA

Sobre os velhos, a informação por todos conhecida é a do grande crescimento como grupo etário – por toda parte; e no Brasil, acentuadamente. Com os problemas e “ameaças” que isso traz para a sociedade, como venho comentando. Pouco se fala sobre a predominância de mulheres, nele. No entanto, o envelhecimento torna-se, realmente, uma questão global e particularmente “feminina”. Há dez anos já sentenciava Laslett (1987:143): “The Third Age, always so much a feminine affair, is now becoming more so.” No Brasil de hoje, as mulheres dão muito do tom social que assumem os grupos de “terceira idade”, com exceção dos do movimento de aposentados (Britto da Motta, 1996a).

A transição demográfica, no Brasil, vem-se expressando na queda da mortalidade – propiciada pelos avanços da ciência moderna, através da medicina e da saúde pública – e no declínio dos níveis de fecundidade, facultado por esses mesmos conhecimentos, e pela difusão médica e cultural dos meios de controle da natalidade, que parece corresponder também a uma necessidade de proles menos numerosas para mulheres que participam mais intensamente da força de trabalho, ou de famílias com orçamentos comprimidos pelos anos de crise. A transição faz confluir essas tendências para um contínuo aumento da esperança de vida e, portanto, da longevidade da população. O fenômeno, mais que brasileiro, é mundial, mas em âmbito de América Latina é particularmente acentuado no Brasil, no que se refere ao reflexo no crescimento de uma população idosa.

O tardio Censo Demográfico de 1991 registrou tanto uma desaceleração do crescimento populacional – apenas 1,9% entre 1980 e 1990, quando havia sido de 2,49% ao ano entre 1970 e 1980 – como, ao mesmo tempo, um crescimento

relativamente mais acentuado do grupo dos idosos em relação a outros grupos etários. “Uma estrutura etária que se altera profundamente”, já registrava o Relatório do Brasil para Conferência do Cairo (1993:46). Dos sete milhões de idosos computados em 1990, “cerca de 60% eram mulheres”.

Patenteia-se, então, de logo, não apenas o crescimento do grupo etário de idosos, como essa predominância, sempre, de mulheres nele.

Como mais numerosos, os velhos estão mais visíveis, socialmente – no cotidiano e no espaço público. Mas estão mais visíveis sobretudo como resposta existencial geracional à própria dinâmica da sociedade contemporânea. Identificados, recentemente, como “questão pública” (Debert, 1994), são objeto do discurso ambíguo – protecionista e ao mesmo tempo temeroso – das instituições e do Estado.

Também descobertos como nova e promissora fatia de mercado consumidor, estão postos diante de uma sociedade sempre em mais e mais movimento, no acelerado ritmo de mudança tecnológica, intensificação paroxísmica da comunicação e enfraquecimento do Estado, características do processo de globalização. Os idosos respondem, movimentam-se, também. Estão em toda a parte, agarram-se a todas as propostas. Entretanto, fazem isso, não num sentido de grupo etário internamente indiferenciado, homogêneo abstrato, “subcultura” à moda dos anos 40/50. Agem como coletivo etário ou geracional, sim, – e, portanto, específico – mas segundo diferenciações sociais, heterogeneidades constitutivas, segundo as quais todos sempre viveram: enquanto indivíduos de diferentes sexos/gêneros, de diferentes classes sociais e etnias.

Um auto-afirmar-se no cotidiano é a primeira forma de diferenciação da velhice segundo os gêneros e as classes sociais. As mulheres, que foram votadas desde o início à domesticidade e ao cotidiano, e alguns dos mais pobres, que não têm quem os proteja, ou substitua em tarefas, e provisão da família, têm permanecido mais ativos. E reconhecem-se assim. Declaram-se vigorosos, saudáveis, independentes. Principalmente as mulheres.

Diferem quanto a atitudes, práticas e representações. Porque as relações de gênero, como construções sociais de formas de dominação e subordinação, têm resultado, historicamente, em experiências e trajetórias sociais diferenciadas para homem e para mulher. Para esta, a prescrição tradicional foi: domesticidade e maior repressão social e sexual, desestímulo ou dificuldade de acesso e permanência no

mercado de trabalho, desigualdades de formação e de condições de trabalho em relação às dos homens, negação aparente de interesse e capacidade para a política e uma apropriação social do seu corpo expresso no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas. Sintetizando, a expectativa obrigatória de uma “feminilidade” que significa obediência e conformismo. Este padrão encontra-se em franco desmonte, mas foi o que norteou a vida das mulheres que hoje são velhas. Do mesmo modo que a prescrição, ora cômoda, ora desconfortável, de uma fórmula de intensa e variada parceria sexual, afirmação de “masculinidade” como dominação da mulher e filhos, obrigação de ser o provedor único da família e expectativa de recebimento de “serviços” domésticos das mulheres, foi o que vigorou – e em parte ainda persiste – para os homens dessa mesma geração.

Diferentes expectativas sociais nortearam, então, a trajetória desses homens e mulheres de mais idade. E com tal intensidade, que os diferenciais de gênero obscurecem ou ultrapassam, com frequência, as diferenças de classe desses velhos e velhas de hoje. Também por isso a importância que assume a categoria gênero nesta análise.

Ser velha pode significar, a depender da classe social e dos arranjos familiares, viver em grande pobreza, ou até na miséria, mesmo para aquelas originalmente de classe média, por tratar-se de uma geração de escassa participação no mercado de trabalho e, portanto, com poucos recursos pessoais de sobrevivência. Pode significar, também, falta de companheiro ou solidão mais freqüente – devido ao universal maior número de viúvas, crescente número de separadas, ou de solteiras com filhos, mulheres chefiando famílias que nunca se constituíram “completas”. Ao mesmo tempo, não raro são arrimos de família dos filhos adultos, como encontrado entre as classes populares de Salvador (Souza, Pontes, Rocha, 1994).

Mas podem ser sós também as casadas, desde que as trajetórias tradicionais dos gêneros não foram traçadas para confluir em companheirismo. Depõe a Sra. E., 70 anos, como várias outras idosas:

“Me sinto sozinha demais. Ele trabalha o tempo todo. Saiu de manhã, chegou agora. (Fim de tarde). Toma banho, descansa um pouquinho, só chega dez horas, onze horas, vai bater um papo com os camaradas.” (apud Souza et al, 1994:38).

Na modernidade ocidental ser velha é, sobretudo, ter perdido uma importante e não-falada condição social de reprodutora. É, também, colher um pouco dos frutos desta nos filhos – uma compensação afetiva, um apoio ou uma carga, a depender do caso. Mas é, também, ir conseguindo (ou ter conseguido) a libertação de certos controles societários que se referiam justamente à reprodução e a tolheram durante toda a juventude. Essa libertação vem, surpreendentemente, entusiasmando as mulheres idosas, a ponto de, por vezes, obscurecer-lhes a percepção de toda uma gama de preconceitos sociais ainda vigente em relação aos velhos e às mulheres.

Este é, certamente, o ponto nodal da diferença entre práticas e representações de velhas e velhos. Estes como que ficam mais “realistas” ou mais dominados pela “ideologia da velhice”, enquanto elas se deixam levar pelo entusiasmo dessa “liberdade” recém-conquistada (Britto da Motta, 1994a) e se tornam mais ativas, meio triunfalistas.

Pesquisas recentes vêm revelando que grande número de mulheres, independente da classe social, considera a sua etapa atual de vida, como idosas, o momento mais tranqüilo, feliz e livre que já tiveram (Ferreira, Rodrigues Junior, 1992; Andrade, 1992; Britto da Motta, 1994a; Debert, 1994). O fato de que a maioria das velhas atuais não alcançou vida profissional ativa e, ao mesmo tempo, teve vida social muito mais limitada que os homens da sua geração, está conduzindo-as a um sentimento de maior satisfação e plenitude. Justamente na velhice, um tempo de consolidação de experiências, de libertação das obrigações e controles reprodutivos, tendo encontrado um tempo social propício à mudança, inclusive fermentado no caldo de cultura do feminismo, podem experimentar modos de vida novos. Essas mulheres falam, então, em liberdade, como se uma “liberdade de gênero” se sobrepusesse à condição (menos favorável) geracional ou de classe (Britto da Motta, 1994a).

Conta Sra. Celina, de um Centro Assistencial, 73 anos:

“Estou feliz. Agora que eu estou velha, ele (o marido) não se incomoda que eu saia, não. Eu me considero uma pessoa jovem, porque quando eu estava jovem eu nunca tive direito de ir a lugar algum.”

E Sra. Regina, de associação de bairro:

“Tudo bem [...] aqui tranqüila”. (No grupo) “Ninguém me manda mais, chego em casa na hora que eu quero, não tem ninguém pra perguntar a hora que eu chego.”

Entretanto, como analisei em trabalho anterior (1994a:13):

“... é uma estranha liberdade, a de todas elas. Estranha, pela dupla valência: como liberdade de gênero, assinala-se positivamente – mulheres que podem circular, viver conforme sua vontade; mas como liberdade geracional e, sobretudo, existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair porque já não importam tanto; já não serão bonitas (velho = gasto, feio), não irão atrair os homens – nem os da sua idade; já não reproduzem, não há muito o que preservar.”

Algumas dessas mulheres não deixam de referir problemas de saúde que julgam “da idade”, mas ao mesmo tempo podem se afirmar como “jovens”, porque certas experiências e prazeres referenciados à juventude elas só estão conhecendo na velhice.

Os homens também falam em liberdade, mas com outros significados. Para os de classe média, liberdade se refere a “independência” ou “tranqüilidade” econômica – (Debert, 1988). Para os mais pobres, essa “liberdade geracional” guarda um forte sentido de classe: falam como ex-trabalhadores que atingiram uma época de descanso, em que, desobrigados do trabalho, têm mais tempo para o lazer (Souza et al, 1994:36).

Sr. Manoel, 73 anos, de grupo em associação de bairro, declara, taxativo:

“Eu me aposentei pra me sentar.” (E sobre o grupo, majoritariamente de mulheres: “Venho aqui pra dar risada e passar o tempo.”)

ENSAIANDO NOVOS LUGARES SOCIAIS

Numa sociedade que não prevê um lugar social para os velhos e redireciona agora seu curso com extraordinária rapidez, eles se põem como parte desse movimento, ou são estimulados a acompanhá-lo pelos agentes sociais e institucionais que percebem as possibilidades lucrativas do seu consumo de bens variados e de formas de lazer para “terceira idade”. Organizam-se grupos e programas de variada natureza, prioritária ou totalmente constituídos pelos de mais idade. Esses grupos tecem grande parte da estrutura que está visibilizando socialmente os velhos.

Vivenciando uma experiência nova, de atividade social fora do âmbito da família, esse processo tem sido liberador. Afastados do protecionismo cerceador dos filhos – costumeira e equivocada expressão que pode ser (ou não) de genuína afetividade – ou de uma nada incomum exploração dos “serviços” de avós como auxiliares domésticos (as queixas são agora freqüentes), redescobrem-se em sua individualidade e autonomia justamente na participação coletiva.

No Brasil, os idosos têm respondido às provocações mais instigantes da sociedade de duas principais maneiras, que implicam em diferentes práticas também de gênero:

- 1) Participando desses grupos com propostas culturais ou de lazer ampliado (com viagens, inclusive), organizados tanto por agências governamentais (à maneira de serviço social), como privadas – entre os quais destacam-se os Centros de Convivência, os Clubes da “Maior Idade” e as “Universidades” para a “Terceira Idade”; majoritariamente constituídos por mulheres.
- 2) Organizando-se em associações (federações e confederações) de aposentados e pensionistas, para lutar por direitos sociais. São, principalmente, homens.

Os primeiros têm sido propostos pelos discutidos agentes sociais de gestão da velhice, fenômeno mundial (Lenoir, 1979; Ariès, 1983), de que são ilustração, no Brasil, além dos pioneiros SESC e LBA, com atuação, em certos momentos, apreciável (SEADE, 1990), os pequenos e sempre desentrelaçados programas governamentais das várias esferas. Também agora os grandes programas governamentais da publicizada Política Nacional do Idoso, que ainda não saiu suficientemente “do papel”, além de variadas e ativas organizações privadas. As associações, constituem-se em respostas políticas vigorosas aos prejuízos impostos pelo Estado (um Estado que cada vez mais se desvencilha de obrigações sociais) aos “inativos”.

Esse movimento, como expressou Haddad (1992), “abriu um espaço político extremamente rico, que ao questionar os limites impostos pela Previdência Social, ao recorrer de forma veemente ao envolvimento sindical, coloca a questão dos direitos dos inativos como uma extensão do direito do trabalho.”

Proclamando-se, com ênfase, “a maior categoria do país” (Simões, 1994), conseguiram, durante a agora histórica “luta pelos 147%” de reposição nos seus benefícios previdenciários, realmente aglutinar aposentados e pensionistas em geral, mesmo os que não seriam diretamente atingidos pela incorporação daquele benefício, num processo muito interessante de construção identitária, e simbólica, da qual não estava ausente a questão diretamente da idade (Oliveira, 1992).

Na prática, em todo o País, além do recurso ao judiciário, os aposentados foram às ruas e às praças, em passeatas e outras manifestações públicas, multiplicaram as entrevistas aos órgãos da imprensa, do mesmo modo como já se tinham organizado eficientemente em “lobby” no Congresso, no período da Constituinte. Da vitória no caso dos 147% da Previdência, todos sabem. Mas o que importa ainda assinalar é que os aposentados em movimento transformaram-se, ao longo dessas lutas, em fator definitivo de visibilização e de mudança da imagem dos idosos no Brasil. A imprensa documentou abundantemente essa trajetória, até alcançar o já mencionado registro histórico, pela Folha de São Paulo, em 1992, de que a vanguarda política do País, naquele momento, era constituída pelos idosos (Britto da Motta, 1994a).

A associação da Bahia (ASPEBA) foi bastante ativa naquele momento (ver Pereira et al, 1992). Estruturalmente, apresentava características comuns a esse tipo de organização no país, tanto do ponto de vista das categorias de associados e das formas de luta, como dos quantitativos e papéis de gênero ali representados. Eram majoritariamente constituídas por homens, que tangenciavam a quase totalidade dos aposentados e das lideranças, várias destas oriundas das lutas sindicais. Situação que seria de se esperar de uma geração em que as mulheres participavam escassamente da força de trabalho e, portanto, não poderiam estar em grande número aposentadas. Essas mulheres eram basicamente pensionistas, e apenas uma fazia parte da Diretoria; condizente com o padrão tradicional de participação das mulheres nessas agremiações, Diretora Social. Cuidando e obsequiando as pessoas nas reuniões, figurava, à jovem equipe da pesquisa, uma eficiente anfitriã... Situações que remetem a posições de classe eram, entretanto, naquele momento de luta (1992), comentadas assim: “As profissões foram as mais variadas, indo desde o médico ao ajudante de cozinha, o que, entretanto, não parece criar qualquer embaraço na convivência do grupo.” (Pereira et al, 1992:55)

Sete anos depois, a luta continua, mas agora muito mais difícil, no momento quase esmagada pelo rolo-compressor da famigerada Reforma da Previdência Social. O balanço de gênero também de alguma forma está mudando, e na Bahia a Associação é agora presidida por uma mulher.

Outras formas principais de participação em grupo e de visibilização social dos idosos referem-se às citadas atividades culturais e de lazer. Sua variedade de classificações é muito grande, e seu número, surpreendentemente crescente. Podem ser distinguidos nos três grandes tipos, já referidos: grupos de convivência, clubes da “maior” idade e programas ou cursos para a “terceira idade”. Os dois primeiros direcionam-se claramente para o lazer e têm, não raro, algum apoio estatal para isso – e muito definidamente os “clubes”, filiados à EMBRATUR e/ou a órgãos estaduais de turismo oficial.

Os grupos ou programas de propostas culturais ou educacionais são de variadas formas e eficácia. Frequentemente têm a equivocada pretensão de ensinar os velhos... a viver! Na Bahia, tenho encontrado programas estruturados em variados níveis e temáticas para a classe média e propostas praticamente nominais para as classes populares. Cursos, mesmo, são os de extensão, em Universidades, ou os “laboratórios” e “oficinas”, de curta duração, organizados por profissionais também de origem universitária. As mais amplas e conhecidas dessas iniciativas são exatamente as denominadas Universidades da Terceira Idade.

Estas, como proposta, alinham-se, com outros programas culturais e de lazer, na atitude crítica em relação ao ainda vigente preconceito contra os idosos e, sobretudo, no propor a vivência do processo de envelhecimento como um momento de retomada de atividades, de possibilidade de realizações pessoais, de sensação “de plenitude”, como gostam de expressar. Diferenciam-se dos outros programas no propor processos de educação continuada que, associados às oportunidades de ampliação da sociabilidade que ocorrem claramente na prática, dão-lhes configuração própria.

Analisa Peixoto (1998):

Não se pode negar a importância das Universidades da Terceira Idade na difusão de novos conhecimentos, na aquisição de outros aprendizados e na participação efetiva de certos grupos de idosos nas atividades universitárias. E como nas representações sociais da velhice sempre estiveram associadas ao isolamento e à inatividade, as UTI passam a constituir um dos territórios ideais de construção da nova imagem da velhice.

Com novas práticas e novas propostas sociais, o movimento dos aposentados e os programas para a terceira idade são grandes responsáveis não apenas pela maior visibilidade atual dos velhos, mas, sobretudo, por que essa imagem social seja realmente nova e mais positiva. Embora ainda haja muito a ser feito.

Acompanhemos alguns desses programas ao longo deste trabalho. Mas antes, vejamos com que recursos metodológicos.

A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

O critério metodológico de elaboração deste trabalho definiu-se, naturalmente, em função das hipóteses e questionamentos teóricos, para atingir as respostas necessárias. Primeiro definição das categorias básicas de análise que elucidariam as questões sobre envelhecimento, velhice e propostas educacionais para os de mais idade – a "linguagem" que viabilizaria a análise e comunicaria as informações obtidas. Em seguida, o recorte do objeto empírico a ser trabalhado. Essas categorias fundamentais foram – como referido – idade/geração, gênero e classe social, cuja articulação e coextensividade, na teoria e na prática, na empiria, demonstram o próprio modelo básico de realização das relações sociais; socialização, o processo fundante de aprendizado da vida social – portanto, o processo educacional *lato sensu*. Também sociabilidade, à maneira de Simmel (1983:169), como a forma lúdica, ou "desinteressada", da associação.

Com elas pesquisei um contexto ao mesmo tempo social e educacional, tentando realizar avaliações dos trabalhos em grupos ou programas freqüentados por idosos e, paralelamente, analisando seus modos de vida, através da observação possível e de depoimentos sobre suas práticas cotidianas, experiências e representações.

O objeto central da pesquisa fixou-se, então, em idosos, e o conhecimento deles, apreendido através da análise dos seus depoimentos pessoais e da sua participação em três grupos de trabalhos integrativos, de dois diferentes estratos sócio-econômicos, de ambos os sexos. No desenrolar da pesquisa, tornou-se necessário recorrer ao estudo de um quarto grupo (ver parte II), ao mesmo tempo em que, na dimensão de gênero, a ênfase terminou por recair sobre as mulheres.

Essa ênfase foi devida não diretamente a uma definição, já consolidada, de temática de trabalho da autora, porém devida às condições bio-culturais vigentes, que ensejam, aos indivíduos idosos do sexo feminino, constituírem uma população sensivelmente mais numerosa que a masculina e, pela circunstância histórica da atual vivência de gênero, terem uma afluência claramente maior que a dos homens em todos os programas, cursos e grupos de convivência para adultos de mais idade (ver Britto da Motta, 1994a).

Definir a faixa etária que corresponderia a idoso, com todas as suas implicações sociais, não foi simples. Adotar a classificação da ONU ou da OMS (Organização Mundial de Saúde), de indivíduo a partir dos 65 anos, ou a constitucional brasileira, de 60, deixaria de fora grande parte da "população" dos grupos de convivência, – definidos sempre como para idosos, ou para o eufemístico "terceira idade" – dos Clubes da "Maior" Idade, e das "Universidades" para a Terceira Idade, todos com especificação de idade mínima para ingresso de 50 anos mas sempre aceitando alguns, ou, principalmente, algumas quarentonas desejosas de participar. Difícil, igualmente, a própria designação do objeto da pesquisa, como venho demonstrando em vários trabalhos (1994a, 1995a, 1995b). Quase todos abominam a tradicional designação de "velho", com suas remissões preconceituosas e até pejorativas. Em muito menor número são os que não aceitam mesmo a referência "idoso" (ver capítulo 10).

Há toda uma complexa série de atitudes ambíguas, – tanto dos idosos como da sociedade que os nomeia – em relação às designações, sempre classificatórias, que me fez dedicar um capítulo especial deste trabalho à sua discussão. Diante de tal situação, resolvi-me pela adoção do termo, mais neutro, mais aceito e cada vez mais usado em documentos oficiais, idosos, embora guardando uma atitude afirmativa em relação a velhos e, para os fins de pesquisa, a mesma idade dos participantes de grupos e programas que propõem reunião e atividades para os indivíduos de mais idade, quase invariavelmente a partir dos 50 anos, mas abrigo alguns, raros, com menos de 50, e estendendo-se a faixas etárias muito mais avançadas. Em suma, as idades na pesquisa correspondem às dos grupos, de cuja dinâmica fazem parte, sem maiores diferenciações internas de participação.

Adotei, também, uma classificação geral para os grupos estudados, como "de convivência", porque no fim da linha é o que todos acabam, principalmente,

tornando-se, independente de situações formais ou de propostas de trabalho: lugares de convivência e exercício de sociabilidade.

Na definição dos grupos, programas e cursos a serem estudados, e o seu número, o critério de escolha justificar-se-ia, após alguma observação prévia, pela esperada representatividade deles em relação a situações e às categorias básicas de análise, na medida em que seriam compostos por indivíduos de diferentes sexos e extrações sociais, em variadas gradações de envelhecimento, e objetos de diversas propostas e situações de aprendizagem coletiva e de sociabilidade.

Um número relativamente grande de grupos a estudar – três, inicialmente, depois mais um (ver parte II) – iria propiciar alguma panorâmica da situação existencial e das práticas dos idosos na atualidade, com a possível apreensão e comparação de vivências e representações – analisadas em referência tanto às categorias básicas como, igualmente, a outras de menos amplo escopo teórico, mas também importantes no estudo – experiência, autonomia, resistência e liberdade – que já despontavam como esclarecedoras na prospecção inicial, ao mesmo tempo em que apareceriam em trabalhos de outros pesquisadores (por exemplo, Debert, 1988; Souza Lobo, 1991; Andrade, 1992; Souza et al, 1994).

Nas indispensáveis definições de sentidos, considere, além de experiência como desenvolvida por Thompson (já exposta); vivência como a condição existencial de construção das várias dimensões da experiência, além da possibilidade de não apenas viver, mas também "sentir ou captar em profundidade", como registra o próprio dicionário (Aurélio, 1975).

Da representação me aproximei com cuidado, essa categoria multívoca, mas da qual "todos sabem de que se está falando", como já criticava Magnani em 1986 e que, depois de mais de uma década na discussão mais recente (não esquecido Durkheim), e não raro desvinculadamente da pesquisa, continua predominantemente referida apenas ao discurso do sujeito. Pensei representações de referência à dimensão simbólica, às imagens reveladas no discurso, sim, mas também aos elementos não-discursivos da prática social, comportamentos e instituições que ecoam as idéias de grupos e classes (e também as refazem), seja de modo linear, ou em lógica ambivalente.

Vivências, experiências e representações constroem-se no cotidiano, porém, mesmo quando apreendidas de modo individualizado, constituem-se e são projeções do pensamento e práticas coletivos, remetendo às mais amplas ou importantes

categorias relacionais, de acordo com o sentido e a trajetória social que ensejam o gênero, as classes sociais e as idades/gerações.

Neste sentido analiso, por exemplo, os significados diferentes de liberdade para homens e para mulheres – inclusive com a sugestão da categoria "liberdade de gênero" (capítulo 1), ou um tempo social das diferentes gerações, do mesmo modo como Beth Lobo (1991:73) pôde intitular seu lindo artigo "Experiências de mulheres, destinos de gênero."

Os programas e cursos estudados foram selecionados de modo a ensejar, também, comparação de situações não apenas geracionais, mas também entre gêneros e segundo as classes sociais. Foram seguintes:

1. Um grupo organizado por associação de bairro. Participantes de classes populares. Fundamentalmente feminino. – O grupo de idosos da AMPLA (Associação de Moradores de Plataforma).
2. Um grupo auto-organizado, já consolidado como associação, em bairro periférico da cidade. Participantes de classes populares, de ambos os sexos, com maioria de mulheres. – A Associação Idosos Unidos Venceremos, de Castelo Branco.
3. Um grupo organizado e desenvolvido na área mais formalmente educacional – tipo Universidade para a Terceira Idade (Ver Britto da Motta, 1996). Clientela de camadas médias, de ambos os sexos, com predominância de mulheres. – A Faculdade Livre da Terceira Idade, do Centro de Pós-Graduação Olga Mettig.
4. Um grupo de pessoas fora de qualquer programa, de reunião informal, embora costumeira, em praça de bairro da cidade. Participantes de classes populares. Apenas homens.

Considerando a pesquisa científica como um processo, portanto, como o desenrolar de uma trajetória de trabalho onde a prática exploratória desvenda o novo e enseja – às vezes até exige – reelaborações de procedimentos, e não apenas, mais profundamente, da teoria, senti-me livre para proceder a algumas mudanças, ao longo do trabalho de campo. Inclusive quanto à escolha e número dos grupos a estudar, em função do encontro de menor ou maior adequação das suas características às necessidades do estudo.

Assim é que o primeiro grupo demonstrou ser insuficiente para uma análise mais significativa das relações de gênero, por contar, durante anos, – iria descobrir, – com apenas um homem entre seus componentes (ver Parte II). Ao mesmo tempo, não pareceria suficientemente adequado para uma observação dos possíveis procedimentos pedagógicos em relação aos velhos, na medida em que cursos, palestras e atividades desse tipo estavam sendo cada vez mais escassos. A primeira restrição teve alguma possibilidade de superação. Fomos encontrar homens – observá-los, ouvi-los – onde habitualmente homens idosos dos estratos mais baixos da população costumam estar: em praças públicas. Inseri esse antes imprevisível grupo dos Idosos da Praça São Braz na trajetória da pesquisa, ficando com a análise na perspectiva de gênero e classe bastante enriquecida, embora ainda não suficiente para uma observação e comparação das relações de gênero internas ao grupo – o que só iria alcançar posteriormente, no encontro do terceiro grupo.

Já o outro "problema" do primeiro grupo, a constatada escassez ou quase inexistência de atividade de cunho formal ou diretamente pedagógico, a continuação do trabalho de campo – isto é, o encontro com outros grupos, genericamente, "de convivência", principalmente os de classes populares, demonstraria que, excetuando-se os formalmente escolas ou "universidades", – nenhum deles alcança realizar os cursos que porventura planeja para idosos, e as atividades pedagógicas encontradas são eventuais práticas artesanais ou palestras sobre tema real ou supostamente de interesse para a "terceira idade".

Os outros dois grupos demonstraram-se mais tranquilamente adequados às necessidades da pesquisa, inclusive porque a experiência da pesquisadora com grupos de convivência se tornara maior. Com isso, percebendo a generalidade do fenômeno, foi mais tranquilo aceitar os escassos procedimentos pedagógicos formais do terceiro grupo estudado, uma associação de idosos em um bairro de periferia, assim como a programação, surpreendentemente informal, nada parecida com o que ocorre no terceiro grau, na "Faculdade" para a "Terceira Idade". Tanto mais quanto a análise das relações de gênero, e comparativa de situações de classe e suas articulações, foi possível, por contarem esses dois grupos com mulheres e homens (ainda que estes sempre em assinalável minoria), e organizarem-se, cada um, com indivíduos de estratos sociais diferentes.

AS TÉCNICAS DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS DE CAMPO

Tratando-se de uma busca de informações, simultânea, dos programas e grupos com seus organizadores, e dos idosos participantes como indivíduos de determinadas características sociais, em grupos, planejei a obtenção de dados tanto secundários como, principalmente, primários. Inicialmente, faria uma análise documental, preliminar, sobre o trabalho de cada grupo ou programa, a perdurar como acompanhamento na fase de coleta dos dados primários. O que a realidade da pesquisa iria demonstrar ser uma ambição irrealizável, porque os grupos e programas encontrados se documentam pouco e dão escasso ou nenhum acesso, a esses dados. O que de saída já demonstrava pelo menos baixo grau de formalização no planejamento e acompanhamento dos trabalhos, além de atitude espontaneamente defensiva.

Num segundo momento, algo finalmente viável – dados primários coletados à base de técnicas das mais aproximativas e diretamente elucidativas das atividades nos grupos e do perfil dos idosos que os freqüentam: observação direta; pertinente e quando viável, também observação participante; registro sistemático das visitas em diário de campo e entrevistas abertas. Estas, com os organizadores dos grupos e programas, com os seus freqüentadores e, quando foi o caso ou a oportunidade, com professores do curso. Também alguma documentação fotográfica de eventos organizados pelos grupos, realizada pela equipe da pesquisa.

Esses procedimentos revelaram-se bastante adequados e satisfatórios, ensejando a possibilidade, sentida ao longo da pesquisa, de permanência em campo por mais tempo do que o inicialmente previsto para a realização das entrevistas básicas, e inclusive com a possibilidade de retorno final, de desenvolvimento à maneira de painel (cf. Duverger, 1962), para o possível encontro com as mesmas pessoas do início dos trabalhos, para observação de mudanças, no tempo, – na vida das pessoas ou na do grupo – e ampliação ou aprofundamento das informações sobre alguns temas "difíceis", como relações de família e sexualidade.

Esse acompanhamento dos três grupos básicos deu-se por um período em torno de três anos, com variações de tempo e contatos para cada um. O dos velhos da praça foi um breve interlúdio, importante, mas extrapolando o planejamento de tempo e de pessoal da equipe.

Foram realizadas 82 entrevistas básicas com idosos participantes dos quatro grupos, mais 43 entrevistas complementares, além de várias com as três coordenadoras dos grupos organizados, e 10 com professores. Destes, uma professora de artesanato, naquele momento sem alunas, na associação de Castelo Branco, e 9 professores, de ambos os sexos, de disciplinas diversas na Faculdade da Terceira Idade. O critério de seleção dessa amostra não estatística de alunos e professores foi o interesse ou acessibilidade deles em relação à entrevista e à pesquisa. As coordenadoras, evidente que diferentemente, como peças únicas e fundamentais nessa engrenagem, foram individualmente procuradas e convidadas a falar sobre o grupo, sua história e atividades.

Também foram ouvidas pessoas de fora dos grupos, porém conhecedoras próximas deles – do padre da paróquia onde está a associação de bairro, ao sociólogo da equipe da Prefeitura Municipal que realizou trabalhos com dois dos grupos, à consultora pedagógica e inspiradora de um dos programas.

A equipe da pesquisa contou com estudantes do curso de Ciências Sociais da UFBA, bolsistas do Programa de Iniciação Científica do CNPq, balcão e PIBIC, geralmente renovando-se a cada ano.

PARTE II

A ETNOGRAFIA COMO DOCUMENTO

3 O GRUPO DE IDOSOS DA AMPLA

A Associação de Moradores de Plataforma deu seus primeiros passos em 1977, com um pequeno grupo de mulheres que se mobilizava para evitar o desabamento do teto da escola do bairro onde estudavam seus filhos e vizinhos. Nos procedimentos empreendidos, conta uma delas, Julieta, viram que “levavam jeito”. Foram prosseguindo com outras reivindicações e estratégias de luta características dos movimentos políticos na esfera da reprodução, na época (Britto da Motta, 1991 e 1993; Garcia et al, 1992), até chegarem a ser uma das associações de moradores mais atuantes da cidade de Salvador.

Em um bairro originalmente operário, situado no subúrbio ferroviário de Salvador, esse pequeno grupo original de mulheres cresceu, organizou creche e escolinha, foi incorporando alguns homens, buscou convênio para cursos de artesanato para jovens de ambos os sexos, até constituir-se em Associação do bairro e chegar à direção da importante e longa luta de confronto dos moradores com a Companhia União Fabril, proprietária da antiga fábrica São Braz; esta, proprietária original da maior parte dos terrenos do bairro, onde os seus antigos operários haviam construído suas casas, à maneira de vila operária. Sobre os fundamentos e desdobramentos dessa luta, ver Sardenberg (1997).

A associação, AMPLA, muito cedo organizou a sua diretoria em colegiado e constituiu, para áreas de atuação consideradas importantes, uma série de Comissões. De educação, de saúde, de mulheres, de jovens, etc. Entre elas a de idosos. Para desmarginalizá-los e dar-lhes um destaque merecido, mesmo porque eram mais participantes que os jovens – depôs Sra. Antônia, importante líder da comunidade e inspiradora/fundadora do Grupo. Esta a origem do atual Grupo de Idosos, constituído em 1986 e objeto deste estudo.

O grupo reúne-se regularmente, duas tardes por semana, na sede da Associação, um espaço cedido pela Igreja Católica, à praça São Braz, ponto central do bairro de Plataforma. Em uma ampla sala, o espaço dividido, nem sempre pacificamente, entre várias das atividades realizadas por diferentes grupos etários: corte e costura, crochê, costura industrial, etc.

O grupo de idosos é coordenado por Sra. Lili, também idosa, hoje com 78 anos, e membro fundador da AMPLA. Essa coordenação vem-se estendendo há muitos anos, quase desde a fundação do grupo, e só agora parece apresentar alguns problemas, que vêm sendo contornados. A explicação dada: “Cada vez mais teimosa, com a velhice, ela trata os idosos como filhos, quer mandar... Por outro lado, o grupo gosta dela e teme afastá-la.”

Segundo a coordenadora, são mais de 40 pessoas no grupo – mas uma boa parte dessa “população”, pelo que foi observado, é flutuante; o número aproximado de participantes regulares em cada reunião é de não mais de 15.

O grupo, originalmente, distribuía cestas básicas, em convênio com a LBA, que também fornecia material para o artesanato. Contava, então, com um número razoável de homens, segundo o depoimento de seus membros mais antigos. Entretanto já há alguns anos em que, sem outro convênio desse tipo, a não ser por breves e insatisfatórias (queixam-se) intervenções do serviço social da Prefeitura Municipal, têm-se restringido a atividades lúdicas, artesanais para comercialização posterior e, esporadicamente, atividades pedagógicas, principalmente palestras. O produto da venda dessas peças de artesanato é aplicado em merendas, passeios e festas.

Foram entrevistados, na primeira fase da pesquisa, em 1993/94, todos os que se dispuseram a isso, num total de 13 dos participantes mais assíduos, o que inclui o único homem do grupo. Também foram ouvidas a Coordenadora do grupo e algumas líderes comunitárias da Associação de Moradores (na fase final da pesquisa, em 96/97, foram realizadas, coincidentemente, mais 13 entrevistas, grande parte delas com os mesmos informantes de 1993/94).

Em uma típica tarde de trabalho, pode-se ver, na grande sala, as idosas reunidas em torno de uma grande mesa, costurando. Logo adiante, meninas de 10 a 12 anos fazem crochê. Frequentemente, a entrevistada daquela tarde não pára de costurar, enquanto conversa com a entrevistadora.

Os grupos dos mais velhos e o de jovens não gostam de se misturar, já havia adiantado a coordenadora. Há, também, uma disputa por máquinas e até por cadeiras. Apesar das idosas e das meninas ficarem em espaços mais próximos, também aí não existe interação. As meninas também disputam as cadeiras, e as idosas ficam um pouco aborrecidas com isso. Há um delimitação muito mais que

física, do espaço – as costureiras ficam um pouco mais afastadas, quase não mantendo interação com as crianças nem com as idosas.

O homem, Sr. Manoel, não realiza qualquer atividade, ao contrário das mulheres, que estão sempre costurando. Ele diz que vai ao grupo apenas “para dar risada e passar o tempo.” Informa, aliás, Sra. Lili, que nunca houve atividades específicas para os homens, que antes eram uns 12. iam às reuniões para conversar, dar risada e merendar. Quando a merenda deixou de ser regularmente oferecida, o número de homens foi caindo.

Não existem cursos de corte e costura para as idosas como há para as jovens. Os patrocinadores, segundo Lili, não financiam... As idosas já chegam para o grupo com algum conhecimento, como costura e tapete, e basicamente desenvolvem o que já sabem. Não se investe muito neles...

As atividades repetiram-se, de modo muito parecido, durante estes anos de observação – muita costura e conversa; produção de artesanato de utilidade doméstica, como tapetes, toalhinhas de prato, algum crochê, que são postos em exposições nas ocasiões festivas e vendidos. Passeios, principalmente visitas a outros grupos e residências de idosos, algumas festas e comemorações, como a da Mãe do Ano (sorteada) e, principalmente, a festa de São Pedro, em 29 de junho, padroeiro das viúvas, caso da maioria das componentes do grupo. A partir de 1994/95, a referida atuação da Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal, com o ensino de confecção de objetos com material reciclado, algum patrocínio de ocasiões festivas, a apresentação de palestras, com técnicos, sobre temas de interesse provável dos idosos, geralmente sobre saúde e alimentação.

A POPULAÇÃO ESTUDADA E O GRUPO

Quem são os entrevistados? Como vivem? Que família têm? Que pensam? – (principalmente sobre a condição de idoso, que é também uma condição sexuada e de classe).

Como é o grupo? Tem proposta pedagógica? Qual?

Que significa o grupo para os seus membros?

Com essa multiplicidade de indagações, iniciei o trabalho de campo.

Apresentaram as seguintes características gerais, esses 13 entrevistados: idades entre 55 e 92 anos (apenas um caso de cada extremo), a maioria entre 61 e 73 anos (10 casos). Têm um perfil muito comum às classes populares da Bahia:

- 1) A mistura racial, com predominância negra: 6 pardos (inclusive o homem), 3 negras e quatro brancas.
- 2) O nível muito baixo de instrução: 3 analfabetos, 4 que apenas assinam o nome (caso do homem), 4 com o primário incompleto, 2 com o primário completo (muitos lamentaram, aliás, nunca ter ido a uma escola).
- 3) O exercício, já encerrado, de ocupações na agricultura, em serviços de baixa remuneração, mais raramente, na indústria, que exerceram essas mulheres e os seus maridos, assim como o único homem do grupo.

Todos declararam professar alguma religião, quase todos a católica, 1 protestante e 1 pentecostal. Apenas 3 nasceram em Salvador, e só uma no bairro. Nenhum, porém, tinha tempo inferior a 20 anos de residência, nem menos de cinco anos no bairro.

Seu estado conjugal é muito típico (ou ilustrativo) da situação dos indivíduos de mais idade: a maior longevidade das mulheres, na existência de 11 viúvas, e apenas dois casados, um deles (e muito significativamente), o homem. A situação/relação de domicílio e de família é também típica de uma situação de classe: quase todos têm, em casa, filhos e/ou netos, bisnetos e, mais raro, outros parentes, principalmente irmãos ou cunhados. 3 mulheres morando sós. Só a casada morava apenas com o marido (nessa fase da pesquisa, porque três anos depois iria ter, como os outros, também filha e netos morando com o casal).

Nenhum, portanto, mora em casa dos filhos, à maneira como se veicula, no cotidiano, a imagem da viúva idosa e “dependente”, e sim, aqueles é que moram com elas, ou próximos à sua casa. Tanto que quase todas se identificaram como chefes de família. Exceção apenas, da casada, e mais duas que se nominavam como “mãe” e “mãe e avó”, segundo os familiares, que tinham em casa.

A proporção de homens e mulheres no grupo é aproximadamente representativa da situação de gênero na velhice e, especialmente, do percentual de participantes de grupos geracionais, “de convivência”, de lazer e de atividades culturais. Só os grupos organizados para as lutas políticas referenciadas ao mundo do trabalho, os de aposentados, têm evidente e esperada maioria de homens –

aqueles que participavam predominantemente do mercado de trabalho e conservaram experiências das lutas sindicais. No caso do grupo em estudo, a desproporção avulta, ainda por duas outras possíveis razões: ele é originário de bairro de participação e liderança fortemente femininas; e, simplesmente porque as atividades desenvolvidas no Grupo – como vem sendo corrente nesses casos – são direcionadas para o “mundo” feminino, tais como costura e confecção de enfeites “de casa.”

Difícil é concluir-se se o grupo se tornou “feminino” em consequência do desinteresse dos homens por esse tipo de reuniões, ou se estes não se entrosaram nele porque as atividades já estavam inicialmente voltadas para o interesse feminino. Talvez, quem sabe, tenha havido o encontro de cada uma dessas tendências, com reforço mútuo.

É importante, aliás, acentuar-se que as mulheres de mais idade têm demonstrado grande interesse e capacidade de associação nos chamados Programas para a Terceira Idade, por sua vez, mais próximos das suas experiências anteriores (Debert, 1994; Britto da Motta, 1996a).

Os homens idosos do bairro – e de outros bairros, também – reúnem-se, mas geralmente na rua, isto é, em espaço público, para jogar dominó (sob os olhares atentos de outros companheiros ou circunstantes), ou ficam sentados, conversando, nas praças.

Uma senhora que participa do grupo desde o começo rememorou, certa ocasião, que no início, quando havia alguns homens no grupo, “eles não faziam absolutamente nada”. Apenas um deles se interessou para fazer cintos e trabalhou na AMPLA. Os outros, apenas ficavam conversando.

Reproduziam, então, os usos de gênero; isto é, as maneiras de agir a que estavam habituados.

A experiência de campo, as conversas, revelaram que as mulheres falam dos homens, por não trabalharem no grupo, com um certo sentimento de superioridade. Elas seriam mais ativas.

Diante dessa desproporção na participação homem/mulher, que iria revelar-se a maior entre os grupos que estudei, 12 mulheres para 1 homem, estando em início de trabalho de campo e sentindo a necessidade de comparar situações de gênero, de ver e ouvir os homens, detive-me, um tempo (cerca de 2 meses), em 1994, em

observação e entrevistas com um grupo de homens que se reunia, diariamente, nos bancos da pracinha em frente à sede da AMPLA. Aproximei-me com as indagações:

Quem eram? Como viviam? Que faziam? Que conversavam? Por que não se reuniam com o pessoal da Associação se eram, conforme havia informado a coordenadora, repetidamente convidados? Haveria, no Grupo, realmente, uma proposta para eles?

Foi um experiência valiosa, ainda que marginal à proposta inicial do projeto, de que irei falar adiante.

Trabalho

A situação ocupacional dos entrevistados reflete não apenas as suas histórias de trabalho, mas a experiência associada de geração e condição de gênero. O homem é aposentado. Apenas 2 das 12 mulheres também o são. Isto é, permaneceram no mercado de trabalho até o tempo da aposentadoria. Uma operária e uma auxiliar de portaria em escola.

No entanto, quase todas, com uma única exceção, trabalharam fora de casa, quando jovens, pelo menos até o casamento ou a chegada dos filhos. Inclusive, 5 como operárias da fábrica São Brás, localizada no bairro e “dona” dele (ver Sardenberg, 1997). Mas quase todas, atendendo àquele traço geracional da época, da obediência às imposições dos maridos, abandonaram o trabalho formalmente remunerado na fase do casamento. São desse teor, os depoimentos:

“Fui trabalhar na fábrica com 16 anos, na época em que morava com uma tia. Perdi meu tempo quando casei. Meu marido deu fim nos documentos. Ele disse que não queria que eu trabalhasse. Trabalhei lá 6 anos.” (Sra. Georgina, 55)

“Foram 13, quase 14 anos na fábrica, na tecelagem. Depois que casei, parei. Quando o primeiro filho nasceu, a fábrica fechou.” (Sra. Maria Rosa, 65)

As que moravam no Interior, trabalharam na roça, quando solteiras. Em Salvador, as que não foram operárias trabalharam, como as demais – uma exceção, Sra. Augusta, que trabalhava em uma escola – em serviços domésticos (principalmente lavagem de roupa), paralelos à sua condição de donas de casa. Pois são donas de casa, todas. Pobres, mas com pequenas pensões de viúva, o bastante

para sobreviver – algumas, em trocas financeiras e de serviços com filhos e netos. Outras, ajudando ou sustentando filhos e netos em dificuldade.

O homem, na sua condição de semi-analfabeto, trabalhou “na roça, várias roças”, migrou para Salvador em busca de melhores condições, trabalhou em açougue, padaria, como ajudante de pedreiro e, por fim, como vigilante – no que se aposentou.

Nenhum deles exerce qualquer atividade remunerada, mesmo “bicos”, hoje.

Como Vivem

Somente 3 moram sozinhas. Todas viúvas, uma sem filhos, mas com outras relações de família. Os demais têm variados arranjos familiares e domésticos, mas apresentando, como constante, o fato de haver alguém – ou vários membros – da família em casa, que é deles. Todas realizam trabalho doméstico, na totalidade ou em partilha com filhas, netas, ou irmãs. O homem é, “naturalmente”, a exceção, apenas fazendo reparos domésticos ocasionais. À exceção da única mulher casada do grupo, todas têm, também a seu cargo, a totalidade ou boa parte das despesas da casa.

As solidariedades familiares, entre as gerações, existem, portanto, e se expressam em vários arranjos. Por exemplo, Sra. Filomena, 69, a única casada, e que mora sozinha com o marido, revela: cozinha, limpa a casa e lava as roupas mais leves – as pesadas, são as filhas que lavam. Vivem da aposentadoria do marido, mas “as meninas e os meninos” (8 filhos entre 23 e 41 anos) também compram mantimentos para a casa.

Sra. Augusta, 92, viúva, aposentada, mora só. Faz o trabalho doméstico, mas “todo mundo faz as coisas pra mim, quando eu peço.” Refere várias trocas, inclusive de despesas, com os netos, muitos dos quais ela criou.

Sra. Georgina, 55, viúva, vive de pensão. Faz todo o serviço doméstico. Tem em casa apenas a filha mais moça, de 8 anos. Mas tem, também, na casa ao lado, um filho casado, desempregado, com três filhos, que ela sustenta; e lhe traz outros problemas.

Sra. Miralva, 72, viúva, 3 filhos casados. Quem mora com ela é a neta, que ficou viúva, com três filhos. “Guento tudo pra ela ir trabalhar.”

Nesses depoimentos já se patenteia algo dos modos de vida e das relações de família desses idosos das classes populares. Solidariedades ou trocas geracionais. Problemas, também, de que nem sempre falam. Pelo menos nos primeiros encontros. Curiosamente, o homem e a única mulher ainda casada são os que mais se aproximam de uma queixa de solidão, ou de não ter com quem conversar; como iremos ver adiante.

Realmente, poucas queixas de problemas; geralmente com um só membro da família. Sempre por grosseria ou bebida. Mais raramente, de alguém que “sumiu”. Muito freqüentes, afirmações do tipo: “Graças a Deus não é ruim. Não tenho o que dizer dos meus.” De certo modo, uma valoração pela negativa... (ver Britto da Motta, 1997).

Ainda assim, algumas expressões de mulheres brabas, nada incomuns nas classes populares:

“Até aqui, graças a Deus, vivo bem. Você sabe que família sempre tem... Agora mesmo eu me contrariei, tem um neto que se meteu com bebida, dei um tapão nele, disse que me respeitasse!” (Sra. Miralva, 72).

“É mais ou menos. Lá nunca tem briga. Até meus genro são ótimo. Digo a eles que vou dar uma surra, se eles não andar na linha.” (Sra. Adriana, 68).

Ninguém se refere a diversão com a família. Apenas, a certa altura da entrevista, ao relatarem como passam o dia e como usam o tempo livre, alguns referem encontros ou visitas de família. Por exemplo:

Sra. Filomena, a casada, gosta de visitar as filhas. Sr. Manoel, toda semana vai à casa dos irmãos, em Periperi. Sra. Ma. Pureza, 61, que mora sozinha, explica: “Vou na casa dos filhos. Não é todo dia não.”

Sra. Miralva, 72, viúva, viaja para visitar parentes: irmãos em São Paulo, sobrinha em Sergipe. Em casa, ela é importante: “Sou tudo na família. Tudo sou eu, não tem mais ele.”

Apesar de estarem fora do mercado de trabalho, contribuem grandemente para a manutenção do grupo familiar – com as despesas e realização de tarefas domésticas, inclusive cuidados ou o próprio sustento dos netos. Esses arranjos familiares revelam uma pouco conhecida importância – que é, aliás, cada vez mais acentuada – dos idosos na reprodução do grupo familiar, tornando urgente uma reavaliação do papel do idoso na família. Que em parte mantém a tradição das

famílias das classes populares na Bahia, mas se acentua sobretudo hoje, com a ampliação das faixas de baixa renda e do desemprego estrutural.

Diante das relações expostas, torna-se desnecessário afirmar que mesmo as que moram sós não estão, necessariamente, solitárias, nem muito menos abandonadas pela família. Mesmo porque, demonstram-se necessárias e não costumam queixar-se de solidão.

Como passam o dia

Há um padrão muito semelhante no cotidiano dessas mulheres, idosas, donas de casa, fora do mercado de trabalho. Também muito repetitivo: tarefas domésticas, alguma costura, conversa com vizinhos, visitas a familiares, rádio, televisão, alternância de saídas para as reuniões do Grupo e para a igreja.

“Faço tudo dentro de casa. Gosto de andar, visitar as filhas e vou duas vezes à Associação (grupo), terça e quinta. Vou na igreja sexta e domingo.” (Sra. Filomena, 69, casada).

“Levanto pela manhã, rezo, penteio o cabelo, dou comida ao passarinho. Pego o balde, boto água e molho minhas plantas. Boto meu café pra esquentar, como meus cuscuz. Boto minha comida no fogo, se tiver de lavar, lavo. Roupa, passo pela manhã cedo. Minha distração é meu rádio, ficar na janela, conversar com meu passarinho.” (Sra. Augusta, 92, mora só).

Algumas acentuam o seu dinamismo: “Estou sempre trabalhando.”

Outras admitem que “às vezes, procurando alguma coisa para fazer.”

O homem (73 anos), detalha:

“Levanto 4 horas da manhã, tomo um banho frio, tomo um cafezinho, escuto o Balanço Geral. Mexo quando tem alguma coisa pra consertar em casa. Vou comprar pão. Fico dentro de casa. Ligo a TV, vejo o programa da Itaparica ou Piatã. Vou toda semana na casa de meus irmãos...”

É evidente que as possibilidades de vivência do cotidiano, e de distrações, para quem não tem mais horários rígidos de trabalho, dependem sobretudo, das suas condições culturais e financeiras. No grupo em estudo, estas são, muitas vezes, precárias, outras vezes, incerta. É o caso de Sra. Georgina, 55 anos:

“Cansada,... sento no sofá, cochilo. Vou ler alguma coisa que eu gosto. Eu tô sem TV. O dinheiro da pensão atrasou, aí eu tive que vender a televisão e a geladeira.”

(Relembre-se, – e avalie-se! – que em outro momento da entrevista ela revelou que sustenta um dos filhos casados, que está desempregado).

Encontrar os companheiros no Grupo torna-se, então, particularmente bom: custa pouco e rende alegrias.

Tempo livre

No caso de “inativos”, pareceria que esse tempo livre se confunde com o referido “Como passa o dia”. Mas não tanto: Há as tarefas domésticas. E outras, ligadas à Igreja e à cooperação e ao próprio agrado da família. Por exemplo:

“Faço coberta de rodinha. Levei uma para meu sobrinho. Faço tapete. Quando eu chego em casa vou emendar minha cobertinha.” (Sra. Miralva, 72).

“Terça e quinta venho pra cá. Vou também pra Igreja, sou da Irmandade da Legião de Maria. A gente faz visita aos doentes, cursos bíblicos, visita aos idosos. Vou na casa dos filhos – não é todo dia, não. Faço coisa em casa, costuro, e o que precisar eu faço. O meu tempo todo é ocupado. Às vezes, me deito um pouquinho pra descansar.” (Sra. Maria Pureza, 61, mora só).

Quando se pergunta sobre diversão, a importância do Grupo começa a crescer. Há referências a rádio, televisão, idas à Igreja, sair olhando as coisas, inclusive facilitadas pela posse do passe livre de ônibus. Entretanto, muitas das respostas enfatizam, em variados graus de entusiasmo, o encontro com as “colegas” – quando se conversa e ri.

“Conversando, brincando mais as outras.” (Sra. Filomena, 69).

“Aqui dou risada com as meninas.” (Sra. Maria, 72).

“Aí vou conversar com as colegas, passo uma tarde...” (Sra. Regina, 65).

Também o Sr. Manoel, participante assíduo, valoriza essa convivência e até encontra, masculinamente, uma vantagem adicional para estar no Grupo:

“Como aqui agora, é uma maravilha! Quando eu quero alguma coisa, sou atendido na hora...”

Falando diretamente a respeito do Grupo, sua valorização cresce ainda mais.

O grupo

O grupo parece ter um significado especial na vida desses idosos. Mais além de qualquer proposta de aprendizados ou exercícios de artesanato, guarda o valor de um encontro, como textualmente uma delas citou. E, como expressaram várias outras, preencheu um espaço vazio das suas vidas.

Quase todos chegaram através de amizades e contatos interpessoais com alguém que já participava. Algumas deram o nome à direção da Associação de Moradores para receber mantimentos, em período anterior, quando havia o convênio com a LBA.

Contam como vale e por que:

“Tem muito tempo. Perto de mim tem uma velhinha que é do grupo. Meus filhos chamava ela de vovó. Quando meu marido morreu a gente sentiu que faltava um pedaço. Eu estava triste. Aí ela me trouxe. Eu fui conhecendo todo mundo. É todo mundo amigo.” (Sra. Georgina, 55).

“Fui convidada para que eu viesse pr’aqui [Pela Coordenadora do grupo]. Meu marido era doente e eu não saía de casa, agora eu me distraio...” (Sra. Maria, 72, viúva).

“A primeira pessoa que me trouxe pra aqui foi Sra. Lourdes [professora de costura]. Já tem um bocado de tempo. Eu chego aqui, ‘abuso’ todo mundo.” (Sra. Lourdes, 66).

“Eu já trabalhei com D. Lili [a Coordenadora] na escola, e ela me convidou. É um encontro. A gente fica em casa sozinha, é um meio de conversar.” (Sra. Augusta, 92).

Quase todos participam já há tempos. Só uma tem apenas um ano, a maioria, de 3 a 5 anos, havendo até quem tenha assinalado 8 anos, e outros – inclusive o homem – que há tanto tempo que nem se lembram.

As atividades desenvolvidas no grupo podem depender de convênios e propostas momentâneas, mas de maneira geral confluem em trabalhos artesanais e

sociabilidade, no Grupo e no contato com outros grupos, como referido anteriormente.

Elas falam sobre o artesanato, às vezes como aprendizado, mas basicamente como exercício do que se sabe;

“Fiz o curso de tapeçaria, costuro, faço toalha de prato, e o que tiver pra fazer eu faço; crochê...” (Sra. Ma. Pureza, 61).

“Faço tudo, porque é a gente mesmo que faz. E sacola doida, crochê, roupa doida. É tudo, é tudo.” (Sra. Ma. de Lourdes, 66).

“Sacola, tapete, tricô...” (Sra. Adriana, 68).

“A gente faz pano, rodinha, crochê, tapete, coberta de taco... Faz uma feirinha e vende. Não tem data certa para a feira.” (Sra. Augusta, 92).

Essas pequenas exposições dos trabalhos, encontrados em ocasiões festivas especiais, apresentam produtos variados e bem feitos. O produto da venda é destinado também à compra de material para a merenda que sempre tem em dias de reunião.

Sr. Manoel não participa de nenhuma das atividades artesanais e dá para isso algumas explicações muito interessantes para uma análise do ângulo das relações de gênero e da situação de classe. Por um lado, conta: “Não tenho nenhuma atividade. Quando cheguei Sra. Lili perguntou: ‘O que você sabe fazer?’ Eu me aposentei pra me sentar! Ela me chamou pra plantar milho aqui! No tempo que eu tava velho, eu ainda ia lá, agora que eu tou criança, não vou entrar no brejo!”

É o argumento e expectativa do velho trabalhador, que depois da vida dura de trabalho contempla a aposentadoria como tempo de descanso e lazer (Britto da Motta, 1994a; Souza et al, 1994). É, também, uma expectativa de gênero; de homem.

Com as mulheres, é diferente. Muitas, dessa geração, não participaram do mercado formal de trabalho, o que não significa ausência de dureza e cansaço no cotidiano de pobre, também, mas há, com elas, uma continuidade “natural” de trabalho, do trabalho doméstico que, dizem, “nunca acaba.” E que, realmente, prossegue, como sabemos, na velhice. Novos aprendizados e oportunidades de participação em grupos geralmente têm a ver com ele como também estamos vendo.

É muito ilustrativo dessa diferença homem & mulher o comentário crítico – pouco compreensivo, afinal, – de outro velho trabalhador, em pesquisa (Souza et al, 1994) também sobre idosos das classes populares de Salvador:

“Eu quero distraimento, não quero preocupação. Os homens preferem mais distraimento, mas as mulheres querem saber de preocupação. A mulher, até o fim da vida, gosta de se preocupar.’ (Sr. A., 80).”

E o lado das mulheres:

“Eu estou aqui falando, mas minha cabeça está na carne congelada, nas coisas que eu tenho que fazer. Se eu não trabalhasse, eu estaria parálitica.” (Sra. Filomena, 69).

“Fazendo uma coisa, fazendo outra, sempre trabalhando, costurando uma roupinha...” (Sra. Maria Rosa, 65).

O próprio Sr. Manoel, em outro momento, como já mencionei, valoriza a convivência no grupo também a partir de uma postura estrita de gênero – com doze possíveis “dames servantes” em redor, quando quer alguma coisa, diz:

“Falo com qualquer uma delas e sou atendido na hora.”

Mas todos, afinal, enfatizam a positividade de estar no grupo, e até como essa pertinência agregou vantagens à sua vida. Falam também em termos de mudança. Assinalam claramente um tempo antes e outro depois da participação no grupo.

A que declarou anteriormente, e com muita alegria, que no Grupo “abuso todo mundo”, contrasta a sua casa de viúva sem filhos com o acolhimento do grupo como lugar da sociabilidade esperada:

“Dentro de casa a gente fica triste. É certo que eu tenho as minhas vizinhas, mas ficar o tempo todo na casa dos outros?! Ficar de porta em porta, eu não gosto.” (Sra. Ma. de Lourdes, 66).

Sra. Augusta, nos seus 92 anos vigorosos, cheia de gosto e jeito para dançar, também contrasta:

“Eu ficava sozinha, ia cochilar. Pela noite, eu nem dormia. Hoje melhorou, eu fiquei melhor no corpo, na disposição.”

Sra. Miralva, 72 anos, ao contrário das outras duas, tem a casa cheia de meninos e de trabalho. Vê outras vantagens no grupo:

“Tem coisas que em casa a gente se contraria, aí vem pra cá conversar, brincar...”

Sra. Georgina, apesar de ser a mais jovem do grupo (55) declara:

“Eu fiquei mais alegre. Me sinto mais forte.”

Mas é também o caso de Sra. Adriana, 68:

“Ah! Parece que fiquei até mais nova.”

Representações

As temáticas analisadas do ponto de vista de suas representações sociais foram pensadas em conjunto, para elucidar questões relativas a idade e geração. Ao mesmo tempo, de acordo com o quadro teórico desenhado neste trabalho (Capítulo 2), referem-se, também, a outras dimensões fundamentais da vida social, com as quais se articulam: as idades referidas apresentam características específicas de acordo com as gerações em que estão inseridas, e com as relações de gênero e de classe dos indivíduos e coletivos em um determinado tempo, que flui entre o seqüencial/“natural” (o da sucessão das estações e do passar dos anos) e o social; um tempo social, construído na História.

Por sua vez, ou melhor, com anterioridade, essas representações ter-se-ão formado a partir de um “habitus” e de uma experiência construídos coletivamente, em cada uma dessas dimensões (ou desses “campos”), de modo que as imagens projetadas serão também sexuadas, geracionais e de classe...

Assim, doze mulheres e 1 homem idosos, das classes populares, expressaram os significados, para eles, mas elaborados socialmente, das idades. Sobre juventude e velhice, mudanças na vivência dessas idades no tempo, semelhanças e diferenças possíveis entre a velhice dos homens e das mulheres (dimensão do gênero), assim como entre pessoas de diferentes classes sociais.

Em primeiro lugar, e em comum, não apenas diferenciam, mas sobretudo contrapõem, juventude e velhice, como antinomias, como se uma não carregasse vestígios da outra. Passado o ciclo, seria totalmente outra a situação. Alegria, leveza, certa irresponsabilidade da juventude, versus experiência, menos força e saúde, a certeza da proximidade da morte, na velhice. Quando chegam perto desta, é quase sempre para negá-la. A palavra velho, encharcada de preconceito, “pesa”, dizem. Velho é o gasto, o lixo, o se que joga fora – e nessa imagem ninguém se reconhece (Britto da Motta, 1994, 1995).

“Eu mesmo não me sinto velha, não. Sei que não sou criança, mas não me sinto velha, caduca. A vida do jovem é diferente, se diverte, não tem responsabilidade. Eu tenho a responsabilidade, eu sou o homem e a mulher de dentro de casa. Velho é uma pessoa que anda assim... (curvada). Eu sou uma senhora de idade.” (Sra. Ma. Pureza, 61).

“Velha é a rua, a estrada. Nós não somos velhos, somos idosos. Velho é um pano que acaba, um papel.” (Sra. Filomena, 69).

“É coisa muito boa, vida de jovem, é diferente da de idosos.” “Não acho que velho tem uma vida muito boa, não. Aparece coisa de doença. Hoje mesmo eu fui ao médico. [...] A gente velho fica sabendo que os dias tá encurtando. O jovem só pensa em distrair, passear, namorar.” (Sra. Maria, 72).

Há os que conseguem descobrir pequeninas vantagens na velhice:

“Sou conformada com minha velhice. É melhor ser jovem. Mas eu chego num ônibus, acho logo lugar pra sentar...” “Jovem é ótimo, se pudesse ser de novo!” (Sra. Ma. Rosa, 65).

Mas há os que estão bem em sua idade, e expressam a sua condição com tranquilidade:

“Ser jovem é ótimo. Velho, também é bom. Quem é velho já foi jovem. Não é pior, são diferentes.” (Sra. Adriana, 68).

“Jovem é uma coisa boa, outra firmeza, outra pessoa. Quando eu era jovem, eu fazia isso e aquilo. Mas eu tenho alegria, gosto de me arrumar. Vestir minha roupa de acordo com minha idade [...] não vou comer coisas que me fazem mal... Então, eu estou satisfeita com o que sou.” (Sra. Ma. de Lourdes, 66).

O homem é preciso, ao mesmo tempo, quase contraditório na sua interpretação: “É a pessoa que tá na idade de velho. E feliz aquele que diz ‘Sou velho’. Na juventude de hoje ninguém gosta de dizer que é velho.”

Quase todos vêem diferenças entre a velhice dos homens e a das mulheres. Mas o tipo de diferença oscila entre a visão tradicional, de que os homens são mais fortes e as mulheres, frágeis – que é, de pronto, a expressa pelo representante masculino no grupo, mas partilhada também por algumas mulheres, – e uma visão bem mais encontrada agora, que exatamente expressa algo pelo contrário: as mulheres se reservam, ou se cuidam, e por isso se conservam mais do que os homens, que “se jogam” mais. E se a senhora mais idosa da turma justifica, “Mas isso é certo, porque eles têm que mostrar a masculinidade; as mulheres se não se reservar vão se depreciar”, a maioria dos que têm a opinião de que os homens envelhecem mais depressa do que as mulheres, não apõem justificativas ou explicações, porém críticas aos homens idosos. E nesse momento é que expressam mais amplas diferenciações entre os sexos:

“O homem... é pior. Porque fica velho, fica aborrecido, reclama das coisas, fica impaciente.” (Sra. Maria, 72).

“O homem quando tá velho... fica muito ‘nojento’, antipático, tudo fala. Depende muito da natureza, eles são mais doentes. As mulheres são mais alegres.” (Sra. Miralva, 72).

“O homem... fica bobo, bebe, morre mais cedo. As mulheres se distrai mais.” (Sra. Adriana, 68).

Entretanto, apesar de reconhecerem clara positividade na mudança atual nas mulheres, muitas dessas idosas ainda mantêm a moral tradicional, das gerações passadas, pela qual, afinal, pautaram suas vidas:

“As mulheres dizem que as mulheres tem direito de arranjar outros homens. Eu não quis, Deus que me livre. Em homem não pega nada, em mulher pega, chama de galinha.” (Sra. Filomena, 69).

“Ele não queria [...] mas eu trabalhei, 35 anos. Tem mulher, hoje, que faz tudo – acho certo, até na política já tem. Só acho ruim quando quer ser igual no trato, sem zelo pela honra... Aí tá errado.” (Sra. Augusta, 92).

A comparação entre a figura do velho “de antigamente” e a do velho de hoje também pontua as falas sobre o envelhecimento. Neste grupo, com poucas

divergências de opinião, se uns raros falam em maior sinceridade ou maior seriedade “naquele tempo”, por outro lado abundam as imagens dos velhos de agora como “mais desenvolvidos”, mais “jovens” nas atitudes, tendo mais diversão:

“Naquele tempo era mais encolhido, agora, se quiser, dança, bebe uma cerveja.” (Sra. Filomena, 69).

“Antigamente...se jogava, mesmo, pra ficar mais velho. Hoje em dia é perfumada, pintada... Antigamente se jogava pro desprezo.” (Sra. Ma. Pureza, 61).

“Não tinha o prazer que os de hoje tão tendo!” (Sr. Manoel, 73).

Quanto à percepção de diferenças segundo a classe social, quase todos a vêem, e grandes, diante de uma polaridade colocada entre “ricos” e “pobres” ou, como às vezes, um pouco eufemisticamente, preferem, entre “fortes” e “fracos”. A velhice do rico é vista como mais suave, devido às facilidades de conforto e da importante possibilidade de “ter direitinho o que comer” – o que o dinheiro ou a riqueza compram possibilitaria amenizar ou atrasar o processo de envelhecimento. Ou, pelo menos, teria esse papel ilusório para os ricos. Enquanto para os pobres, ao contrário, as privações envelheceriam.

“Porque o rico tem possibilidades de ter empregada, de ter uma casa melhor. O pobre só tem salário. Tudo isso ajuda a ficar mais velho e triste.” (Sra. Ma. Pureza, 61).

“A diferença é grande. O rico não quer ser velho, tá fiado no dinheiro, e o pobre se conforma.” (Sr. Manoel, 73).

“Aí nem adianta nem falar. O rico já tá, tem quem olhar, outro que olha. O fraco não tem o melhor, pra comer.” (Sra. Maria Etelvina, 64).

A posição de poder se revela mais importante que a própria condição física: “O rico pode mandar, mesmo que esteja deitado.” (Sra. Augusta, 92).

A condição racial, tradicionalmente geminada à posição de classe, no Brasil, e que muito pouco apareceu nas entrevistas – uma questão também geracional? – nesse momento da conversa, aflora, e talvez não por acaso, levantada pela mais jovem do grupo:

“A velha branca tem mais privilégio que a escura... Porque quando chega um velhinho bem branquinho, sempre é atendido com mais carinho, às vezes até

primeiro. E o lugarzinho no ônibus, as pessoas levantam mais para as brancas.” (Sra. Georgina, 55).

Vivências do envelhecimento

Passar das representações à própria vivência (ou realidade) pode ser muito difícil e até chocante. Foi o caso de Sra. Augusta, 92. Sempre alegre, lúcida, sempre pronta para cantar, dançar. Na entrevista, falar sobre o seu próprio envelhecimento foi difícil; a alegria desapareceu, os olhos foram-se enchendo de água... Comoveu, também, a entrevistadora:

“Eu nem sei... Quando o meu filho começou a ficar velho e eu fui ficando sem forças para fazer as coisa, aí eu já sabia [...] Eu senti que era a idade.”

Falar da própria velhice, em uma sociedade que rejeita os velhos, pode ser realmente brutal. Talvez por isso mesmo, as respostas, em maioria, foram bastante evasivas – falam em mudanças do corpo, com diminuição “das forças”, doenças – entremeadas de expressões de conformidade e algumas, raras, de satisfação.

“Eu não senti nada, porque a velhice tem que chegar, mesmo.” (Sra. Filomena, 69).

“Eu fiquei doente. Eu quase morri e vivi. Depois, tomei muito remédio. Agora me acho feliz da vida. Não fico mais doente, só gripe. O que me ataca mais é a coluna.” (Sra. Miralva, 72).

“Eu devia aceitar o que Deus quer fazer, não é pelo gosto da gente, é pelos tempo.” (Sra. Ma. Etelvina, 64).

“...Sinto cada dia mais, a gente sente aquele desânimo no corpo. Eu me sinto tão alegre que não pensei que ia viver tanto.” (Sr. Manoel, 73).

“Meus cabelo ficaram branco, grisalho, eu sabia que tava ficando... Quando eu era jovem meu rosto era redondo, agora tá comprido. Meu filho se abismou com meu retrato. A velhice tem muita modificação.” (Sra. Ma. Rosa, 65).

Enfim algo mais afirmativo, até desafiador:

“Eu não me importei, não. Desde moderna que eu tenho cabelo branco, minha cara foi ficando ‘chupa molho’. Eu quero que você me olhe e me veja como eu sou, me deixe como eu sou.” (Sra. Ma. de Lourdes, 66).

Felizmente, em outro momento Sra. Augusta se recompõe e zomba da própria velhice ou, talvez melhor, zomba da insensibilidade dos outros:

“Tem muita gente que trata (o idoso) com desdém. Olha pra boca da gente, sem dente, e não gosta. Eu não ligo, que já tive dente bom.” (Dá uma risada e canta).

Há, evidentemente, a percepção de que a sociedade expressa, na multiplicidade das relações individualizadas, a rejeição, o preconceito, o descaso e o medo da velhice. Por isso, referem: Uns tratam bem, outros não “A pessoa não tá compreendendo que vai ficar (velha) também.” (Sra. Ma. de Lourdes, 66).

Queixam-se das filas de banco para receber aposentadorias ou pensões. Também das filas para atendimento médico. Aí também, da assistência do Estado, que mal se realiza:

“Que governo?! Só se for de Deus, porque este da terra arranca a proteção de quem tem.” (Sra. Ma. Pureza, 61).

“O governo não dá assistência. Ou dá de caridade!” (Sra. Maria, 72).

“O governo não gosta da gente. Tratam mal o velho. Assistência não existe, é só maltrato.” (Sra. Augusta, 92).

Tiveram e têm projetos pessoais. Afinal, estão vivos. Mas são pobres, são de um determinado gênero – isso orientou e continua influenciando no escopo e na direção dos seus projetos. Essa dimensão fundante da categorização social aparece agudamente evidente na única exceção expressa, na fala triste, bonita de Sra. Maria Pureza (61):

“Não tive projeto nenhum, não tinha tempo, sofrendo, não tinha pai nem mãe. Quando a gente é criada por si própria, não sonha.”

A condição social mantém-se expressa, também, nos desejos simples – porém não fáceis – de consecução do mais básico: a casa, “para ter onde meter a cabeça” e a garantia da alimentação. Sr. Manoel, 73, é sempre preciso:

“Dinheiro para comprar o sal”, o alimento de cada dia.

Felizmente isso foi garantido, assim como o seu segundo desejo:

“Eu de primeiro tinha um sonho comigo, de fazer uma casa para, meio dia, o sol quente, eu ir me deitar no chão. Eu fiz a casa, e como eu tinha vontade, o piso escorrega.”

(Lembre-se que ele é o trabalhador que se aposentou “para se sentar”).

Quase todas as outras também conseguiram o mais desejado:

“Quando eu era moderna eu tinha vontade de ter uma casa, aí tive duas. Eu li num livro: ‘trabalhar na mocidade para guardar pra velhice’. Eu pensava quando eu chegasse numa certa idade ter o meu dinheirinho. Não preciso pedir dinheiro pra parentes, pra não tá me humilhando. Eu tô na minha casa. Eu me sinto muito satisfeita nisso.” (Sra. Ma. de Lourdes, 66).

“Muito pouca coisa. Minha casa, e hoje eu tenho. É pequena, mas dá pra botar a minha cabeça na hora de dormir, até eu morrer. Eu tinha uma (outra) coisa, ter meu marido, viver velhinhos ... Meus filhos... Hoje tenho tudo, só não alcancei o marido. Tô livre da cachaça que ele bebia!” (Sra. Miralva, 72).

Por outro lado, Sra. Maria S. Costa (72), expressa o mesmo desejo, muito feminino (pelo menos de gerações mais antigas), do casamento e do marido, todo alcançado:

“Quando eu era jovem pensava em me casar. Ter um bom esposo, uma casa. Graças a Deus que me deu um bom esposo, foi ótimo pra mim.”

Mas houve quem realizasse o grande projeto, e o perdesse; por um problema, não raro, de família:

“O que eu consegui realizar acabei perdendo, a minha casa, que meu sobrinho vendeu.” (Sra. Ma. Etelvina, 64, mora com as irmãs).

Sra. Georgina (55) refere o fazer projetos como disposição de jovem. Instados a falar sobre projetos para um futuro mesmo que imediato, os outros parecem confirmar essa idéia, porque referem, então desejos básicos porém meio imponderáveis, não diretamente dependentes de condições e ações materiais. Primeiro, o mais peculiar, ou até sugerido a esse grupo de idade – saúde. (Não é o que se deseja aos mais velhos, nos rituais de aniversários e passagem de ano!?) Mas também vida, continuar vivo mais um tempo, porque “Tô chegando pro fim da ‘idade’ [...], a vida vai ficando mais curta.” (Sra. Maria, 72).

Sente-se isso, ou se é constantemente lembrado desse fim. Também a esperança de “não dar trabalho pra ninguém”, ir lúcida e saudável até o fim. “Que Deus me chame, que eu não fique na cama.” (Quase rima Sra. Augusta).

Mas volta a comover-se, quando contempla o que não pôde realizar:

“Tanta coisa que eu queria fazer e não pude! No tempo que eu tinha meu marido eu sonhei tanto, tanto...” (Pausa e lágrimas). “Agora mesmo, minha casa caiu e eu queria levantar toda. Juntei um dinheirinho, alguém me ajudou, mas até hoje não fiz e acho que já não vou fazer mais. Já disse a minha neta: Meus dias eu sei que estão se aproximando e eu lhe dou pra você terminar. Só falta a parte da cozinha e da sala. Comprei meu rádio, minha televisão, estante, cama. Tudo que tinha quebrado com a queda, já tenho. Acabei por aqui.”

Por outro lado, há sempre alguém afirmando liberdade: “liberdade”, de gênero das mulheres; “liberdade”, geracional, de velhos:

“Vida e saúde, tranqüilidade, fé em Deus. Sou livre, não tenho ninguém para dizer ‘não saia’.” (Sra. Ma. Pureza, 61).

Alguns depoimentos expressam, na verdade, mais que um projeto, uma trajetória de vida;

“Eu não vou mais lutar com a vida. Não me falta um trocadinho para passear [...] Eu faço minha caixa. Eu tenho um dinheiro que quando eu tiver em cima de uma cama, ter o que comer,... comprar um leite, um pão, uma coisa. Quando ele morreu, deixou. (pensão) [...] Eu não vou esperar meus filhos, eles são fraco [...] Boto o meu na poupança. Não tenho inveja de quem tem. Com ele eu não tinha casa pra morar, sem ele, eu tenho, eu lutei, nunca passei fome.” (Sra. Miralva, 72).

Expressam, por fim, preocupação com o futuro dos filhos e a expectativa de direitos sociais (de aposentadoria) que poderiam ter tido e não conseguiram.

A VOLTA AO GRUPO

Entre o segundo semestre de 1996 e o primeiro de 1997, retornamos, com novo trabalho de campo em cada um dos três grupos principais estudados. Não apenas para dar continuidade – e em seguida encerrar – aos trabalhos, mas sobretudo para aprofundar certas temáticas mais “difíceis”. Caso das relações de

família e casamento, da sexualidade, sociabilidade e vivências de idade e de envelhecimento.

Na AMPLA foram feitas outras 13 entrevistas, em efeito painel, porque nem todas as pessoas presentes na primeira fase dos trabalhos foram reencontradas. Lili, a coordenadora, Filomena, Miralva, Adriana, Maria Rosa e Manoel, ainda o único homem da turma, dos mais antigos, permaneciam e foram entrevistados, assim como a vice-coordenadora, Cremilda, que sempre fora intensamente refratária a entrevistas. Também ouvimos três que eram novas no grupo em 94, Bernardina, Hermilina e Almerinda; Augusta e Maria Pureza haviam morrido, e outras, como Georgina, Maria e Maria Etelvina já não freqüentam mais. Duas outras voluntariaram-se para a entrevista: Edite e Floraci.

Falecida Sra. Augusta, a idade mais avançada, no grupo, limitou-se, então, a 78 anos – que têm Sra. Lili e Sr. Manoel; e a mais baixa, 59 anos. A faixa etária de maior concentração, passou a ser a de 66 a 76 anos, com seis casos.

A proporção de pessoas sós e casadas quase se mantém igual à de início do trabalho: 3 casados, incluindo Sra. Filomena e Sr. Manoel, e 10 mulheres sós: 9 viúvas e 1 separada. Mas estão sendo outros os arranjos domésticos.

Todos, agora, com uma única exceção, (Sra. Hermilina,... que já era só em 1994), moram com pessoas da família. As outras duas que moravam sós, faleceram. Algumas das parcerias familiares dos conhecidos de 1993/94, mudaram. Por exemplo, Sra. Filomena, que morava apenas com o marido, tem, agora, em casa, também uma filha e dois netos. Sr. Manoel, que morava com a mulher e dois netos, tem agora, além destes, outra neta e 1 bisneta. Sra. Miralva está com 7 pessoas em casa: 1 filha, 1 neto com a esposa e 2 filhos, e os 2 netos que ela cria. Só Sra. Maria Rosa tem um número menor de pessoas da família em casa – está agora com apenas 1 filha, quando antes eram 3. Mas Adriana, que tinha filha e neto com ela, tem, agora, mais um filho e mais um neto.

É um processo alternativo de expansão e contração do tamanho das unidades domésticas, segundo ciclos geracionais e a premência econômica, que significa, então, a alternância de nuclearização e ampliação dessas famílias. (Ver a discussão desse processo no próprio bairro de Plataforma, in Sardenberg, 1997:263. Também Britto da Motta, 1997:5; e, neste trabalho, o capítulo 7).

Atividades sociais ou lúdicas com a família continuam sendo pouco mencionadas. Afinal, quase todos já moram juntos... A não ser por uma referência a

“brincadeiras no SESI”, para as quais Sra. Rosa teria a companhia das filhas e às vezes, dos netos, as atividades citadas foram as mais corriqueiras e, certamente, as mais ajustadas à sua condição econômica: aniversários, batizados dos netos, casamentos e missas comemorativas.

Ainda assim, 6 pessoas, inclusive o homem, não têm qualquer atividade social com parentes, a não ser visitas. Exceção interessante é a da Sra. Ma. de Lourdes, que explica sua falta de atividade com a família porque são de religiões diferentes. Ela é católica, muito ligada aos trabalhos da Igreja, e os filhos são batistas. Um tipo de situação recente, que os estudiosos da religião estão reportando.

Posta, experimentalmente, para os 10 atualmente não-casados do grupo, a hipótese de casar de novo, todas – mulheres – repeliram, em variados graus de veemência, a idéia de retomada de uma convivência desse tipo. Apenas uma, viúva, condicionou: Só se fosse com o mesmo marido, que era muito bom.

As recusas tiveram formas de expressão muito semelhantes, o que as situa, claramente, como decorrência da vivida subordinação de gênero:

“Ave Maria! Eu não gostaria de casar de novo, de ter marido! Estou bem assim.” (Sra. Ma. Rosa, 68).

“Deus me livre! Não quero mais. Eu vejo o espelho dos outros. As pessoas estão viúvas e vivendo numa boa, aí casam de novo para arranjar problemas!” (Sra. Ma. de Lourdes, 64).

“Acho que ia ser pior do que foi. Deus me livre. Não quero nem pensar.” (Sra. Floraci, 60).

“Eu não gostaria de casar de novo, para não ficar embaixo do pé de homem. Não me acostumo ninguém mais mandando em mim. Eu sozinha estou melhor.” (Sra. Ma. Hermilina, 60).

Instados, falam, não sem alguma reserva, sobre sexo, amor, paquera. Numa consciência ideológica muito marcada em relação à idade que vivem, e ao mesmo tempo com uma forte remissão ao passado, porque em maioria são viúvas e não têm, muitas delas, boas lembranças do casamento. Falam os três ainda casados. O Sr. Manoel, com 78 anos agora:

“O sexo nessa idade é muito diferente do tempo em que a gente era moderno; O meu amor é muito controlado por causa da operação da próstata

que eu fiz, e o médico disse para eu não abusar. O amor, eu acho bonito quando é um casal unido. Como eu não sou unido com minha mulher, eu acho um amor afastado.”

As duas casadas:

“Já achei muito bom mas acabou. Não uso já faz mais de 5 anos.” Com marido “mulherengo e ignorante”, foi perdendo o gosto. Queixa-se de solidão e tristeza. (Sra. Filomena, 73).

Somente Sra. Bernardina (que declarou, os mesmos 59 anos que já declarara em 1994), tem um sentimento positivo:

“Eu acho ótimo porque a gente se sente outra! A gente fica mais alegre, fica gostando mais e mais da pessoa.”

As 10 mulheres que estão sem companheiro opinam somente sobre as experiências do passado, recusando experiências atuais, numa variação pequena de diapasão:

“Quando eu gostava dele, era bom. Depois dos desgostos e do sofrimento, a gente vai esfriando. A ingratidão tira a afeição. Enquanto for discussão, ainda passa: mas bater, espancar, acaba com tudo.” (Sra. Miralva, 76).

Sobre a relação dos outros, ela concede:

“Acho namoro de velho engraçado. Você já viu na TV...? Os velhos se beijam, ciúmmam. E eu me acabo de dar risada. Eu acho bonito. Não quero mais, mas acho bonito. É ruim a pessoa viver isolada.”

Também há quem ache que namoro de velho é sem graça. E sobre a sua experiência pessoal:

“Foi bom. Agora não interessa mais.” (Sra. Ma. Rosa, 68).

“Já teve sentido (o sexo), hoje não tem. É devido à vida que a gente leva, ou levou.” (Sra. Floraci, 66).

A que foi, proclamadamente, feliz no casamento, tem outra visão, embora hoje também se abstenha:

“Sexo é saúde, em qualquer idade. Tendo disposição e existindo o amor, tudo bem. O amor é bom, quando é verdadeiro. E muito bom, mesmo para idosos.

Pra quem gosta, é bom paquerar, porque distrai, né? A gente tem que curtir a vida, brincar, dançar, passear, e paquerar, também.” (Sra. Cremilda, 77).

Por fim, Sra. Almerinda (66) pinta o quadro severo e ambíguo da vida e sentimento de muitas das idosas atuais.

“Já tem vinte anos que eu sou viúva e nunca mais arranjei ninguém. Também, eu não quero ficar em casa lavando roupa de homem velho, enquanto eles vão pra rua arranjar outras.”

Vivências da idade (ou como se sente com a idade que tem?)

Essa aguda consciência de idade, da velhice, que marca – e, às vezes, estigmatiza – a vida dos idosos, encontra, já ao final das entrevistas de 1997, e talvez na maior familiaridade com a equipe, sua plena expressão. Pelo menos entre as mulheres. As oportunidades, que já não terão, de trabalhar, as poucas pensões e aposentadorias, os companheiros que não encontram mais, o desdém “dessa juventude”, a indiferença da família, até a incompreensão dos motoristas de ônibus. Não há choradeira, mas tudo isso perturba o seu viver (relembre-se Hazan, 1994:63).

Ao mesmo tempo, há as que confundem as limitações – reais ou supostas – da idade com infelicidade que advêm por outras vias, como as relações de gênero ou a situação de classe. É o caso de Sra. Filomena (73), que sempre se queixou do marido “ignorante” (isto é, grosseiro) e agora tem em casa filha e netos, dos quais também se queixa:

“Tem dias que me sinto bem, tem dias que eu não desejava ter essa idade toda. É por causa da tristeza que tenho dentro de mim, que às vezes não dá vontade de viver.”

Há as que têm reais problemas de saúde (poucos casos, aliás), e nem são tão idosas, como Sra. Lourdes (64):

“Tive um princípio de derrame há 4 anos e nunca mais minha saúde foi a mesma. Não posso passear, não posso dançar... Não posso nem dormir tarde, quanto mais perder noite. Na minha juventude eu fazia tudo isso e muito mais.”

Entretanto, declara mais adiante, é mais feliz “talvez agora, na velhice.”

Algumas referem problemas de saúde com muito humor, pois se sentem, afinal, ainda ativas (como Sra. Miralva, 76):

“Me sinto bem. A queixa é só de saúde. Às vezes dói joelho, coluna, mão... (ri) Pior é quem está em cima da cama, dependendo dos outros.”

Há as que consideram uma vitória, ter conseguido viver tanto, ou da forma como vivem:

“Eu me sinto bem. Se eu não tivesse essa doença, o diabetes, eu não ia ter problema nenhum. Moro na minha casinha própria, tenho minhas coisinhas...”

E há quem se declare, simples e saudavelmente,

“Feliz! Se eu tivesse até 100 anos seria bom.” (Sra. Adriana, 72).

Mas a grande conquista, prazerosamente apregoada, é sempre a “liberdade”, só alcançada na velhice:

“Me sinto bem, porque ninguém manda em mim, não me governa, e eu faço o que quero.” (Sra. Lili, 78).

Falando sobre o período mais feliz da vida, muitas referem a infância e o início da juventude como essa fase, de brincadeiras e de “não pensar em nada”. Porque logo depois viriam o trabalho ou o casamento, com obrigações e cerceamentos.

“Quando cresci, fui trabalhar na fazenda dos outros. Fui ser empregada dos outros. Trabalhei muito duro na roça, não tive o direito de estudar, só de trabalhar.” (Sra. Almerinda, 66).

“Depois que eu casei, até um tempo foi bom, ele era muito trabalhador, zelava por mim e meus filhos. Depois ficou ruim, arranhou mulher na rua, eu sabendo... Aí começou a me xingar, queria até me bater, não me bateu porque eu nunca deixei.” (Sra. Filomena, 73).

Curioso é que esta, embora começasse o depoimento afirmando um período melhor “quando moça”, ao final, quando posta diante de uma segunda questão hipotética, como seria se ficasse jovem outra vez, declarou:

“Se voltasse era bom, mas se não voltasse ia ser melhor. Porque nunca tive gosto na minha mocidade, meu pai me prendia muito. Hoje, depois da minha

velhice, é que me sinto um pouco mais feliz. Criei meus filhos, vou para onde quero.”

É o retorno, então, e mais uma vez, do tema, todo o tempo referido pela mulheres idosas, da satisfação pelo direito simples de ir e vir, que não tiveram quando jovens.

Apenas duas, viúvas, consideraram a fase de casadas a mais feliz. Aliás, a primeira delas declarou dois momentos melhores:

“Quando eu era moça e depois de casada. Porque eu fui criada por meu pais e minha mãe, fui criada no Interior. Quando eu me casei, eu também me dei bem, a gente se dava bem. Eu gosta muito dele.” (Sra. Edite, 65).

Também a sempre feliz Sra. Adriana, 72:

“Eu era amada, amava ele, tivemos nossos filhos...”

Deram idênticas respostas à pergunta sobre se ficassem jovens de novo; Mas há uma boa parte dos idosos, – principalmente mulheres – que considera, diretamente, a fase atual a melhor da sua vida, ainda quando enfrentando dificuldades familiares, como as referidas pela Sra. Filomena, ou problemas financeiros ou de saúde, exatamente porque são mais livres ou por conseguirem realizar projetos essenciais. Por exemplo:

“Minha infância foi muito pobre, cheia de dificuldades. Depois eu casei. Fiquei viúva e tive que criar os filhos sem pai e só agora Deus me deu descanso. Acho que agora é o período mais feliz. Eu só queria uma pensão melhor e poder passear.” (Sra. Ma. de Lourdes, 64).

“O tempo melhor é agora. No momento, porque quando eu trabalhava, não tinha liberdade. Agora eu saio com quem quero e volto a hora que quero. No início do casamento ele não gostava quando eu saía, hoje ele vê que preciso sair para me distrair, porque ele passa o dia trabalhando e eu fico sozinha em casa.” (Sra. Bernardina, 62).

A fala masculina tem um tom diferente. Nela predomina o aspecto da conquista da “independência”, que não se assemelha à liberdade, feminina, e se refere aos aspectos materiais da existência (Britto da Motta, 1994a; Debert, 1988).

“Antes eu me achava tão ruim! Hoje eu tenho tudo em minha casa: televisão, geladeira, som, liquidificador... Vivo em minha casa, sem ter que pagar nada a ninguém. Tenho as coisas que antes eu não tinha.” (Sr. Manoel, 78).

Foi ele, também, o mais entusiasmado diante da hipótese de ficar jovem novamente. Mas do meio do entusiasmo deixa escapar uma possível experiência dolorosa da vida de família:

“Eu ia fazer muita besteira, andar pela rua bestando! (Sorrindo) Eu ia gostar, mas não para ficar velho de novo! Por que? Porque até a família faz pouco daquele pobre coitado, pela idade dele. Você pensa que ninguém gosta de velho? Todo mundo acha que a gente está ficando bobo, que dá trabalho.”

Depoimentos de pessoas pobres, como estas, com seus registros de problemas, mas também das pequenas vitórias e felicidades, reforçam a análise da sucessão das idades não apenas como, na expressão cotidiana, “descer a ladeira”, mas como fases, também com picos e platôs – isto é, de conquistas e consecuições possíveis – em cada uma delas, e não apenas na juventude e na maturidade.

Um aspecto interessante revelado – ou confirmado – através da pergunta-teste. “Se ficasse novamente jovem...” foi a revisão de certos objetivos de vida. Casar, principalmente. Apesar de casamento e filho terem estado entre os grandes projetos de vida dessas mulheres, na imaginária situação de lhes voltar a juventude, esse projeto foi, em maioria, modificado ou arquivado.

Começando por Sra. Miralva, com a casa permanentemente cheia de filhos e netos:

“Eu não me casava mais. Queria só namorar. Eu só ia querer homem para curtir, mas morar, nem pensar. Também não ia querer ter filhos, dá muito trabalho.”

E Sra. Lourdes, que tem em casa um filho, uma filha, genro e quatro netos:

“Não ia querer mais casar. Ia querer passear, dançar... Eu ia querer muita coisa que já fiz, menos casar e ter filhos. Só ia querer gozar minha vida.”

Certamente não por coincidência, também pensa semelhante Sra. Floraci, 66, que entre filhos e netos tem 10 pessoas com ela:

“Eu não ia mais querer saber de casamento. Eu queria ter saúde e um pouquinho de dinheiro para passear e comer melhor.”

Se jovens novamente, casariam, apenas, aquela que nunca teve a oportunidade de ter a situação “de papel passado”, Sra. Hermelinda, a duas vezes viúva, Sra. Lili – sem muito empenho e, como todas, com a condição de não ter mais filhos – e as viúvas declaradamente felizes no casamento: Estas, se fosse com o mesmo homem anterior.

Só a (bem) casada, Sra. Bernardina, priorizaria o estudo e a formação profissional.

“Ah! Eu ia estudar, ia ser outra Bernardina!” Ainda assim, não casaria, porque “já sabia como é. Sei lá se ia dar certo!”

Solidão?

Um tema sempre referenciado aos velhos, e não apenas às pessoas que moram sós, é o da solidão. Volta-se sempre a ele. Posta explicitamente a questão para os 13 entrevistados, o resultado contraria essa crença difundida sobre os idosos. 8 mulheres declararam não se sentirem solitárias e não querem saber de tristeza – inclusive Sra. Hermelinda, a que mora sozinha. 4 mulheres sentem-se sós em alguns momentos. O único homem do grupo, que mora com a mulher, netos e bisneta, foi que declarou mais fortemente um sentimento de solidão: “Demais!”, desabafa:

“Tem hora que eu quero puxar uma conversa com ela, mas aí ela vai dizendo que não entende as coisas que eu converso. É difícil.”

Revela conversar só no grupo. Uma das 4 mulheres que contou sentir solidão às vezes (Sra. Filomena, 73), dá um depoimento algo semelhante ao dele:

“Meu marido é meio surdo, não entende o que eu falo direito. A minha filha, a que mora comigo, é muito ignorante, só dá razão aos filhos dela. Meus netos dão muito trabalho, me contraria muito. Às vezes vai me dando uma tristeza por dentro, que não dá vontade de viver. E fico sem ter com quem conversar.”

Por tudo isso, falando adiante sobre o grupo, declara sentir-se muito feliz quando está nele.

Justamente são casados, e com filhos ou netos em casa, os dois que mais acentuam a solidão. A subjetividade do sentimento – que é certamente, sem idade...

– reflete-se também, e por outro lado, na declaração de Sra. Hermelinda, 60, a única do grupo que mora só:

“Apesar de morar sozinha, eu não me sinto só [...] tem uma filha que mora perto de mim, qualquer coisa eu tô na casa dela e ela na minha. De noite, ligo minha televisão, assisto à novela...”

Sra. Adriana, 72, morando com um filho, uma filha e dois netos, refere:

“Não tem como me sentir só. Além dos filhos e netos, eu sou muito ativa. Tenho marcapasso, mas não fico quieta.”

Há, até, quem anseie por ficar só, porque a casa está sempre muito cheia, como Sra. Miralva, 76, que tem 7 pessoas com ela, entre filhos, netos e bisnetos:

“Eu não (me sinto só). Até enquanto, não. Às vezes até eu respiro aliviada, pensando que vou passar o dia sozinha, tranqüila, mas quando eu vejo, a casa está cheia. Chega um, chega outro, e eu nunca fico só.”

Já Sra. Cremilda, 77, viúva, morando só com o filho separado, explicita o recurso ao grupo e o familiza:

“Me sinto solitária, muitas vezes. Aí eu corro para cá, ou para Castelo Branco. Na verdade, minha família é meu filho e aqui o grupo.”

Tento conhecer mais da sociabilidade desses idosos, fora da família e, particularmente, nesse grupo que freqüentam com assiduidade.

Dizem quem são os amigos. Vizinhos, sobretudo, companheiros do grupo e de outros grupos; velhos amigos de infância e juventude do Interior, que vêm quando viajam. Somente Sra. Edite e Sr. Manoel declaram não ter amigos. Sra. Edite, 65, pontua que gosta de todo mundo, “mas é só camaradagem.” Sr. Manoel lamenta:

“Se é uma coisa que não tenho é amigo. Só camaradagem. Me dou com todo mundo, falo com todo mundo e só. Os mais velhos dizem que ‘antes só do que mal acompanhado’. Porque aqui em Plataforma, amigo é só de copo e de cigarro. Como eu não fumo nem bebo, não tenho amigos. Bem que eu gostaria de ter um amigo, porque às vezes eu tenho vontade de me desabafar.”

Sobre o que fazem as amigas, quando juntas, mencionaram sobretudo conversar, dar risada e passear. Festas familiares e eventos da Igreja, também são citados como pontos de encontro. Mais raramente, saem para “tomar umas cervejinhas” ou participar de serestas.

As amizades de vizinhança às vezes se confundem com as do grupo, que é, afinal, formado por pessoas do bairro, mas ao mesmo tempo parece haver uma sutil intenção de demarcar, limitar as relações no grupo, como se este de qualquer forma guardasse alguma definição de formalidade. Sr. Manoel explicita algo assim:

“Aqui dentro todo mundo é amigo; na rua, falo e pronto, nada mais.”

Também Sra. Bernardina:

“A gente é amiga... Não vou à casa de ninguém, mas todo mundo é meu amigo.”

Já Sra. Cremilda é especialmente reconhecida ao pessoal:

“Eu já conhecia muita gente. Eu vim pra cá meio doida, pois quando meu marido morreu eu fiquei desorientada. Quem me trouxe pela mão foi Julieta (da diretoria da AMPLA) e Lili, e eu só fazia chorar. Foi graças à ajuda e ao apoio do pessoal daqui que eu melhorei, e estou até hoje aqui.”

Outros também valorizam a convivência no grupo e relembram por que chegaram, sempre a convite da coordenadora ou de algum participante já conhecido:

“Estava atrás de me divertir, ter uma alegria a mais. Em me sinto muito feliz quando venho para o grupo.” (Sra. Filomena).

“Foi Sra. Lili que me chamou. Eu vim, gostei e fiquei. Aqui a gente trabalha, conversa, dá risada, se distrai. Às vezes a gente fica em casa somente ouvindo choro de menino, e aqui não tem choro nenhum.” (Sra. Miralva).

“Vim para me distrair e conversar com as colegas.” (Sra. Ma. Rosa).

“Para ter uma distração a mais; é melhor do que ficar em casa. Quando tem um passeio, eu já estou dentro.” (Sra. Hermelinda).

“Cremilda me chamou. Eu vivia muito aborrecida com meu filho. Ele não queria estudar, eu ficava aborrecida e conversava com Cremilda, aí ela me

chamou para eu vir para o grupo. Eu vim e gostei. E é assim, uma vai chamando a outra.” (Sra. Bernardina).

Esta análise expõe as características gerais dos participantes do Grupo de Idosos da AMPLA: Quem eram ou estão sendo, num espaço de mais de três anos, seu cotidiano, suas experiências, projetos, representações. E a sociabilidade na velhice: amigos, o lugar da família, o que buscaram no grupo e o que encontraram. Deixa perceptíveis, então, novos modos de viver, desejos antes não pressentidos de sociabilidade e de alegria e distração, de fuga do cotidiano “quadriculado” (cf. Rubem Braga), ainda mais carregado quando se vive a dificuldade de ser pobre. Bem mais além de realizar tarefas domésticas, ajudar a criar os netos e esquentar os bancos dos jardins, vale conversar solto, dançar e passear. A certeza de estarem vivos.

Esta sociabilidade geracional, os idosos atuais estão buscando e exercitando cada vez mais com alegria e senso de realização, como declaram e se observa.

* * *

Ao final dos primeiros trabalhos de campo, preocupava-me, com já referi, com o fato de ter entrevistado apenas um homem – que era, afinal, o único no Grupo. Incomodava-me a impossibilidade momentânea de comparar vivências e relações de gênero, de observar o que os homens, reunidos, estavam fazendo, estavam falando, contemplando-se, a si próprios e aos da sua geração, na proximidade inevitável da vida no bairro, em sua situação de idade e de gênero. Por isso, fiz uma pausa de cerca de dois meses, antes de iniciar o trabalho com o segundo grupo previsto no projeto, e detive-me a conhecer um pouco o grupo, totalmente informal e somente masculino, daqueles que batizei “os idosos da praça”.

Contei, para isso, com a colaboração de um jovem estudante, bolsista do meu projeto, que em seu “passe livre” de homem, sentou-se, longas horas, com eles, nos bancos da praça, a observá-los e entrevistá-los, e diante do qual, exatamente por tratar-se de um homem, falaram livremente.

4 OS IDOSOS DA PRAÇA SÃO BRAZ

Em uma tarde de agosto de 1994, na pequena, porém central, Praça São Braz, em Plataforma, podiam ser vistos, mais uma vez, os idosos que a freqüentam habitualmente, sentados em seus bancos, à sombra das árvores. Propus pensá-los como grupo, grupo de encontros, grupo de pesquisa, mas numa acepção mais cotidiana que sociológica, porque não têm nenhuma organização, nenhum propósito formal antecipado. Todos se conhecem, se dão, conversam, convivem em algum momento, todos os dias, não raro nos dois turnos – mas a própria observação do seu jogo de cena, na praça, já demonstra a informalidade, a intermitência do seu companheirismo e das próprias conversas.

Nesse primeiro dia de contato, registra o diário de campo, havia nove idosos na praça, dispostos em dois grupos de quatro, além de um deles sozinho num banco. São quase todos negros (7), 1 pardo e 1 branco. Conversam e observam o movimento dos passantes.

No momento seguinte, três dos idosos que conversam amigavelmente, sentados, levantam-se e vão sentar em outro banco. O quarto permanece sozinho e será o primeiro entrevistado da série. Esse encontrarem-se, sentarem-se, cada um deter-se um tempo, levantar-se, rearrumar-se em outro banco ou sair, outros passarem, chegarem um instante, ou só cumprimentarem, é a dinâmica habitual dessa “cenografia.”

A praça fica defronte da Igreja e da Associação de Moradores (AMPLA), onde se reúne o primeiro grupo aqui estudado, tendo em redor alguns dos principais estabelecimentos comerciais do bairro. A praça parece representar, realmente, o centro da vida social/comercial desse bairro popular. Dela já fazem parte, à maneira de “móbia” (como, aliás, grupos de idosos gostam de, brincalhonamente, autoreferirem-se), esses homens. São quase todos aposentados, identificam-se todo o tempo, cada um, como tal: Falam constantemente sobre o montante de cada provento, dos outros companheiros sentados em outros bancos, e até dos que passam pela rua, em termos dessas aposentadorias que percebem: “Aquele ali está bem, recebe...” “Fulano ganha mais do que você.”

O tempo passa, eles vão comentando os que também passam. Ninguém escapa. Na vez de uma jovem grávida, um deles comenta, com certo pesar:

“Uma criança levando outra criança.”

Os grupinhos sempre se rearrumando, a cada turno, a cada dia. De vez em quando, dois ou três homens saem, um fica só. Fica sendo o eleito seguinte que aceita ou não, a entrevista. Ou pelo menos uma conversa. Um dia aparece um não-aposentado, embora da mesma faixa etária dos outros. Não se considera idoso, entretanto, e freqüenta a praça porque está em licença do trabalho, que terminará logo. Estava na praça, apressou-se em esclarecer, porque não tinha, *naquele momento*, o que fazer.

Alguns tipos são quietos, mas há os bastante falantes. Um deles é até apelidado “Vereador”... Particularmente interessante é o único branco da turma, o mais “desbocado”, descrito também assim pelo entrevistador (Raimundo, diário de campo):

“João Dias Teles faz o estilo do homem ‘tarado’, que adora falar de sexo, tem um jeito todo despachado, não hesita antes de falar um palavrão e adora uma cachaça. João não se constrange em afirmar que as mulheres não devem ter os mesmos direitos que os homens, que ‘filho hoje é uma merda’ e ser velho ‘é uma p...’: Mas não perde o bom humor e acaba fazendo piadas com a sua própria velhice.”

Mas não se fala apenas em proventos, nessa praça, nem também só no que ocorrer – fala-se em sexo e nas mulheres. Entretanto, a consciência da velhice parece impregnar tudo – possibilidades e disposições, inclusive. Em certo momento passa pelo grupo uma jovem bonita e o Sr. J., depois de acompanhá-la com os olhos, volta-se para o entrevistador e diz:

“Ser velho é isso, só ficar olhando...” (Entretanto, ri).

Hazan (1994:63) expressa, à perfeição, essa dimensão oceânica (como diria Morin) da velhice: “Age becomes an embedded feature of every relationship and situation in which elderly people find themselves.”

A praça é, reconhecem, o lugar onde se faz “higiene mental”. Declaram freqüentá-la para “jogar conversa fora” e “espairecer a cabeça”. A observação demonstrou que a praça é também um lugar de desafios e, muito masculinamente,

de encenação de brigas. Deficientes físicos, bêbados, provocam ou são, sobretudo, provocados. Sobram ameaças e muito riso. Alguns dos companheiros também “armam” para os outros mais susceptíveis ou irritáveis. Como meninos. Meninos grandes, que os homens nunca deixam de brincar de ser (Britto da Motta, 1977).

Por tudo isto, cabe, ainda, o registro do diário de campo: “A vida na praça não é feita de sorrisos e, às vezes, as risadas são obtidas às custas de alguém.” (Raimundo, 1994).

Durante o período de observação – dois meses – terão circulado regularmente pela praça uns 25 a 30 idosos, e em alguns dias, a praça contou com aproximadamente 15 deles reunidos. Cerca de 10 a freqüentam com mais assiduidade – destes, 7 foram entrevistados.

São apenas homens, como se percebe da observação de qualquer praça no Brasil. Durante esse tempo não foi anotada a presença de mulheres de mais idade, em nenhum momento. Só de algumas mulheres jovens. Para mulheres daquela geração, ainda socializadas para a pertinência ao mundo privado, as praças são apenas lugares de passagem – não lhes dizem, diretamente, respeito. Para os homens, ao contrário, a praça é lugar privilegiado de exercício da sociabilidade. Parece mesmo substituir, de certa forma, o local de trabalho e a vida pública, como analisa, com propriedade, Ribeiro Júnior (1994:8).

Os entrevistados são idosos “jovens”, com idades entre 58 e 68 anos. Quase todos negros, de baixa escolaridade (embora mais alta que a das mulheres do grupo da AMPLA). Nenhum analfabeto, porém a maioria com primário a ginásio incompletos (só um com ginásio completo). Católicos, com exceção de um, que não declarou religião. 4 nasceram em Salvador, sendo 3 na própria Plataforma. Quem não é original de Salvador, já reside na cidade há mais de 40 anos, e no bairro, há mais de 20.

Todos são casados há muitos anos, todas as esposas são de “prendas domésticas” e nenhuma marca presença na fala deles. Com exceção do único que não teve filhos, que mora só com a esposa, todos os outros tem, além desta, filhos e netos em casa. Sobre a família, comentam, reservada e laconicamente, que a relação é “boa”, “regular”, ou “normal”. Poucos particularizam:

“Às vezes me aborrece, o pessoal sem fazer nada lá em casa.” (Refere-se aos sete filhos e dois netos).

“Com filho sempre tem aquele “reme-reme”, mas não tenho nada contra ele, nem ele contra mim.”

Comentar as atuais relações de gênero e de família sem remetê-las diretamente ao âmbito pessoal é bem mais fácil. Falam muito mais. Estão preocupados com a clara mudança que está se processando nessas relações e reagem, crítica e preocupadamente, ante a possível perda do poder doméstico masculino. Entretanto, na tentativa de, afinal, mostrar-se “atual”, o Sr. Oscar, 58, acaba “trocando as bolas”, quando afirma que os direitos de homens e mulheres “têm que ser os mesmos”, mas em seguida comenta que “no meu tempo era tudo igual, hoje é que é diferente”.

Dois outros comentam que os direitos podem ser iguais – mas o primeiro fala entre risadas (Sr. Ailton, 65) e o outro, em tom de conformidade fatalista – o que retira, de ambos, qualquer caráter de convicção na afirmativa.

Houve quem dissesse que “tem mulher que não merece ter direito nenhum; outras merecem”, e quem comentasse, incomodado, que a mulher, hoje, “tá tendo mais direitos” e “tá aí, fazendo o que quer do homem, zombando.” (Sr. Antonio José, 61).

Dois, afinal, afirmaram claramente que deve haver desigualdade de direitos entre homens e mulheres em dois aspectos diferentes:

“Se o homem acha mulher na rua, a mulher vai poder arranjar homem também!?” (Sr. João, 60).

“O homem deve ter mais direitos, o dele resolver as coisas. Agora o homem perdeu aquele controle dele, a mulher grita também! Por isso tá saindo casamento com separação de bens, porque a mulher não pode gritar!” (Sr. José, 58).

Comparando-se a situação conjugal desses idosos com a das mulheres do grupo da AMPLA, pode-se, mais uma vez, verificar a maior longevidade feminina. Os idosos da praça têm, até, uma peculiaridade incomum, vários têm esposas mais velhas que eles – há esposas de 69 e 70 anos – no entanto, a maioria das idosas da AMPLA na mesma faixa etária que eles, é de viúvas. Realmente, a viuvez é traço marcante da velhice feminina, mas não da masculina.

Outro ponto das relações de família que o conhecimento dos idosos da praça vem reforçar – e semelhantemente ao que já havia sido encontrado entre os da

AMPLA é que eles não só não se constituem em dependentes da família, das gerações mais novas – como é tão comum pensar-se e escrever-se, principalmente em relação às mulheres – como são todos, com a evidente exceção do que não teve filhos, mantenedores de filhos e até de netos. Declaram-se, naturalmente, chefes de família. Confirmam um padrão de arranjos domiciliares que sempre existiu, com pouco registro, e parece intensificar-se agora, nas classes populares com o crescimento do desemprego.

Ocupação e lazer

Uma característica comum aos idosos da praça é, como já foi referido, serem aposentados. Sabe-se isso também dos não entrevistados, comentados pelos companheiros. Dos entrevistados, somente dois não são aposentados: um que ficou desempregado há dois anos e vive da indenização recebida e o único, já referido, que permanece no mercado de trabalho está licenciado, que é eletricitista. O desempregado era vigia e os aposentados foram: 2 funcionários públicos, 1 operador da PETROBRAS, 1 da rede ferroviária e 1 empregado na construção civil. Todos, pelo menos momentaneamente, igualados na situação de ócio e lazer, falam no uso que fazem do seu tempo. São, a princípio, lacônicos:

“Fazendo nada.” “Passei os anos trabalhando, depois parei. Não faço nada.”
“Andar, não ficar em casa, para não pensar mais.”

Sempre o mesmo diapasão desanimado. Depois, vão tentando arrolar as atividades do dia:

“Apenas em casa. Saio a negócio, banco, repartição, para resolver uma questão com meu advogado sobre meu último trabalho. O resto do tempo fico por aqui (na praça).” (Sr. Antônio, 68).

“Amanhece o dia, me levanto, fico por aqui, volto lá (em casa). Vou bater uma biritinha, bater papo, ir na maré catar um marisco.” (Sr. Carlos, 61).

“Em casa, saio na rua para me distrair; não saio à noite...” (Sr. Antônio José, 61).

“Estava deitado, depois me levantei, fui ao bar, fico sentado aqui. Até completar o dia; até chegar a noite.” (Sr. João, 60).

“Em casa, descansando nas horas vagas. Eu bebia muito, eu fumava muito, parei, tava sempre por aqui (na praça).” (Sr. José, 58).

O mesmo José, em outro momento especifica o que faz:

“Criar animais, plantar, colher, passear (rindo), transar (rindo mais), pescar.”

É interrompido pelo brincalhão João:

“Transar, não pode dizer, senão vai sair na reportagem” (entrevista).

E o que seria, realmente, para eles, divertir-se? Respondem:

“Aqui na pracinha, dia de sábado, dia de semana. Vou a festas até hoje, não deixei d.e ir. Tocava bateria, deixei. Hoje vou à festa só para brincar.” (Sr. Antonio, 68).

“Gosto de jogar dominó, gosto de ouvir umas músicas, gosto de banho de praia.” (Sr. Carlos, 61).

“O lazer é esse aqui (ficar na praça). Não tenho dinheiro.” (Sr. Oscar, 58)

“Futebol (assistir), televisão, gosto de assistir.” (Sr. Ailton, 65).

“Aqui (na praça), de dia; de noite, em casa, assistindo novela.” (Sr. João, 60).

“Ir na rua fazer um namorozinho... (João interrompe de novo: “uma transa!”) Continua: “Se a ‘federal’ (esposa) souber, fica tiririca.” (Sr. José, 58).

Só o que ainda trabalha parece ir mais longe:

“Ir à praia, jogar bola, assistir TV à noite, sexta e sábado até 1 hora (da madrugada), vou ao cinema, uma vez na semana dou um passeio pela rua Chile, shopping Barra, Campo Grande.” (Sr. Oscar, 58).

Curiosa, a diferença de atitudes, aqui, ou de âmbito de atividades, entre o único empregado e os aposentados. As idades são próximas, que peias tolfem os aposentados?

Representações

Semelhanfemente ao que expressaram as idosas do grupo da AMPLA, juventude e velhice seriam pólos opostos, condições descontínuas. Entretanto, diferentemente do que aquele grupo (quase só) de mulheres expressou, os homens da praça nem tão velhos assim, só viram perdas na velhice. Pior, deixavam muito

claro, quando estavam falando da velhice em geral que falavam sobretudo de si próprios. E com desânimo ou – em maioria – humor amargo! A não ser por uma única positividade referida aos velhos. “É pessoa de muito entendimento”, todas as outras definições foram negativas, mesmo quando temperadas com risos, e onde a maior perda parece ser a da potência ou do ânimo para o sexo. A prática unanimidade:

Enquanto para o Sr. Antônio, 68, ser jovem é:

“...Ter vigor, ter preparo espiritual para tudo, do sexo ao trabalho, ter disposição, brincar bastante, alegria, esporte...”

Ser velho é um melancólico contrário:

“Começa pelo sexo, começa pelo trabalho, pelo ganha-pão, pelas festas, esporte. Você gosta, mas não dá mais.”

“...Não tem mais aquela coisa de quando tá moderno, aquela disposição.” (Ailton, 65).

O sobrinho dele, sentado ao lado acrescenta:

“Não furunfa mais.” (todos riem).

O Sr. Antônio José, 61 anos, que foi uma vez assaltado por jovens, no bairro, e trás muito o fato em suas conversas, reflete:

“A velhice tem que chegar. A pessoa de muito entendimento... Eu mesmo tô numa situação bárbara, menino não tem mais fé em mim, se facilitar tomam o que é meu.”

“Péssimo, é uma porra!” (risos) Imita mulheres, afina a voz: “Ah, velho, vai embora!” “Me respeita, velho.” (Sr. João, 60).

Por outro lado: “Jovem é bom, queria voltar. Solteiro, faz o que quer, sai a hora que quer, chega a hora que quer, não tem que dar satisfação a ninguém. Mas tem que saber aproveitar. E os jovens de hoje não sabem aproveitar, só querem saber de maconha.”

“Quem já tá ‘encostado’. Maneirar até esperar o tempo que Deus chamar. Não tem certas alegrias.” (Risos. Referências a sexo); (Sr. José, 58).

A entrega final:

“Eu é que tô velho, num tô resolvendo nada, só comendo e dormindo.” (Sr. Carlos, 61).

Só Sr. Oscar, 58, o único entrevistado que ainda trabalha, não se considera velho. E sua idade é aproximada à da maioria dos outros entrevistados, como já assinalei. Refere-se a velho de forma distanciada, como “...pessoa cansada, que não tem condições de trabalhar”. Com o que deixa claro, em princípio, porque não se identifica como idoso.

E curioso: A “inatividade” decretada pelo fechamento do mercado de trabalho e pelas limitações postas pelas legislações trabalhista e previdenciária, contamina os outros campos possíveis de atividade – sexo, esportes, lazer festivo, atividades públicas de caráter político!? Ou essa parada do trabalho, sempre uma brusquidão, deflagra a introjeção dos preconceitos sociais ainda vigentes contra os velhos?! As mulheres estariam mais protegidas, por duas tendências sociais contraditórias, mas que terminam por confluir, agora, para, pelo menos momentaneamente, beneficiá-las. Em primeiro lugar, pelas obrigações domésticas. Essa anteriormente relativa negatividade de obrigação – com o trabalho doméstico considerado como papel social e não como trabalho (Galvez, Todaro, 1983; Britto da Motta, 1992), continua como uma possibilidade de ocupação do tempo na velhice, e até resultando em um novo valor de autonomia e afirmação pessoal. Por outro lado, vivenciando as mudanças sociais ensejadas pela penetração/aceitação no cotidiano de elementos das revoluções libertárias eclodidas nos anos sessenta, principalmente a feminista, com a ampliação da aceitação e possibilidades de mais tranqüilidade na circulação social das mulheres, numa química social muito complexa, combina-se com o estado freqüente de viuvez das mulheres idosas e lhes propicia um inédito, e às vezes inebriante sentimento, geracional e de gênero, de liberdade. Que todo o tempo proclamam. E que venho, em várias ocasiões, assinalando e analisando (1996a).

Os homens ainda não fizeram a revolução “masculinista”. Donos do poder político e, mais generalizadamente, do poder familiar/patriarcal, tornaram-se, por outro lado, escravizados pelas obrigações concernentes ao desempenho desse poder e dos seus direitos. Livres de obrigações domésticas, o que significa, realmente, a dispensa de uma pesada carga de atribuições na juventude e na maturidade, por seu turno não usufruem da possibilidade de exercer atividades

cotidianas desse tipo na aposentadoria e velhice, seja como distração e preenchimento do tempo vago, seja até como possibilidade de exercício de criatividade e de autonomia. Paralelamente à “obrigação”, tradicionalmente masculina, de “pronta potência” a qualquer instante, não é de se admirar o encontro de desânimo, pessimismo e humor amargo dos homens na velhice, como tão claramente encontrados nesse grupo estudado, quando essa prontidão já não é tão possível.

Comparando os velhos de hoje e os de “antigamente”, apenas dois não vêem diferença, um deles declarando:

“Do jeito que meu pai me criou, eu tô acompanhando.” (Sr. Antonio José, 61).

Os outros registram diferenças quanto a serem mais abertos, mais “modernos” na criação dos filhos – o que nem sempre é posto como positividade – e mais fracos em relação às mulheres.

“O filho de hoje em dia tá mudado.” (Sr. Oscar, 58).

“O idoso de antigamente era forte. As mulheres não diziam ‘Sai, velho!’, porque o velho era forte.” (Sr. João, 60).

Reafirmam uma superioridade do homem e a crítica ao atual “avanço” das mulheres, quando comparam formas de velhice segundo o gênero. Embora alguns prefiram não opinar, outros vão à carga:

“...a mulher é uma parte fraca. A minha esposa tá com 69 anos, é uma mulher que não tem condições pra nada.” (Sr. Antônio José, 61).

“A mulher quando acabou, acabou.” (Sexualmente) “O homem é sempre homem.” (Sr. João, 60).

(Curioso, o contrário exato do que as mulheres costumam dizer, justamente por não lhes requerer, a natureza, o atributo especial da potência).

Continua o Sr. Antonio, 68:

“O homem na velhice... se encolhe muito. A mulher quer se espalhar, mas não pode. A mulher não se acha velha, fica falando ‘pros’ outros que os maridos não dão pra nada, não bota nada em casa. A mulher daquele ali (aponta para um senhor próximo) disse que tinha ‘mais de cinco anos que não dorme comigo’.”

Se algum desses homens, em que um até se queixa do controle do casamento, ficasse viúvo, sentir-se-ia mais livre, como ocorre com as mulheres da AMPLA, e com quase todas as outras que já entrevistei?

Certamente, não. Por mais “conta” que tivesse dado à esposa, quando casado, sabe-se que essa “satisfação”, para os homens, sempre foi muito relativa e, às vezes, fantasiosa... Por outro lado, sua servidão tradicional teria sido ao trabalho – e sua vida tendo sido construída em relação a ele, estaria, como ocorre a muitos, entre o alívio e a falta. E, em casa, sem qualquer hábito ou formação para o trabalho doméstico, como sempre foi o caso da maioria dos homens, estaria, até, “perdido” entre as tarefas cotidianas. Certamente por essa circunstância, viúvos rapidamente voltam a casar-se ou procuram o apoio logístico doméstico das filhas ou noras.

Comparando velhos pobres e ricos, tornam-se loquazes, falam com alguma paixão. Chegam a avaliações de certo modo ilusórias, como ocorreu com os idosos da AMPLA, de que a riqueza como que obstaculiza a chegada da velhice, mas terminam, mais uma vez, por colocar-se em sua mais dura realidade. Somente Sr. Ailton diz que “velhice é tudo uma só.” Os outros especificam diferenças:

“A velhice do rico é com conforto, harmonia, com paz, pode mandar fazer o serviço. O pobre, tá velho mas quer fazer tudo, tem aquele dinheirinho, mas quer fazer, tem disposição. Como jovem, o rico mandava fazer; como velho, manda também.” (Sr. Antonio, 68).

“Oxente! E muita diferença, aí tá tudo muito na cara.” [Vários falam, quase ao mesmo tempo]: “O pobre envelhece mais rápido, por causa da preocupação com os filhos.” “O rico não se preocupa com nada.” “Pobre, negro e índio não tem valor nesta terra.”

“O rico... tem condições de combater as fraquezas: eu não tenho condições de combater minhas fraquezas, comprar leite, fazer um biscoito... Sessenta e quatro reais não dá pra nada. Tô precisando de alimento, mas o dinheiro não dá. Insisti em vender um picolé, abandonei, porque não dá...” (Sr. Antônio José, 61).

“O rico tem dinheiro, o pobre não tem. O rico, com dinheiro, se torna moderno, o pobre, sem dinheiro, fica mais velho ainda.” (Sr. João, 60).

Confrontados diretamente com a questão de como vem sentindo “a idade chegando”, continuam apontando só perdas, mas também expressando algumas ilusões.

“[Sinto] pela data que eu nasci. Vai enfraquecendo, vai ficando cansado, a gente sente no corpo.” (Sr. Carlos, 61).

“A velhice e a morte é a coisa mais certa que tem. Pra mim chegou os dois juntos, velhice e fraqueza. Eu tô sofrendo do pulmão...”(Sr. Antonio José, 61).

“Sexo, você vê logo a diferença do moderno para o velho.” (Sr. João, 60).

Sr. Oscar, 58, o que ainda trabalha, mais uma vez expressa diferente:

“Por enquanto tô normal, ainda tô do mesmo jeito, tenho disposição para trabalhar, não tô cansado.”

Sr. Antônio, 68, esquece depoimentos anteriores e procura afirmar-se:

“Eu jogava futebol, ainda jogo. Senti pela idade, pela feição, mas no preparo físico, pra passear, jogar bola, eu continuo fazendo. Pra trabalhar a pessoa desce um pouquinho de produção, mas ainda trabalho o dia todo. Sexualmente, diminui um pouquinho, diminui 40%, dá para três vezes na semana; quando tá jovem ele quer todo dia.”

Os projetos que tiveram quando jovens, são parecidos – emprego, casa, poder criar os filhos ou melhorar a vida deles. A maioria parece ter dúvida de que realmente tenha conseguido realizá-las. Todos tiveram empregos, casaram, tiveram filhos, que até ainda têm, em grande parte, com eles – só um deles não teve filhos – e mora em sua própria casa... Qual será a dúvida? A proclamada “vida apertada”? Talvez o depoimento de Sr. Oscar elucide um pouco isso: “Consegui minha casa, trabalhei na Cerwal, ganhei muito bem, muita coisa eu fiz. O dinheiro que eu ganhava dava para tudo, hoje não dá.”

Em relação a projetos de futuro (indagados sempre em termos de imediato), impressiona o processo de conformismo a que chegaram. O desejo para o futuro é, na verdade, esticar o presente – não há como ousar: viver mais um pouco, conservar o que tem. Sr. José, 58, chega a enunciar:

“Eu não quero mais futuro, o que eu tenho tá tudo bem, não posso pedir mais nada.” Guarda, entretanto, uma esperança: “Ainda jogo na lotó.”

Em relação à maneira como são tratados socialmente, quase todos ressentem-se dela:

“O idoso vai perdendo prestígio.” (Sr. João).

“Assalariado todo tempo, não vou reclamar, tenho que me conformar, mas não tá dando.” (Sr. Antonio José).

“Eu pago sindicato da PETROBRAS, SOTAP, mas não me dão aquele valor.” (Sr. Carlos).

“O médico, nós temos que ir ao INAMPS. É assim que vive o idoso. Não há diferença do atendimento meu para o de outra pessoa que nunca trabalhou.” (Sr. Antonio).

“O Governo só dá assistência a quem tem dinheiro, o pobre fica na fila até de noite.” (Sr. João).

Por fim, pretendi saber se conheciam a Associação de Moradores e o seu grupo de idosos, e se teriam tido algum interesse em participar dele. Na verdade, tinham escasso e fragmentário conhecimento do trabalho da Associação, que identificavam ora como o lugar onde compravam pão (produção de um dos grupos de jovens), ora como o lugar da creche (o trabalho, talvez, mais conhecido no bairro), ou pela luta pela posse dos terrenos que pertenceram à família Catharino, proprietária da antiga fábrica. Conhecimento sobre o próprio grupo de idosos da Associação, realmente, não tinham, e nenhum havia recebido convite, em qualquer tempo, para participar dele.

Ora, conhecendo a proposta de atividades do grupo nos últimos anos, voltada predominantemente para tarefas de costura e outras formas de artesanato direcionadas aos usos e interesses femininos, realmente teria sido difícil esse outro encontro...

5 A ASSOCIAÇÃO “IDOSOS UNIDOS VENCEREMOS”

O grupo – como é mais referido – “Idosos Unidos Venceremos”, no bairro de Castelo Branco, na periferia de Salvador, tem características constitutivas e organizacionais pelo menos originalmente diferentes daquelas do Grupo de Idosos da AMPLA, que formou-se “naturalmente” a partir de atividades com uma forte orientação para o coletivo, de uma associação de moradores. No caso de Castelo Branco, a questão do bairro não aparece como central. O grupo foi convocado individualizadamente, por uma pessoa muito ativa que, uma vez aposentada, queria dar um sentido à sua vida. Sra. Elza Lopes, vigorosa senhora de 76 anos quando da entrevista inicial, em 1994, conta, com abundância de detalhes, a história da constituição do grupo. Como entrou em contato com a LBA, em 1978, para obter uns óculos, gostou dos trabalhos lá desenvolvidos, foi apreciada (“Mostrei os meus braços”), e começou a organizar um grupo em cooperação, disse, com aquela instituição, ao mesmo tempo em que procurava recrutar pessoas também na vizinhança:

“Fui pelas casas, fui ao Conselho de Moradores, chamando as idosas.” (repare-se o feminino) “A LBA tomou o grupo e foi maravilhoso, muito passeio, muita festa. A LBA fornecia tudo: mantimentos, material para fazer atividades [...] Aprendemos muitas coisas através da LBA.: prendas de agulha, artesanato, crochê. Homem só fazia lazer, jogo. Eles não tinham interesse, não é? A LBA nos entregou ao PAI, do Governo. Depois fomos para o Centro Urbano.”

Detalha passagens por instituições, insatisfações, até um momento que descreve:

“Me aborreci. Saí, fundei outro grupo e todo mundo me acompanhou. Eu disse: Se vocês são minhas amigas e companheiras, vamos formar outro grupo! E nós formamos este grupo que a senhora está vendo aí, com mais de 100 idosas.”

(Novamente o feminino. O conceito sobre a participação dos homens já exposto acima...) Continua:

“Eu fazendo o que posso... As companheiras são boas – mas também eu faço tudo para agradar. Até passeio para outro Estado já fiz. O grupo chamava-se

'Alegria de Viver'. Quando mudamos para cá, mudamos para 'Unidos Venceremos'." [O nome do clube social onde fazem reuniões].

A personalidade "forte" de Sra. Elza revela-se de imediato: Eu a entrevistava na própria sala de reuniões da Associação. Ao meu lado, um estudante, bolsista do projeto, que me acompanhava. Chega uma senhora que fala, brevemente, com ele. Sra. Elza atalha: que não interrompa, que ele está trabalhando. A senhora murmura para ele: "Essa mulher toma conta de todo mundo!" As reações aos "comandos" da líder, iria observar, são geralmente assim, em surdina.

Ela continua narrando a trajetória do grupo. Com muitos anos de existência, "legalizado a 14 de outubro de 1993. Cadastrei o grupo, que se transformou em associação, com uma diretoria normal."

Enumera os membros da Diretoria (que seriam quase todos entrevistados). Ela é a presidente (continua, até hoje...), e apresenta assim o vice-presidente, que poucos meses depois se desligaria do cargo e do grupo:

"É um 'pamonha', que não faz nada. Tudo quem faz sou eu. Ele mente, sai, diz que vai fazer as coisas da Associação e não faz nada. Aliás, aqui ninguém faz nada. Fiz os estatutos – procuro pessoas formadas, que me ensinam – e depois faço tudo. Aqui quem faz tudo sou eu."

Frase que gosta de repetir, e é reencontrada em entrevista ao jornalzinho do bairro, mas que é parcialmente contraditada pela atuação, observada, do secretário e tesoureiro da associação. Sr. Hildiberto, 53 anos quando da primeira entrevista, antigo sindicalista, membro conselheiro do Clube Social em cuja sede o grupo se reúne. Contudo, Sra. Elza é, realmente, a "alma" do grupo – superoperosa, idealizadora e condutora de todos os rituais cotidianos, formais e lúdicos, do grupo, como reuniões, encontros, festividades, teatralizações, etc.

Ela detalha, também, as informações sobre essas atividades:

"As representações que faço aí são todas da minha imaginação. Desde menina sempre gostei dessas coisas [...] Além disso, leio muito romances de Jorge Amado. A Festa da Vovó, mesmo, foi da minha imaginação e de um livro de Jorge Amado, um sobre escravidão. Todo ano fazemos essa festa."

As festas, numerosas, organizadas pelo grupo, têm um forte toque "pedagógico" de sentido religioso, mas também de afirmação de valores tradicionais da cultura negra, relativos principalmente à reverência devida aos pretos velhos e à

sua experiência. A diretora/"cenógrafa" é sempre Sra. Elza. Ela constitui pujante representação da "mulher forte" baiana/brasileira, já destacada por Ruth Landes (1947) em relação às grandes mães do candomblé, mas também entre mulheres brancas de famílias tradicionais da classe média baiana. Figura reencontrada em lideranças dos movimentos de bairro em Salvador (Britto da Motta, 1991), agora também dirigindo/liderando, com autoritarismo protetor, grupos de idosos. Exemplo privilegiado disso, a Unidos Venceremos transformou-se, há alguns anos, em associação formal, mas continua sendo conhecida, na cidade, como "o grupo de Sra. Elza".

Reúnem-se, como referido, na sede do Clube Social Unidos Venceremos, duas tardes por semana, terças e quintas, mas também em todos os momentos necessários para a organização e realização de festas e comemorações. A sede do clube está construída em dois planos, em cada um deles havendo uma sala grande – o grupo reúne-se na mais alta e maior. Há mesas e cadeiras de plástico, como as de bar ou varanda, mas também de madeira, que são invariavelmente rearrumadas antes de cada reunião do grupo, para comporem o cenário definido por Sra. Elza como o adequado para esse encontro. Uma mesa, em destaque, para ela, presidente, e outra, mais para o canto e à esquerda, para o secretário, que conserva a lista de presença que todos assinam, inclusive os visitantes. As cadeiras, em geral dispostas em círculo. Bandeirolas, cartazes, algo semelhante a uma sala de aula do primeiro grau.

Quando fui, primeiro, entrevistá-la, já nos conhecíamos de seminário organizado pela Prefeitura e não cumpri formalidade alguma em relação ao grupo, mas quando os estudantes da equipe foram pela primeira vez, cumpriram um ritual de apresentação e "benção" de que já havíamos tido notícia em relação a outros visitantes. Carla, uma das três bolsistas do projeto (a quarta não foi aceita por Sra. Elza, que achou-a liminarmente "antipática e preconceituosa" e não pôde participar dessa fase do trabalho de campo), sentiu/narrou assim, no Diário de Campo:

"Sra. Elza nos apresentou ao grupo [...] e pediu que falássemos mais sobre o nosso trabalho e o que pretendíamos fazer ali. [...] Logo depois [...] explicou que elas rezavam todos os dias e fomos todos rezar juntos. Cantamos e rezamos as orações com elas. Nos colocaram no centro da roda e cantaram: "Derrama, Senhor/ derrama, Senhor/ derrama sobre os visitantes o seu amor." "Foi muito bonito e interessante. Foi como um ritual de boas vindas." (22-09-94).

* * *

Todos em seus lugares, o ritual das orações, variadas, abundantes, comandadas por Sra. Elza, ocupa pelo menos a primeira meia hora de cada reunião. Em seguida, informes, algum anúncio de organização de atividades próximas e divisão das tarefas. Em princípio estão definidos um dia para atividades de aprendizado e confecção de peças de artesanato (crochê, flores, sacolas) e um dia para atividades lúdicas. Na prática essa divisão quase não se dá, pois estão sempre mobilizados por Sra. Elza para organizar, coletivamente, alguma coisa. Desde “tirar” uma comissão para ir “à cidade” convidar um padre para celebrar uma missa – por exemplo, pelo aniversário dela – como para ir visitar comerciantes e bancos para obter doações para a organização de eventos, ou, ainda, passar longas horas e muitos dias ensaiando papéis e cantos para apresentações em comemorações e festas especiais, tanto em âmbito do grupo no bairro, como em eventos inter-grupos.

Há muitas festas e encontros, várias vezes por ano, organizados também por programas da Prefeitura Municipal, do SESC e do Governo do Estado. Os associados empenham-se em todos esses preparativos e dão pouca atenção a aprendizados e artesanias. Sra. Elza insiste:

“As professoras são amigas minhas, da LBA, vêm como instrutoras, e quem vai aprendendo vai ensinando às outras. Os homens, só jogam.”

Mas uma das professoras confirma que ninguém se interessa muito em fazer trabalhos manuais e “só querem saber de festas”.

Note-se que as atividades “pedagógicas” e produtivas são, também neste grupo, como na maioria dos outros que venho encontrando, voltadas para os prováveis interesses e habilidades femininos.

São muito poucos, os homens. Apenas 6, para 79 mulheres, informa o secretário da Associação. Sobre essa desproporção na participação por sexo, ele arrisca: “O homem não se acha velho. Não quer ser velho, não.” Interpretação muito encontrada entre as mulheres, a exemplo da própria Sra. Elza, que na primeira entrevista, comentou:

“Os homens, tudo velho, aí, não querem assumir, não querem ser velhos. Aí fora, a senhora vê, ficam sentados, jogando. Digo: ‘Olhe os meninos!’ Chamo de meninos porque não querem ser velhos.”

Em outro momento, informa: “Os homens freqüentam, também. São uns velhos ‘saídos’, que vêm atrás das idosas. Namoram. Já fiz casamento...”

A POPULAÇÃO ESTUDADA

As questões postas são, evidentemente, as mesmas para cada grupo estudado (Ver capítulo sobre a AMPLA), não apenas porque são de fundo teórico básico comum, mas porque ensejam a comparação entre grupos. Novamente, parti de um amplo levantamento fundamental, realizado em 1994/95 – como no caso de Plataforma –, conservando o contato com o grupo e voltando para uma checagem final e ampliação de certos dados, em 1996/97.

Na primeira fase da pesquisa foram entrevistadas as 21 pessoas que se dispuseram a participar, 18 mulheres e 3 homens – a média da freqüência habitual à associação e a maioria dos seus membros mais ativos. Na fase final, foram ouvidas, novamente, doze dessas mesmas pessoas, inclusive os três homens. Algumas das entrevistadas na primeira fase já não se encontravam no grupo, como a mais velha de todos, e das mais animadas, Sra. Esther (91 anos na primeira entrevista), que havia saído depois de um aborrecimento com Sra. Elza, contaram. Uma outra havia falecido.

Os entrevistados apresentaram as seguintes características, nessa primeira fase de observação e entrevistas:

Idades ligeiramente mais baixas que as do pessoal da AMPLA – maioria (13) entre 60 e 69 anos, – embora as idades extremas sejam semelhantes entre os dois grupos: 51 anos, de um lado, 91, do outro. Os homens, nesses grupos, nunca estão entre os mais velhos: 53, 67 e 68 anos têm os três entrevistados. O perfil racial é novamente comum às classes populares na Bahia: 8 pretos, 9 pardos, 4 brancos. O nível de instrução, também, embora um pouco mais elevado que o encontrado na AMPLA: não há nenhum analfabeto e 3 (duas mulheres e 1 homem) têm segundo grau completo. Esse homem é o secretário da Associação. A presidente declarou “ginásial incompleto”.

São 20 católicos e 1 protestante. Como se arranjará esta, em um grupo que reza todo dia...?

8 são de Salvador, 10 de outros municípios do Estado (5 oriundos da zona rural), 3 mulheres vêm de outros Estados próximos; Sergipe e Alagoas.

O bairro não é elemento de definição central, absoluta, na vida da associação, sabemos. Inclusive, vários dos seus membros são de outros bairros da cidade. Os que moram em Castelo Branco, entretanto, lá estão, em maioria, há mais de 10 anos. Sra. Elza declara-se “fundadora” do bairro, “a terceira pessoa que veio morar aqui. Era uma mata, há 25 anos, habitada pelos presos da colônia.” No bairro arregimentou a maioria do seus (ou suas...) dinâmicos e alegres comandados, mas suas campanhas e comemorações são “universais”: aniversários individuais e da Associação, Carnaval, São João, Natal, festa da Vovó, caruru de São Cosme.

No estado conjugal dos associados, certos padrões comuns ao de mais idade estão presentes, significando, também, – novamente – características de gênero: muitas viúvas; os homens quase todos casados; separados, sempre são mulheres. Em números: 10 casados, inclusive 2 dos homens; 1 “amigada” há 39 anos; 9 viúvos (também um homem); 1 separada. Entre os casados está um par que frequenta ativamente a associação – ele, inclusive, é da diretoria (questão de gênero, sempre) como quase todos os poucos homens que participam do grupo.

Situando-se nas relações de família, uma parte expressiva dessas mulheres, nove, declararam-se chefes de família, sendo 5 viúvas, que têm filhos e/ou netos em casa, a separada, que mora com a irmã, mas tem 4 filhos, e, inesperadamente, duas das casadas e, 1 viúva que mora só e se declara também como “Tudo”. Entre as casadas, encontram-se algumas respostas tradicionais, até enfáticas, às vezes, como “O marido é o chefe. Tenho meu marido, graças a Deus”. Ou “Sou esposa e dona de casa. O chefe da família é meu marido.” Mas também um tipo de resposta que antes não era usual e talvez se dê, em grande parte, pela modernização das mentalidades, como pela segurança que o amadurecimento propicia. Por exemplo: “Os dois de maneira igual, mas antigamente não era assim. Ele era muito ‘ignorante’.” (Sra. Valdete, 65, casada há 46 anos). As duas casadas que se situam na chefia da família têm maridos ligeiramente mais moços que elas e se autodenominam “chefas”. Diz Sra. Flora, 63, casada há 44 anos: “Sou a chefe. Quem manda e desmanda em tudo sou eu.” Quanto ao casal que participa da associação, o homem referiu a sua posição na família como “Marido e chefe da

família” e a esposa: “Nós dois somos iguais. Meu marido é meu irmão, meu pai, não tem distinção.”

A situação de domicílio e dependência apresenta-se, como no caso da AMPLA, também ilustrativa de uma situação (semelhante) de classe. Algumas das mulheres mais velhas são viúvas e moram sós, mas boa parte delas, como também das casadas, abriga filhos e netos em casa. Apenas três mulheres, nessa fase, moram sós: Sra. Esther (91 anos), Sra. Joana (80) e Sra. Elza (76). Um dos homens, Sr. Olímpio, 68, constitui uma dupla exceção: é viúvo e mora só. Em 1997, esse quadro será um pouco diferente: só Sra. Elza estará sozinha (Não se tem notícia de Sra. Joana, e Sra. Esther deixou o grupo). O Sr. Olímpio está agora com 1 filha e 1 neto.

O casal entrevistado não teve filhos, mas criou sobrinhos, que já não estão com eles. Duas das outras mulheres também não tiveram filhos: Sra. Joana, 80, viúva, já referida entre os que moram sós. (“Sou sozinha, eu e Deus”) e Sra. Ma. José, 62 – que afinal se entende bem porque antes referiu: “Tenho meu marido, graças a Deus.”

Quase dois terços (treze) dos entrevistados, têm em casa filhos e/ou netos. A separada tem a irmã. Mais uma vez não encontro a muito referida relação de dependência da parte dos idosos. Essas pessoas que têm filhos e netas em casa referem-se sempre a si próprias ou ao cônjuge – quando este existe – como chefes da família. Não encontrei, também, evidências de filhos ou netos como arrimos financeiros desses velhos, antes pelo contrário. Exatamente como já venho discutindo, sobre outros grupos, na minha pesquisa (por exemplo, 1997). E como também encontro em trabalho realizado com grupos de convivência em bairros populares de João Pessoa (Cabral, 1997:4):

A prática de acolher em suas casas filhos casados ou separados e se considerarem responsáveis pela manutenção dos mesmos é bastante comum [...] na conjuntura atual, onde os índices de desemprego afetam grandes contingentes da população, aparece como alternativa para os jovens adultos o prolongamento da permanência na casa paterna ou mesmo o retorno a ela, face à impossibilidade de organizar uma nova família autonomamente.

A reciprocidade e a solidariedade neste contexto apontam para o lado que se poderia considerar frágil, ou seja, dos mais idosos, que prosseguem cumprindo papéis protetores de pais e avós, dividindo pequenos recursos para assegurar a sobrevivência de seus descendentes, numa relação inversa de cuidados.

Os homens são mais reservados e lacônicos, quanto ao relacionamento com a família. As mulheres expressaram-se mais abundantemente, e, em maioria, referiram boas ou ótimas relações (14 delas). Ao mesmo tempo, existem as afinidades e as diferenças individuais, que ensejam também alguma queixa: uma refere relações “mais ou menos”, porque é maltratada pela filha mais moça (Sra. Elba, 68, viúva. Tem em casa 2 filhas e 1 neta). Outra afirma que o relacionamento “não é muito bom”, devido à falta de atenção do único filho, que mora em outro Estado: “Eu escrevo pra ele; quando ele quer, responde.” (Sra. Elza, 76, “viúva”)

O contingente de homens na Unidos é visivelmente maior que na AMPLA, mas dos 6 que circulavam no grupo enquanto realizávamos as entrevistas, somente 3 eram assíduos e foram ouvidos. Dois outros que eram da diretoria da Associação, inclusive o já “apresentado” vice-presidente, estavam em confronto político com a direção, ou pelo menos com a presidente, em vias de se retirar, o que um deles, Sr. Agenor, logo fez.

Mais uma vez, tem-se que avaliar a baixa representatividade masculina nos grupos “de convivência” e programas “para a terceira idade” não apenas pela razão demográfica (menor número de homens) ou até mesmo pelo ângulo mais dinâmico das relações de gênero, apenas (a atual maior animação e ímpeto gregário das mulheres de mais idade, depois do feminismo). É importante pensar-se, também, por um outro ângulo da situação de gênero, a tradicional, que não enseja aos homens, como faz às mulheres hoje idosas, a atração maior pelo sair de casa – afinal, eles sempre estiveram no espaço público, no trabalho e na rua – e um pouco, também, a uma resistência preconceituosa à participação em grupos “de idosos.” Esta, aliás, a explicação universal de homens e mulheres participantes desses grupos, para a questão – a exemplo do já referido no início deste capítulo (ver, também, Britto da Motta, 1996c).

É importante, entretanto, voltar-se à questão da atração possível para o grupo segundo as atividades dele. Se não se programam atividades que têm a ver também com os conhecidos interesses masculinos por um lúdico centrado em jogos, ou pelo político, ou por alguma atividade que gere renda, de acordo com o segmento social dos candidatos, como atrair e conservar os homens? Ora, na Unidos Venceremos ainda predominam um lúdico/festivo/comemorativo muito mais do interesse tradicional feminino, e uma rala pedagogia (produção artesanal e de palestras) que pouco atrai a qualquer um. A própria sociabilidade geracional, que galvanizava as

mulheres, os homens sempre têm, nas conversas nas praças e nos jogos na rua. Resta o propósito filantrópico de construção de uma Casa do Idoso – mas de que ainda falam muito pouco. Tem-se, então, um grupo predominantemente de mulheres, com atividades que se conjugam sempre no feminino.

Trabalhos e ocupações

A situação ocupacional dos participantes da Unidos Venceremos é típica do seu grupo de idade ou geração – de todos que participaram do mercado formal de trabalho, só 1 mulher, de 63 anos, continua no emprego. Os outros estão aposentados, inclusive os mais jovens. A situação geracional associada à condição de gênero informa a vida dessas pessoas: todos os homens tiveram empregos, mas apenas 50% das mulheres vivenciaram essa mesma possibilidade. Todas sempre foram donas de casa, algumas realizaram também trabalhos informais – o que ainda em boa parte continuam, como lavagem de roupa, costura, confecção de doces para festa, bordados, etc. As que tiveram empregos foram operárias, empregadas domésticas, serventes, ajudantes de enfermagem, pequenas funcionárias. Os homens: 1 gráfico, 1 operário, 1 pequeno funcionário.

Todas as mulheres continuam a realizar tarefas domésticas, com exceção da mais velha, Sra. Esther, que declara, sempre animada: “... Nada além de passear!” Mora só, mas conta com “uma menina, que faz as coisas direitinho”. Seis das mulheres fazem todo o trabalho em casa, inclusive duas das mais velhas, Sra. Joana, de 80 anos e Sra. Elza, 76, que moram sós. As outras referem variadas divisões de tarefas com alguém da família ou, em três casos, com uma empregada ou “uma mocinha”.

Uma das mulheres que sempre foi apenas dona-de-casa (Sra. Elba, 68, viúva), arremata, entre a frustração e o bom humor: “Nunca trabalhei e só cuidei de marido e filhos. Hoje sou moleque de recados e mandados. Vou na rua para resolver coisas para minhas filhas.”

Os homens: Sr. Hildiberto, 53, aposentado por motivo de saúde, secretário da Associação, também participa na organização de atividades no clube social onde esta se reúne. Sr. Aristides, 67, menciona trabalhos domésticos, “masculinos” em casa: “Tenho um quintal plantado, crio umas galinhas, trabalho de pedreiro; só em casa.”

Sr. Olímpio, 68, que mora só, relata algo menos comum:

“Saio muito, faço tratamento, mas faço minhas coisinhas, eu que faço minha alimentação.”

Como vivem

Com uma pobreza talvez um pouco menor que os do grupo da AMPLA, são também, em maioria, mais animados e ativos que aqueles. Sra. Valdete, 65, moradora de Plataforma e participante dos dois grupos, compara: “Às vezes vou à AMPLA, mas gosto mais de Castelo Branco. Lá tenho muitos amigos e minhas colegas são muito legais. Na AMPLA não tem muita graça.”

Sra. Joana, 80, aposentada pelo FUNRURAL, conta um pouco da sua vivência:

“...eu tenho o meu certo todo mês, apesar de tá sendo pouco. O pouco com Deus é muito. Meu dinheiro vive no Banco do Universo. O dinheiro para me alimentar, para ajudar...” “Eu saio segunda, terça, quarta... e domingo, indo para esses lugares [grupos]. Em casa, ligo meu rádio, assisto minha TV para ver novela.”

Outros comentam suas experiências cotidianas:

“Depois da aposentadoria não mudou nada: Continuo lúcida, me governo e faço o que eu quero.” “Venho pr’aquí, vou passear por aí afora e não paro em casa.” (Sra. Esther, 91).

“Lavo roupa, cozinho, corto cabelo, sou costureira...” “Gosto de passear, dançar, ir a serestas, porque adoro festas. Sei tocar órgão, acordeon e estou aprendendo violão. De vez em quando eu toco órgão na Igreja.” (Sra. Noêmia, 65, viúva, chefe de família, com 10 pessoas em casa).

“Pela manhã cuido da casa e de minha netinha. Todas as tardes saio de casa e não paro. Participo de outros grupos, como o da Liberdade, SESC e este aqui. Minha vida só melhorou depois que comecei a participar dos grupos. Agora, com essa carteira de ‘passe livre’, vivo passeando; às vezes pego vários ônibus, para chegar mais rápido.” (Sra. Elba, 63, viúva, com três pessoas da família em casa).

O tom dos homens é sempre diferente – remete ao trabalho formal e às realizações vividas. Como Sr. Hildiberto, 53:

“Quando consigo serviços gráficos eu levo para um gráfica de um amigo meu, melhora o rendimento. Dou muito valor ao lazer, inclusive pratico

esporte, que é futebol de mesa, no qual consegui, em tempos atrás, o título máximo, que é o de campeão brasileiro.”

Como passam o dia

Falando sobre o cotidiano, resumem hábitos, atividades e modos de pensar. Diferenças modeladas pela condição de gênero, em primeiro lugar.

As mulheres têm os afazeres domésticos, e isso consome uma boa parte do seu tempo, sobretudo porque revelam cuidados, ainda, a filhos adultos e, principalmente, a netos, que sempre têm alguns em casa. Essas duas circunstâncias modelam muito do formato do seu dia.

Mas elas também demonstram um gosto – novo? Renovado? – por sair, principalmente para reuniões do grupo – ou melhor, dos grupos, entre os quais várias se dividem.

A única ainda no mercado de trabalho – funcionária pública – tem, naturalmente, muito menos tempo que as outras, e não refere distrações cotidianas:

“Entro no meu trabalho às 6:40 da manhã e começo a organizar as coisas. Durante a tarde faço os trabalhos domésticos.” (Sra. Ma. Júlia, 63).

Para os mais idosos do grupo, se por um lado há a animação de Sra. Esther (91) e o dinamismo de Sra. Elza (76), por outro lado aparecem os contrastes individuais inevitáveis nas idades avançadas. É o caso de Sra. Joana (80) e Sra. Maria Ascensão (81):

Sra. Maria (viúva, “chefa” de família, com 4 filhos e netos em casa), está ficando com a saúde precária (“Agora é vista, é coluna...”) e agora é também cuidada pela família (“Hoje mesmo me levaram para hidroginástica”). Resume seu dia assim:

“Deitando, levantando. Não costuro mais, não bordo. De primeiro eu lavava, passava.” Mas está indo à Associação.

Enquanto Sra. Joana, 80, também viúva, sem filhos, morando só mas objeto de atenção dos irmãos e sobrinhos (“Não posso sentir uma dor de cabeça que eles estão protegendo”), mantém-se muito ativa:

“Eu saio todos os dias. Acordo, faço meu café, tomo meu banho, aí saio, vou pra rua. Depois faço o almoço...”

Sra. Esther, 91, ilustra mais do seu cotidiano declaradamente de passeios e, como vários outros idosos, revela a manutenção dos laços familiares pelos que moram sós (e como, inclusive, acabamos de saber de Sra. Joana):

“Rezo meu terço pela manhã e peço a Deus pelo mundo inteiro. De vez em quando vou almoçar na casa dos filhos, e à tarde venho para cá.”

Também para os integrantes deste grupo, morar sozinho não significa ser solitário ou estar abandonado pela família (Britto da Motta, 1997; Debert, 1992).

Os homens, sem a relativa uniformização de atividades ditada pelo trabalho doméstico e cuidados com os descendentes que têm as mulheres, expõem-se em suas individualidades. São todos moradores do bairro:

“Tem uns certos compromissos diários: dar uma caminhada – e aproveito para comprar pão. Outras horas do dia, existe variação: tenho que ir ao centro da cidade; outro dia tenho que receber dinheiro. Sábado à tarde, treinar o futebol de mesa. Dias normais, jogar dominó.” (Sr. Hildiberto, 53).

“Me alimento, lavo uma bermuda, limpo a casa, lavo o banheiro. Vou a festa, saio, “brinco” sempre que eu quero. Só olho quem quer explorar o meu dinheiro. Já pulei muita cerca.” (Sr. Olímpio, 68, viúvo, mora só).

“Me levanto e vou me assear, olhar os passarinhos, galinhas e dar uma corrida na roça para olhar as bananeiras. Depois vou descansar. Quando eu morava na Boa Viagem (bairro), jogava dominó. Não jogo mais.” (Sr. Aristides, 67).

O grupo

Apesar da situação social semelhante, percebe-se uma certa diferença de atitudes em relação ao grupo, entre os membros da AMPLA e os da Unidos Venceremos. Em ambos, as pessoas chegaram através de convites ou sugestões diretas de amigos, parentes ou da coordenadora principal (Sra. Elza ou Sra. Lili), mas a Unidos não parece ser tanto o “grande encontro”, ou a oportunidade única, como o grupo da AMPLA é para os seus membros. Os da associação de Castelo Branco parecem ter chegado, em boa parte, mais “prontos” como participantes, com

experiência de outros grupos, encontrando este como mais uma possibilidade interessante.

Sra. Valdete, além da já referida comparação entre grupos, favorável à Unidos, também conta como chegou:

“Uma colega de biodança, que conhecia Sra. Elza, me convidou. Eu vim, gostei e fiquei até hoje. Tem quase dois anos.”

Outros depoimentos são muito semelhantes:

“No meu aniversário, no SESC, Sra. Elza me convidou, e eu adorei. Venho sempre.” (Sra. Esther, 91).

“Fui convidada por uma amiga que já participava e já tenho dois anos aqui. Antes, participei sete anos do grupo do SESC e ainda participo.” (Sra. Elba, 68).

Os homens:

“Minha ‘patroa’ me trouxe, há 5 meses.” (Sr. Aristides, 67, marido de Sra. Laura, que participa há mais tempo).

“Sra. Elza me convidou, por ver meus trabalhos aqui no bairro. Na sociedade do bairro, no dominó e no Conselho de Moradores. É uma maneira de dar uma contribuição. Há um ano.” (Sr. Hildiberto).

Ambos são da diretoria da Associação.

Entretanto, mesmo não sendo o único, o grupo tem sido importante para eles, ainda quando paralelamente a outros grupos. O ganho em sociabilidade, pelo menos geracional, o crescer juntos em algumas novas direções, é sempre alcançado. Os depoimentos são abundantes:

“Gosto muito daqui! Me distrai, relaxo e fiz muitas amigas e amigos.” (Sra. Joselita, 51).

“Agora estou me despertando e começando a participar das coisas, sendo até atriz e participando de peças. Me sinto mais animada e sinto prazer em participar das coisas.” (Sra. Noêmia, 65).

“Preenche um vazio. Ficava em casa, o lado solitário. Hoje, converso, dou risada, passeio.” (Sra. Lourdes, 63).

“Tenho mais alegria para viver, satisfação de conversar com as colegas, conhecer pessoas e viajar bastante.” (Sra. Elba, 68).

“Vivo mais alegre e mais feliz. Tenho elas para me distrair. Às vezes chego aqui com um problema, converso, e quando eu volto, volto leve, leve.” (Sra. Flora, 63).

Não está sendo diferente para os homens:

“Tem a satisfação de conversar. O tempo enche mais.” (Sr. Olímpio, 68).

“Devido às atividades, o grupo me proporcionou recuperar alguns anos de vida. Rejuvenescer mais, com os eventos, passeios, comemorações e festas.” (Sr. Hildiberto, 53).

Especificam atividades e funções, individuais e coletivas: participam das reuniões, têm aulas e produção de artesanato (já tiveram mais), já tiveram palestras (no momento não têm), fazem festas, comemorações, peças e iniciam um coral. Sr. Hildiberto é secretário e conselheiro. Sr. Aristides, 67: “Fiscalizo o salão, organizo o pessoal. Sra. Elza Buffone, 78: “Eu faço tudo que queiram me dar. Ela (a presidente) me botou agora como diretora para organizar a merenda.”

Há também muitos passeios e visitas. Sra. Balbina, 61, sintetiza, com ritmo:

“Aqui a gente dança, a gente canta, samba. Já fiz umas flores, aqui; aprendi a fazer tapete, aqui.”

Representações

As representações sobre juventude, velhice, diferenciais de gênero e de classe entre os velhos, e a comparação de situações no tempo expressas pelos membros do grupo Unidos Venceremos não diferem muito – guardadas algumas individualizações – daquelas reveladas pelos do grupo de idosos da AMPLA. Jovem, no caso da Unidos, na sua positividade de imagem é o contrário de velho, referência preconceituosa, sobretudo na aparência – porque apesar da crítica sistemática ao “peso” do nome, que deve ser substituído por “idoso”, a velhice não é apresentada como condição ruim. Ao contrário, nesse grupo quase não aparecem queixas de problemas de saúde, limitações e impossibilidades – e a imagem do velho, ou do idoso, que elaboraram, reflete isso.

A juventude é vista como o começo da vida, fase boa – e alguns somente lamentam não ter podido aproveitar a sua, porque tiveram que trabalhar cedo demais, ou não conseguiram a liberdade para fazer as coisas alegres e despreocupadas típicas da mocidade.

Enaltecem a juventude como o tempo bom para aproveitar a vida – passear, namorar, brincar. Alguns declaram gostar da mocidade, para comentar que os jovens de hoje estão tendo muito mais oportunidades que os do seu tempo, mas – é quase unânime, isto – às vezes não aproveitam porque “exageram” com bebida e droga, rebeldia e desobediência.

Em suma, a juventude é fase potencialmente boa, mas os que a vivem nem sempre a cumprem bem. Um problema da juventude “de hoje em dia”. Consequentemente, juventude seria uma promessa que não se consegue cumprir? Os do passado, porque não puderam aproveitar, e os do presente, por não saberem...

Criticam, sistematicamente, o termo “velho” e, em maioria, não se situam nesse lugar:

“Eu não sou velha, não. Tenho muito amor pela vida. Eu não sou velha, sou idosa.” (Sra. Joana, 80).

“Eu não acho que a gente é velho, não. Velho, pra mim, é uma coisa que joga no lixo.” (Sra. Maria José, 62).

“Ser velho não existe para mim. A idade crescendo, mas não significa nada. Tem que se movimentar, andar. A velhice chega se ficar parado.” (Sra. Francisca, 65).

Propõem a substituição de “velho” por “idoso” e Sra. Lídia, 61, “prova” a eficácia da substituição contando um acontecimento público:

“Na minha igreja teve uma festa para os idosos e o pastor disse: ‘Agora vamos ver uma parte que vai ser feita pelo velhos...’ Ninguém se levantou para cantar. Eu me levantei e disse: ‘Essa apresentação vai ser feita pelos idosos.’ E todo mundo me aplaudiu.”

Sr. Aristides resolve teoricamente a questão:

“Eu não me considero velho. A palavra velho não existe, existe a palavra idoso, idade avançada. Ser idoso é a continuação da ‘idade’.”

Criticam a palavra em seu sentido depreciativo, mas reconhecem a fase, em maioria, como boa – principalmente as mulheres (V. Britto da Motta, 1994a, 1996a) – quando até são possíveis algumas conquistas existenciais; “Não ter muitas preocupações. O que tinha que fazer, já fez.” (Sra. Joselita, 51).

Sra. Elza Buffone, 78, deixa fluir um contínuo de reflexões sobre a velhice:

“É a coisa melhor que tem. Receber a velhice é muito bom, sem frustração nenhuma, sem recalque. Não existe velhice, velho é uma coisa que lasca, tá velho. Tem gente que fica triste... Me trajo como uma senhora, tudo tem sua fase. A menina é uma, a juventude outra e a moça é outra. A sua idade vai lhe dando mais prazer de você viver.”

Sra. Valdete, 65, concorda:

“Uma fase boa da vida. Principalmente se for bem tratada.”

Alguns, entretanto, assinalam o desrespeito com que o velho é tratado na sociedade:

“O velho não tem muitos direitos. É tratado com desprezo por pessoas ignorantes.” (Sra. Elba, 68).

“O velho tem liberdade, mas muitas vezes passa nos lugares e é até gozado: ‘Olha que velha feia!’ Observo muito a diferença de tratamento entre o jovem e o velho. O velho não é respeitado na sociedade.” (Sra. Altina, 65).

Finalmente, muito das representações são também auto-apresentações...

Discute-se também a velhice no tempo. Semelhanças e diferenças, positivities e negatividades da velhice hoje e da velhice de “antigamente.”

Há muita comunidade de idéias, quanto a este ponto, no grupo. 15 dos 21 entrevistados vêem diferenças positivas a favor do idoso atual, algumas que são “da época” e outras ensejadas pelos próprios idosos como segmento social: hoje são mais alegres, têm mais liberdade, saem, divertem-se mais. Sra. Noêmia, 65, sintetiza:

“Hoje é bem diferente. Os velhos de hoje estão mais dispostos, gostam de sair, ir a festas e de participar de tudo que têm direito.”

“Estão se reunindo em grupos, procurando se divertir e saindo para festinhas.” (Acrecenta Sra. Joselita, 51).

A idéia de direitos e oportunidades estruturais de vida também aparece:

“O idoso de agora já procura lutar pelos seus direitos, a participação mais efetiva com a sociedade, ocupa o espaço que acha que tem direito...” (Sr. Hildiberto, 53, também ativo em programas comunitários de bairro).

“Hoje é diferente. Porque os meus pais eram uma coisa ... arriada pelos cantos... Naquele tempo as coisas eram mais atrasadas. Meu pai e minha mãe não tinham aposentadoria.” (Sra. Maria José, 62).

Mulheres enfatizam diferenças também quanto à condição de gênero:

“Antigamente era bem pior. As mulheres usavam aquele vestidão lá embaixo e pano na cabeça...” (Sra. Altina, 65).

“As idosas de antigamente sofriam muito com os maridos ignorantes. Hoje nós temos mais espaço.” (Sra. Elba, 68).

Mas há outras peculiaridades de gênero que são bastante expressivas para a análise do comportamento e imagens diferenciais que homens e mulheres idosos vêm apresentando, e tenho apontado em vários trabalhos (p. ex., 1994a, 1994b, 1995b, 1996c). São mulheres muito satisfeitas com a sua condição atual, de liberdade e dinamismo, e homens ameaçados tanto pela “velhice” como pelos “avanços” das mulheres atuais (relembre-se, aqui, os velhos da praça). No caso da Unidos Venceremos, dois dos homens expressam valores tradicionais da velhice “de ontem” que conservaram:

“A família, o velho mais alimentado. No Interior tem mais fartura.” (Sr. Olímpio, 68).

“Os idosos de antigamente tem mais potência que os idosos de hoje. Eu mesmo, tenho 67 anos e não me troco por um moderno de hoje, pelas coisas que eu faço.” (Sr. Aristides)

Sua esposa diz apenas:

“É diferente, porque os idosos de antigamente não tinham uma certa liberdade; são mais liberais, hoje. Meu marido diz: ‘velho, velho é a estrada, é o tempo’.”

Velhice do homem e velhice da mulher:

Criança permanentemente atenta ao mundo dos adultos, lembro-me de meu espanto ante o comentário de minha avó a alguma referência crítica sobre o médico da família – gordo, rugas, cabelo grisalho rareando, cinqüenta e muitos anos... – “Dr. Eugênio é um homem moço!” Lembro-me, sobretudo, de como a geração dos meus avós, inclusive as mulheres, considerava que estas envelheciam sempre mais rápido que os homens.

Estudando a velhice, uma das primeiras mudanças que me surpreendeu, em relação a posturas do passado, foi exatamente essa espécie de troca de posições de juventude entre homens e mulheres idosos atuais – mais uma vez, feitas pela sua própria geração. Em todos os grupos que tenho estudado venho surpreendendo a referência a que os homens estão envelhecendo mais depressa – e menos bem! – que as mulheres. Como uma mudança de “cabeça” que se espraia pelo corpo. E mais surpreendente, os homens, apesar de eventuais comentários críticos à maneira daquele “a mulher de hoje quer se espalhar, mas não pode”, eles próprios parecem reconhecer um “rejuvenescimento” social da mulher que, pelo menos para homens das camadas médias (ver Britto da Motta, 1996c), tem significado, também, uma melhor adequação à condição de idade.

Os homens da Unidos comparam:

“A mulher aceita mais a velhice do que o homem.” (Sr. Hildiberto, 53).

“Na velhice do homem, é mais complicado: ele tem vontade de sexo, às vezes tem vontade de começar e não consegue terminar.” (Sr. Olímpio, 68).

As mulheres, não raro, neste ponto são, novamente, triunfalistas:

“Os homens velhos em relação ao sexo estão ‘pimba’. Já a mulher, mesmo de bengala, sente prazer e não nega fogo nunca.” (Sra. Noêmia, 65).

“...a mulher idosa se distrai mais, são mais fogosas, o homem fica logo dascachimbado, sem graça.” (Sra. Flora, 63).

Seis deles comentam não ver diferenças, e Sra. Elba, 68, aproveita para lamentar que não haja mais homens no grupo.

Mas a maioria das mulheres parece fazer uma comparação que é parte de um processo, satisfatório, de auto-avaliação da sua condição de idosas: Como Sra. Valdete, 65:

“Tem velha que anda espigadinha, são alegres. Já o homem velho é muito rabugento. Minha vida agora é melhor do que antigamente: hoje sou mais liberta.”

Comparando a velhice em diferentes segmentos sociais, afirma-se, de imediato, também uma nítida postura de classe, da qual não está ausente um sentimento, sutil ou declarado, de revolta:

“O velho rico tem tudo que quer e o pobre às vezes não tem dinheiro nem para comer direito.” (Sra. Altina, 65).

“Tenho raiva do velho rico, porque só quer ver o pobre ser castigado, sofrendo, escravo deles. Eu trato todo mundo bem e ajudo quem eu posso.” (Sra. Esther, 91).

Mas a maioria das declarações apregoa virtudes compensatórias dos mais pobres:

“Os idosos ricos envelhecem mais rápido porque não fazem nada e os idosos pobres, mesmo sem dinheiro, são mais alegres.” (Sra. Lídia, 61).

“Os ricos, desde novos são muito ‘metidos’, já os pobres são mais populares e camaradas.” (Sra. Noêmia, 65).

“A maioria dos ricos tem muito dinheiro, mas não podem aproveitar, pois estão cheios de doenças. Já o pobre vive acostumado, desde moço, com os problemas, e enfrenta as coisas com mais naturalidade.” (Sra. Ma. Júlia, 63).

“O rico quando fica velho já tá acabado e o pobre tá ali duro.” (Sr. Aristides, 67).

Por fim, apenas para uma minoria (4 casos) a postura de classe não se sobrepõe à condição geracional:

“Não tem (diferença). Eu acho que a velhice é semelhante.” (Sra. Ma. de Lourdes, 63).

“Só tem diferença no dinheiro.” (Sra. Ma. Balbina, 61).

“A velhice é toda igual. Se os ricos acham que tem uma diferença, eu acho tudo igual. A velhice é toda uma só.” (Sra. Francisca, 65).

Vivências do envelhecimento

Confrontados diretamente com a idéia de envelhecimento, resistem. A começar pela mais velha do grupo, com 91 anos:

“Nunca pensei nisso, não.”

Boa parte deles responde assim, simplesmente, ainda não pensaram... Ou recorrem a “soluções”:

“Não me dei conta. Nunca fiz festa de aniversário, os anos foram passando e eu nem vi.” (Sr. Aristides, 67).

Alguns “não estão pensando” porque velhice fica muito ligada à idéia de doença ou de inabilitação:

“Não me preocupo com isso. Só vou saber o que é velhice quando estiver em cima de uma cama, sem poder andar.” (Sra. Joselita, 51).

Entretanto, se conseguem ligar a idéia de envelhecimento a algum “sinal” físico ou fisiológico ocorrido e que remeta ao avanço da idade, aí admitem, e podem até lamentar:

“Me dei conta quando as ‘regras’ foram embora. Aí comecei a me preocupar. Não gosto de ser velha. Ah, se pudesse me renovar!” (Sra. Altina, 65).

“...com os cabelos pintando de branco. Também por não poder fazer aquilo que eu fazia quando era jovem, prática do futebol, por exemplo, vitalidade. A visão foi caindo. Eu aceito normalmente.” (Sr. Hildiberto, 53 anos!).

“...se não fosse a pressão... Eu não sinto nada, graças a Deus.” (Sra. Elza, 76). Já Sra. Maria Balbina, 61, sente e avalia:

“Senti que eu tou ficando velha. Não fiquei triste, não. O que acho que é triste é a doença. Com um pouquinho de saúde, assim, tá ótimo.”

Tratando-se tão diretamente da dimensão da “idade”/geração, certas especificidades de gênero afloram menos. Ainda assim, a brincadeira/bravata de Sr. Olímpio, 68 com os estudantes da equipe é tipicamente masculina:

“... de 10 anos pra cá, mas mesmo assim, vocês estão mais velhos do que eu.”

Comentando o tratamento que recebem, como idosos, da sociedade, as críticas foram numerosas. Em geral, como desabafos, sobre sujeitos indeterminados – “gente”, “pessoas grossas” – também passando pelo “Governo”, porque “aos 40 anos não se encontra mais emprego”, mas concentrando-se sobre um segmento profissional de encontro cotidiano: os motoristas de ônibus.

Nestes tempos em que os idosos circulam bastante e, porque em maioria pobres, usando os ônibus – algo que é incentivado pela relativa novidade do passe livre, que tem, inclusive, encantado alguns – seu ritmo mais lento (razões físico-fisiológicas, mas também de “filosofia” de vida, isto é, um “habitus” formado em tempos menos frenéticos), deve impacientar os motoristas que ganham por viagem.

Enquanto uma educação social para humanizar o trato entre as gerações não se desenvolve, as reações vão se dando a nível individual e, certamente com mais eficácia, de forma coletiva. Contam Sra. Elza Buffone, 78 e Sra. Valdete (65):

“... o motorista disse: ‘Ah! É tempo das velhacarias. Por que não fica em casa!’ Eu olhei e disse: ‘Cidadão, vejo pela sua idade que sua mãe é idosa... Vê se mede as suas palavras!’”

“Entra o grupo de idosos no ônibus e o motorista diz: ‘Quanto velho é esse nesse carro? Eu vou fazer algum especial de velho?’ Era um grupo grande de idosos e Sra. Elza chamou a gente para descer do ônibus e pegar outro.”

Alguns louvam ações individuais de gentileza ou solidariedade na rua, embora também se queixem de alguns exageros de proteção e de intimidade: segurarem a mão no ônibus ou na rua e chamarem “minha tia”;

“Ando bem durinha, não dou lugar para ninguém me (ajudar a) atravessar.” (Sra. Elza Buffone, 78).

Outros elogiam algumas instituições, como a LBA e o SESC. Revelam, também algo da conscientização que a participação em grupos pode propiciar:

“Agora, depois que eu entrei na Associação, eu acho que o idoso é muito discriminado. Antes eu era ignorante no assunto.” (Sra. Ma. José, 62).

Reconhecem, entretanto, que, embora insuficiente, começa a haver uma abertura social para eles. Como expressa Sra. Lídia, 61:

“Agora a sociedade está dando mais atenção, principalmente em relação às comunidades e grupos de idosos. Mas ainda é pouco!”

Não estão, ainda, informados sobre as possibilidades de implementação de políticas públicas e da necessidade de mobilização para buscá-las. Só as lideranças da Associação avançam um pouquinho: O secretário lembra o benefício do passe-livre e a presidente, reclamando das discriminações numerosas que os idosos sofrem, acrescenta que eles precisam reivindicar mais seus direitos – mas ainda não se uniram o suficiente.

Projetos

Os projetos/aspirações da juventude foram simples, o básico da vida, mas ainda assim nem todos conseguiram realizá-los: casar, ter uma família, um bom marido, filhos. Ter uma casa. Estudar e se formar. Saúde firme. Um emprego.

Não conseguiram completar o processo de passagem da fantasia à ação, e desta ao ato, projeto alcançado (cf. Schutz, 1979:138 e 139). Inclusive porque essa ação não depende(u) de apenas um agente, mas também do Outro. “Projetar... traz consigo horizontes em aberto”, embora “se relacione com o estoque de conhecimento à mão.”

Todos casaram – mas alguns se decepcionaram. Quase todos tiveram filhos. Os que planejaram casa, em geral conseguiram, porém nem sempre a que desejavam:

“Sonhava ter uma casa bonita, um banheiro bonito, e nunca consegui. Tudo é com muita dificuldade, tantos filhos! (16) Sonhava morar em Salvador; isso, consegui.” (Sra. Valdete, 65, sergipana, casada, 2 filhas e 1 neto em casa).

O que desejava agora:

“... ter muito dinheiro para me alimentar direitinho e garantir o futuro.”

Dos que aspiravam a estudar e se formar, somente Sra. Lídia (61, 2º grau completo), conseguiu. Estuda música na UCSAL, agora.

Enquanto o depoimento de Sra. Elba (68) ilustra circunstâncias de vida nada incomuns a mulheres da sua geração:

“Queria me formar e ser uma professora, mas meu pai era muito ignorante e me tirou da escola. Se hoje eu fosse uma professora, já estava aposentada. Meu marido também era muito ignorante, e logo no início do casamento me disse que lugar de mulher era dentro de casa.”

Curioso é que somente 4 dos entrevistados referiram trabalho ou emprego entre suas aspirações principais. Inclusive, apenas 1 dos 3 homens. Sr. Hildiberto revelou “Constituir família e ter casa própria” e Sr. Aristides (operário aposentado) na juventude parece que antecipou projetos ou preocupações mais comuns aos idosos:

“Minha saúde. Pedia sempre a Deus que me protegesse, pela minha saúde, descanso do trabalho... me aposentar e (ter) minha casa.”

Somente 5, entre os 21, avaliaram ter conseguido realizar o seu projeto de jovem.

Os projetos atuais são, em boa parte, de complementação natural do anterior. “A casa, para quem não teve”; “colocar o piso na casa, que é de cimento grosso”; “ver os filhos, cada um com sua independência”; “conseguir, afinal, uma aposentadoria”.

Uns poucos, entretanto, declaram não desejar mais nada:

“Não tenho mais futuro nenhum. Meu futuro agora é viver até Deus quiser.” (Sr. Aristides, 67).

Curiosamente, é o sentimento também de sua esposa, e quase nas mesmas palavras:

“Não tenho (projeto) não. Meu sonho agora é viver até quando Deus quiser.” (Sra. Laura, 70).

Mas alguns elaboraram projetos novos: Sra. Esther, 91, espera receber atrasados do INSS e comprar um carro. “Mas acho que vai ter disputa na família. Qualquer um que precisar, eu deixo pegar, mas depois vai guardar lá em casa.”

Sra. Noêmia, 65, viúva:

“Quero aprender a tocar violão, fazer um grupo de seresta e procuro um companheiro que alegre a minha vida. Adoro participar das coisas e estar rodeada de gente.”

E Sra. Elza, 76, que foi uma das que declararam que obteve tudo que sonhou, quer fundar a Casa do Idoso:

“Quando eu morresse deixar fundada a Casa do Idoso. No mais, tudo Deus me dá, a casa, minha aposentadoria. Não penso no dia de amanhã para vestir, para me alimentar.”

A VOLTA À ASSOCIAÇÃO

Revisitamos Castelo Branco, realizando um novo trabalho de campo sistemático, no primeiro semestre de 1997. Entrevistamos, dos 21 associados ouvidos na primeira fase, os 12 que ainda freqüentam o grupo: 9 mulheres e 3 homens. Dos ausentes, tive notícia pessoal apenas de Sra. Esther, que estaria agora aproximando-se dos 94 anos: afastou-se do grupo após desentendimento com a presidente (agora nos seus 79 anos, vigorosos como sempre). Alguns companheiros acham, entretanto, que Sra. Esther voltará.

O dia-a-dia da Associação continua o mesmo; Lazer, jogos, passeios, conversas, sobretudo organizando-se sempre algum evento, ensaiando participações. A mesma sala de reuniões, mesas e cadeiras na conhecida disposição hierárquica, personagens nas mesmas posições e postos. O grupo sempre animado. Organizavam a festa de Carnaval quando retornamos – e foi muito interessante e ilustrativo acompanhar as demarches da organização. Acertavam quem se fantasiaria de que, e como, que lugar cada ala ocuparia no desfile, preços das fantasias, que músicas seriam tocadas e cantadas – e, portanto, ensaiadas – como seria a rifa a ser passada para arrecadar fundos para a festa e o aluguel de uma banda, etc. Sem esquecerem, nunca, ao começo das reuniões, o longo ritual das orações, momento em que se tornam contritos e ao final do qual se cumprimentam com carinho.

As reuniões seguintes, no intervalo das quais vão-se sucedendo as entrevistas desta fase, são de animado ensaio para a festa, cantos, danças, com merenda e sem hora certa para terminar.

* * *

Enfim o grande dia. Desfile pelo bairro, chegada triunfal ao clube que sedia a associação, concurso de fantasias, e o baile. Muito entusiasmo dos idosos, muita alegria e energia inesgotada, incidentes pitorescos, excelente acolhida da população do bairro.

Edna Santana, uma das estudantes da equipe nesta última fase, registra no diário de campo:

"Ninguém ficou parado e nós também aproveitamos para cair na gandaia; eu fiquei realmente impressionada com a alegria e vitalidade daqueles idosos. Sra. Elza Buffone, por exemplo, (80 anos), que já sofreu um enfarte e um derrame, parecia que estava ligada na eletricidade; havia também duas velhinhas com bengalas e eu, até agora, não saberia dizer se estavam mancando ou dançando, mas o fato é que os movimentos seguiam o ritmo da música e elas não pararam um só minuto ..."

"Um outro fato que me surpreendeu foi a receptividade do público; por onde o desfile passava, os veículos davam passagem, buzonavam, acenavam; as pessoas aplaudiam, jogavam beijos, dançavam junto conosco e transmitiam um carinho... grande... [...] Transmitiam, através de gestos e sorrisos, não só um sentimento de aprovação, mas, principalmente, de respeito. Muitas pessoas haviam se juntado ao desfile e o bloco aumentou mais ainda quando chegamos próximos à sede do grupo."

Continua Edna Sousa, a outra bolsista da equipe:

"A volta foi mais rápida, o sol estava mais fraco... [...] As pessoas que iam passando se juntavam ao cortejo, foi uma festa super animada."

"Quando o desfile chegou à Associação havia muita gente na rua, esperando, todos aplaudiram a chegada do cortejo. [...] A banda parou um pouco para descansar e tomar alguma coisa, mas o carro de som continuou animando o pessoal. [...] Depois de alguns minutos, o baile começou."

Depois do Carnaval, as férias. Antes da parada, Sra. Elza mencionou a possibilidade de um passeio a Maceió, mas não voltou a falar no assunto. Contudo, na primeira reunião depois do recesso de um mês e meio, já se dedicavam – depois das orações, naturalmente, – a organizar o evento seguinte, uma celebração da Paixão, que realizam há 5 anos, ocasião em que distribuem cestas básicas a pessoas carentes.

Nessa mesma reunião começaram a coletar os alimentos para serem distribuídos, começou um entra-e-sai das pessoas trazendo pacotes, enquanto Sra.

Elza comandava o registro de cada uma das doações. Ao final, já ensaiavam os cânticos para o dia da celebração.

Um momento especial ocorreu no começo da reunião, no desenrolar das orações. Costumando Sra. Elza fazer uma dedicatórias nessas orações – aos pobres, aos aflitos, às crianças, etc. – nesse dia fez um pequeno discurso pedindo aos presentes que se solidarizassem com os quase 5.000 funcionários então demitidos da Prefeitura Municipal.

* * *

Em menos de 3 anos, foram poucas as mudanças no perfil geral das pessoas no grupo, mas não nos seus arranjos domésticos. A única dos entrevistados que ainda estava no mercado de trabalho tinha agora 65 anos e permanecia no emprego (Sra. Maria Júlia). Duas casadas – a mesma Sra. Maria Julia e Sra. Valdete – enviuvaram. Elas, além de outros, realizaram rearranjos domésticos. Sra. Maria Júlia, que tem 6 filhos, em 94 tinha em casa 2 filhas e 4 netos, além do marido; tem, agora, 3 filhas e 2 netos. Sra. Valdete tem, atualmente, além das 2 filhas e 1 neto de 1994, mais 1 filho e 1 enteado com ela. Na ausência das mais idosas em 94, agora apenas Sra. Elza mora só.

Outros rearranjos ocorreram, como parte do desenvolvimento do ciclo de vida das famílias, este agora tão intensamente objeto de interferência do movimento da economia: Sra. Joselita, a mais moça do grupo, tinha em 94, consigo, ainda os 4 filhos. Tem, agora, somente 3. No processo normal de análise de há muitos anos atrás, poder-se-ia interpretar que o primeiro casou e deixou a casa dos pais. Esse processo continua ocorrendo, é claro, mas agora coexistindo com o novo, produzido pelo desemprego crescente: não apenas a saída muito mais tardia de casa, como também o retorno dos filhos que já haviam saído. Neste grupo, estão também neste caso as já citadas viúvas recentes, Sra. Maria Júlia e Sra. Valdete e, mais radicalmente, Sr. Hildiberto, que tem agora 5 dos 6 filhos em casa, quando só estava com 1 filho e 1 neto, em 94. Não causa surpresa, portanto, quando ele, mesmo tendo referido sempre a união da família, lamenta a falta de privacidade e até a menor atenção da esposa:

“Os filhos morando em casa, a mulher acaba se dedicando mais a eles e esquece da gente.”

Lamenta, igualmente, não ter melhores condições financeiras...

Estudando os modos de sociabilidade desse grupo – etário e de classe – encontro, como no caso dos idosos da AMPLA, escassa atividade social com a família, relatada. 7 dos 12 entrevistados responderam “nenhuma”. Conflitos ou divergências geracionais, entretanto, não são mencionados, a não ser no caso de um dos homens que até refere saídas, às vezes, com a filha: “Mas eu não gosto muito, não, porque eu não concordo com as coisas que ela faz. Eu não gosto de bebida...”

A sociabilidade dessas pessoas se exerce mais fora da família e, sobretudo, com os outros integrantes do grupo, alguns dos quais são também vizinhos. Falando sobre amigos e relações, expandem-se bem mais que em relação à família. Todos referem ter amigos. Coincidentemente, só o casal do grupo tem dúvidas sobre a amizade. Ela reflete:

“Será que hoje nós temos amigos? Acho muito difícil. Tenho apenas uma grande amiga, ela deve ter mais ou menos 56 anos. A gente conversa com muita gente, mas achar gente de confiança é muito difícil. Posso dizer que tenho colegas. Amiga, mesmo, só essa que falei. Ela mora aqui perto.”

E o marido:

“Não possuo amigos específicos. Todos são meus amigos... Graças a Deus nunca fiz nenhum inimigo.”

Com exceção de Sr. Hildiberto, que expressa um conceito muito firme e definido de amizade:

“Eu tenho muitos amigos, mas tenho três em especial, da mesma faixa de idade (dois homens e uma mulher), e os amigos aqui do grupo. Com esses três troco idéias, os problemas mais complexos a gente consulta o outro [...] Também vamos a lugares juntos e passeamos.”

As manifestações dos outros são todas do mesmo teor:

“A maioria das pessoas (amigas) são do grupo, minhas vizinhas...”

“Meus amigos são meus vizinhos e as pessoas aqui do grupo.”

As atividades que realizam juntos correspondem, geralmente, às variadas atividades do grupo, além dos sempre apreciados “conversar e dar risada”. São incomuns as visitas de amigos, nas classes populares. Há uma valoração positiva do “não andar na casa dos outros”. Algumas exceções ocorrem, por bons pretextos já observados como ocasiões de encontro:

“...às vezes vou na casa delas para telefonar ou para atender telefonema.”

Sra. Elza, a presidente, que parece viver para e pelo grupo, que, vivendo só, declara ser este agora a sua família, tem um conceito de amizade que também toca a organização do grupo:

“Tenho amigos de infância, vizinhos, tenho amigos políticos, os comerciantes que sempre ajudam o grupo, Graças a Deus eu tenho muitos amigos.”

Curiosamente, apesar das declarações de “familiaridade” e amizade em relação às pessoas do grupo, Sra. Elza tem uma maneira distanciada de se referir a elas, com se fossem seus diferentes. Por exemplo:

“[Nos] encontramos nos passeios, nos eventos, nas festas, nas obrigações religiosas. Domingo mesmo, vou com algumas idosas para a Caminhada de Ramos.”

Falando sobre a sociabilidade no grupo, relembram a chegada que se deu depois de convites e sugestões – convites principalmente da presidente, que é muito conhecida, e sugestões de amigos. O móvel da aceitação da idéia foi, principalmente, a busca de distração, diversão ou passeio – o que não se confunde exatamente com fuga da solidão, estado que é comum atribuir-se ao idoso. Na verdade, só uma veio por queixa de solidão, e embora declare: “Aqui eu me distraio, brinco, canto, me divirto”, em outro momento fala em solidão “Demais.” (É casada, teve 5 filhos, mora só com o marido e não se consola – ainda agora, aos 72 anos – de nunca ter trabalhado fora de casa).

Falam sobre a vinda para o grupo, em depoimentos muito semelhantes:

“Para me distrair. Chegava do trabalho cansada, aí vinha para o grupo me divertir. Depois que fui aposentada por causa da doença (coração), fiquei aqui porque me distraio e me divirto.” (Sra. Joselita, 54).

“Deixei de trabalhar e vivia em casa isolada. Aqui danço, faço brincadeiras, dou risada.” (Sra. Flora. Casada, mora com o marido e uma filha. Declara não se sentir só).

O depoimento de Sra. Laura é também representativo da situação dos que vieram por sugestão de outra pessoa:

“Por influência da presidente do Conselho de Moradores de Castelo Branco. Depois de um tempo ela se aborreceu com Sra. Elza e saiu do grupo. (Mas)...ela disse que eu tinha mais era que ficar. Fui ficando e gostando, porque a gente se distrai, bate papo, faz passeios...”

E o marido:

“Quem entrou primeiro foi minha patroa. Depois eu resolvi acompanhá-la. Além do mais, eu já conhecia a presidente do grupo, uma pessoa muito boa, e eu resolvi entrar por causa das amizades.”

(Curioso, ele que diz acreditar pouco em amizades!)

De solidão, mesmo, só falaram quando diretamente perguntados. E responderam, em grande parte, pela negativa:

“Não me sinto só, nunca me senti. Mesmo depois que meu marido morreu. Eu vivo com minhas filhas, que estão constantemente comigo. [...] Graças a Deus todos os meus filhos são muito bons para mim.” (Sra. Maria Julia, funcionária pública, 3 filhas e 2 netos em casa).

“...nunca me senti solitária, graças a Deus.” (Sra. Ma. José, casada, sem filhos, dona de casa).

“Não, porque Deus está presente lá em cima.” (Sr. Olímpio).

Há, inclusive, os que gostam de sossego, não raro porque têm companhia até demais...

“Eu gosto de viver só. A solidão faz a gente pensar, refletir, e eu gosto de recordar os bons momentos. Tem gente que não gosta da solidão porque se sente abandonado, ou fica lembrando dos maus momentos. Mas eu, não, me sinto muito bem. Às vezes eu peço para minhas filhas me deixarem um pouco só, para eu poder relaxar...” (Sra. Elza Buffone, 80).

“Não me sinto só, pois o meu marido está sempre em casa. Às vezes, quando fico sozinha com meu marido, sem ninguém pra abusar, eu gosto muito, porque não suporto barulho, gosto mesmo é de tranquilidade.” (Sra. Laura).

O único outro caso de queixa de solidão, no grupo, é atenuado pela própria circunstância em que se dá:

“Meus filhos normalmente saem, vai cada um para um lado, e eu fico sozinha. (Quando o marido era vivo) não adiantava de nada, ele ficava em casa, mas eu me sentia só do mesmo jeito.” (Sra. Valdete, 68 anos, filhas, filho, enteado e neto em casa).

Realmente, a questão da solidão na velhice precisa ser repensada, confrontada com mais pesquisa. Não apenas pelo evidente conteúdo de subjetividade que a condição, sabidamente, encerra – mas, inclusive, aparece muito claramente no depoimento de Sra. Valdete – e, provavelmente, e sobretudo, pela tendência a avaliar-se a condição do idoso de um ponto de vista surpreendentemente homogeneizador, com sinal negativo. Neste ponto, parece-me que se generaliza a condição de provável inabilitação dos muito velhos e do sabido e reprovável abandono dos que vivem em asilos, para a inteira população de mais idade.

Isto ocorre com tanta freqüência e tal magnitude, que a própria análise de situações concretas fica prejudicada, os elementos da realidade escondidos entre as fórmulas do senso comum. Exemplo recente é a reportagem de página quase inteira da Folha de São Paulo (1998a), título em destaque, “Idosos morrem solitários no centro de S.P.”. Trata-se de duas solidões: a dos que morreram recentemente e a dos que permanecem vivos. No primeiro caso, noticia-se que cerca de 15% dos que morrem em seus domicílios, em São Paulo, haviam passado dos 65 anos. Comentário:

“Além de um sinal do envelhecimento da população, essas mortes são, muitas vezes, o lado mais trágico da solidão em que vivem os idosos...”

A primeira afirmação é pertinente e explicativa; a segunda é suposta, e todo o desenvolvimento da reportagem constitui uma clara tentativa de prová-la – o que não vai ocorrer. A queixa de solidão vai aparecer apenas no caso apresentado com maior destaque: “Ex-motorista chora ao falar dos 5 filhos, dos quais só uma vai visitá-lo no sobrado onde vive.” Mas ele é também casado, e fotografado de mãos dadas com a mulher, que por sua vez não se queixa de solidão.

“Deus me livre! Nem que ainda fosse jovem, não queria mais casamento. Meu marido era muito bom pra eu substituir por qualquer traste. [...] Poderia até ser que eu me interessasse por alguém pra ‘dar umas saídas’, ‘pra curtir’, [...] mas pra casar, pra conviver, nem pensar!” (65 anos).

“Não casaria mais, de jeito nenhum. Agora que estou sozinha, vou pra onde quero; quando era casada não tinha liberdade.” (68 anos).

E o pragmatismo masculino:

“Não gostaria de casar de novo, porque ia aumentar gente dentro de casa.” (71 anos).

Vivências de idade

Falar sobre a própria velhice é, inescapavelmente, fazer uma série de avaliações. A pergunta feita, na entrevista, é discreta: “Como se sente com a idade que tem.” Sem referência a termos indesejados, contaminados pelo preconceito, ou pelos modismos. Impressionante foi terem todos, sem exceção, afirmado a sua satisfação com a idade em que estão. Alguns, fizeram declarações de pura satisfação:

“Maravilhosamente bem! Adoro a minha idade. Gosto de tudo que eu faço.” (Sra. Maria José, 65).

“Feliz, lutando para ter mais uns anos de vida. Tenho muita esperança.” (Sr. Olímpio, 71).

Outros, apesar de satisfeitos, mencionaram problemas que empanavam um pouco a sua felicidade: não encontrar trabalho, alguma doença ou escassez de dinheiro.

“...em ponto de bala. A minha única tristeza na vida é que não posso mais trabalhar. A aposentadoria é pouca e eu não posso trabalhar, pela idade. [...] Quando procuro alguma coisa pra fazer, me mandam ir pra casa descansar.” (Sr. Aristides, 70).

“Me sinto bem. Agora estou adoentada porque tive um enfarte, mas quando era saudável achava a melhor idade da vida.” (Sra. Valdete, 68).

“Felicíssima. Não mais, por falta de dinheiro. Se o “homem” desse mais um pouquinho de dinheiro, minha vida seria ainda melhor.” (Sra. Elza Buffone, 80).

Em contraste, um pouco como verificação, tento fazê-los sonhar: E se de repente ficasse jovem...?

Quase sempre sorrindo, continuam a revisão. Para quase todos seria a oportunidade alegre de aproveitar o lado leve da vida, ou de ampliá-lo no que já teriam aproveitado, ou, até, viver tudo de novo. Inclusive porque aprenderam muita coisa.

“Ave Maria! Ia ser ótimo, eu ia gozar o que não gozei! Ia pra praia, pra ilha, brincar no Carnaval, dançar pagode.” (Sra. Joselita, muito presa pela mãe quando solteira).

“Eu dançaria muito Carnaval, ia sair em cima de um trio! (Sorrindo) E agora com seis dias de carnaval, eu ia “mandar brasa”! [...] Eu repetiria tudo o que já fiz, só que aumentaria a dose.” (Sra. Maria Júlia).

“Faria tudo de novo. Minha vida foi boa demais! Eu agradeço todos os dias a Deus, pois tenho saúde, sou alegre, tenho um marido maravilhoso, que me ajuda em tudo e que dá o que eu quero, tenho amigos. Eu fui e continuo feliz.” (Sra. Maria José).

A revisão inclui, naturalmente, casamento e trabalho:

“Casar eu não queria. Ia paquerar e deixar lá. Eu casar e botar um homem dentro de casa? Mais nunca! Eu ia passear muito, trabalhar, (o sonho e a frustração da vida dela), me vestir bem, porque é bonito uma mulher bem arrumada.” (Sra. Altina, 72).

Mas houve quem acentuasse o tempo em que vive(u) melhor – no caso, o agora:

“Eu não queria ser jovem, não! Na minha velhice é que estou vivendo, pois na juventude eu não consegui quase nada, não tinha liberdade. Agora, não, eu sou dona do meu próprio nariz, faço o que quero e o que gosto. Ninguém me impede de fazer nada, assim, essa é a melhor fase da minha vida. Faço passeios, vou a festas, faço biodança, brinco, dou risada...” (Sra. Flora, 66).

E qual o período mais feliz para a maioria?

Pensam em períodos, mas também em momentos:

“Quando adquiri a minha casa. Mas na verdade eu sempre fui feliz.” (Sr. Aristides).

“Quando tive meu primeiro filho e quando nasceu a primeira neta. Eu tive muita alegria em ser mãe e até hoje ele é um ótimo filho. Quando minha primeira neta nasceu, eu senti como se fosse meu filho, novamente.” (Sra. Ma. Júlia).

Antes de casar. Depois de casada. A situação depende das relações de quem vive:

“Quando não era casada, porque depois que me casei, tudo ficou ruim. Ele empatou a minha vida toda, não pude trabalhar. Ontem mesmo fui ao banco, vi todo mundo recebendo suas reservas e eu não recebo nada. Eu nem gosto de lembrar, que dá vontade de chorar.” (Sra. Altina, 72).

“Depois de casada. Porque quando era solteira minha mãe me prendia muito, e com o marido, agora faço o que quero, ele não me impede de fazer nada.” (Sra. Joselita, 54).

Alguns avaliam que sempre foram felizes, como a alegre Sra. Maria José (65):

“Eu curti bastante a infância, adolescência, a fase adulta e, agora, a velhice. Todas as épocas foram ótimas, graças a Deus!”

Duas acham que nunca tiveram momentos felizes. Sra. Valdete arrisca:

“Ah meu Deus! Eu não sei... Acho que eu não tive felicidade nenhuma. Talvez agora.”

6 A FACULDADE DA TERCEIRA IDADE

Já não se trata de simples grupo espontâneo, ou de convivência, ou, mesmo, associação como nas classes populares. Encontra-se agora um nível maior de formalização organizativa. O grupo tem um projeto educacional explícito, pautado na instituição – relativamente recente, porém de difusão mundial crescente – “Universidade para a Terceira Idade.” O que tem significado um projeto pedagógico e cultural diversificado, um programa de educação continuada, mas que não exclui o lúdico e propostas de ampliação da sociabilidade, inclusive intergeracional. Desenvolvido e acolhido principalmente pelas camadas médias da sociedade. É outra, agora, a clientela.

Assim como a própria expressão “terceira idade”, – significando uma etapa intermediária entre a maturidade e a velhice, ou uma eufemística velhice “mais jovem” – a organização de “universidades” para clientela dessa geração originou-se na França, em fins da década de 60. Primeiro como Universidades de Tempo Livre, com atividades ocupacionais e lúdicas, ainda não de educação permanente (Peixoto, 1997:5). Em 1973, em Toulouse, é fundada a primeira Universidade da Terceira Idade, voltada, já, para o ensino e a pesquisa.

Não muito mais tarde é adotada na Inglaterra, em Cambridge, conta Laslett (1987), no verão de 1981. Vai-se expandindo, como idéia, em diferentes versões e países. Recebe, de logo, o comentário crítico de Lenoir (1979:69): são instituições ambíguas, porque ao mesmo tempo de formação e de animação. Mas despertam entusiasmo e vão-se generalizando.

Como proposta, alinham-se, com outros programas culturais e de lazer, na atitude crítica em relação ao ainda vigente preconceito contra os idosos e, sobretudo, no propor a vivência do processo de envelhecimento como um momento de retomada ou de continuidade de atividades, e de possibilidade de realizações pessoais. Diferencia-se daqueles outros tipos de programa, nesse propor processos de educação continuada ou permanente que, associados às oportunidades de ampliação da sociabilidade que ocorrem na prática, dão-lhes configuração própria.

Analisa Peixoto (1997:47):

Não se pode negar a importância das Universidades da Terceira Idade na difusão de novos conhecimentos, na aquisição de outros aprendizados e na participação efetiva de certos grupos de idosos nas atividades universitárias. E como nas representações sociais da velhice sempre estiveram associados ao isolamento e à inatividade, as U.T.I passam a constituir um dos territórios ideais de construção da nova imagem da velhice.

No Brasil, as Universidades da Terceira Idade foram criadas no final dos anos 80, assim como conselhos, comitês e comissões, nos âmbitos principalmente estadual e municipal, “num claro reconhecimento da existência do problema idoso no país”, no comentário de Prata (1990:235)

Tiveram, essas Universidades, como embrião, em 1977, a Escola Aberta para a Terceira Idade, no SESC (Peixoto, 1997), instituição que foi, assim como a LBA, pioneira em trabalhos com idosos no Brasil.

As duas experiências mais conhecidas e amplas são da década de 90: a da PUC de Campinas e a UnATI da UERJ. A primeira, fundada em 1990, é ligada à área de Serviço Social e propõe atividades de ensino, pesquisa e extensão. O currículo desenvolve-se em três níveis/semestres, contando também com atividades optativas, basicamente culturais ou sócio-recreativas. (Guerrero, 1993).

A UnATI, fundada em 1992, tem proposta de atendimento integral: educação permanente, práticas de sociabilidade e assistência médica, jurídica e social. Ao mesmo tempo, propicia treinamento ao pessoal especializado da UERJ e oportunidade de pesquisa sobre o processo de envelhecimento. Ambiciona, situando-se dentro de um campus, ensejar possibilidades de contato com as gerações mais novas (Veras, 1995; Peixoto, 1997).

Em Salvador, Bahia, o projeto deste tipo denomina-se “Faculdade”, “Faculdade Livre da Terceira Idade”, em vez de “Universidade”, a designação comum nos vários países, inclusive o próprio Brasil. É que no caso em estudo o programa não é adstrito a uma universidade, com costuma acontecer, mas a um Centro de Estudos “Olga Mettig”, conhecida instituição de ensino privado em Salvador, composto por uma Faculdade de Educação da Bahia, criada em 1967 e, mais recentemente, uma Faculdade de Turismo da Bahia (1984). A esta foi vinculada, em 1993, a Faculdade da Terceira Idade, Faculdade Livre desde 1996, que, aliás, funciona no prédio da Faculdade de Educação – todas situadas à mesma rua.

Trata-se de um curso de extensão, que se anuncia amplamente como Projeto de Extensão Universitária e Atualização Cultural “Anos de Plenitude”. Sediado à rua da Mangueira, bairro de Nazaré, no centro tradicional da cidade, tem aulas ao longo das tardes de terças e quintas-feiras e, freqüentemente, atividades – geralmente ligadas a arte – também às quartas.

Com a proposta específica de “fazer crescer como pessoa” e “trabalhar com turismo”, sem publicizar documento ou proposta mais elaborada, (diferentemente do que fizeram a UnATI/UERJ, a U.T.I da PUCCAMP e, inclusive, a UATI/UEFS, na Bahia), a Faculdade da Terceira Idade expõe seus objetivos e programação geral exclusivamente em um folheto que distribui aos candidatos a alunos. Esses objetivos são:

- Promover a educação continuada para a terceira idade;
- construir um novo projeto de vida;
- oferecer oportunidade para o crescimento como pessoa, desenvolvendo sua auto-estima;
- incentivar a integração à sociedade, nos diversos segmentos;
- oportunizar a aprendizagem de ações voltadas para o turismo.

Nele é exposta, igualmente, uma concepção de idoso:

“É na terceira idade que o indivíduo tem as melhores possibilidades de contribuir para o progresso científico-cultural dos seus semelhantes [...] e fruir de suas conquistas.”

“O ser humano de terceira idade, tanto quanto os demais, necessita de se sentir útil a alguém ou a um grupo e à comunidade.”

“Deste modo, após a aposentadoria, ele necessita realizar algum tipo de atividade que o mantenha ativo. Deve se engajar em um trabalho que o coloque na perspectiva de nova identidade na busca da sua cidadania e envolvendo-se também em conquistas [...] da sociedade.”

“A Faculdade da Terceira Idade é o próprio reviver, é o sonhar novamente.”

O que está, então, explícita ou implícita, nessa concepção?

É uma visão do idoso bem afinada com os pressupostos da ideologia da terceira idade (Lenoir, 1979; Laslett, 1987):

O idoso, triunfalmente, “tem as melhores possibilidades de contribuir” para a sociedade, mas ao mesmo tempo deverá fazê-lo ainda buscando algo mais: uma atividade, a sua cidadania, até outra identidade! A busca será nova, mas ao mesmo tempo é referenciada ao passado – “reviver”, “sonhar *novamente*”, posta sobre futuras – talvez logo presentificadas na Faculdade – “outras atividades”. Curiosamente, em algumas propostas desse tipo de programa para a terceira idade, parece que a continuidade normal do que se era antes deixa de valer – e tem-se que procurar outros caminhos, outros recursos institucionais – no caso, uma “universidade” ou “faculdade” para a terceira idade, onde se traçará um “novo projeto de vida”. Designação, aliás, de uma disciplina fundamental no currículo da Faculdade e de outros programas para a terceira idade, a exemplo da U.T.I. da PUCCAMP.

Os objetivos expressos também são típicos das experiências de certa etapa das universidades para a terceira idade: educacionais, de transmissão de conhecimento, auto-desenvolvimento e lazer cultural ou integrativo – neste caso, entretanto, de uma maneira particularmente original: direcionados para o turismo, reunindo lazer e aprendizagem – por exemplo, conhecimento da língua e cultura de países a serem em seguida visitados; como, efetivamente, ocorreu em 1995. Ao mesmo tempo, mesclando características das Universidades de Terceira Idade e dos Clubes da Terceira Idade, com suas viagens em grupos, em períodos de baixa estação, etc. (Ver análise crítica desses empreendimentos em Britto da Motta, 1994a; 1996c; também Ferreira, Rodrigues Junior, 1992).

É um dia de abril de 1995, e a primeira visita da equipe da pesquisa à “Faculdade”. O movimento é grande. As pessoas que circulam pelos corredores são animadas, sorridentes. Conversam bastante. As mulheres, a esmagadora maioria, são em geral muito bem vestidas, com cabelos – freqüentemente louros ou ruivos... – bem penteados. Usam muitos acessórios e alguma pintura, principalmente batom. Os homens são poucos, vestidos com bem mais simplicidade.

A coordenadora do curso, professora Lúcia Palmeira, jovem, bonita, muito bem arrumada, muito ativa, é tratada por todos com marcante deferência. Circula muito, ou, alternativamente, não pára de receber pessoas em sua sala, a resolver questões burocráticas – é difícil falar com ela. Os estudantes/bolsistas que vão à Faculdade para os contatos iniciais, só na terceira visita marcada conseguem ser recebidos – já em maio – assim mesmo, após alguma insistência jeitosa.

Depois desse primeiro e breve contato com a coordenação, seguem-se muitas outras visitas da equipe, até final de julho: promessas de indicação de nomes para serem entrevistados – solução inquietante para os fins da pesquisa – e, finalmente, abertura para que as pessoas fossem contactadas diretamente, depois das aulas; quando, entretanto, sempre saíam rapidamente para casa ou para uma aula de música muito apreciada.

Em junho, faço longa e esclarecedora entrevista com a coordenadora, sobre o curso e seu andamento, mas a primeira entrevista com estudante só será conseguida em 1º de agosto, em pleno barulho de uma “Festa da Vovó”, ao som de uma banda de jovens, músicas não tão novas e compasso de animados dançarinos de mais idade. Melhor dizendo, dançarinas, com somente um homem no salão. Um cenário pós-missa, decorado com faixas de papel de computador alusivas a essa data recém-inventada.

Durante os meses de espera pelas entrevistas, teimosamente observava-se o grupo em suas atividades, nas quais sobressaíam os preparativos do pessoal do terceiro ano para uma viagem, enfatizada como “cultural”, à Europa. Palestrantes exibindo material sobre seus respectivos países, almoços de comidas típicas, até missa em espanhol na Semana da Espanha, que havia um tempo definido para o conhecimento de cada país a ser visitado.

A segunda chance de entrevista só se deu em meados de agosto e foi espontânea: um aluno apresentou-se à equipe, colocou-se disponível. A partir daí as possibilidades se sucederam, em parte por influência dele, mas também pela nossa tentativa de contatos por outras vias: pessoas conhecidas intermediando, e muitos telefonemas.

Em agosto só se falava nessa viagem, preparada nos menores detalhes, a ponto de a própria coordenadora do curso ter intermediado até a compra de moletons idênticos para todos. Em setembro, a Faculdade ficou meio vazia, mas então as entrevistas e observações já fluíam com naturalidade.

Na volta da Europa – 9 países em 26 dias – novidades alegres e a exibição abundante de fotografias. E uma tristeza, também: Sr. Armando, pessoa alegre e otimista que já havíamos entrevistado, morrera, dormindo, na Suíça. “Ele faz muita falta, mas morreu feliz”, comenta uma das colegas. Também na Suíça apresentaram o coral da Faculdade – a atividade que mais vem empolgando o grupo, nos últimos anos. E continua se desenvolvendo.

Logo depois do retorno da Europa, em outubro, começaram a organizar mais um evento: o I Simpósio Latino-Americano da Terceira Idade, para dezembro de 1995. Nova mobilização, novos entusiasmos, almoços e serestas para levantar fundos para o Simpósio. Fui convidada para participar, como expositora, em um painel, e aos estudantes da equipe foi facultado o ingresso gratuito ao evento. O gelo inicial estava, afinal, totalmente quebrado.

Em dezembro iríamos ter concluída a observação geral, a observação direta de uma série de aulas, e as entrevistas com 36 alunos e 7 professores.

Retornaríamos, no final de 96, para as entrevista e observações complementares, como havíamos feito nos outros grupos, e encerramento do trabalho de campo.

* * *

No ano de início da pesquisa, 1995, matricularam-se na Faculdade da Terceira Idade, 309 pessoas – 285 mulheres e 24 homens. Frequentaram regularmente o curso, entretanto, 222 mulheres e 20 homens. Conseguimos realizar 36 entrevistas, com 30 mulheres e 6 homens, o que terminou por representar 15% do total dos que realmente frequentaram o curso. Entrevistamos, também, 7 dos professores mais atuantes no semestre, antes ou imediatamente depois de ter assistido a alguma das suas aulas.

Qual o perfil desses estudantes?

Intensamente feminino, já venho assinalando. E a proporção, entre os entrevistados, de 6 homens para 30 mulheres, não corresponde, evidentemente, aos 222 e 24 encontrados – ela foi buscada, na tentativa que fizemos, ao longo de toda a pesquisa, nos vários grupos, de ver e ouvir os homens, isto é, de buscá-los sempre para analisar mais amplamente a dimensão de gênero. Essa grande maioria de mulheres vem sendo encontrada, como tenho assinalado, em todos os grupos de idosos, com as quase únicas exceções dos grupos informais como o dos velhos da praça e os definidamente formais e referenciados ao mundo do trabalho, das associações e federações de aposentados (Sobre as razões para isso, ver Britto da Motta, 1996a:129).

Idades entre 45 e 75 anos (um caso posterior, encontrado, de 83 anos). A pessoa mais jovem é homem e as mulheres estão, novamente, como em Castelo

Branco, entre os mais velhos. A faixa etária de maior incidência é a de 60 a 69 anos (20 casos).

O nível de instrução dessas pessoas é bastante alto – o mais homogeneamente alto que encontrei em programas desse tipo, comparando-se mesmo com o encontrado na U.T.I./PUCCAMP (Guerrero, 1993:49) ou na UnATI/UERJ (Peixoto, 1997:60) – Na F.T.I., 31 dos 36 observados têm de segundo grau completo a superior completo. Destes, 11 têm curso superior completo, entre os quais apenas 2 homens. Curiosamente, levando-se em conta o cerceamento que se dava à formação profissional das mulheres dessa geração, quando jovens, três das que têm curso superior completo têm 74 anos de idade.

Assim como a escolaridade e profissionalização das mulheres deste grupo é provavelmente atípica em relação à situação da sua geração, – mas talvez não da sua classe, – a condição de cor dos estudantes da F. T. I. é, decididamente, pouco representativa do quadro racial geral na cidade do Salvador, com apenas 4 pretos e 8 pardos – isto é, 1/3 do grupo – mas bem representativo da conjugação de escolaridade e cor do país, típica, novamente, de uma situação de classe: dos 11 que têm o curso superior completo, somente dois são negros.

Não falam sobre religião. Como sempre ocorre em situação de pesquisa no Brasil, a grande maioria dos entrevistados definiu-se como católica – 28; nela, 2 dos homens. Nenhum protestante. Culto de candomblé, nunca é declarado – principalmente em maioria de camadas médias bem escolarizadas (o que não significa ausência de adesão). Entretanto, menos comumente, alguns declaram outras posições de fé: 4 espíritas (1 homem), 1 agnóstico (homem), 3 sem religião definida (1 mulher e 2 homens). Mais interessante ainda, um dos católicos acabou confessando que gosta mesmo é de espiritismo, e o “agnóstico” declarou crer em Deus. Pela primeira vez encontrei declaração feminina de que não tem religião.

Nesse grupo de idosos “jovens” (31 deles têm até 69 anos), não é de admirar-se que a maioria seja (ainda) de casados. É o caso – habitual – de quase todos os homens (só 1 viúvo) e de 18 mulheres. Esses casados, o são há muito tempo: mínimo de 15 anos, até 39 anos. Há 2 casos de separação – de mulheres, e (pioneiras), também há muito tempo: 23 e 26 anos. Também os 3 casos de solteiros são do sexo feminino, “naturalmente”. (Idades entre 65 e 74 anos). Há, por fim, 8 viúvos no grupo. Muito tipicamente, apenas um homem, que morreu durante o trabalho de campo. Na entrevista ele, laconicamente, considerava o seu estado

“Triste” – entretanto, expressou felicidades em relação a outras situações, em vários momentos da entrevista.

As mulheres dividiram-se em suas avaliações sobre a condição de viúva, porém somente duas encontrando negatividade: a que nunca trabalhara e, sozinha com filhos pequenos, foi trabalhar pela primeira vez e a que declarou “A pior coisa que existe”, porém entre risos! As outras 5 encararam a situação com algum grau de positividade, Dividiram-se entre considerar “Tranquilo, é do ciclo da vida”, ou, ainda natural, “Sem dramas ou problemas”, acrescentando que só agora se diverte, ou avaliar que “Não é das piores coisas”, até celebrar: “Foi muito bom!”

Tanto as revelações de dificuldades como as de contentamento, por parte das viúvas, não surpreenderam. Correspondem a situações sociais já conhecidas. A viuvez é uma condição social muito peculiar, que demanda estudo específico, que, no Brasil, ainda não existe. Significa a dissolução involuntária – e, portanto, sem culpas sociais – de um contrato que, já na sua origem e formato na sociedade capitalista, é essencialmente contraditório: acordam-se, coletivamente, interesses materiais sobre relações de fundo intensamente subjetivo e individualizado no casal. E como, tradicionalmente, as relações de gênero no casamento não se construíram para confluir em companheirismo, mas em ambivalentes relações de dominação dos homens e subordinação das mulheres, nuançadas por jogos de poder (ver Britto da Motta, 1991, sobre “o poder subterrâneo das mulheres”), não é de admirar-se que mesmo situações que se construíram inicialmente como amorosas fossem transformando-se, com a vivência, em desconfortáveis ou até sofridas, a ponto de seu término produzir algum alívio.

A viuvez significa o desmanche de um grupo, também simbólico, com perda e ganho ou retomada de papéis sociais. Uma situação que se apresenta como majoritariamente de mulheres e que, no caso do Brasil, mais além das resultantes carências afetiva e sexual não descartadas, tem-se desdobrado entre três tipos básicos de tendências ou soluções:

Primeiro: a pobreza e súbita contingência de ingressar no mercado de trabalho sem ter tido formação para isso – caso de muitas das mais idosas, uma geração cujas mulheres eram desestimuladas ou até proibidas de estudar ou ter formação profissional. Segundo: A necessidade de continuar, sozinha, no sustento da família, com um trabalho já existente mas insuficiente para tanto, ou na gestão de um negócio ou patrimônio iniciado pelo marido – no que muitas mulheres têm sido

uma revelação, nessa oportunidade inesperada de desempenho social. Isso vem sendo documentado desde o período colonial (Ver Gilberto Freyre, 1963) e todos, no cotidiano, conhecem casos. Por fim, a percepção de que, independente da condição econômico-financeira, se atingiu um espaço único de liberdade – até de libertação! É um sentimento muito comum às mulheres idosas atuais: atingido um tempo social oficial de não-reprodutoras, cessados os conhecidos controles sociais que, principalmente via família, regem ou regiam a vida das mulheres jovens e, principalmente, das casadas, o direito tranqüilo de ir e vir, de “bater minha porta e não dar satisfação a ninguém da hora que venho”, de não ter “patrão”, como costumam comentar, propicia às mulheres mais velhas esse sentimento de liberdade. Liberdade que, analisaria Simmel (1967:24), significa, mais além desse direito de “mera mobilidade”, a possibilidade de “elaboração de um modo de vida”. Liberdade geracional, mas sobretudo, liberdade de gênero (Britto da Motta, 1994a, 1996c), que alcançam algumas casadas, pela “idade”, mas, sobretudo, às viúvas que deixam de ser subordinadas. Falam algumas delas:

“Pra mim foi muito bom, porque eu não fui feliz no casamento. Gostei, e não vou mentir.” (Sra. Alyda, 75 anos, viúva há 40).

“Marido Don Juan... Não tive dramas, problemas. Agora eu deveria administrar a casa. A filha única casada, não tinha problemas com quem dar comida.” Declara várias atividades e distrações, atualmente, e que, casada, perdia festas por causa do marido, que não gostava. Arremata: “Ele não me permitia divertir.” (61 anos, 15 de viuvez).

Uma viúva mais recente, com 68 anos, apenas declara:

“Tem horas que a gente se sente muito só. Mas agora me considero mais solta.” Em dois anos de viuvez, já fez duas viagens ao Exterior. “Coisas que eu não podia fazer antes.”

Não se referiu à vida de casada, como várias outras. Mas coincide que eu conheci, anos atrás, pessoa da sua família e fiquei sabendo de uma relação de dominação muito ciumenta e meio violenta, por parte do marido... Por esse e vários outros casos de problemas de que não se fala, tenho comentado como é difícil estudar as relações de família, habitualmente preservadas dos olhares externos (Britto da Motta, 1997).

Perguntados diretamente sobre a relação com a família, a maioria (28) declarou ser boa ou excelente. As queixas foram raras e direcionadas a uns poucos membros da família. N. 49 anos, queixa-se violentamente do marido, um “chato”, “idiota”, “f.d.p.”, que “controla tudo”, mas rompantes desses são incomuns. Continua: “Ele nunca me deixou trabalhar e eu, idiota, aceitei. Hoje, não aceitaria.” Mas declara relacionar-se ótimo com a filha de 21 anos e o “menino” de 19. A., 74, divorciada, queixa-se da filha e dos netos, que moram com ela. Dá-se bem com o irmão, compensa. Valquíria, 52, analisa:

“Minha geração foi criada muito sofrida. Não quero repetir isso. Mas os filhos, de vez em quando, ‘sinalizam’. A gente conversa muito.” Vai mencionando o que neles a preocupa e como lida com esses problemas. Termina voltando às origens, às diferenças de idéias e valores com a mãe, autoritária, que aos 74 anos ainda “Gosta de reunir a gente e manipular um pouco.”

Por outro lado, a ênfase na positividade das relações às vezes parece um pouco exagerada:

“Sou a mais velha da família, a matriarca. Minha família me adora e não sei o que vai ser quando eu morrer! Somos: eu, meu marido, cinco irmãos, uma irmã e um monte de sobrinhos.” (Sra. Eulina, 60 anos).

“Excelente! Tenho um esposo que é um eterno apaixonado. Vivo namorando sempre. Desse amor nasceram 3 lindos filhos, que são nosso orgulho e nossa alegria, sem falar na netinha, que veio completar nossa felicidade.” (Sra. Lygia, 54, mora só com o marido).

Filhos, quase todos têm, ou tiveram. Exceção das três solteiras e uma das casadas. Destas, uma das solteiras e a casada adotaram crianças. Duas outras casadas perderam os filhos que tiveram. Uma delas também enviuvou.

Filhos – e, agora, também netos – ainda têm uma constância ou permanência cotidiana e, às vezes, inesperada, na casa desses idosos. 5 mulheres moram sozinhas – 1 solteira e 4 viúvas – e 6 outros, 4 mulheres e 2 homens, residem apenas com o cônjuge (sendo que desses, 2 constituem um só casal). Os outros 23, portanto, a grande maioria, têm consigo, além do cônjuge, no caso óbvio dos casados, filhos e, não raro, netos. Mais raramente, outros parentes: irmãos (caso de uma das solteiras) e mãe e prima (a terceira solteira).

Alguns desses idosos “jovens” têm filhos ainda no final da adolescência (19 e 21 anos), mas outros têm, igualmente, em casa, filhos de mais de 30 e até 45 anos.

Além de netos. O que os identifica a certa condição de privilegiamento da situação dos filhos muito encontrada em famílias das camadas médias – mais tempo estudando, ou/e já trabalhando, mas residindo ainda em casa dos pais e sem contribuir para o orçamento doméstico. O Sr. A., 65, viúvo, com 11 filhos em casa, termina por revoltar-se e planejar mudança de situação:

“Por enquanto é tudo por minha conta, mas estou querendo pular fora. Todos trabalham, mas na hora (da despesa) pulam fora. Agora eu vou para a Europa e quando chegar vou pro Maranhão, passear na casa de meu irmão, e depois Roraima, visitar outro irmão. Quando voltar, as coisas serão diferentes.”

Mas também se aproxima de certos padrões de residência e convivência aqui antes referidos em relação aos entrevistados das classes populares, instados a abrigar e, pelo menos em parte, sustentar filhos maiores desempregados ou precariamente empregados, e até suas novas famílias (Britto da Motta, 1997).

A Sra. Edil, 56 anos, ilustra essa situação: a despesa da casa onde moram ela, o marido, 4 filhos, 1 genro e 2 netos é garantida por ela e o marido. Ambos aposentados, ela – antes funcionária pública categorizada – voltou a trabalhar como professora. O genro contribui com uma cesta básica, quando recebe da empresa em que trabalha.

Todos os entrevistados têm meios próprios de manutenção, exceto as 9 donas de casa, que nunca trabalharam ou só trabalharam até o casamento, e hoje dependem dos maridos, ou de pensões.

Além da referida Sra. Edil, outras 5 mulheres casadas dividem as despesas com os maridos; duas declaram “ajudar” o marido nessas despesas, e apenas 1, entre os 36, mencionou partilha dos gastos com o marido e também com os filhos. A Sra. A., 74, divorciada, tem em casa a filha e dois netos, mas vivem mal e fazem despesas separadas. Entretanto, como a Sra. A., é a proprietária da casa, paga água, luz e telefone.

Em suma, também para os idosos desse grupo de camadas médias não se apresentou a propalada “dependência” dos velhos em relação aos filhos. Ao contrário, foram encontrados casos de apoio a filhos maiores, em modelo antes só reportado entre os mais pobres.

Procurando avaliar ainda mais fundo o grau de autonomia dos idosos e mudanças ou permanências de padrões tradicionais nas relações de família,

perguntei sobre a chefia da família. Há uma variedade de situações propiciadas pelo estado civil, com maioria de chefias tradicionais, masculinas, de casados, chefias “naturais” de viúvas e solteiras que não moram sós, e casos mais “modernos” de chefias conjuntas de homem e mulher, ou declarações de não-chefias. Situações típicas da variedade de alternativas vividas pelas camadas médias atuais.

Mulher casada que pensa em chefia, só uma, cujo marido está inválido: “Assumi totalmente as despesas. Sou a chefe da família.” 10 outras apontam os maridos como chefe, porém 4 delas fazem alguma ressalva. Gildete, que aparenta ser muito bem casada, brinca:

“Meu marido é o chefe, mas todo mundo manda.” (Rindo)

N., ao contrário, registra, mais uma vez, o seu ódio contra um chefe impingido. L. desvincula o habitualmente ligado, chefia e manutenção financeira da casa:

“O marido é o chefe. Dividimos as despesas.”

Enquanto C. ao contrário, atenua a concentração de funções em que implica habitualmente a idéia de chefia, e explicita uma divisão de trabalho na qual ela é parte ativa:

“Meu marido cuida da parte financeira. Eu cuido da administração.”

Os homens, se assumem quase todos como chefes, exceto O. que, sempre inovador nas suas declarações ao longo da entrevista, assim se mantém agora:

“Vivemos em conjunto. Sou democrata e não gosto que me chamem de chefe. Lá em casa dividimos tudo.”

Mas nem todos afirmam a chefia, realmente, com convicção, e Sr. M., por exemplo, como que se justifica pelo posto:

“Hoje, eu ainda permaneço como cabeça de família. Os dois trabalham, mas como nós somos de uma geração atrás, minha mulher não quer aceitar... Deve ser o direito de ambas as partes, mas ela me deixa numa posição, que eu sou o cabeça da família...”

Por fim, 5 das mulheres se declaram parte de um casal igualitário. Falam:

“Lá em casa não tem muito esse negócio de chefia, não. Nós dois combinamos.” (Sra. Valquíria, 52).

“Hoje em dia é diferente, não tem esse negócio de chefe de família. Eu também ajudo.” (Sra. Lúcia, 64).

Morar só é uma questão nova, principalmente em relação aos idosos e, sobretudo, como escolha.

Aqui, apenas 5 moram sós, mas estendo a pergunta hipotética, como um experimento, para todos: “Que acha de morar sozinho (a)?”

As posições são variadas, chegando, em alguns casos, a polaridades: Uns acham ótimo e outros, péssimo. Entretanto, observou-se um recorte muito claro de gênero nas opiniões: Todos os homens acham ruim. (Desamparo doméstico? Falta de familiaridade com a casa?) As que já moram sozinhas, são quase todas entusiastas. A solteira acha “Ótimo”, as viúvas se estendem mais, e procuram explicar:

“Não gostaria de morar com ninguém. Eu me completo. Leio muito.” (Sra. Maria, 61 anos).

“Acho ‘um barato’! Bato a porta do apartamento, saio a hora que quero.” (Sra. Francisca, 68).

“Há momentos bons. A vida mesmo que levou a essas circunstâncias, não que se goste. Mas é bom morar só, há momentos em que a gente necessita estar sozinho. Há momentos de solidão.” (Sra. Jandira, 63).

Há também aquelas para quem a convivência em casa não está muito bem e sonham, ou já se mobilizam para morar sozinhas. É o caso principalmente da já referida Sra. A. 74 anos, divorciada, morando – independente, despesas separadas, porém desentendendo-se – com a filha e netos:

“É só o que eu penso. A divergência de geração... Cada um quer ter a sua vida, que ninguém interfira na vida de ninguém... Estou preparando meu enxoval para morar sozinha...” (Curioso, o enxoval, porque ela é a dona da casa).

As mulheres que não têm a experiência de morar só dividem-se em suas opiniões, mas os homens, em sua unanimidade quanto a essa questão, expressam-se assim:

“Não. A falta de companhia é terrível, já chega de viver em solidão no meio da multidão. É por isso que estou aqui na Faculdade [...]: Aqui você troca experiências, você tem amigos [...] Quando você se aposenta, primeiro você perde a identidade e se não tomar cuidado, entra em parafuso.” (Sr. Clóvis, 63).

“Não acho bom. Às vezes a pessoa tem condição de fazer isso e aquilo, mas a solidão... Depois a idade vai chegando e é pior, não é? Quando a pessoa está nova não é tão ruim, não.” (Sr. Manoel, 60).

Por fim, Valquíria, 52, uma das informantes mais inteligentes, expressa, em momentos diferentes, problemas relativos a duas situações marcantes:

“No caso de viuvez, tem mais é que morar sozinha. Não quer dizer solidão, é opção de vida. É ter seu espaço [...] O filho acha que deve ficar com o quarto da mãe... É questão de cidadania. É vital, sabia?”

Adiante:

“A coisa de morar sozinha, mesmo. Eu digo sim, mas que condição, no Brasil, tem o idoso de morar sozinho?! Não há cidadania! Nos outros países, se telefona e é atendido...”

Trabalho

Essa população com grau de instrução razoavelmente alto, só poderia ter a possibilidade de amplas condições de emprego, quando jovem de um período de empregabilidade mais plena no país. Mesmo as mulheres, de uma geração sem incentivos para a participação feminina na educação e no mercado de trabalho. Assim é que todos os homens trabalharam e estão, agora, aposentados, com três de volta ao mercado, em novas atividades. Um formalmente empregado na burocracia estatal, e dois trabalhando por conta própria. Também a maioria das mulheres (21), trabalhou, estando hoje 2 delas em nova atividade pós-aposentadoria, uma como orientadora pedagógica em escola da sua família, e outra como professora em cursos informais ou alternativos e 3 ainda no emprego original. Estas últimas, com idades entre 53 e 63 anos.

Além dessas que trabalharam até a aposentadoria, outras seis mulheres tiveram alguma experiência no mercado de trabalho, abandonando-o por uma imposição das relações de gênero: uma exigência, vista como ciumenta, – mas por

uma delas, hoje, com muita revolta – de noivos ou maridos, de que deixassem de trabalhar; ou a própria internalização da ideologia de gênero, que apontou, a certa etapa da vida de casadas, a necessidade de atenção integral aos filhos e à casa. Apenas três mulheres sempre foram apenas donas de casa. Curiosamente, com níveis de escolaridade muitos diferenciados: a única que não completou o primeiro grau, uma que não completou a Universidade e uma terceira com curso superior completo.

Os homens tiveram uma trajetória ocupacional muito movimentada, muito heterogênea, o que fica bem expresso pelo Sr. A. como “Tive catorze profissões”. Ele que foi, ao final, pesquisador e vidraceiro. O Sr. C. é químico de formação, mas trabalhou em escritório de advocacia, no comércio e, depois de aposentado, submeteu-se a concurso e está trabalhando no Judiciário. O Sr. J., de formação em eletromecânica, é agora fotógrafo profissional.

As mulheres, que tiveram formação profissional em áreas não apenas de interesse feminino, como acontecia até bem recentemente – estudaram também farmácia, contábeis, direito, administração de empresas – profissionalizaram-se ou tiveram empregos sobretudo na burocracia estatal e no magistério, principalmente secundário. As duas farmacêuticas realmente exerceram a profissão, mas a graduada em direito foi funcionária pública até aposentar-se pela compulsória, e raramente advogou. A formada em letras tornou-se dona de casa.

Vê-se, então, que se essas mulheres avançaram um pouco em relação ao seu tempo, não só pela realização de uma formação profissional, como, não raro, pelo próprio campo escolhido; por outro lado, na vida profissional, ainda permaneceram em atividades tradicionalmente “femininas.”

Os que estão aposentados falam sobre essa condição. Há uma constante, em grande parte dos sentimentos expressados: a maravilhosa libertação da rigidez de horários, imbricada na angústia do “que fazer?” alternativo. Clóvis, 63 e Valquíria, 52, aposentados que voltaram a trabalhar, expressam isso modelarmente:

“A gente quando se aposenta, declina; declínio social. No início você se empolga, você tem tempo... mas não tem o que fazer. Você já não tem mais amigos, termina se sentindo só. Terapia ocupacional resolve por pouco tempo, é preciso se integrar socialmente.”

“É interessante a vida de aposentado. Como sempre fui rígida na cobrança de horário, senti um grande alívio de não ter horários. Mas isso não demorou –

comecei a curtir aquele vazio. Me chamavam para grupos de terceira idade, mas vinculados a atividades domésticas... Queria o social. Quando vi o anúncio da Faculdade, eu disse: É isso aí que eu quero, me atualiza. Mas fui chamada de novo para o DEMEC, em Brasília. Fiquei lá 2 anos [...] Me sentia bem, mas eu determinava meu horário. Mudou a delegada, e ela cobrava horário. Nesse estilo assim não dava mais prazer, satisfação. Tive uma perda salarial muito grande, mas me dei a esse luxo para viver bem.”

Só então ela se engajou na “Faculdade”, ao mesmo tempo em que iniciava um trabalho de orientação pedagógica em uma escola, e outras atividades que foram aparecendo. Foi, também, uma das mais lúcidas e expressivas informantes no trabalho da pesquisa.

Jandira, 63, recém-aposentada, está em processo de adaptação talvez mais tranqüila. Mas refere o tempo e seu uso ainda como pedra de toque:

“Mudou um pouquinho, eu saía às 6:30 para bater ponto, hoje não tenho mais essa preocupação. A gente sente falta daquele horário a cumprir, mas eu estou bem.”

Alguns não desejariam parar de trabalhar, nunca. Inclusive demonstrando como o trabalho estruturou o seu tempo, a sua vida:

“Se eu pudesse continuar trabalhando, eu continuaria. Só me aposentei por causa da compulsória. Chegou a idade e não tinha jeito.” (Sra. Ma. de Lourdes, 74).

“Eu acho que a gente nunca devia se aposentar e sair do convívio dos colegas, do contato com os livros. Adoro ler, escrever e ensinar. Se eu voltasse à minha mocidade eu voltaria a ensinar. Acho que a aposentadoria deixa a pessoa muito desorientada, por isso precisa procurar outras atividades. Eu procuro ocupar o meu tempo, se não, acho que já tinha tido um enfarte.” (Sra. Margarida, 65).

Mas outros enfatizam só a positividade da aposentadoria:

“Eu aposentado, comecei a aprender mais e a desenvolver meus conhecimentos, inclusive mudar a minha filosofia de vida. [...] Hoje percebo que as coisas acontecem de conformidade com o que a sociedade nos impõe. [...] A aposentadoria me proporcionou olhar o mundo de uma maneira diferente, porque tive mais tempo para poder penetrar mais nos tabus e na maneira como a sociedade nos coloca.” (Sr. Oswaldo, 62).

“A liberdade de fazer só o que eu quero fazer, sem horários, sem compromissos.” (Sra. Iracema, 64).

“Minha vida mudou muito. Comecei a viver mais em função de mim mesma, procurando fazer só o que me dá prazer, matriculando-me na Faculdade da Terceira Idade, onde fiz novos amigos e tenho outras perspectivas de vida.” (Sra. Lygia, 54).

“Tenho mais liberdade e disponho de meu tempo como quiser. Saio, acordo a hora que quero, tenho mais tempo pra ler – tem dias que leio até 2 horas da manhã – e já estou na Faculdade há 3 anos.” (Sra. Edith, 63).

Entretanto, a Sra. Eunice, 63, que está ainda trabalhando, resume um sentimento igualmente comum aos da sua condição de idade e etapa de atividade:

“Não quero nem pensar em aposentadoria!”

Por fim, grande parte dos entrevistados apresentaram a Faculdade da Terceira Idade exatamente como um achado para os aposentados: reencontram atividade, companhia e mantêm uma atualização de conhecimentos.

Realmente, essas pessoas com um grau médio-alto de escolaridade têm todo o tempo afirmado gosto pela leitura e pela informação cultural. Falando sobre o uso do lazer, expressam, quase unanimemente, um gosto e uma devoção à leitura que talvez sejam das últimas gerações – pré-televisão universal e computador abarcante – a sentir e exercitar como hábito.

Os depoimentos se sucedem. Gostam muito de viajar e passear mas, sobretudo:

“Escrever e estudar, fazer minhas poesias e ler. Leio tudo que chega às minhas mãos. Também faço parte do coral da Faculdade.” (Sr. Clóvis, 63).

“Adoro ler. Leio tudo que passar na minha frente. Até bula de remédio e receita de cozinha.” (Sra. Ma. de Lourdes, 74).

Ler, andar, hidroginástica, vivências...” (Sra. Hilse, 59).

“Leio. Adoro ler. Quando não tenho o que ler, leio até os classificados do jornal.” (Sra. Margarida, 65).

“Faço ‘cooper’, passeios, gosto de ler e ouvir música.” (Sr. Osvaldo, 62).

Também gostam muito de cinema e, alguns, de praia e trabalhos artesanais. Referem muito raramente a televisão. Por fim, o inesperado:

“Quase não tenho tempo livre. Pratico esporte, ando, nado e faço ginástica. Passei a fazer esculturas – o que eu não fazia antes – e a freqüentar a “Faculdade”. (Sra. Alyda, 75).

“Agora quase não tenho mais tempo livre. Porque até o lazer ocupa. [...] São congressos, eventos, etc. Passei a participar, também, do Grupo de Aposentados da UFBA. (Sra. Valquíria, 52).

Comentando o seu cotidiano, a não ser pelos que têm compromisso de trabalho, as atividades naturalmente coincidem ou só ampliam as de lazer. Exceto pelas tarefas domésticas, para as mulheres, que, entretanto, para essa população predominantemente de camadas médias, não ocupa muito: para a maioria, são apenas ordens, checagens, supervisões.

De maneira geral, todos arrolam uma grande e variada coleção de atividades por prazer, descoberta, ou “para não ficar parado”, mas em geral têm um esquema diário organizado. Depoimentos de cotidiano “casual” como o de Iracema, 64, viúva, aposentada, morando só, são raros nesse segmento social.

“De um modo geral, passo o dia todo na rua, ou na Faculdade, ou no Grupo de Convivência ‘Tempo de Viver’. Vou a cinema, ao ‘shopping’, passeio muito de ônibus, muitas vezes sem um destino certo. Pra onde ele for, eu vou. Chego no fim de linha e volto.”

Esse tipo de referência é bem mais encontrada entre as mulheres mais idosas das classes populares, – quando jovens fortemente adstritas ao bairro (Machado Neto, 1987) – onde o relativamente recente passe livre, em ônibus, para maiores de 60 anos, foi uma apreciada e literal liberação de espaços.

São típicas situações cotidianas (e de classe) encontradas entre os freqüentadores da “Faculdade”:

“Levanto às 6 horas, saio para fazer “cooper” e hidrogenástica. Volto em casa para dar as coordenadas. Se preciso, vou ao banco. Agora mesmo tem muita coisa para fazer: o casamento do filho, chá de cozinha da nora, o aniversário de 90 anos da sogra. Aqui na Faculdade eu sou líder da turma, sou muito ativa. De tarde, tou disponível se algum filho precisar, mas não assumo a vida de ninguém, não. Vou ao cinema sozinha, não preciso de companhia, não sinto solidão, tenho muitas amigas, a família é muito grande, eu tenho muita alegria de viver.” (Sra. Hilse, 59, nunca trabalhou).

“Depois de aposentada, fico mais com o trabalho doméstico, leio, vou ao teatro sempre que posso, cinema, ao “shopping” para observar as pessoas

(Sra. Ma. de Lourdes, 74 solteira com filhos adotivos e outros parentes em casa).

“Eu trabalho, um trabalho já é uma diversão. Cinema, muito pouco; televisão, nunca. Passeios e praia.” (Sr. Clóvis, 63, aposentado que está com novo emprego).

Tão ativos, alguns ainda se dividem entre outros grupos de idosos: quase sempre mulheres.

Uma delas relata a participação na criação de um grupo novo, após deixar dois outros, porque teriam começado com “muita burocracia” e “eu não gosto de política no meio”.

Sr. Clóvis, 63, entretanto, é taxativo quanto às escolhas:

“Não quis outros grupos. Eles se diferenciam (da “Faculdade”) porque tratam especificamente de diversão. Aqui é educacional. Você melhora seu nível. Sem avaliação (de aprendizado), só a você interessa o conhecimento.”

A Faculdade

À medida que os entrevistados vão falando sobre sua vida atual, a Faculdade começa a aparecer mais e mais como atividade e ponto de chegada satisfatórios. Direcionados, como em geral são esses programas, para atender à disponibilidade de tempo dos aposentados, ou de donas-de-casa sem a premência das tarefas domésticas das famílias jovens, atingem, realmente, a esse tipo de demanda e a uma clientela sem maiores problemas financeiros. A maioria dos entrevistados falou, repetidamente, na necessidade que sentiam de “preencher o tempo”, ao que a “Faculdade”, com a sua variedade de atividades, realmente atende.

“Eu achei que não ia me acostumar [com a aposentadoria], ficou difícil, mas depois que descobri a Faculdade da Terceira Idade tudo ficou maravilhoso.” (Sra. Rita, 63).

“[Com a aposentadoria] eu achei uma coisa assim parada, senti aquele isolamento, aquela falta de atividade, daí eu vim para cá. Eu não gosto de ficar parada.” (Sra. Lúcia, 64).

E como “descobriram” a Faculdade? Por dois caminhos naturais da notícia: pela referência ou incentivo de amigos, conhecidos ou parentes próximos, que geralmente participavam ou tinham alguma outra forma de proximidade com a

“Faculdade”, ou pela informação através da mídia, principalmente jornais. Interessante assinalar que dos 6 homens entrevistados, somente um teve notícia, ou incentivo para se matricular, através da imprensa: O Sr. Oswaldo, 62. Já as mulheres, quase totalizaram os casos de conhecimento através da imprensa, “denotando, pelo menos nas mais jovens, um certo estado de alerta em relação a buscas existenciais.” (Britto da Motta 1997:10). Isso ficou claro através de depoimentos como o de Sra. Valquíria, 52, que antes referira o seu desinteresse por grupos de idosos “de interesses domésticos”, e da Faculdade, “soube através de anúncio de jornal. Era o que eu queria.”

Que esperavam da Faculdade da Terceira Idade?

As declarações confluíram sempre para uma tripla intenção: atualizar ou ampliar conhecimentos, fazer novas amizades e preencher os referidos espaços vazios de tempo do cotidiano. Há também a preocupação explícita em “não ficar à margem da vida”, porque “as coisas agora estão mudando com muita rapidez e se você fica em casa, se isola do mundo.” (Sra. Ma. de Lourdes, 74).

E como isso foi vivenciado?

Para alcançar a resposta a esta indagação – e às outras, de ordem diretamente pedagógica – empreendemos toda uma busca de informação sobre a estrutura geral de funcionamento da Faculdade (que exponho no capítulo 8), observando, paralelamente, os estudantes em suas atividades e expressões de sociabilidade, até poder perguntar, diretamente, o que tem sido a Faculdade nas suas vidas.

Essa pergunta advém da amplitude e ênfase com que a circunstância é unanimemente referida. Há entusiasmo pelas aulas, pelos novos conhecimentos adquiridos, pelos professores, pelas relações novas e, muitas vezes, amizade desenvolvidas, e até pela descoberta da possibilidade de utilização útil e alegre do tempo morto da aposentadoria.

Alguns tipos representativos de depoimentos:

“Foi uma coisa maravilhosa, me levantou mais, tomei mais conhecimento. Você fica na luta de casa, de filho, vai esquecendo as coisas. Pra mim foi maravilhoso.” (Sra. Ermita, 69).

“Eu cresci [...] A luta de trabalho no dia-a-dia, a gente vai esquecendo de se familiarizar... vai ficando à margem. Com a Faculdade eu ampliei meus conhecimentos, me integrei mais, conheci outras amigas.” (Sra. Jandira, 63).

“Apesar de trabalhar 35 anos, eu falava pouco. Melhorei consideravelmente. Libertei-me da timidez. Na minha casa não se falava. O que minha mãe recebeu, ela passou pra gente. Me sinto mais livre nesta fase da vida.” (Sra. Zilda, 65).

“Não haverá outro lugar em que eu me sinta como aqui! Na minha casa, família, trabalho, eu me sinto bem, mas aqui é melhor. A Faculdade não me exige nada, a não ser o compromisso de viver bem.” (Sr. Clovis, 63).

“Aqui a gente encontra ambiente em que a gente se sente à vontade, porque pressente que todos estão carentes de viver melhor. [...] Não imaginávamos que existisse um espaço como este! A Faculdade aqui desperta potenciais e coisas que você nem pensava que era capaz, ou nunca teve espaço para mostrar. Nós estamos avançando dentro da sociedade, mesmo encontrando barreiras impostas pela própria sociedade, como “Já está velho para determinadas coisas...” (Sr. Oswaldo, 62).

Por fim, a Sra. Eulina, 60, resume muito do que se passa com outros: “*Já faz parte do contexto da minha vida. Não quero mais sair daqui.*”

Neste ponto tenho que retomar a questão anteriormente levantada (Britto da Motta, 1996c:277) e já referida aqui. A permanência dos estudantes na “Faculdade” irá ter um limite, que a maioria não deseja. Que farão, depois?

Provocados, tentam responder. Os comentários são muito semelhantes:

“Ave Maria! Se eu pudesse, não parava! Aqui eu fiz uma segunda família e sou amiga de todas as colegas e dos professores. É muito importante para nós. Aqui a gente se recicla, faz passeios e tem tudo que você possa imaginar.” (Sra. Alyda, 75).

“Sentiria falta [...] tanto da parte intelectual quanto do convívio social. Teria que arranjar outra coisa para fazer. Ficar em casa, de jeito nenhum! (Sra. Lúcia, 64).

“Aqui... é uma terapia ocupacional, é um ponto de encontro onde todos gostam e cobram da Escola. Alguns já têm projeto de fazer pós-graduação.” (Sr. Jonas, 45).

“Não penso em deixar, não. Só se for mudança de um lugar para outro, mas eu acho que é impossível.” (Sra. Marieta, 73).

Em suma, a perspectiva atual desse coletivo de idosos é o da conquista de uma sociabilidade mais plena, com a ampliação de um certo nível de informação, com a sensação de melhor e mais útil uso do tempo. Vivem um processo ainda limitado, um momento transicional entre o passado recente, de dominância do

preconceito contra a velhice, de visão dela como etapa individualizada da vida em que se perdem valores – reprodutivos, estéticos e, sobretudo, produtivos – e a contemporaneidade de vida mais plena, com a retomada da visibilidade social, de certo dinamismo e alguma valoração positiva. É o momento que Birman (1995:43) caracterizou como “um processo tardio de reconhecimento simbólico da subjetividade”, momento paradoxal, porque o idoso ainda continua “desinserido do lugar de agente social e do mundo das trocas simbólicas. Portanto, um sujeito em suspensão...”

Por isso, “os idosos que não estão diretamente inseridos, como coletivo, em processos de atuação social e política diretas pela cidadania, como o dos movimentos de aposentados, estão socialmente sós – e têm, realmente, que valorizar as instituições que, como as ‘Universidades’ e programas ‘para a Terceira Idade’, os acolhem como grupo e propiciam uma nova – e às vezes, inesperada – possibilidade de circulação social.” (Britto da Motta, 1997). Uma sociabilidade além da família, uma prática coletiva, que expande o seu horizonte existencial.

Representações sobre as idades

Falar na juventude produziu suspiros, saudades, “Que bom!”, “Que maravilha”, mas sempre acompanhados de ressalvas e de uma receita do que é bem viver; sem excessos, sem tóxicos, com educação. E, não raro, da observação de como ela não é seguida pela juventude de hoje. Como os dos outros grupos, afirmam o ciclo inescapável das idades:

“Ser jovem é viver a plenitude da vida, achar que pode mudar o mundo e deve, pra isso, lutar, mas lhe falta algo que é fundamental, que é a experiência de vida, que só vai adquirir com o tempo. Mas aí, já perdeu a mocidade...” (Sr. Clóvis, 63).

Também brincam:

“É uma delícia! A coisa que me preocupa é a velhice (sorri), quando ficar velha vai ser um horror!” (Sra. Francisca, 68).

“Jovem é o que eu sou... em pensamento. ‘(sorrindo)’ É gostar de viver, ser participante.” (Sra. Alyda, 75).

Do ser velho falam, entretanto, muito mais. Traçam um retrato multifacetado, muitas imagens e posições, não raro, contrastantes, em cores cambiantes, positivities e negatividades, e onde, não se é apenas o (auto) retratado, mas o retratista falando do outro... Misturam, então, vivências e representações.

Importante documentar um pouco desse variado painel:

Há sempre os que, falando de si próprios, declaram que “Ainda não pensaram” na velhice. E os que, representando a velhice de modo depreciativo, – de acordo com a imagem do preconceito ainda vigente – falam do outro, nunca de si:

“É aquele que não se atualiza, que não ama a vida, que perdeu as esperanças.” (Sra. Lúcia, 61).

“É ter a cabeça voltada para o antigamente e se fechar para o mundo... Tem aquelas implicações da velhice, dói aqui, dói ali, mas jovem também sente dores.” (Sra. Alyda, 75).

Por fim. “Ser velho é renunciar a tudo no mundo, [...] não gosta de nada, não acha nada engraçado [...] Eu nunca vou me sentir velha.” (Sra. Eunice, 63).

E há quem afirme o saber viver:

“A velhice não é boa quando não sabe envelhecer. Eu sei envelhecer. [...] Tenho que procurar me cuidar, alimentação... Tem que viver alegre, sorrindo.” (Sra. Jandira, 63).

“Eu me considero jovem psicologicamente. Eu me dou muito bem com os jovens, com os meus filhos, e comigo não tem esse negócio de que sou mais velho e por isso devem me respeitar...” (Sr. Oswaldo, 63).

Uma frase muito repetida, nas várias classes sociais e situações: “Velho não existe. Velho é o mundo.”

Falam de dificuldades:

“Não é muito bom porque tem muito preconceito. As pessoas se afastam.” (Sra. Ermita, 69).

“É perder muita coisa. Se a gente ganha experiência, perde no físico, surgem as limitações. É preciso muito cuidado pra saber ser velho. É difícil.” (Sra. Consuelo, 74).

Mas falam também de mudanças. Inclusive, da “Faculdade”:

“Atualmente são mais participantes. Você vê pelo movimento dos aposentados.” (Sra. Edil, 56).

“Antes eu pensava que era uma coisa muito ruim, mas hoje, depois da Faculdade, estou mais realista, vejo que não é aquilo que eu pensava. É uma vida melhor, uma vida de jovem. Até melhorei de saúde.” (Sra. Marieta, 73).

Por fim, uma fala que sintetiza várias posições, e outra que expõe o novo:

“É um prêmio ter vivido, adquirido experiência. Eu não acho que a pessoa seja velha, a pessoa é experiente, vivida. Eu não admito essa palavra, “velho”. Velho é traste, que não presta, que é jogado fora. Eu admito “idoso”, pessoa experiente, vivida. Eu tenho 74 anos mas não quero nem pensar na idade que eu tenho, quero viver.”

“Os anos passam, nós somos detentores da experiência acumulada durante a existência. Temos sabedoria e continuamos, mesmo assim, aprendendo.” (Sra. Lygia, 54).

Muito novo, realmente, é esse ultrapassar a consciência de ter a experiência de vida e das relações humanas, e ter atingido a percepção de que não apenas há mais a ser aprendido, mas também de que pode aprendê-lo.

Comparando o idoso de hoje e o de “antigamente”, uma quase unanimidade: há muita diferença. Duas das respostas sintetizam o geral expresso:

“O idoso de antigamente podia ser “jovem”, mas a sociedade não dava condições para fazer o que tinha vontade e o de hoje faz.” (Sra. Valquíria, 52). E: “O idoso de hoje é ‘jovem’ e participa de tudo, mas o de antigamente era mais respeitado.”

Esta, exatamente, a dupla tônica das respostas:

“O idoso tradicional só tinha uma coisa, era mais respeitado. Por outro lado, a gente hoje sente mais liberdade.” (Sra. Lúcia, 64).

Desenham a imagem do idoso atual: É mais alegre, participa muito mais de tudo, inclusive com jovens e os netos, uma cabeça aberta e uma vida ativa, com festas, viagens, seminários, e lutam mais pelos seus direitos.

Muitos atribuem o dinamismo e as possibilidades de “participação” à existência desses grupos que estimulam o idoso a sair de casa, desenvolver atividades, como a Faculdade e outros que conhecem.

O velho do passado, dizem, apesar de mais respeitado, era mais triste, conservador, enclausurado, “atrasado”.

A imagem do “velho jovem”, “terceira idade”, ganhou todos os entusiasmos e se põe como espelho de cada um, exibida com satisfação. Principalmente as mulheres, as mais reprimidas e “sacrificadas” de antigamente. Sra. Ma. José, 65, arremata, com certo desdém: “Antigamente mulher era o que? Dona de casa.” Sra. Jandira, 63, concorda: “Antigamente não tinha a Faculdade. Agora acabou aquilo da mulher de 50 anos ficar em casa fazendo crochê e tendo filhos. Pelo que eu vejo, a velhice vai ser de 100 anos.”

Comenta Sra. Hilse, 59 anos:

“Minha mãe, mesmo, na minha idade não estaria aqui. Ela diria; não tenho mais idade para isso.”

Peixoto (1997:42 e 65), em estudo sobre a Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ, assinala também a construção de

[...] uma outra representação da velhice, desvinculada dos atributos negativos que lhe são atribuídos [...] Um outro modo de vida pautado, principalmente, na ideologia da terceira idade, cujas propostas de educação permanente, lazer e sociabilidade evocam o estilo de vida das camadas médias em geral.

Na comparação do envelhecimento do homem e da mulher, hoje, impressionou a semelhança de opiniões entre esses homens e essas mulheres de camadas médias. Poucos negaram que haja diferenças de condição de gênero na velhice, e quase todos que assinalaram diferenças de situação fizeram referências vantajosas à maneira das mulheres viverem a situação de “idade”. Ninguém colocou maior positividade na situação e modos de agir dos homens. Surpreendentemente, a opinião dos homens foi muito semelhante à das mulheres:

“A mulher amadurece mais cedo. É mais gente, entende mais os outros. Os homens ficam mais fechados, a mulher se solta mais.” (Sr. Clóvis, 63).

“A mulher é mais preparada, mais conformada. O homem, até pelo ‘lado másculo’, não se conforma em envelhecer.” (Sra. Armando, 65).

“Diante dos preconceitos e da sociedade machista em que vivemos, a mulher leva desvantagem, porque quando está velha a tendência é ficar só.” (Sr. Oswaldo, 62).

As mulheres, além de maioria nos grupos, falaram mais longamente. Acentuaram, muito críticas – e, não raro, quase queixosas – a preocupação dos homens com o que seria a sua potência sexual declinante, falsamente compensada por um interesse ou procura por mulheres mais jovens. Entretanto, nenhuma falou diretamente em que isso pudesse resultar em *sua* solidão.

Em relação à mulher, acentuaram sua maior atividade e capacidade de “participação” e de “curtição”; certa autonomia pela continuidade da presença nos afazeres domésticos – que aparece, inclusive, como atividade compensatória – (Britto da Motta, 1994a:8) e maior maturidade para enfrentar a velhice.

Deploram que os homens quase não participem de grupos e clubes de terceira idade, embora estejam melhorando, nesse ponto.

Algumas dessa falas:

“O homem é mais dependente, fica muito preocupado com a questão sexual [...]; a mulher fica preocupada com o aspecto físico, vai perdendo o viço, vêm as concorrentes. A mulher é mais capaz de viver sozinha. A mulher tem a casa, para o homem viúvo é mais difícil.” (Sra. Lúcia, 64).

“O homem de classe média para cima não procura esses grupos de terceira idade. Entra de vez na velhice, ou procura outra forma de viver, sendo ‘gastoso’ em barzinhos, com mulheres jovens. As mulheres procuram esses grupos, viajam, curtem o mundo...” (Sra. Lúcia, 61).

“O homem aceita a idade com muito menos tranqüilidade. O homem fica com as características de velho tradicional, ou então, ridículo, quando procura se acompanhar de jovens, para pensar que também é jovem. Se vê isso aqui. O número de homens no grupo é bem pequeno. Eles não querem participar de um grupo de idosos.” (Sra. Ma. de Lourdes, 74).

Sra. Ma. de Lourdes justamente sintetiza o que se pode concluir do conjunto das falas, das percepções expressas em ambos os grupos: Há uma imagem nova de idosos construída – mas ela é basicamente de mulher. A do homem conserva muito do modelo tradicional.

Curioso, ainda, enfatizo, é que esses homens de camadas médias falam, em maioria, apreciativamente sobre as mulheres, e estas estão sendo tão críticas dos homens quanto afirmativas da sua condição atual de mulheres.

Como se a imagem positiva recém-construída da “terceira idade” fosse apenas delas, principalmente das de classe média.

* * *

Neste grupo bastante homogêneo em sua situação de camadas médias, algumas poucas pessoas têm condições financeiras ou extração social menos privilegiada. Sempre que se contrapõe geração e condição de classe, essas diferenças aparecem claramente, em determinadas expressões individuais, pela voz do preconceito:

“A gente sente que o pobre ainda se sente deslocado. Mesmo que tente, não consegue, pois já vem da infância... Sempre apertado, falta de recursos... Quando os filhos ajudam na matrícula [...] e vêm pra cá, ficam deslocados.” (Sra. Lúcia, 61).

“Não precisa nem perguntar. Até na pele a gente percebe. Pelas aparências.” (Sra. Zilda, 65).

Mas também existe a auto-afirmação:

“Bom, a velhice do pobre é mais alegre e despreocupada. O rico corre perigo de segurança, pois além de velho é rico. As mulheres tomam dinheiro e pode ser roubado. O pobre anda sozinho, sorrindo, toma uma cachaça aqui e outra ali e *vou* andando.” (Sr. Armando, 65).

A grande maioria, entretanto, representantes de uma situação social confortável e sem polaridades de classe, faz comentários inexpressivos sobre as desigualdades sociais, sem a paixão que direciona os mais pobres, como vimos no caso do grupo de Castelo Branco.

Ao bem pessoal “Como se deu conta de que a ‘idade’ estava chegando”, as respostas foram abundantes, mas variaram segundo algumas alternativas já conhecidas (Britto da Motta, 1995b, 1996a). O sempre repetido “Nunca pensei nisso” – que acaba sendo uma versão casual do “Só é velho quem quer”; um curto rol de sintomas – reais ou socialmente prescritos – relacionados a desgaste, cansaço, dores ou “menopausa”; a comum afirmação ou queixa de defasagem entre o corpo que envelheceu – movimentos mais difíceis, rugas, menor elegância – e a “cabeça”

que permanece jovem. Também algumas percepções, umas tranqüilas, outras chocantes da liminaridade:

“Os filhos vão ficando adultos, a gente vê que chegou a ‘idade’. Me senti tranqüila, tem que chegar mesmo, ou queira ou não queira, tem que chegar...” (Sra. Ermita, 69).

“Após 32 anos de casada, com uma grande desilusão conjugal. Mas dei a volta por cima, uma volta de 360 graus.”

Também muitas constatações tranqüilas e até alegres. Principalmente das mulheres:

“Ela [a ‘idade’] vai chegando e eu vou vivendo. Um dia a mais é um dia vivido a mais, eu agradeço a Deus. Eu não deixo a idade me viver, eu vivo a idade, e pronto.” (Sra. Avany, 74).

A Sra. Lúcia, 64, hoje sente “mais alegria, mais liberdade. No meu tempo eu era mais reprimida.”

A Sra. Hilse já começou a preparar a festa de aniversário de 60 anos “muito bem vividos. Quando a pessoa vive bem todas as etapas da vida, não tem problema, não.”

O Sr. Oswaldo, 62, não deu muita importância à chegada da “idade”:

“Acho até que acrescentou positivamente à minha personalidade.”

A Sra. Ma de Lourdes, 61, generaliza:

“O envelhecimento, agora, na década em que vivemos, está cem por cento. Acabou aquela história de ficar em casa sem fazer nada. Hoje somos participantes.”

A Sra. Bernadete, 54, se queixa, mas compensa:

“Cada dia é uma coisinha que a gente vai sentindo. No pensamento, eu ainda penso como jovem.”

Por fim, contraste-se o reparo, que também existe, que algumas muito idosas, e alguns homens, principalmente das classes populares, fazem dessas mulheres tão triunfantes:

“As mulheres ficam assanhadas...” (Sra. Edith, 63, da Faculdade da Terceira Idade).

“O homem na velhice... se encolhe muito. A mulher quer se espalhar...” (Sr. Antonio, 68, da Praça).

Projetos de vida

Como pessoas em maioria das camadas médias da sociedade, seus projetos mais comuns e “simples” de trabalhar, casar, ter casa, criar os filhos dando-lhes boa educação, etc., foram em geral realizados. Por exemplo:

“Me formar, ter uma profissão e ser independente financeiramente. Consegui realizar e não tenho nenhuma frustração.” (Sra. Iracema, 64, superior completo, viúva há 21 anos).

“Consegui ter um emprego, uma casa pra morar e ter uma velhice independente. O que eu não fiz quando era jovem, estou fazendo agora, que é viajar, viver.” (Sra. Ma. José, 65, 2º grau completo, solteira).

A maioria das não-realizações ocorreu no campo profissional – onde as aspirações (diferentemente do que ocorreu entre os entrevistados das classes populares), foram mas fortemente expressas. Principalmente com as mulheres que, várias, casaram cedo e abandonaram o projeto de universidade, ou não tiveram a concordância dos maridos para trabalhar (ainda que esse grupo, principalmente de mulheres, seja atipicamente bem escolarizado e, na juventude, inserido no mercado de trabalho). Mesmo assim, há depoimentos como estes:

“O projeto era me formar, fazer um curso de especialização. Eu dizia: ‘A mulher precisa abrir a cabeça,’ e faltando quatro meses para me formar (Enfermagem, na UFBA), eu me casei e não terminei o curso.” (Sra. Hilse, 59, casada há 39 anos).

“Estudar. Aí veio o casamento, o estudo ficou para depois...” (Sra. Ermita, 69, 2o. grau completo, casada há 50 anos).

“Queria ser advogada, mas não fui. Acabei me casando e só consegui voltar a estudar 10 anos depois. Meu marido não queria que eu trabalhasse.” (Sra. Vanda, 68, 2º grau completo, viúva há 2 anos).

Também alguns homens não conseguiram realizar o projeto profissional:

“Estruturar a família, foi projeto que consegui realizar. Não pude me diplomar na faculdade, mas estou me realizando aqui: continuar com a mente em atividade, participando da sociedade como um todo. Eu não deixo que a ‘idade’ me vença.” (Sr. Clóvis, 63, 3º grau incompleto, casado há 39 anos).

“Consegui construir uma família, ter uma casa para morar, um salário compatível com as necessidades. Agora, a profissão que eu gostaria de ter trabalhado, gostaria de ter sido mecânico, trabalhar com máquinas, eu não consegui. Fui trabalhar em escritório.” (Sr. Oswaldo, 62, 2º grau completo, casado há 25 anos).

Ainda quanto a projetos, a pergunta seguinte já partiu do conhecimento de que estes, agora, serão a mais curto prazo: “O que mais deseja para o futuro imediato”. Mesmo assim, surpreendeu um pouco a consciência generalizada e precisa dessa (com)pressão do tempo:

“O futuro pra mim é hoje. Eu não penso no futuro. Eu não penso em parar. Eu não planejo.” (Sr. Clóvis, 63).

“Eu vivo muito no aqui e agora. Eu não penso muito no amanhã, só penso no hoje. Hoje estou fazendo a Faculdade, amanhã, eu não sei.” (Sra. Jandira, 63, 3º grau incompleto, viúva há 8 anos).

“Não tenho mais futuro. *Agora só penso no presente.* Não penso mais no futuro.” (Sra. Ma. José).

Repare-se que aqui não se trata de uma visão simplesmente pessimista: é a mesma pessoa que declarou, pouco antes, que só agora consegue o que não conseguia antes: “Viajar, viver”.

Como também não parece apenas fatalista a declaração da Sra. Alyda, 75, 2º grau completo e viúva há 40 anos: “*O velho não tem futuro.* Existe o hoje. A única coisa que desejo daqui para diante é ter saúde, para não depender dos filhos e sofrer. Adoro viajar, e enquanto viver vou fazer *tudo* a que tenho direito.”

E esse tudo não é um projeto?! Mas, que produz essa quase unanimidade de limites, nos quatro grupos!? Um senso agudo da finitude da vida? Ou, para esse momento anterior, o desconhecimento de possibilidades alternativas?

Nesse quadro, os desejos atuais variam entre continuar em “Paz, tranqüilidade e saúde até o último instante”, ver filhos e netos “todos muito bem”, até amplos e vagos votos filantrópicos de “paz para todos” e um Brasil melhor, com mais tranqüilidade.

Que consciência social têm esses idosos razoavelmente instruídos?

Comentando sobre o tratamento que a sociedade dá ao idoso, há sempre alguns que se põem como honrosas e felizes exceções individuais, mencionando “Em toda parte sou bem tratado”, ou “Nunca sofri discriminação nenhuma.” Mas a grande maioria afirma e aponta a existência de discriminações, “a começar pela própria família” que, entre outros erros, “não dá direito do idoso falar”. “Passa pelos políticos, que tratam mal, não tomam conhecimento” e “um Governo que quando dá assistência, ela é precária”. Fixa-se no cotidiano, no transporte coletivo, com motoristas que “não querem sequer abrir a porta para o idoso.” Retornam à avaliação mais ampla de que há discriminação social contra o idoso, “as vezes tratado como lixo”, mas “a situação está melhorando.” E está melhorando pela ação do próprio idoso.

“Os idosos estão fazendo por merecer. Aposentados fazem campanhas, estão indo às ruas reclamar.” (Sra. Jandira, 63).

Está melhorando, também, com “essas coisas de terceira idade, que não tinha antes, faculdade, grupo de idosos, [...] o idoso está tendo melhor atendimento.” (Sra. Alyda, 75).

Quanto à atuação do Estado, são quase todos pessimistas ou descrentes “do Governo” e “dos políticos”:

“É demagogia pura o que tem por aí.” (Sra. Ma. José, 65).

“Qual! Coitado do idoso, ele que não ‘se vire’ não, para ver uma coisa!” (Sra. Francisca, 68).

“Ultimamente procura dar (assistência), mas a estrutura é viciada, mesmo que alguém pense em fazer, acaba se diluindo no caminho.” (Sr. Clóvis, 63).

Alguns têm uma certa postura de classe, que passa a idéia de que o idoso pobre é também “o outro”:

“Não sei... eu vejo o idoso sofrendo debaixo da chuva, do sol, em fila em porta de banco...” (Sra. Ma. Iracy, 58).

“Agora tem uma lei aí para ajudar os velhos carentes, mas é tão pouco que não vai ajudar em nada.” (Sra. Flora, 56).

Mas há os que realmente assumem a identidade geracional:

“Uma péssima assistência. Inclusive, estamos constantemente na luta para ter um lugar ao sol, e para mostrar que nós, queira ou não queira o Governo, somos parte ativa dentro da sociedade.” (Sr. Oswaldo, 62).

AGORA FACULDADE LIVRE DA TERCEIRA IDADE

Uma volta quase sem termos partido, porque foi o último grupo estudado, e logo estávamos retornando para o levantamento final do projeto, em novembro de 1996. Como já foi referido a propósito dos outros grupos, estabelecida maior familiaridade entre equipe e entrevistados, uma continuidade de acompanhamento e uma tentativa de aprofundamento de conhecimento de alguns campos importantes: família, sexualidade, sociabilidade e vivências de idade e envelhecimento.

A equipe de volta foi saudada nos corredores da “Faculdade”, sempre muito movimentados, com cordialidade e curiosidade: “De novo?!” Encontramos uma novidade entre os estudantes: uma freira, muito alegre e bem humorada. Veio conversar com a equipe, colocou-se à nossa disposição, mas na verdade nunca iria render-se a uma entrevista... Que estariam esperando do curso, ela e sua ordem religiosa?!

O pessoal da Faculdade sempre ocupado com a organização de alguma atividade ou evento – a desse novembro estava sendo o preparativo para gravação, pelo coral, de um CD de músicas natalinas. Todos ansiosos, ocupadíssimos, logo atraindo a solidariedade dos estudantes da equipe, que foram ajudar nas arrumações. A coordenadora do curso também presente, animando. Ao fim de algumas horas de trabalho, o pessoal do coral alegre e orgulhoso, a equipe sensibiliza-se e registra, no diário de campo, que se sente bem em “estar participando, mesmo que à distância, desse momento único na vida dessas pessoas”.

Seguem-se outros dias e atividades, os corredores sempre movimentados. As pessoas se saúdam com muito carinho, entreouvem-se muitas conversas, por exemplo, sobre não ir à aula sobre Tapetes Persas, porque “era muito chata...” (O que iríamos diretamente verificar ser verdadeiro...) Observam-se os encontros: o elogio fraterno a uma colega que estaria com ótimo desempenho na peça teatral (mais um evento do mês) que o primeiro ano estava montando. Ou a recepção calorosa à colega retornando de recente cirurgia.

Em dezembro, e enquanto iam-se desenvolvendo as entrevistas, a programação da Faculdade volta-se para o Natal. Há cursos sobre confecção de anjos – e algumas alunas, muito satisfeitas, revelam que estão recebendo encomendas – e embalagens para presente, além de palestra sobre os sentidos do Natal. A peça teatral referida também foi para essa época.

O ano letivo é encerrado a 19 de dezembro, com uma solenidade festiva no Hotel da Bahia. Entrega dos certificados – que, sendo anuais, cabem a cada aluno, do 1º ao 4º ano. Uma cerimônia longa, por causa do grande número de diplomandos, mas simples e muito alegre. À apresentação de cada concluinte, os colegas aplaudiam, gritavam jovialmente, enquanto cada um tirava fotos com a Coordenadora no ato de entrega do certificado.

Houve momentos afetivos fortes, que emocionaram o auditório – por exemplo, quando uma das alunas foi receber o certificado acompanhada de três netinhos, ou quando a outra levou consigo a irmã de 90 anos (apesar de haver muito poucos familiares de alunos presentes).

Também no Hotel, uma exposição de trabalhos – fotos, pinturas e artesanato – dos alunos da Faculdade. Ao final da tarde, a esperada apresentação do Coral, que foi muito aplaudido. Ele ofereceu a última música à Coordenadora Lúcia Palmeira, que ficou emocionada até às lágrimas.

As entrevistas foram feitas concomitantemente às observações. Fim de ano, a Faculdade já mais vazia, conseguimos ouvir 18 das 36 pessoas já entrevistadas na primeira fase do trabalho. Daqueles, dois haviam morrido: Sr. Armando, já referido, logo no início da pesquisa, Sra. Flora, 57, ao retornarmos a campo. Impressionou-me como a morte ironizou, com ambos, na “escolha”: sr. Armando era o mais alegre e otimista da turma, e Sra. Flora fora a que mais enfatizara a importância da vida. Justamente chamara a atenção a força de suas palavras na entrevista:

“Nunca me preocupei com isso (a ‘idade’). Eu não quero é morrer. O importante é viver. Mesmo com dificuldade, é importante.”

Voltei a entrevistar a Coordenadora da Faculdade, para acompanhar o processo pedagógico. O curso havia-se estendido, mais uma vez. Está-se alongando ainda e parece mais difícil manter um currículo mais coerente e, talvez, disciplinas de continuada atração (ver capítulo 8).

Pergunto, mais uma vez, sobre documentos ou avaliações escritas sobre o curso, que nunca consegui obter – se é que materialmente existem. Ela retruca de imediato: “Você já tem”.

Mantenho algum contato com a Faculdade, mesmo após o encerramento formal do trabalho de campo – ao longo do ano de 97. Em novembro, realizo, ainda, uma entrevista com a Coordenadora. Inscrevo-me, em seguida, para ter a oportunidade de uma observação mais direta, talvez participante, no 2º. CONCTUR (Congresso Cultural e Turístico da Terceira Idade), organizado pela Faculdade, em dezembro daquele ano, em instalações de hotel da cidade. Só depois disto considerei o trabalho de campo realmente encerrado.

Desse experimento, sintetizo o seguinte, do diário de campo:

Auditório grande, lotado. Platéia sempre entusiasmada e muito bem humorada, predominantemente feminina. Palestrantes, em maioria verbalizando bem, – tipo conferencista profissional... – dão informações e conselhos para idosos. Usam, quase todos, abundante material audio-visual, a ponto de que alguns, em determinados momentos, nem precisariam falar...

Alguns foram ao tema programado de maneira sóbria e eficaz, como o conhecido geriatra, quase-militante por uma visão justa e mais respeitosa dos velhos, e o vereador (também médico), que expôs a trajetória e a questão da Previdência no País. Outros, entretanto, “romanticaram” em atitudes e conteúdo das falas, além de puerilizarem o auditório, com termos que iam de “meninos” a “jovens de terceira idade”.

Resultou particularmente estranha a atitude de um conferencista – conhecido como educador – que, idoso ele também, falava sempre em “vocês” e nunca em “nós” (como até fizeram outros mais jovens...), e chocante quando referiu a hipotética última vez em que os idosos teriam estado apaixonados em termos de “Vai ser muito difícil lembrar... (pausa), mas talvez consigam”! Fala, em outro momento, também pouco simpaticamente, “... prestem atenção a isso, apesar do soninho de depois do almoço...”

Apesar desses episódios, os idosos estiveram sempre embalados pelas falas “protetoras”, entusiasmados pelas perspectivas apresentadas – lazer, viagens, trabalhos corporais – para a “terceira idade”. Mas, sobretudo, estiveram juntos, passaram o tempo e se divertiram, inclusive com os trabalhos de dança, música e auto-expressão que também foram feitos (ver “folder” do programa, anexo).

Estiveram intensamente *ali*, naquela hora e lugar, na seqüência e expressão de uma trajetória de tempo social agora descontínuo, em que muito do passado já está feito, até encerrado, e do futuro não querem muito saber, como os numerosos depoimentos nas entrevistas vêm confirmando. A vida está fincada no presente (ver, também, capítulo 8).

É o que um dos conferencistas capta (também instila...) e, querendo certamente ser animador, de certo modo faz assemelhar esse presente a uma sobrevida, dizendo e repetindo:

“Vocês já cumpriram, em matéria de papel, *tudo* que tinham para cumprir. Agora são férias!” “Cumpriram *todas* as metas que a sociedade cobra. Agora é a sua meta pessoal.”

E que meta pode ser esta?! Nenhuma alternativa de projeto coletivo foi lembrado ou sugerido, fora do lazer comercializado – aliás zelosamente apoiado pelos órgãos de turismo do Estado, através dos Clubes da Maior Idade – e atual expressão mais acabada da mercantilização da terceira idade. Passeios, viagens, alguns cursos, programas “especiais para a terceira idade”...

Novos lugares sociais continuam opacos, distantes (relembre-se o “sujeito em suspensão”, de Birman (1995:43): “... capaz apenas de olhar para o passado com mais complacência e menos severidade, mas ainda sem o futuro como possível.” Até que o próprio fato de estarem circulando, ou caminhando juntos, *identificando-se*, afinal indique alternativas da mudança possível.

As entrevistas complementares

No tempo curto de pouco mais de um ano entre os dois levantamentos, não ocorreu nenhuma mudança significativa quanto a estado conjugal ou arranjos domésticos dos entrevistados (fora, evidentemente, os falecimentos já comentados). Diferentemente do que se deu em relação aos grupos de classes populares, aos quais pudemos retornar após espaço de tempo maior.

Além de que, nestes, as dificuldades de vida são maiores e, conseqüentemente, a freqüência dos rearranjos familiares e de trabalho.

Entre os 18 entrevistados desta fase, todos já conhecidos da primeira, reencontramos as três mulheres solteiras e uma das separadas, 3 das sete viúvas e 11 dos 22 casados, grupo onde estão os 5 homens. 2 mulheres (1 solteira e 1 viúva)

moram sós, e dois homens e uma mulher moram apenas com o (a) cônjuge. Entre os demais, há sempre outras pessoas da família na casa.

Como os dos outros grupos, expõem opiniões e vivências sobre casamento e sexualidade. Amor e paquera.

Muitos falam do amor positivamente, mas parecem estranhar um pouco a idéia de paquera – como algo que não fosse muito do seu tempo, ou experiência, que não fosse “sério”. A maioria declarou achar o amor “válido”, “natural” ou necessário, embora muitos refiram que “na terceira idade é diferente”, porque “Não existe mais aquele ardor da juventude”, ou porque “é maior a responsabilidade”.

Duas das mulheres solteiras revelam que aboliram essa preocupação da sua vida, porque “tenho uma porção de amigos e é suficiente.” (Sra. Ma. José, 66) ou “quanto mais velha, mais exigente.” (Sra. Zilda, 66). No que ecoam afirmações de mulheres de outros segmentos sociais e estados conjugais.

Alguns, cuidadosamente, particularizam as suas experiências e soluções de vida:

“Olha, pessoalmente eu experimento isso: Tenho tido candidatos, mas não correspondei. Tive uma pessoa 24 anos mais jovem, mas não deixei que continuasse, pois não seria uma coisa permanente, era para o presente e não para o futuro. Acho natural para quem quer levar adiante.” (Sra. Avany, 75 anos, divorciada).

É uma senhora bastante dinâmica, que já participou do IV Desfile de Moda - 3ª idade, Coleção Alto Verão 95/96 organizado pelo centro de convivência do SESC. Ao mesmo tempo, parece não aceitar certas mudanças atuais de costumes, a exemplo da vida dita “desregrada” da filha viúva, com quem mora e tem grandes conflitos.

Já a Sra. Ma. de Lourdes, 75, solteira, partilha da atitude crítica das mulheres de sua geração em relação aos velhos que andam com mulheres jovens... e afinal as deixam “sobrando”:

“O amor é necessário em qualquer idade. Necessário e indispensável. Agora, a paquera fica mais difícil, porque eles gostam das meninas. Eles, coitados, precisam andar com meninhas para se valorizarem. De vez em quando aparece um paquera.”

Por fim, um romântico, Sr. Clóvis, 64, casado:

"O amor na terceira idade é mais puro, porque é mais objetivo, sincero. A paquera praticamente não existe. O amor é coisa sublime. Eu amo muito e com intensidade. Entre duas pessoas pode rolar tudo, mas existe um pacto de sigilo e respeito."

Perguntados diretamente sobre o sexo em sua vida, são mais explícitos. A Sra. Rita (64, casada), por exemplo, que sobre amor e paquera declarava: "Deve haver e é necessário", pessoalizando, expressa diferente: "Eu não vou dizer que sexo é fundamental – já foi. Hoje, se vai levando."

É semelhante ao que está vivenciando Sra. Edil, 57:

"Bom, eu sou casada e... atualmente não é mais aquela coisa do tempo de jovem. Acho que varia de pessoa para pessoa. Algumas ainda preservam aquele fogo da juventude."

Mas uma outra das casadas sente diferente: "O sexo é primordial e sempre gostei muito." (Eunice, 64).

Fala uma das viúvas: "Eu não sinto falta nenhuma. Sei viver sozinha e me basto." (Alyda, 76).

Os homens – lembre-se, todos casados – declaram, laconicamente, "é coisa natural", porém dois deles dão depoimentos mais longos e personalizados:

"É uma complementação do amor. É o prêmio de uma relação amorosa. Quando você diz 'vou fazer minha parceira feliz', quer sentir a mesma coisa. Não precisa que a pessoa me diga que eu sou o máximo, eu quero que ela se sinta assim também. As coisas se complementam. Termina o coito e continua o amor." (Clovis, 64).

"Tem importância capital. Faz parte da natureza humana e é um dos mecanismos através do qual a humanidade sobrevive. É claro que na terceira idade tem suas limitações. É óbvio que um cara como eu, de 65 anos, não vai pegar uma menina de 15 anos. Sempre achei que seria a maior burrice. Quando eu vejo uma menina nova me paquerar é porque eu sou bonito, com esses cabelos brancos?! Claro que não." (Osvaldo, 63).

Posta para os não casados desse grupo, todas mulheres, a hipótese de *casar novamente*, o resultado é, mais uma vez, como já acontecera com relação às mulheres das classes populares, a recusa. Prezam muito a liberdade atual, declaram.

Esse depoimento é modelar:

“Prefiro ficar como estou, pois sou independente. Pra que eu quero saber de marido para atrapalhar minha vida?” (Sra. Vanda, 69, viúva) .

Retomo o tema central da idade, posto agora muito diretamente: Como se sente com a idade que tem?

Quase sem exceção, declaram-se muito bem. Vários, com o maior entusiasmo – caso das mulheres. E pessoalizaram as respostas, assumiram sua condição de idade, talvez mais facilmente porque sem precisarem mencionar os termos “velho” (uma exceção) ou “idoso”.

“Ah, me sinto ótima! Agora é que eu estou vivendo!” (Sra. Ma. José, 65).

“Eu me sinto bem, bem, bem! Fico feliz em ter a idade que tenho, estou satisfeita com a minha vida...” (Sra. Jandira, 64).

“Eu me sinto muito bem e agradeço a Deus por ter chegado a essa idade. Não vivo menos um dia, vivo mais um dia. A idade não tem a mínima importância. O que importa é a cabeça.” (Sra. Avany, 75).

“Me sinto ótima! Acho que enquanto tem vida a gente tem que aproveitar.” (Sra. Lucia, 65).

“Olhe, pra ser sincera, a velhice tem duas faces. Eu acho maravilhoso ter essa idade e me sinto bem, gozo saúde, não tenho a responsabilidade que tinha na juventude. Não vou dizer que adoro ser velha, mas me aceito bem.” (Sra. A ., 69).

A exceção:

“Depende do momento. Tem dias que eu me olho no espelho e vejo um retrato antigo. Fico pensando como eu era bonita e não tinha essas manchas senis.” (Sra. Vanda, 69).

Por fim, permeando tanta satisfação geral, aquela conhecida negação sutil do envelhecimento não deixa de apontar, em alguns, poucos, casos. Quando o Sr. Clóvis, 64 declara: “Eu não sei que idade eu tenho. Eu me sinto um menino, sou jovem, cuido da minha alimentação...” Ou o Sr. Oswaldo, 63: “Olhe, é uma coisa que vou dizer com franqueza: eu vivo de maneira que não dou importância a essa questão de idade.” Ou ainda, e mais comumente na expressão: “sabe que eu não penso nisso?”

Seguindo a linha do tempo, pergunto qual o período mais feliz da vida de cada um. As respostas foram variadas, abrangendo inclusive, momentos ou acontecimentos especiais e não apenas um período. Por exemplo, quando nasceram os filhos, ou quando um filho se casou.

Alguns referiram como um tempo especialmente feliz, quando trabalharam – mulheres que, no casamento tradicional, depois deixaram – ou os que exerceram determinada ocupação: “Ah! O tempo em que eu ensinava!” (Sr. Jonas, 46). Para outros, um tempo do casamento. E inesperadamente, uma referência dos homens: “Quando me casei com minha primeira mulher. Estávamos jovens, modernos e apaixonados! Mas fiquei viúvo e estou no terceiro casamento.” (Sr. Manoel, 61) “A época em que me casei. Temos 37 anos de casados e deu tudo certo.” (Sr. Armando, 66).

Entretanto, coerentemente com as freqüentes declarações de bem-estar com a “idade”, vários referiram um tempo próximo ou o atual como o mais feliz:

“Eu acho que foi depois que me aposentei. Passei a ter mais liberdade para fazer tudo que queria, na hora que quisesse.” (Sra. Ma. José, 65).

“Foi com a idade adulta, já bem madura. Por causa da independência em todos os sentidos.” (Sra. Zilda, 66).

“O atual. Pela plenitude, pelas oportunidades, pelos amigos.” (Sr. Clóvis, 64).

“Depois dos 40, até agora. Porque me estabilizei financeiramente, família crescida, casa própria... carros.” (Sr. Oswaldo, 63).

“O atual. Porque minha juventude foi cheia de muitas atribuições, tinha que trabalhar até de noite, deixava meus filhos com a empregada... Agora, não, faço o que eu quero e vou para onde quero, e os filhos já estão criados.” (Sra. Edil, 57, casada).

Por fim, o outro lado da “idade”, com a hipótese/teste: E se de repente ficasse jovem de novo?

Uns poucos tiveram dificuldade de absorver a idéia alternativa e não arriscaram o palpite. Por exemplo, a Sra. Rita, 64:

“É muito difícil, porque a juventude de hoje não me enche os olhos.”

Vários declararam que repetiriam tudo que fizeram, enquanto muitos outros aproveitariam a chance para viver mais ousadamente, sem a repressão que a sua

geração experimentou na juventude. Uns raros, ao contrário, aproveitariam a chance para planejar, cuidadosamente, a vida:

“Eu agiria com mais cautela no traçar as metas, sonhos, cronometraria tudo.” (Sr. Oswaldo, 63).

Por fim, algumas das mulheres casadas reveriam a própria idéia de casamento:

“Ah, eu não queria me casar! Porque eu teria mais liberdade. Eu fiquei muito presa depois que tive filhos.” (Sra. Edil, 57).

“Teria mais juízo, não me casaria tão cedo. Viveria mais.” (Sra. Avany, 76)

A outra área de aprofundamento tentada foi a de sociabilidade – na família e fora dela, com os amigos e na Faculdade. Paralelamente, o reverso dele, uma tentativa de percepção sobre a solidão – existente ou não? – entre os idosos. Quase todos declararam cultivar uma sociabilidade familiar que é muito típica dos modos de vida das camadas médias urbanas, embora nem sempre pensada como fazendo parte do horizonte cotidiano dos mais velhos: passeios, festas, teatro, cinema, praia, restaurantes, barzinhos, shows, viagens. A exceção ficou com a Sra. A., 76, em crise com a filha e netos, com quem mora. E se comove intensamente quando refere o problema. Mantém a sua afirmação de sociabilidade, revelando que sai com os amigos. Até a Sra. Jandira, 64, viúva sem filhos, morando só, declara passear muito com os familiares, que moram no Rio – irmãos, cunhados, primos, sobrinhos – quando se encontram.

Também as solteiras declaram ter bastante atividade social e lúdica com parentes. A Sra. Ma. José, 65, que mora só, refere “almoços, passeios, viagens à Europa ou aqui mesmo, no Brasil”, com irmãos, sobrinhos e cunhados. A Sra. Zilda, também 66, que mora com 3 irmãs, menciona saídas com estas para igrejas, teatro, praia e restaurantes. Os outros referem todo o rol de atividades já citadas com o cônjuge e, principalmente, filhos e netos. E são tantas, que até admira ainda precisem “ocupar mais o tempo”! Apenas o Sr. Clóvis, 64, cujos filhos moram fora da Bahia, e está sempre em companhia da esposa, também aluna da faculdade, declara, principalmente, atividades promovidas por esta.

A sociabilidade extra-familiar se dá com os amigos, feitos em diversas etapas da vida, desde a infância até os colegas de trabalho, mas, para muitos, também com os colegas da Faculdade. Declaram manter contatos regulares com os amigos, inclusive com os que moram longe; com os do Exterior, se correspondem.

Perguntados, em seguida, diretamente, sobre se fizeram amigos na faculdade, em geral reafirmaram isso (14 pessoas, inclusive os 5 homens). 3 fizeram ressalvas quanto a se considerar amigo alguém que se conhece há relativamente pouco tempo, e apenas uma respondeu negativamente, justificando que “Quando a gente vai envelhecendo, fazer amigos fica mais difícil. Não sei se a gente fica mais seletiva...” (Sra. Ma. de Lourdes, 75).

Mas houve também entusiasmos:

“Meus melhores amigos são os amigos daqui da Faculdade. Tem meus filhos e alguns amigos antigos do trabalho.” (Sr. Clóvis, 64).

Alguns especificaram o sexo dos amigos na Faculdade: 2 mulheres e 1 homem mencionaram que fizeram amigos de ambos os sexos, enquanto uma das mulheres referiu que fez muitas amigas, porém todas mulheres. “Os homens aqui são poucos e eu não tenho muita intimidade com eles. Na minha turma só tinha um e foi embora.” Entretanto, uma das mulheres declarou, entusiasmada: “Só fiz! E principalmente com homens. Adoro eles.” (Sra. Jandira, 64, viúva).

Quanto a encontrarem-se fora da Faculdade, as respostas foram mais comedidas: Não há regularidade nesses encontros, o mais comum é reunirem-se nos eventos organizados pela Faculdade. Ainda assim, sete declararam encontrar-se sempre com os colegas e três, de vez em quando. Não tendo, esses idosos “jovens”, registrado carência de companhia na família, de qualquer modo procuram intensificar e diversificar a sua sociabilidade na “Faculdade”. O que pode ser verificado diretamente da observação das suas práticas cotidianas: o fervilhar alegre e cordial dos corredores, a afetuosidade dos gestos, os encontros emocionados nos trabalhos de grupo.

Entretanto, lembre-se que fazer novas amizades e se divertir foi uma das três principais razões declaradas para ter procurado a Faculdade, ao lado da atualização cultural e melhor uso do tempo.

Quanto ao recorrente tema da solidão, se outros idosos, com menos recursos cotidianos, em geral não se acham sós – caso daqueles, das classes populares, que

acompanhamos, imagine-se estes, idosos em grande parte “jovens”, casados e com variadas possibilidades de lazer. Realmente a maioria (11) informou que não se sente só, principalmente porque é muito ativo e não tem tempo para sentir solidão. Curiosa, aliás, é essa confusão, bastante freqüente, de solidão com ócio. Há, por outro lado, o caso – também nada incomum daquela que, vivendo com muitos membros da família em casa, até gostaria de ficar só e ter mais sossego.

Quase todos vivem com pessoas da família, à exceção de uma das solteiras, que é, também uma das que “não tem tempo” para sentir solidão, e uma viúva sem filhos, que está entre os que se sentem sós em alguns momentos, mas “supera”. São poucos os que fazem esse tipo de revelação e, curiosamente, bem diferentes os seus esquemas familiares. São: outra solteira, que tem parentes em casa, mas às vezes “bate o desejo de ter alguém para partilhar as coisas”, a casada cujo marido viaja muito e o filho “só anda na rua”, e até o casado com filhos em casa, que se considera extrovertido, e reluta em dizer que é raro sentir-se só, mas acontece, “toda regra tem exceção.”

Entretanto, reconhecimento de um sentimento mais duradouro ou premente de solidão, ninguém expressou. Mais uma vez, então, não encontro convergência entre velhice e sentimento de solidão, como é tão freqüente afirmar-se. Pelo menos não é assim entre os idosos “jovens” em maioria casados e que têm atividades.

PARTE III

BUSCANDO SOCIABILIDADES, FORMANDO IDENTIDADES

7 A FAMÍLIA DO IDOSO

A família é uma trama de relações sociais as mais básicas, corporificadas em indivíduos que constroem sua identidade de gênero como homens ou como mulheres, de variados grupos de idade que se constituem (ou podem ser vistos) como gerações, e se identificam como crianças, jovens, adultos plenos ou velhos. Em diferentes sociedades e épocas, o tratamento social dado a esses indivíduos, e o comportamento esperado deles, tem sido diferenciado – tanto no cotidiano do trabalho e da vivência familiar, como nos grandes momentos sociais. Tradicionalmente isto tem significado que um dos sexos e uma das gerações foi sempre privilegiado(a) em relação ao(à) outro(a). O que estabeleceu e manteve relações de poder e dominação de outra ordem que a de classe social.

Uma constante histórica tem sido que esse privilegiamento tenha cabido ao sexo masculino e à idade adulta plena. As mulheres e os muitos jovens foram, quase sempre, socialmente invisibilizados, e os velhos, só em algumas culturas pré-capitalistas têm gozado o prestígio da posse da memória e da experiência, e o poder ensejado pela anterioridade social.

Nas últimas décadas o jogo de poder entre sexos/gêneros e entre as gerações começou a mudar. Uma consciência cada vez maior, por parte das mulheres, da sua subordinação social, levou-as a se organizarem como grupos, em movimentos feministas, que tiveram o seu caldo de cultura mais propício nas crises e movimentos do final dos anos sessenta, e se fortaleceram ao longo dos anos setenta e oitenta.

Os jovens, outro segmento até então sem voz social, também tiveram, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, semelhante oportunidade estrutural de questionar idéias, posições e direitos (movimentos estudantis, “hippies”, contra a guerra do Vietnã, etc.) e, em países então sob ditadura, como o Brasil, de lutarem por liberdade e cidadania.

As crianças, respaldadas por estatutos protecionistas, começam a ter, também, direitos antes não sonhados, como até o de “divorciar-se” dos pais.

A vez dos velhos ainda está chegando. Marcados pelo afastamento do mercado de trabalho e por uma fragilidade física bem mais pesadamente atribuída

que a real, na modernidade capitalista, de tecnologia avançada, sofisticada e de rápida obsolescência de modelos – inclusive de comportamento – seus gestos mais lentos e lembranças de tempos talvez mais tranquilos também se tornaram rapidamente descartáveis para a vida social. Pelo menos no Ocidente, e particularmente em países do “Terceiro Mundo”, parecia não haver mais lugar para eles.

Entretanto, os velhos agora estão por toda parte. Crescendo muito, como população, na esteira contraditória do desenvolvimento científico, que sem diminuir a pobreza do mundo enseja o conhecimento que propicia a queda da fertilidade e a extensão da esperança de vida. Organizados ou organizando-se, em grupos de lazer e atividades culturais e, muito recentemente, de intenção auto-afirmativa (“clubes da melhor idade”), além dos importantes movimentos mais diretamente políticos, como o dos aposentados, não são apenas mais visíveis – atuam (Britto da Motta, 1996a).

Nessa conjuntura, vão ser encontrados muito mais velhos – e velhos cada vez mais idosos – na família. Como fica a coexistência mais acentuada de gerações? Que diferenciais de gênero se dão nela? Como fica a organização dos grupos doméstico-familiares?

A família é também o lugar social dos afetos radicais – onde as relações são quase simbióticas, as afeições mais doces e os embates entre os sexos/gêneros e as gerações pode ser mais doloroso. Onde se encontram os modelos de sentimentos em estado mais depurado: os amores, as aceitações ilimitadas, as mais fundas solidariedades; ou as rejeições mais chocantes, os conflitos cotidianizados, ressentimentos “inexplicáveis” e ódios. Explícitos ou recalcados.

A família é o “nosso grupo”, primeiro, primário, fundamental, que é preciso preservar a todo custo da dissolução – mas também dos olhares externos. Por isso, seu estudo, sua observação, sua análise do ponto de vista das relações que a constituem, ou parecem constituir-la, é muito difícil. Relações de gênero (principalmente entre marido e mulher), de gerações (pais e filhos, avós, netos), e intrageracionais (os irmãos) são, freqüentemente, tornadas opacas à análise do pesquisador. E não apenas pelo desejo, consciente ou inconsciente, dos indivíduos, de preservar a privacidade do grupo; também porque essas relações são carregadas de ambigüidade, nas suas contradições entre afetividade e poder/dominação, ou entre afetos polares, que podem não ser claros até para os que os vivenciam.

Os velhos, principalmente os das camadas médias urbanas, em maioria declaram ao pesquisador que as suas relações de família são boas. Entretanto, a continuidade do contato vai revelando, não raro, que não é bem assim. Inclusive, porque se estabelecem, com diferentes membros da família, relações diversas. E que há diferenciais de atuação de gênero e das gerações diante de idênticas situações.

Talvez por tudo isto, embora a produção científica a respeito da condição social do idoso esteja aumentando significativamente, esse aspecto da vida dos velhos permanece escassamente conhecido. No Brasil, aos estudos pioneiros de Lins de Barros (1987) e Salem (1980), muito poucos têm-se somado, como o de Prata, Mayumi (1991) e Berquó (1996). Outros bons trabalhos sobre família são de caráter mais geral, dão apenas algumas informações sobre os mais velhos, como os de Goldani (1993 e 1996), Bilac (1991), Oliveira (1996). Recentemente, também Cabral (1997) iniciou estudo específico sobre a família dos idosos.

Urge intensificar a procura desse campo pouco explorado e, na pesquisa, tentar romper um pouco do silêncio defensivo ou constrangido que prevalece nas entrevistas com idosos e retocar as imagens, por vezes ilusórias, expostas. Enfim, conhecer mais desse núcleo declaradamente central da sua afetividade, que é a família.

Muito mais pesquisa sobre os velhos e sua família é necessária.

* * *

Em reunião científica, em 1997, quando pela primeira vez expunha este tema, o seu enunciado causou alguma surpresa. Perguntaram-me: Porque “a família do idoso” e não “o idoso na família”? Expliquei a intenção pela evidente diferença de ênfase entre aquele que pode ser pensado como sujeito, personagem central – o idoso, a família *do idoso* – e o que é acessório, quase-objeto, parente (ou aderente), um entre muitos, o idoso *na família*.

Porque este modelo/situação também existe, e nada escassamente – o idoso autônomo e até protetor ou provedor das gerações mais novas, ainda quando pobre. Em contraposição ao idoso dependente – econômica e/ou fisicamente – desimportante na família. Também real, mas hiperenfático, tanto no cotidiano

como em certa produção científica de cunho gerontológico ou demográfico/estatístico.

Em conseqüência da clara heterogeneidade de situações que os idosos vivem, de acordo com suas condições sociais – principalmente de classe e sexo/gênero – e a subjetividade possível, é evidente que essas duas situações bem diferenciadas existem, e coexistem. Entretanto, em “coerência” com o estereótipo negativo construído por uma sociedade (capitalista, ocidental, contemporânea) defesa diante do fenômeno inevitável do envelhecimento (Britto da Motta, 1994a), é a imagem do idoso carente e necessitado de proteção que predomina. Imagem ambivalente, que situa, mais uma vez, o idoso como “o outro” (Beauvoir, 1970; Debert, 1988) – aquele que, em feliz contraste, não sou “eu”, jovem, saudável e independente; ao mesmo tempo, a necessidade, que fica posta, de cuidado e proteção, não assegurará a ponte entre o que sou hoje (jovem, saudável, etc.) e o meu inevitável amanhã? Nas belas palavras de Castro (1991): “Será que se cuida o idoso por ética, para com um(a) outra pessoa... por hierarquia, ou porque o idoso é meu sangue, estive nele, está em mim, e eu serei ele? [...] Cuidar dos velhos não seria um ritual em si de passagem para a velhice?”

Minha ênfase vem tendo, então, uma intenção dúplice: apontar o que não costuma ser mencionado, e apresentar o resultado da pesquisa. E o que realmente tenho encontrado, generalizadamente, entre os idosos que observei e entrevistei em Salvador, é o velho como figura central, na família. Como provedor – em quase nada como dependente. Filhos e netos morando na casa deles; nenhum deles em casa dos filhos (ver etnografias, Parte II).

Partindo-se do pressuposto de que o idoso, em maioria, tem uma família, poder-se-ia perguntar: Qual o lugar social dessa família que já não seria para a reprodução? Não seria, mas é. Se considerarmos o conceito de reprodução *latu sensu* – portanto, muito além do significado usual de mera multiplicação de nascimentos – iremos encontrar que a família do idoso ainda participa da reprodução cotidiana de pessoas, de uma atual ou potencial força de trabalho e de uma experiência social possível. Em suma, da sobrevivência física e social dos seus membros. E mais, que, diferentemente do que se vem generalizando como fato, a comentada (ou esperada) situação de dependência não parece ser a da maioria dos idosos. Os mais velhos, inclusive os das classes populares, estão sendo freqüente arrimo (pelo menos parcial), da família, até abrigando, em casa, filhos e netos, ou

mantendo-os muito próximos. Mesmo porque, ao contrário de outros membros mais jovens da família, muitos idosos têm uma renda certa, por pequena que seja (ver Sousa et al., 1994:34; Britto da Motta, 1998a).

Vive, a família do idoso, situações novas, entre as quais se destaca a simultaneidade de várias gerações. Se não na mesma unidade doméstica, em espaço ou relações muito próximos. Algo que é, mais que atual, relativamente inédito em sua magnitude, ensejado tanto pela situação demográfica, da queda da mortalidade e maior longevidade, com o conseqüente aumento da população mais velha, como pela questão social produzida pela crise econômica e pelo atual modelo excludente de desenvolvimento, com a crescente escassez de empregos e o recurso inapelável ao apoio da família. Geralmente, dos mais velhos.

As conseqüências da transição demográfica são amplas: as pessoas vivem mais tempo os seus papéis e, principalmente, vivem um número maior, e simultâneo, de papéis e de relações de parentesco (no que têm a contribuição, nada desprezível, dos novos padrões de comportamento ensejadas pelas também novas relações de gênero). Coletivamente observados, apresentam as mais variadas alternativas possíveis, um mostruário de papéis, na coexistência ou contemporaneidade daqueles que antes não seriam coetâneos. Ou, pelo menos, não tão próximos. Bisavós, triavós, bisnetos, trinnetos... inicia-se o aprendizado de novas formas de convivência e desempenho de papéis familiares superpostos. Já começa a ser apontado o problema concreto, para mulheres de meia idade – que logo estender-se-á às idosas “jovens” – de uma divisão (que é, por definição tradicional, sexual) de trabalho, com cuidados ou apoio simultâneo tanto a filhos (nem sempre apenas) menores, como a pais de mais avançada idade (ver Goldani, 1993:92 e 98; Langevin, 1987:82).

Ainda a situação social remete à questão, que apenas se começa a discutir – ou mencionar – com mais freqüência, da solidariedade entre as gerações, tornada urgente diante da crescente omissão do Estado neoliberal em relação às políticas sociais, principalmente no que se refere aos velhos e aposentados, provocando a necessidade de atuação mais direta e intensa, da família, na regulação das relações e nos apoios intergeracionais. E que, mais uma vez, onera sobretudo as mulheres, sempre socialmente cobradas em atuações “maternais”, além de deixar mais dependentes aqueles idosos que já o são. A outra face desta solidariedade tornada ainda mais urgente, nestes tempos de desemprego crescente, é justamente a do já

mencionado apoio do idoso com alguma fonte de renda ou posse de bens, por mais precários, aos filhos e netos desempregados. Parece outra, então, a relação de dependência. Está-se realizando em direção inesperada: não são os idosos que vão morar em casa de seus filhos, mas estes que retornam, sós ou com família, premidos pela crise.

Que esta menção à constatada proteção dos mais velhos a filhos e netos não transmita a idéia de que os idosos estão sócio-economicamente bem amparados, por agirem assim. Não, eles apenas têm algum pecúlio mais ou menos certo – ou/e, no caso das mulheres das classes populares, se desdobram em trabalhos domésticos – diante de outros, seus descendentes, que, desempregados, não têm nada. Os idosos dividem “o seu pouco”, como expressam.

Neste cenário, qual a estrutura familiar predominante entre os idosos no Brasil? Considerando-se, para esta discussão, uma definição de família como expressa por Goldani (1993:79e86), “um grupo de pessoas conviventes relacionadas por laços de parentesco ou adoção”, ao mesmo tempo “um processo de articulação de trajetórias de vida”, em relações que são hierárquicas, encontra-se, por um lado, a manutenção do modelo – que é sobretudo ideológico, fixado nas representações – de família nuclear, cada vez menos diferenciada entre classes populares e camadas médias urbanas empobrecidas. Por outro lado, tipos de famílias ampliadas, abrigando o movimento ora de concentração, ora de dispersão, das gerações, em diferentes fases do ciclo de vida dessas famílias (Bilac, 1991:76; Goldani, 1993:93). E das condições político-econômicas, poderia acrescentar, contemplando especialmente o momento atual, no qual como que se “inventam” ciclos, fazendo, por exemplo, filhos descasados retornarem, ou filhos casados e mal empregados ou desempregados levarem esposa e/ou filhos para a casa “dos velhos”. Principalmente das velhas. Ou para a sua vizinhança e proteção. Aliás, nem sempre de modo tranqüilo.

A Sra. Georgina, 55 anos, viúva, pensionista, mora com a filha adotiva de 8 anos. Na casa ao lado, mora um dos filhos, com a família, que ela sustenta. Revela:

“Os outros filhos não me dão preocupação... gostam de mim, me agrada, não dão trabalho. Esse filho, fim de semana toma umas pinga e “conversa”, e aí é que eu não durmo, mesmo.”

A Sra. A., 74 anos, aposentada, separada há 23 anos, revela um drama familiar ao primeiro encontro. No limite do choro, conta o conflito constante com a

filha, de vida “desregrada” após a morte do marido. Sonha com o dia em que viverão separadas. Moram na casa de A. e “cada uma se sustenta”.

Situação bem típica é a da Sra. M., 73 anos (citada por Souza et al, 1994:38):

“Tem essa casinha aí embaixo, e a gente recebe algum trocadinho pra ajudar o filho que mora aqui.”

Ao mesmo tempo estão-se dando formas quantitativamente crescentes de famílias monoparentais (das quais, com freqüência, as referidas formas ampliadas são também parte), de chefia predominantemente feminina. É uma tendência recente, ensejada pela maior longevidade das mulheres (casos de viuvez), mas também pelo aumento do número de separações dos casais. Presente nas várias classes sociais e nas diferentes gerações, torna-se particularmente significativa nos grupos de idade mais avançada. Berquó (1996:29) analisa: Enquanto na população geral, em 1991, são chefes de domicílio 81,9% dos homens (e, portanto, apenas 18,1% das mulheres), na população idosa (65 anos e mais) a chefia feminina cresce de 18 para 44%.

Acentua-se, aí, uma questão de gênero, para a qual Berquó (1996:31) também está atenta: Enquanto 75% dos homens idosos “encontram-se chefiando uma família, com esposa, com ou sem filhos”, por outro lado, 60% das mulheres idosas estão “chefiando sozinhas uma família, com filhos ou com outros parentes, ou morando sozinhas.”

As chefias de família, tradicionalmente atribuídas aos homens, muito definidos em um papel – que é também de poder e dominação – de provedores da família, sempre que passam a ser exercidas por mulheres vêm significando, freqüentemente, casos ou modelos de empobrecimento e desvalia. Esta é a tônica dos trabalhos sobre mulheres chefes de família – sempre com um indicativo ou referência à pobreza. No caso das mais velhas, não é muito diferente e, não raro, pior. Basta pensar-se que as mulheres mais idosas de hoje participaram pouco da força de trabalho e da educação formal, para avaliar-se o seu grau de carência possível.

Algumas situações são amenizadas pela existência de pensões de viúvas, ou pela realização de alguma produção doméstica para comércio, principalmente entre as classes populares. Mas esses rendimentos são quase sempre escassos – e se dissolvem na referida divisão ou partilha com outros membros da família, como parte ou totalidade do “orçamento” doméstico.

A mesma Georgina, 55 anos, em outro momento da entrevista, conta as suas dificuldades até para o lazer, porque sua pensão estava atrasada e, por isso, teve que vender a geladeira e o televisor.

Sardenberg (1997:261 e 279) refere uma espécie de tradição ou modelo da prática entre famílias operárias baianas do bairro de Plataforma, por ela estudadas, de desenvolvimento de um “ciclo transgeracional de ajuda mútua entre mães e filhas” que contribuiu para a formação de famílias extensas matrifocais (“matrifocal extended households”), arranjo não incomumente estendido aos filhos homens. Esta é, realmente, uma matriz identificável das trocas familiares entre as classes populares na Bahia. Entretanto, no atual momento de crise de emprego, o modelo parece ampliar-se e apresentar algo mais novo – um certo desequilíbrio dessas trocas, em benefício dos filhos.

Nessa direção vão também os resultados da pesquisa de Cabral (1997:6) sobre grupos de convivência de idosos das classes populares em João Pessoa:

É uma família multigeracional, com três ou quatro gerações compartilhando a moradia, que é propriedade do idoso em 86% das respostas oferecidas. Dividir a casa com os filhos e netos, e até bisnetos, ou ainda conceder parte de terreno para que os filhos construam, é um procedimento moralmente estabelecido entre as camadas populares [...] A reciprocidade esperada pelos idosos é saber que os filhos são felizes e receber deles carinho, atenção e, quando necessário, ajuda material e emocional.

Há, entretanto, uma interessante feição recente dessa tendência – as chefias de família de divorciadas e separadas das camadas médias, caso em que a chefia feminina está significando, mais além da fatalidade provocada pela dissolução de uma relação, uma forma nova de autonomização social e afirmação de gênero das mulheres (ver Oliveira, 1996:55; Britto da Motta, 1996a:11).

Não sendo este o caso majoritário das mais idosas, vem sendo o de muitas que estão “chegando pra idade”, e que em breve irão ser idosas alternativas. Em qualquer das duas situações, essas chefias por mulheres guardam um determinado significado e algumas consequências comuns: enquanto a chefia masculina da família figura, comumente, a existência de uma partilha de responsabilidades econômicas e/ou sociais (e domésticas) com outro adulto – a esposa – a chefia da família por uma mulher expressa a sua atual solidão geracional e afetiva.

Apesar disto, parece haver um certo pudor, por parte das mulheres idosas, de se queixarem de solidão e da dificuldade de sustentar sozinhas uma família. Estão

pondo ênfase principal na recente conquista de independência, ou autonomia, como mulheres de uma determinada geração e, quando muito, chegam a declarações como esta:

“Acho que agora é o período mais feliz. Eu só queria uma pensão melhor...”
(Sra. Ma. de Lourdes, 64 anos).

Um outro aspecto destacável da estrutura familiar dos de mais idade é o da viuvez. Questão demográfica, cultural e particularmente de gênero (ver Parte II, Etnografias). Informa Berquó (1996:30) que entre os 67,5% de viúvos idosos em 1993, 52,7% são mulheres. Portanto, apenas 14,8% homens. Questão demográfica sim, relativa à conhecida maior esperança de vida das mulheres, mas questão também cultural, porque os homens, quando viúvos ou separados, recasam com alguma rapidez e – é sabido – preferencialmente com mulheres de gerações mais novas, inclusive não-idosas. Estudos recentes apontam uma diferença de idade cada vez maior entre os cônjuges ou companheiros, à medida que vão-se sucedendo as uniões conjugais dos viúvos. A juvenilização das companheiras é objeto freqüente de queixas e críticas por parte das mulheres – mesmo das casadas – das várias classes sociais, que ironizam os homens “gastosos”, que andam nos bares com mulheres jovens (Britto da Motta, 1996c:118). Entretanto, nunca encontrei, da parte delas, qualquer referência à ligação desse fato com a sua possível solidão. O que não significa que inexista essa percepção.

Uma conseqüência disto, como salientava ainda em recente trabalho (1997:27) é que há sempre uma parcela significativa de mulheres, principalmente descasadas e viúvas, que vivenciam a referida solidão afetiva ou, pelo menos, a condição de sós, em famílias monoparentais ou, como já encontrei bem humoradamente expresso, em “restos de família”. Este é, justamente, um padrão alternativo bastante encontrado na família do idoso – ou melhor, da idosa.

E aqui se chega a um último aspecto que vem-se tornando mais comum, e às vezes até almejado pelo idoso, hoje: a morada só. Contingência da vida familiar, mas também um espaço de liberdade possível. Wagner (1992), em entrevista sobre ampla pesquisa que coordenou em São Paulo, revelou que 60,9% dos idosos entrevistados (77% dos quais, mulheres), reconheciam que “A solidão, por vezes é boa” e que 80% deles preferiria morar em suas próprias casas, se tivessem os meios para manter a independência.

Independência que provavelmente refere-se não apenas à importante possibilidade de manutenção dos hábitos desenvolvidos em ritmos próprios de vida (“viver do meu jeito”), mas também à libertação da interferência ou ingerência dos membros mais novos da família sobre as atividades e as relações desenvolvidas em outros círculos sociais – uma feição ainda escassamente conhecida da vida atual dos idosos e suas famílias e que necessita maior desvendamento.

Goldani (1993:71 e 85), embora tenha registrado mudanças interessantes nos moldes atuais de relacionamento entre os membros das famílias, inclusive a já referida convivência de maior número de gerações, encontrou, ao mesmo tempo, o aumento do número de idosos morando sós – 8% em 1980, 10% em 1989. Dos quais, 2/3 são mulheres. Completa: “Assim, os idosos, que representavam 22% do total de pessoas vivendo sós em 1970, passaram a representar cerca de 30% em 1980 e 42% em 1989.”

Depoimentos sobre o desejo ou a satisfação em morar só, na velhice, começam a se suceder – sempre por parte das mulheres. O que reforça a hipótese da aspiração a maior liberdade e tranqüilidade, elementos sempre presentes – e valorizados – na fala das mulheres idosas atuais (ver Britto da Motta, 1996b).

A Sra. Avany, 74 anos, divorciada, participante da “Faculdade”, portanto, de um grupo de camadas médias urbanas, tem em casa a filha descasada e os netos. Expressa uma urgência:

“Morar sozinha, é só o que penso. A divergência de geração... Cada um deve ter a sua vida, que ninguém interfira na vida de ninguém. Viver com mais liberdade para todos [...] Quero viver com mais liberdade e dar mais liberdade que os outros precisam.”

Este é o tom de alguns depoimentos. Outros, expressam a satisfação já obtida:

“Acho morar só ‘um barato’. Bato a porta do apartamento, saio a hora que quero.” (Sra. Francisca, 68, viúva, do mesmo grupo de camadas médias).

Neste mesmo sentido, é modelar o depoimento da Sra. Eleonor Paris, 70 anos, viúva, à Folha de S. Paulo (1997):

Eu era muito presa. Não podia fazer nada que eu queria. Desde que meu marido morreu, moro sozinha no meu cantinho. Como meus três filhos já estavam

grandes, comecei a fazer tudo que tinha vontade. Não sei o que é solidão, porque tento ter uma vida social muito ativa. Eu posso me considerar hoje uma pessoa feliz. Não que eu não fosse feliz com meu marido. Mas a maneira que eu levo minha vida hoje é muito melhor.

Por isso, não é de surpreender o registro repetido de situações como esta pelas mulheres de mais idade. Depois de uma vida longamente dedicada à família e às lides domésticas – para várias também ao trabalho externo – no passar-a-limpo existencial próprio do processo de envelhecimento, afirmam: “Agora chegou o tempo de pensar também em mim.”

Muito esclarecedores, também, são depoimentos como o da Sra. Jandira, 63 anos, viúva, naquele mesmo grupo. Sinalizam um processo, e as normais contradições da existência:

“Há momentos bons. A vida mesmo que me levou a essas circunstâncias, não que eu goste. Mas é bom morar só. Há momentos em que a gente necessita estar sozinho. E há momentos de solidão.”

Os homens, entretanto, não parecem encarar positivamente essa situação, mesmo como perspectiva remota. Dois exemplos, com homens casados, como a quase totalidade dos entrevistados:

“Não acho bom. Às vezes a pessoa tem condição de fazer isso e aquilo, mas a solidão... Depois a idade vai chegando e é pior, não é? Quando a pessoa está nova não é tão ruim, não.” (Sr. Manoel, 60 anos)

“Não. Nem pensar!” Atalha o Sr. Osvaldo, 62 anos, um dos entrevistados mais loquazes e interessantes. Mas este ponto, nem negocia...

Evidente que boa parte das idosas não aspira, igualmente, a essa perspectiva, ainda hoje alternativa. Mas importante é assinalar-se o fenômeno novo, uma mudança de valores, quanto a uma situação de que dantes não se falava, não se tentava espontaneamente, nem se tinha a experiência, quando vivida, como positiva. E que seja aspirada pelas mulheres.

Ainda entre os mais pobres observa-se a viabilidade desse padrão, demograficamente considerado “não-família” (Goldani, 1993:79), mas social ou afetivamente também vivido como relações familiares e comentado assim:

“Apesar de morar sozinha eu não me sinto só. [...] Tem uma filha que mora perto de mim, qualquer coisa eu tô na casa dela e ela na minha. De noite, ligo minha televisão, assisto à novela...” (Sra. Hermelinda, separada, 2 filhos)

A Sra. Augusta, 92, viúva, aposentada, criou filhos e muitos netos. Mora só. Ou, como expressou: “Eu moro com Nossa Senhora e Coração de Jesus.” Fala com tranqüilidade sobre o cotidiano e as trocas em família, que continuam a realizar-se:

“Eu aqui sou a cozinheira. Só não faço encerar – aí vem a neta. Às vezes, quando não têm (dinheiro) eu dou pros netos. Tem uma neta que trabalha na farmácia, aí, quando o remédio é muito caro, ela diz: ‘Vovó, não se incomode, não, que eu trago.’ Outras vezes, eu compro.”

Justamente pelo encontro repetido de depoimentos como estes, mesmo entre as classes populares, é que é importante enfatizar-se o significado variável – positividade ou negatividade, conforme o caso – do morar só ou com a família. Como vem sendo assinalado por vários autores, entre eles Debert (1992:38), nem o velho morar só é sinal inequívoco de abandono familiar, nem morar junto com a família significa ou é garantia de afeto e apoio.

Talvez por isso, apesar da variabilidade encontrada de arranjos familiares, o padrão que parece firmar-se melhor, na expressão do desejo dessas pessoas, ainda é representado pelo quase-ditado tradicional: “Juntos, porém aparte.” Mantêm apoios e trocas com vizinhos que também são parentes, dão valor ao modelo ideológico da família, e são afetivamente centradas nela, enquanto vivem a crise “estrutural” do país. Vão também descobrindo novas perspectivas sociais, organizando-se em grupos geracionais. Mas este é outro capítulo.

Em síntese, por enquanto encontra-se, no Brasil, a seguinte situação conjugal ou doméstica da população idosa, por sexo, segundo os dados da PNAD 1993, e trabalhos principalmente de Berquó (1996:31), confirmados pelos meus dados de campo:

- Mais homens casados que mulheres – ¾ dos homens;
- mais mulheres viúvas que homens – mais da metade das mulheres;
- mais mulheres descasadas, com falta de oportunidades de recasamento;
- mais mulheres que chegam solteiras à velhice – 7,6 %.

Donde, muito mais mulheres que homens estarão sem apoio conjugal – ou até, pelo menos no caso das solteiras, de filhos – na etapa final da vida.

Tudo isto representado por uma variedade grande de arranjos domésticos, que se diferenciam cada vez menos segundo as classes sociais, e podem ser sintetizados pelas formas:

- Família nuclear, principalmente como modelo;
- família ampliada, em uma ou mais unidades domésticas vizinhas, em geral organizadas em torno de uma chefia monoparental;
- unidades domésticas de residente único, mas que mantêm uma rede de relações – apoio afetivo, serviços e até apoio econômico – com filhos adultos, inclusive casados, e netos;
- nova divisão de trabalho e de papéis intrafamiliares se processando – tanto geracionais quanto de gênero – a exemplo da troca de bens e serviços dentro ou fora da unidade doméstica, e mudança de posições de poder e de chefia.

Em comum às várias classes sociais, um certo embelezamento – ou então constrangimento ou omissão – das relações na família. Na pesquisa, muitas declarações ambivalentes, freqüentes afirmações de se darem bem, mas sobretudo, de não se darem mal...

Ou então, críticas pontuais, embora nada raras, à maneira como os idosos são tratados pela família – mas a referência é de endereço vago, direcionado à família “dos outros”.

Ainda assim, algumas revelações de conflitos na família – entre as gerações, como esperado, mas, também, de formas ainda persistentes das relações tradicionais de gênero – que se acentuam ou atenuam conforme os grupos de idade.

Por tudo isto, reafirmaria a necessidade de mais pesquisa, ampla e demorada, sabendo-se que os acontecimentos não se dão sempre como se pensa e até como se veicula. Como no caso da ênfase na relação de dependência dos idosos, ou da referência ao morar só apenas como expressão de abandono, ou sentença à solidão.

Também para aferir a heterogeneidade de situações e processos atuais (e não, simplesmente, crise), e a multiplicidade de arranjos da vida familiar, domésticos

e extra-domésticos conjugados. Tanto mais quanto já se delineiam, ou efetivam, de modo satisfatório para o idoso, outras sociabilidades externas à familiar, e até às relações tradicionais, mais individualizadas, de amizade. Está-se dando uma gradativa perda da centralidade, ou pelo menos da unicidade, da família nas suas relações sociais. Ela mantém a importância afetiva e as redes de solidariedade, ainda mais importantes na crise de empregos atual, mas ao mesmo tempo, como já tive ocasião de expressar, “Vai deixando de ser”, como analisa Jelin (1994), uma instituição total, firmando-se, cada vez mais, como vínculos familiares.

A revolução em curso, dos velhos, é sobretudo um movimento geracional, partindo de fora das relações de parentesco (Britto da Motta, 1996a:128; 1998b).

São os novos modos de vida, ensejados pela confluência de elementos dinamizadores, como o próprio crescimento desse segmento populacional, que ao mesmo tempo se constitui em uma geração possuidora de alguma renda, ainda quando escassa (aposentadorias e pensões). Geração mobilizada por diferentes agentes de gestão da velhice (cf. Lenoir, 1979) encaminhada para atividades de lazer e convivência e programas educacionais, mas também em novos percursos sociais que tangenciam o político.

Como continuaremos a acompanhar nos capítulos seguintes.

8 O PEDAGÓGICO NOS GRUPOS E PROGRAMAS PARA IDOSOS

Um projeto pedagógico para os idosos é questão complexa, até problemática. Começa pela própria etimologia: pedagogia, em sua origem histórica, uma proposta a ser realizada com os “paídos”, as crianças. Numa extensão de significado, o próprio sistema educacional vem representando, talvez, o caso mais extremado de organização de acordo com os grupos de idade, como salienta Hazan (1994:61). Organizado tradicionalmente em graus de atendimento a indivíduos de determinadas e exclusivas faixas etárias, não raro em rígida homogeneidade, no que concerne aos idosos, objeto habitual de preconceito e restrições sociais, o sistema fechou-se ainda mais, tornando-se tradicionalmente refratário a eles. Hazan aponta a “subversão” que constitui a presença de idosos em colégios e universidades, que são pensados para os jovens e, sobretudo, para a preparação e formação de uma carreira. E como a própria emergência inovadora das Universidades para a Terceira Idade não deixa de reafirmar a segmentação, na medida em que, organizando-se clara e diretamente para esse grupo de idade, evidencia, ao mesmo tempo, a falta de expectativa da presença de estudantes de mais idade nas universidades “regulares.”

Por outro lado, na modernidade a educação tornou-se ganha-pão e também mercadoria. A necessidade premente de atualização de conhecimentos ditada pela intensa aceleração tecnológica, a que se reúnem as propostas de melhoria da qualificação profissional para enfrentar o cada vez mais rarefeito, competitivo e reestruturado mercado de trabalho, são elementos que difundem a idéia da importância da educação continuada ou permanente no cotidiano dos indivíduos e das instituições. Como formação, como reciclagem, e até como uma atualização de técnicas da vida: pensar melhor, viver mais saudavelmente, com “inteligência emocional”. Todas essas idéias conduzem ao aproveitamento de oportunidades para a organização, por toda a parte, de cursos e programas da mais variada natureza e para a mais diversificada clientela. E são tão numerosos – tanto os realmente úteis como os de demanda induzida – que, guardando alguma contradição com o referido movimento histórico da sociedade, uma boa parcela dessas iniciativas direciona-se especificamente aos idosos.

Entretanto, apesar do seu grande número e aparente diversidade de métodos e intenções, esses programas podem ser caracterizados semelhantemente ao que expõe Stucchi (1998) sobre os PPAs (Programas de Preparação para a Aposentadoria), pois que o perfil traçado para esses estudantes-a-ser, e a “reforma” que parecem necessitar, ainda são bastante uniformes nas representações dos diversos grupos da sociedade. Analisa Stucchi (ibid., p. 44):

Os PPAs procuram, sobretudo, ressignificando o envelhecimento, diluindo o sentido da velhice enquanto momento intrínseco de sabedoria proporcionado pela experiência, em favor da idéia de que esse é um momento propício ao aprendizado de novas coisas. A educação é ressaltada como necessária para que o indivíduo aproveite as vantagens criadas para a velhice na sociedade contemporânea. Os PPAs incentivam esse aprendizado através da idéia de preparação, que é o seu objetivo expresso oferecer. Ao dissociarem a experiência dos anos vividos da sabedoria, valorizam a idéia de que a educação deve ser uma atividade permanente na vida dos indivíduos e não somente em sua fase inicial. O preparo que ela proporciona habilitaria o pré-aposentado ao desempenho de novos papéis, que podem estar ligados a atividades associativas, de lazer, familiares, artísticas, ou a uma nova carreira, se isso lhe trouxer prazer. O aprendizado [...] deve possibilitar o resgate e a realização de antigos sonhos.

Realmente, as características que Stucchi assinala descreveriam muitos dos propósitos e promessas de outros cursos e programas de cunho educativo, inclusive as próprias “universidades” para a terceira idade (Ver etnografia, Parte II). Ao mesmo tempo, registram uma mudança geral no sentido e no lugar social da velhice, agora também ideológica e mercadologicamente voltada para o novo.

Apesar disto, mais além da razão utilitária, comercial, de grande parte dessa propostas, há também, ainda que em menor escala, um interesse social ou pessoal pelos velhos, uma certa percepção mais humanística – ou humanitária? – da sua existência, por parte de alguns profissionais, e grupos, ao mesmo tempo em que essa rápida mudança científica e tecnológica que está se processando, demandando uma atualização constante de conhecimentos, é percebida também pelos idosos. O “não quero ser deixado para trás” é frase corrente entre os meus entrevistados.

Importante é assinalar-se, também, o sentido teórico – e existencial – geral da realização dessas propostas em relação aos velhos, significando não apenas o que é posto para eles, mas também o que estão incorporando, de não mais apenas o tradicional privilegiamento da experiência, mas, alternativamente, a capacidade de

aprender e de participar do novo. (Estaria caindo em desuso o ditado “Papagaio velho não aprende a falar”?...)

Como já venho discutindo, desde o próprio projeto de tese, a sociedade contemporânea abandona, então, parcialmente, os seus preconceitos, pretendendo, agora, “educar” o idoso. E de modo intensivo: regalá-lo com miríades de programas e cursos, normatizá-lo. Afinal, os velhos estão aí, cada vez mais numerosos – e em conformidade com o discurso político dominante, é preciso “integrar” essa população “improdutiva”, que consome, crescentemente, grande parte dos recursos da Nação (os “ativos” onerados, o déficit da Previdência...) Mais uma vez, pretende-se a produção de saberes para um exercício de poder (Foucault, 1986). E de proveito financeiro.

Nesse processo da educação como mercadoria que se oferece mais e mais em relação a novas temáticas, metodologias e a novas clientelas, os idosos são, justamente, a conquista mais recente, como segmento social. Há que discipliná-los, fazê-los caber no modelo da velhice adequada, torná-los mais alegres e saudáveis e, conseqüentemente, menos incômodos e onerosos. Ainda que, não raro, até o ponto de puerilizá-los, em “brincadeiras” e festinhas ruidosas e “primaveris”, que eles próprios não organizariam. Há que fazê-los também consumir, inclusive lazer, na medida das suas possibilidades, que não são largas em países do Terceiro Mundo como o Brasil, mas, ao mesmo tempo, têm plena viabilidade em determinados estratos de classe.

Há, entretanto, uma questão pedagógica de fundo: Um velho é, afinal, alguém que já teria realizado os aprendizados sociais prescritos: que, em princípio, já teria cumprido a maior parte da trajetória de vida, ou das metas básicas postas para cada indivíduo como ser social. Que haveria, então, para lhe ensinar?

O conhecimento da sociedade e dos meios de comunicação social (ler, escrever, contar, geografia, história) como se faz com as crianças e os muito jovens? Ressalvadas algumas situações de classe (e de gênero), ele já teria tido isso.

A formação profissional ou ocupacional, como se dá (também guardadas as diferenças de classe e gênero) aos adultos? Ele também já teria passado por isso.

Então, fora do novo de ordem técnica e tecnológica, o que? Animar, ensinar a “despertar”? Todas as idades, de alguma forma, também precisariam disso.

Seria, enfim, “aprender a envelhecer”? (Usando a própria expressão de anúncios de cursos, “vivências” e programas “para a terceira idade”).

É exatamente o que afirmam, com variedade de inflexões. Mas por que? Nesse raciocínio, por que não se preparar também as pessoas para outras fases do curso da vida? O que há de tão especial na velhice?

O peculiar ou especial da velhice é a imagem deturpada que os mais jovens – e, às vezes, até os próprios velhos, condicionados pelas idéias e expectativas sociais tradicionais – fazem dela: período de inatividade e solidão, e não apenas pelo afastamento, pretendido ou impingido, do mercado de trabalho; fase, por extensão, de inatividade social e política; tempo de perdas, inclusive afetivas, e de um temido processo de deterioração, física e mental; e de contagem regressiva para a “última viagem”.

Essa imagem está mudando, inclusive no propósito de tirar-se proveito financeiro desse segmento social, mas não sem reatualizar-se constantemente, como demonstrou recente debate, no Congresso Nacional, sobre a polêmica Reforma da Previdência Social, no pronunciamento do deputado governista José Múcio Monteiro: “Temos de taxar quem pode mudar de emprego, não aqueles que trabalharam uma vida inteira e *estão-se preparando para morrer.*” (Tribuna da Bahia, 03/12/98).

São idéias predominantemente ideológicas, uma ideologia da velhice (cf. Haddad, 1986), que extrapola o cotidiano para o âmbito do “social” (serviço e políticas sociais) e até do científico! Às vezes, parece, até por um inadvertido mau jeito. Assim é que Brêtas (1997:61 e 62), por exemplo, depois de fazer comentários pertinentes sobre a construção social da grade etária e das más consequências que o desemprego e a aposentadoria acarretam para a saúde da maioria dos idosos, informa:

A gerontologia vem direcionando esforços técnicos e científicos no sentido de orientar as pessoas sobre a necessidade de não centralizarem suas vidas no trabalho, de buscar outros interesses que lhes assegurem qualidade de vida – a isto temos denominado “educação para a velhice.

A idéia é, então, centralizar a vida em que? Somente no lazer?! E como não centralizar no trabalho, se ele é a fonte de sobrevivência, a forma de ocupação do maior número de horas do dia de uma pessoa, estruturador de relações sociais,

satisfação possível como viabilidade mais próxima da auto-realização, até ocupação de tempo que “faz a cabeça esquecer os problemas” – e, apesar do atual desemprego “estrutural” – permanece ainda um valor na sociedade capitalista?!

Se o trabalho deve perder, no terreno das idéias e dos sentimentos, o valor que está perdendo na dimensão material e real da vida das pessoas, pelo menos em termos quantitativos de precariedade e de desemprego, a “coerência” não deveria ser ensinada apenas aos mais velhos, mas também aos jovens, atores principais desse pressionante drama social. De resto, esse próprio processo da vida atual já está ensinando, rápida ou até fulminantemente, que tudo está mudando, inclusive as formas de solidariedade, e a busca de soluções tem que abranger um coletivo mais amplo.

Mas, em que consiste esse tão falado “ensinamento”? O que se pretende ensinar aos idosos?

- A realizar essa troca/consumo no âmbito do não-trabalho, para um lazer comercializado?
- A fruir os pequenos prazeres paliativos e ficarem sossegados, não incomodando nem fomentando o sentimento de culpa do corpo social em relação a eles?
- Ou uma certa redescoberta de prazeres perdidos (dança, passeios, amizades), em uma sociedade que, contraditoriamente, não valoriza isso?
- Ou, afinal, uma formação ou instrução complementar, “normal”?

Foi o conjunto de indagações básicas que expus para análise no desenvolvimento da investigação. Perguntas diferentes, às vezes aparentemente contraditórias, mas que têm inteira pertinência diante da dialética da vida, e do fenômeno social *educação*, que, sabidamente, não representa um papel social unívoco.

Na pesquisa encontrei um pouco de cada aspecto ou proposta dessas, em proporções variadas segundo o tipo de grupo que estudei – excetuando-se, evidentemente, o plenamente informal dos velhos da praça. Só não encontrei, em qualquer lugar, algum resquício de educação política.

Do ponto de vista do idoso, nos tempos atuais, cessados os compromissos de trabalho, com a aposentadoria, ou com a autonomia dos filhos, uma extensão da

atividade para essa etapa de vida delinea-se como possibilidade exatamente no campo da educação, continuada ou permanente, e da ressocialização: voltar a estudar (re)educar-se para o momento atual. Completar estudos feitos na juventude, ou iniciar algo novo. Também, constituir novas relações, em novos espaços de sociabilidade.

O que, analiticamente, pode suscitar expectativas críticas quanto a finalidades e resultados, por que estes são, até agora, pouco discutidos e difundidos; ou provocar um entusiasmo sem brechas, como o de Freyre (1977:72 e 74) que, realizando a discussão com certo pioneirismo no Brasil, proclamava: “O conceito de indivíduo de idade avançada como estudante [...] corresponde cada vez mais a uma situação bio-social revolucionariamente nova. Situação ativa e não passiva...”

Os indivíduos que, dispendo então de tempo, encontrar-se-iam com a geração dos netos como “equivalentes sociológicos”, enquanto estudantes, podendo estabelecer alianças de gerações e um “equilíbrio de forças no tempo social”, contra o conservadorismo preservacionista, político, dos menos jovens e maduros. Ou no desenvolvimento de “um lazer que tende a ser crescentemente criativo.”

Mas essa desejável aliança de gerações ainda não se dá. Restaria o lazer, nem sempre criativo.

Pesquisei o que seria um processo de educação e como está se dando, para o idoso, em que esses alunos, que já passaram pelo menos pela “escola da vida”, expressassem claramente o que buscavam aprender – se desejassem –, assim como busquei ver a retribuição programática do construtivismo, segundo a qual os alunos-idosos também passassem ao educador algo do seu saber existencial, propiciando tanto a possibilidade do desejável encontro dos dois saberes – o disciplinar ou técnico do professor e o do social cristalizado no velho aluno – como também algum resgate do papel histórico do velho como memória da comunidade.

Encontrei expressados o que os idosos desejavam – pelo menos os de camadas médias, que tinham buscado, realmente, pelo menos em parte uma “escola”, a Faculdade da Terceira Idade – mas não encontrei maiores indícios, sequer como expectativa, da possibilidade da troca entre as gerações, pelos organizadores do curso (apenas dois professores referem isso). Programaticamente, levam-se certos conhecimentos, informações e habilidades a esses teimosos estudantes – sem volta.

O contexto educacional desenha-se em segmentos de variadas magnitudes. No sentido mais amplo – também mais imediato – organizar-se um curso, programa ou seminário, em suma, um encontro coletivo, contém, por definição, uma intenção socializadora. Neste caso, socialização de conhecimento ou de tarefas, ou ressocialização de indivíduos – é o processo educacional *lato sensu*, o de ensino e aprendizado para a vida social.

Já nos anúncios e notícias de cursos, em jornais e televisão, essa ressocialização aparece como propósito impactante ou até principal: ensinar a descobrir ou redescobrir a alegria, o prazer cotidiano, o lazer, a ocupação nova ou a atividade sempre desejada e não conseguida, ou, simplesmente, ensinar a viver “adequadamente” a aposentadoria ou a “terceira idade”.

No trabalho de campo, em cada grupo, fui em busca dos possíveis sentidos e consequências dessas propostas, o móvel de cadauma dessas ações educativas pretendidas sobre os idosos, e a que imagens sobre a velhice e o envelhecimento – e sobre um tipo particular de idoso – elas corresponderiam. Logo chegaria a uma primeira conclusão de ordem geral: o nível de não-formalidade (ou até de informalidade) dos procedimentos nos cursos e programas encontrados é de tal ordem, que enseja práticas e resultados bem diferentes daqueles constantes dos projetos educacionais tradicionais, que exigem conhecimentos específicos prévios, regularidade controlada de presença, verificações de aprendizagem e capacidade de formação “técnica”. Os programas estudados, mas basicamente aqueles para as camadas mais escolarizadas da população idosa, difundem cultura ou informação geral, habilidades artísticas ou artesanais, conhecimentos para a vida prática “de velho” ou, nomeadamente, de “terceira idade” e, talvez mais que tudo, ensejam ou ampliam práticas de sociabilidade. Percorrem, portanto, caminhos do processo de socialização.

Esses projetos adequam-se ao perfil do “aluno” esperado, esse “jovem de terceira idade”, o “jovem de cabelos brancos”, como está se tornando moda falar, numa desajeitada apropriação da expressão de Veras (1995) – mistura do velho isolado e parado, tradicional, com a imagem nova e muito mais dinâmica do idoso de hoje. Mais dinâmico, porém não isenta de puerilidade. Não de admirar, diante da construção desse perfil ambivalente, os idosos “adolecem” nos programas e grupos. Como ouvi referido mais de uma vez, por dirigentes de grupos, e, encontrei, semelhantemente, na imprensa (por exemplo, em *A Tarde*, 26 de julho, 1997).

Transcrevo a nota em sua inteireza, também pela oportunidade de ilustrar o tipo e a maneira de realização das tentativas, que se começa a fazer, de aproximação das gerações – o idoso ainda (e apenas) na figura familiar e familiar de avô.

VIVER BEM NA TERCEIRA IDADE

O Dia dos Avós vai ter uma comemoração muito especial, dirigida a esse segmento: uma palestra a ser proferida pela pedagoga e gerontóloga social Maria Lúcia Palmeira sobre o tema “Viver com Prazer” na fase dos cabelos brancos. Maria Lúcia é coordenadora acadêmica da Faculdade da Terceira Idade de Salvador (funciona na antiga Faculdade de Educação, Rua da Mangueira), criada há cinco anos por Olga Mettig, e que surgiu para proporcionar outras formas de vida, com melhor qualidade, durante a chamada terceira idade.

A faculdade vem proporcionando a educação continuada a seus “*meninos da terceira idade*”, como Lúcia chama carinhosamente os “*ruidosos adolescentes*”, com idades entre 49 e 84 anos, distribuídos em seis turmas, totalizando cerca de 250 alunos. Além das atividades, a faculdade estimula também atividades físicas, com aulas de biodança e exercitação das cordas vocais, através de coral. “Está provado que quanto mais a pessoa é ativa, mais se retarda o processo da velhice”. São esses e outros pontos que ela pretende focar na palestra, aberta e gratuita, às 14 horas, na Brinquedoteca (Rua Mato Grosso, 570, Pituba). A programação faz parte das *atividades do espaço, dedicado ao lazer infanto-juvenil, alusivas ao Dia dos Avós*. Maiores informações pelos telefones 240-0515 e 248-8255.

Nos grupos formados por pessoas das classe populares, aulas e cursos são atividades de que atualmente não se fala. O pedagógico restringe-se a eventuais e breves cursos de artesanato e uma ou outra palestra, sempre voltados para o interesse provável das mulheres, o segmento maciçamente presente em cursos e grupos, como todos sabem (fenômeno que tenho analisado em vários trabalhos. Por exemplo, 1994, 1996). O processo educativo identificado é sempre o socializador, onipresente no cotidiano de cada grupo: uma organização centrada no lazer, para quem teve uma vida de trabalho; uma abertura um pouco maior para a esfera pública e, ao mesmo tempo, com o sucesso dessa experiência de conviver, o sentimento de pertencimento ao grupo – às vezes “segunda família”, embora estruturalmente bem diferente desta; o grupo como lugar mais “leve”, de encontro geracional, onde se “brinca” e pode dar risada, como tem sido visto pelos depoimentos aqui expostos. O grupo, como lugar social e possibilidade fraterna de ir além do sorriso até a risada, potencializa a formação de uma identidade coletiva de geração, ou pelo menos de “idade”. Neste sentido, educa muito bem.

As propostas para os idosos de camadas médias são, pelo menos, previamente planejadas em cursos e atividades definidas. Têm um determinado

custo, e as aulas se sucedem regularmente. No caso aqui analisado, da Faculdade Livre da Terceira Idade, o projeto pauta-se por um modelo que se pretende de educação continuada, de universidade para a terceira idade (como expus no capítulo etnográfico, Parte II).

Propondo-se como curso de extensão, com a finalidade de “fazer crescer como pessoa” e “trabalhar com turismo”, a Faculdade enfatiza outros objetivos internos a esse “crescimento” (como vimos na parte II), tais como desenvolver a auto-estima, incentivar a integração social dos idosos e “construir um novo projeto de vida” (ver Anexo I).

É uma proposta que revela, uma vez mais, uma determinada representação do idoso destinatário dela. E a imagem que resulta é ambígua, como todas as imagens transicionais que se encontram atualmente veiculadas: o idoso é capaz de atuar, inclusive no novo (aqui, numa “faculdade” e em “trabalho com turismo”), *porém* enquanto vá se desfazendo de suas supostas deficiências; em auto-estima, que precisa ser desenvolvida; em integração social, que precisa ser ampliada; até estar capacitado a construir um “novo projeto de vida”. Ensino ou prescrição freqüentemente postos nesses programas, seja como um dos principais objetivos, a exemplo da “Universidade” da PUCCAMP (Guerrero, 1993:65), seja como destacada disciplina, como aqui na “Faculdade”.

O curioso, fascinante, até, das conseqüências possíveis de uma proposta tão limitada como a desses programas, em que uma visão verdadeiramente social é deixada de fora, é que, sendo ela de prescrição razoavelmente grupal, na medida em que propicia a reunião dos mais velhos, e sua circulação em outros âmbitos, não-familiares, pode redundar na fundação de uma experiência realmente nova, porque vivida coletivamente. Como geração, ou de idosos – como venho repetidamente assinalando.

Não vou esquecer uma experiência modelar, de abraços fortes e emocionados com que fui envolvida, desconhecida companheira de geração, no momento final de uma das sessões do 2º CONCTUR (Congresso Cultural e Turístico da Terceira Idade, organizado, em 1997, pela Faculdade), e que acompanhei, enquanto idosas participantes enunciavam frases animadoras sobre a importância do “momento que agora vivemos.”

Mas, vejamos a trajetória da Faculdade Livre da Terceira Idade.

Pelo projeto original da Faculdade, em 1993, o curso funcionaria em apenas dois semestres. No final do primeiro ano, entretanto, conta a sua Coordenadora, em entrevista:

“Os alunos me procuraram e disseram: – Lucinha, a gente não quer ir embora.”

Repare-se o tom informal, emocional, com que já é expresso o pleito. Aceita a extensão do curso, no planejamento do que seria o currículo para um segundo ano (continua o depoimento), foi sugerida uma “disciplina” sobre cuidados com bebês e crianças, que “poderia ajudar na criação dos netos”. “As idosas (só havia um homem no grupo) se revoltaram e só faltaram me jogar lá embaixo”, sorri a Coordenadora. “Disseram: A gente não quer mais saber disso. Já criamos os filhos. Então, fizemos o curso com coisas que criem bem estar neles”.

A alternativa encontrada foi direcionar o curso para o turismo e a organização de eventos para a terceira idade. Isto, em 1994, e o resultado mais ponderável foi a organização, por essa turma do segundo ano e como atividade na disciplina Organização de Eventos, de um amplo I Congresso Cultural e Turístico da Terceira idade, ao final desse mesmo ano.

O pleito pela permanência no curso se repete, e passa a existir um terceiro ano, em 1995. Voltado, então, para o turismo internacional e culminando com a viagem, longa e cuidadosamente preparada, de um grupo numeroso à Europa, em final de setembro desse mesmo ano (comentado na Parte II).

Ainda em 1995, que teve um índice muito alto de matrícula em todas as três turmas, o anúncio de uma quarta série, a iniciar-se em 1996, foi saudada com palmas prolongadas por um público estudantil que aplaudiu de pé a professora Eny Kleide e sua proposta de continuidade, durante o 1º Simpósio Latino-Americano sobre Cidadania Plena na Terceira Idade, segundo grande evento organizado também pelos estudantes e direção da “Faculdade”, em dezembro daquele ano. Em 1996, em nova entrevista, a Coordenadora Lúcia Palmeira fala sobre o currículo, que caracteriza como “dinâmico” porque, repete sempre: “O pessoal dessa faixa etária não consegue manter o interesse pela mesma coisa durante muito tempo. Não podemos fazer coisas muito rígidas, por conta de eles estarem sempre mudando.” Dá supostos exemplos disso com o caso de alguns cursos, como o de biodança, que suscitara muito interesse no começo e desinteresse ao final. A novidade curricular

de 1996 seria o 4º ano, que teria acompanhado o que ela chama de “linha mestra” da proposta geral do curso.

Pergunto por um 5º ano, pedido pelos alunos, e ela rapidamente me atalha: “Não, não é 5º ano! São Estudos Avançados. Serão iniciados no próximo ano.”

A Faculdade é, agora, Faculdade Livre da Terceira Idade, por exigência do Ministério da Educação. “Se não, teríamos que ter vestibular, notas, etc.” explica a Coordenadora, na última entrevista, em novembro de 1997.

Novidades eram, então, as disciplinas opcionais, programadas para o começo e fim do horário de aulas. “São as atividades de que alguns gostam, e outros, não”, diz ela. “Estão em caráter experimental e abrangem de teatro a ‘holismo’ e línguas estrangeiras.”

Fala sobre cada uma das disciplinas do atual currículo, em termos da orientação dada para atender ao interesse dos alunos, mas também como “através do lúdico, vou conduzindo eles.”

Conta, satisfeita, o sucesso da apresentação do Coral Olga Mettig em festival, na Argentina. Foram 56 dos 70 participantes, aplaudidos de pé. O Coral é, agora, também um grupo cantante fora da Faculdade. Uns 20 a 25 já se apresentaram com a orquestra da UFBA.

Lucinha coordena, agora, também o coral, conta, “para ficar mais disciplinado”. Para cumprirem as atividades. “Quando não exigia não tinha esse resultado.”

A outra novidade curricular são os “Estudos Avançados”. Pergunto em que consistem e a Professora Lúcia define, depois de leve hesitação, como “o mesmo esquema, só com um conhecimento maior.” Estudam “o que eles querem”: meio ambiente, cultura negra, produção musical, preparação do ator para propaganda, etc. “Vou jogar com o turismo local.”

Atenta para uma oferta cada vez maior de cursos e atividades voltados para um possível interesse predominantemente feminino, pergunto: “E os homens?”. Pausa demorada. “O ano passado e este ano não entraram homens. Não sei porque... Não sei se dificuldade de pagar a mensalidade...”

Por que não pensam nas atividades oferecidas?! Despeço-me, perguntando: “E se quiserem ficar além do 5º ano?” Responde: “E querem! A Idéia é fazer Estudos Avançados B.”

O que estão fazendo, neste 1998... E depois?...

AS ATIVIDADES NA FACULDADE

Em primeiro lugar existem, como em qualquer curso regular, as disciplinas que compõem o currículo. Em 1995, quando iniciamos a pesquisa na “Faculdade”, o curso já se estendia a 3 anos, e no folheto/proposta distribuído era arrolado um bom número de disciplinas – 10 a 13 por ano – entre teóricas ou expositivas e práticas ou participativas. Interessantemente direcionadas ao turismo e organização de eventos, línguas, arte, conhecimento e auto-expressão do indivíduo de “terceira idade” (ver Anexo I). Com o prolongamento (espichamento!) do curso requerido sempre – a cada ano, mais um ano! – pelos alunos, essa integração ou coerência curricular parece ter-se tornado mais difícil, a ponto de encontrarem-se, em final de 1996, para a 4ª série, disciplinas inesperadas, como “tapetes persas”, “etiqueta”, “embalagem” e palestras sobre “mastologia” na atualidade. Não de admirar-se, não se matriculou mais nenhum homem no curso (ver Anexo III).

Atenta à possibilidade desse talvez inevitável esvaziamento curricular, já discutia, em artigo da época, e sem ter tido ainda acesso a essa programação: “... A questão crucial, entretanto, é... E depois? Porque os idosos da F. T. I. afirmam, como vimos, “Queremos ficar.” Mas depois de quatro, cinco anos,... vai haver um limite para a ‘invenção’ de cursos e atividades culturais e incentivos à sugestão de ‘vida plena’. E depois?” (Britto da Motta, 1997:278).

O lamentável nesse processo é o “experimentalismo” a que ficou reduzido o currículo, fragmentado, levado, ao que tudo indica, aleatoriamente, sem um planejamento global ou a mais longo prazo. Em relação a conteúdos, algo que sempre me surpreendeu, nesse(s) programa(s), é que em nenhum momento se vislumbra, sequer, a intenção de contribuir para a educação política, para uma (in)formação mínima sobre a condição social do idoso. Para ao menos aprenderem a se situar de forma menos “desterrada”, segmentar quanto a lugar social e a tempo, individual e histórico. Se o idoso – mesmo o mais participativo e alegre de hoje, está se pondo como quem não tem ou não deseja um futuro (como expresso repetidamente nas entrevistas), isso pode dar-se tanto pela satisfação com um presente, talvez pela primeira vez na “idade”, satisfatório, – e o futuro poderia significar a perda dele (a invalidez, principalmente a morte) – como pela acomodação às limitações que a sociedade impõe.

Este seria, talvez, um caso de defesa, de um “minimal self” constituído em uma “cultura de sobrevivência” (“culture of survivalism”), conforme Lasch, assim comentado por Giddens (1991:173): “Renunciation of the future, and a determination to live one day at a time – such an outlook has characteristic of ordinary life in circumstances dominated by influences over which individuals feel they have little or no control.”

Mas, retomando o rol de atividades no curso, poderíamos, talvez, classificá-las assim:

- Aulas expositivas e Conferências.
- Aulas práticas ou participativas – Iniciação Musical, Biodança, Atividade Física na Terceira Idade, Coral, etc.
- Atividades entre estudo e lazer: Visitas a museus, passeios a sítios históricos, teatro, etc.
- Lazer social: Almoços, chás, caminhadas, bingos beneficentes, festas comemorativas (tipo “Dia da Vovó”), etc. Podendo alguma dessas transformar-se em atividade também cultural, como foi o caso dos almoços com comidas típicas de cada país a ser visitado, antes da viagem de 1995.
- Organização de eventos maiores – Congressos, Simpósios, viagens ao Exterior. Atividade ligada à disciplina Organização.
- Atividade mais autônoma: o Coral Olga Mettig.

É evidente que com tantas atividades organizadas e vividas coletivamente, o tempo é, realmente, preenchido, a vida animada, os contatos muito mais numerosos, a sociabilidade ampliada. Por isso, a satisfação declarada dos alunos é praticamente generalizada (como documentado na Parte II).

Notando a disparidade da participação homem/mulher, procurei discernir interesses de gênero no desenvolvimento do curso. Quando cada turma tinha pelo menos um ou dois homens – diferentemente da situação que iria encontrar, de quase ausência deles, em 1996/97 (ver capítulo 8), – perguntei aos entrevistados se o curso era mais voltado para os homens ou para as mulheres. A grande maioria respondeu que era igualmente direcionado para ambos os sexos, pois o interesse no preenchimento do tempo e na aquisição de conhecimento é igual para homens e mulheres. Entretanto, alguns reconheceram que a simetria não era total:

“É a mesma coisa. Sendo que por ter maior número de mulheres, os próprios professores acostumam-se a falar mais voltados para as mulheres. Os homens são mais preconceituosos, vêm menos para essas coisas.” (Sr. Manoel, 60).

“É mais voltado para o interesse das mulheres. Elas têm mais interesse, são mais participativas, questionam mais. Eu participo, mas não é igual. Algumas já foram professoras de Faculdade, profissionais, viajaram o mundo.” (Sr. Armando, 65).

“Em função de uma maioria de mulheres, algumas vezes os assuntos são canalizados para os problemas que atingem as mulheres, sim, contudo, sem deixar de atender aos homens.” (Sra. Lygia, 54).

A propósito da pergunta, os depoimentos foram, muito repetidamente, direcionando-se para uma avaliação do que é interesse de homem e interesse de mulher e, sobretudo, para uma crítica da atitude dos homens diante do envelhecimento. Curiosamente, os depoimentos masculinos foram autocríticos, e favoráveis às mulheres, como referi anteriormente. Além dos acima citados, também este:

“Acho que o curso visa ambos os sexos, apesar de existir um certo preconceito por parte de alguns homens, que não vêm para cá, pois acham que isso é coisa de mulher. Isso é machismo, e pra mim todos os machistas que conheço são cornos. Que adianta!” (Sr. Oswaldo, 62).

E o mais explicitamente pedagógico, as aulas, avaliações, a relação entre professores e alunos?

As aulas e atividades são programadas modularmente, por série, mês a mês (ver quadros anexos). Também os professores são avaliados mensalmente, segundo a Coordenadora do programa; “E se um professor não corresponde, se muda.” Há, segundo ela, uma grande mobilidade do curso, a partir da receptividade dos alunos. “Não tem essa coisa definida, determinada. A programação é feita em conjunto, entre eles e eu. Eles sugerem, eu ouço.”

Justifica essa necessidade de “mobilidade” do curso por aquela peculiaridade que teriam os idosos, e que ela refere com alguma freqüência, quase com idênticas palavras:

“O pessoal dessa faixa etária não consegue manter o interesse pela mesma coisa durante muito tempo, [...] por isso mesmo, o currículo tem que ser dinâmico.”. “Não tem um programa obrigatório a cumprir.”

Nesse quadro, como proceder à avaliação? Como atender à prescrição pedagógica de momento privilegiado para que o professor reflita sobre a sua prática? Ou de que os alunos – sem parâmetros definidos – percebam possibilidades e dificuldades? Ou que a instituição reveja objetivos e programa a mais longo prazo?!

As aulas

A equipe da pesquisa teve acesso a algumas aulas, depois de contato direto com os professores, e registrou suas observações no diário de campo. Também entrevistou (como referido na Parte II), 7 professores que se mostraram mais receptivos.

A equipe de professores é, em princípio, flutuante, de acordo com a organização dos módulos de aulas e atividades, e sem vínculo empregatício. Vários são ligados à Faculdade de Turismo e à de Educação, porém outros são só da Faculdade da Terceira Idade, como o maestro do coral, a professora de Biodança e o professor de dança de salão.

Dos 7 entrevistados, 3 são mulheres, e 4, homens. Idades entre 29 e 62 anos, 5 pardos e 2 brancos, 1 paulista, 1 sergipana e 5 baianos. Formação variada, com claras mudanças de trajetória profissional. Por exemplo, de Educação Física para Gerontologia Social; de Processamento de Dados para Biodança; de Administração de Empresas a Teatro.

Por que estão dando aulas para idosos? Qual a importância disso para eles?

Os caminhos e motivações iniciais não foram muito diferentes para cada um – geralmente o acaso, ou a “oportunidade profissional” – podendo chegar ao que declarou a maioria: o gosto pelo que estão fazendo. O caso mais surpreendente é o de um professor visivelmente muito estimado pelos estudantes, que tem conseguido crescentes bons resultados com o seu curso/atividade e que, entretanto, expõe, na entrevista, um julgamento severo e quase desanimado sobre os seus alunos:

“É tão difícil conseguir disciplina com a terceira idade, como numa classe de adolescentes. Eles não decoram fácil... são muito emotivos [...] e aprendem muito mais lentamente.”

Esse tipo de comparação idoso/adolescente é reposta por outro professor em bases mais otimistas, embora em tom meio contraditório.

“Me atraiu muito trabalhar com a terceira idade. Tem a sabedoria, é gratificante. Eles se comportam como adolescentes.”

Já um gosto maior e até uma reorientação profissional são também nitidamente expostos:

“Eu pretendo, daqui a algum tempo, extinguir todo trabalho não voltado para a terceira idade [...] Por isso, faço a pós-graduação em Gerontologia Social.”

Analisando a importância ou o específico desse magistério, e as relações professor/aluno, alguns poucos enfatizam as possibilidades da troca entre os dois segmentos, uma parte dela constituindo-se em aprendizado para o professor, enquanto outros reproduzem uma imagem mais estereotipada dos idosos, que teriam ou chegariam com baixa auto-estima, “em função da sociedade que os marginalizou”, melhorando com o trabalho realizado, que visaria “descobrir um novo sentido para a vida, autovalorizar-se. Nós buscamos o sentido do encontro, como as pessoas podem se harmonizar e como ninguém cresce sozinho.”

Os primeiros detalham o sentido da troca referida:

“Esse pessoal com tanta disposição, com tanta alegria, me ensina muito!”

“A gente sai da sala 'levitando', porque... eles respondem a tudo que o professor apresenta, com muito interesse. E sinto ainda uma coisa, assim, muito participativa, e comparando a utilização de dinâmicas com jovens e com velhos, por incrível que pareça os velhos correspondem muito mais às expectativas. É muito mais gostoso e estimulante trabalhar com a terceira idade.”

Sobre essas aulas e professores, ouçamos, agora, os alunos da “Faculdade”:

“As aulas são mais participativas, dinâmicas. Você não tem obrigação de consultar livros. Não tem que ter essa obrigação: o professor, de dar uma produção x e você ter que mostrar que teve aquele conhecimento naquela unidade. Você tem mais um aproveitamento por frequência, tomando conhecimento do que tá acontecendo. Você tem mais é que ter aula prática com a aula teórica, você vai confirmar se obteve sucesso ou não, com a frequência, já que você não faz prova.” (Sr. Manoel, 60).

“As aulas são interessantes, com professores capazes, que procuram dinamizar suas aulas, atendendo às necessidades do grupo. Utilizam audiovisual, fazem excursões, nos reciclando e nos mostrando a vida sob uma nova ótica.” (Sra. Lygia, 54).

“Geralmente as aulas didáticas são expositivas. Os professores dão um resumo da aula, às vezes tem diálogo, tem a parte prática. [...] Os professores fazem projeção, transparência. Às vezes eles indicam os livros, mas não tem prova, não tem avaliação, cada um aprende o que pode.” (Sra. Avany, 74).

“É uma coisa bem aberta. Os professores dão temas e formamos grupos para debater. De vez em quando dão algum exercício xerocado pra gente responder, nas aulas de línguas.” (Sra. Edith, 63).

Arremata Sra. Alyda, 75:

“Todos os professores são muito bons. Temos umas aulas que me tocam mais e são agradáveis. Gosto de tudo. *Estou aqui para curtir.*”

Por sua vez, Clovis, 63, expõe sua opinião sobre o necessário “papel do aluno na terceira idade”: “Não é só de reciclagem, ele tem que dar a colaboração da sua experiência de vida, participação direta...”

Apreciar e até entusiasmar-se com as aulas e o curso foram praticamente uma unanimidade, no caso da Faculdade, e ainda no seu terceiro ano de existência, quando iniciei a pesquisa e as entrevistas básicas foram feitas. Na volta sistemática a campo, no final de 96, pela primeira vez iríamos ouvir críticas à escolha do tema de algumas aulas e à sua própria metodologia, diante do que a reação mais radical foi:

“Perdi a motivação. Tem aulas que eu acho ‘um saco’, são apenas para encher o tempo. Agora só estou vindo para o coral.”

Estar-se-ia dando, já, aquele referido esgotamento da “invenção” que um pouco antes dessa volta a campo eu já pressentia? (Britto da Motta, 1997:278).

Talvez, ou pelo menos há que se reconhecer que a programação daquele trimestre foi particularmente infeliz (Ver Anexo III). Ao mesmo tempo, examinando-se a programação desses três anos, comparativamente, e também entre as diferentes séries, perceber-se-á que as disciplinas são muito parecidas, ou as mesmas para diferentes séries e, sobretudo, que não parece haver, na verdade, nenhum crescimento em complexidade, ou aprofundamento de aprendizagem ou temática, de uma série para outra, classificatoriamente mais avançada. Na prática da

Faculdade, então, vem sendo cumprida a grade curricular para 3 anos, especificada no “folder” (Anexo I) que distribuem, só que espichada para 4 anos. Sobre os “Estudos Avançados” (5º e 6º) é que não tenho informações além das antes referidas, constituídos que foram depois de encerrado o trabalho de campo e nada encontrando escrito sobre eles.

Retornando a 1995, nove aulas foram assistidas entre setembro e novembro, o que constitui uma amostra da maioria dos cursos oferecidos em cada módulo, naquele momento. A observação confirmou, em grande parte, as características e expectativas expressas no discurso dos alunos entrevistados. As aulas centrando-se, metodológica e tematicamente, em trabalhos de corpo e de auto-expressão, sem verificações de aprendizagem; restando assinalar-se o clima, vezes de alegria, vezes de afetuosa emoção, que em alguns momentos alcançaram.

Não tendo tido a oportunidade, no desenvolvimento dos módulos do programa, de assistir a aulas de línguas e história – porque não programadas na ocasião – ficamos com uma panorâmica de cursos sobretudo de animação, física e emocional, onde úteis atividades corporais são desenvolvidas e estimulações psicológicas, ou afetivas, tentam realizar-se não raro com alguma ingenuidade e excesso de romantismo. Apenas. Veja-se este trecho de texto que foi distribuído pela professora – que ofereceu uma cópia ao estudante/observador da equipe – e lido em aula, na disciplina Novo Projeto de Vida:

Como todo tempo é tempo de ser feliz, não há tempo delimitado e específico para o amor; não existe tempo exclusivo de certos períodos da vida. O amor pertence a todas as idades e completa todas as horas da nossa existência [...] O amor do outono da vida é o mais sublime, ama-se com mais dignidade, moderação, confiança, compartilhamento, solidariedade, generosidade, intensa e profunda espiritualidade (convive-se como companheiros evolutivos). O tempo avançado não gasta o segmento do córtice cerebral, nem o coração amoroso...

A professora abre uma discussão sobre o amor (o tema da aula), mas os alunos não se expressam. Alguns revelam que existe na sala um casal enamorado, e a professora brinca, dizendo que o trabalho estaria dando frutos. Alguns declamam poesias sobre o amor (improvisado ou combinado?) e a aula – que é, também, a última do ano – se encerra com os alunos em círculo, mão dadas, cantando a música que a professora põe para tocar, “Amigos para sempre”. Ao final, se abraçam, se cumprimentam, alguns visivelmente emocionados.

O mesmo clima caloroso e afetivo que iria encontrar em alguns outros momentos do grupo, uma afetividade facilitada pela circunstância emocional – que sempre me fez pensar no que seria a sedimentação possível desse intercâmbio eventual de sentimentos. Auto-expressão se desenvolvendo? Amizades se fazendo? Descoberta e encontro dos pares emocionais, geracionais? E, sobretudo: A partir daí, que consciência de geração é possível? Que identidade coletiva de idosos, mais difícil para quem protesta se nomeado nesses termos, como aconteceu em relação a inocente comentário de um dos estudantes da equipe?! Como se autotransformariam, então, em uma ação coletiva?! Essa questão da nomeação, ou autodesignação, é problemática (como pode ser acompanhada no capítulo 10). Difícil e importante, porque significa, exatamente, a expressão da assunção de uma identidade.

Pedagogicamente, não poderia, afinal, esperar mais do que a “Faculdade” se propõe a dar: ampliação ou continuidade da informação cultural e sobre como viver bem a “terceira idade”, estímulo à auto-expressão pela arte (coral, teatro, música, etc), estimulação pretendida da auto-estima e treinamento em ações voltadas para o turismo. Tudo isso ela faz e, freqüentemente, bem. (Todo o trabalho de preparação para a viagem à Europa, em 1995, por exemplo, constituiu um primor de informação cultural e organização). Contudo, seguindo a natural e necessária reflexão sobre o presente-&-futuro do segmento de mais idade na sociedade, tenho que me deter, realmente, sobre o depois dos programas “para a terceira idade” e, sobretudo, do coletivo geracional que os freqüenta. As questões da consciência social e direitos de cidadania são infugíveis. Em que momento, e como, se pode passar da auto-(re)descoberta como ativo-mesmo-fora-do-mercado-de-trabalho e pessoa alegre e animada com o crescimento da sua sociabilidade geracional, para um momento, ou circunstância, – aí, sim, de novo projeto de vida – de crescimento pessoal/político dessa consciência de geração e afirmação de cidadania? É o âmago da questão e o desejável ponto de chegada na trajetória dos idosos por um lugar social (Britto da Motta, 1997:277). Que contribuição se poderia esperar de um desses programas ou “Faculdades”, nessa intermediação com o “mundo exterior”, além de propiciar o encontro e as atividades? O debate fica aberto.

O que poderia, realmente, constituir-se em um projeto educacional para o idoso, para aqueles que realmente o desejarem, e não para ensinar a viver a velhice, ou a ser velho?

Pensaria em uma proposta de tripla entrada. Em primeiro lugar, ensinar a viver o que não viveram antes, o que, na sociedade capitalista, a vida de trabalho – produtivo e reprodutivo – não desenvolveu ou permitiu desenvolver: o gosto e a naturalidade do lazer, da arte e da cultura. A fruição tranqüila dos pequenos prazeres.

Ao mesmo tempo, aproveitar a experiência vivida e dar continuidade ao que se fez e foi, e valeu a pena (Britto da Motta, 1996c).

Por fim, a educação política, para a cidadania, – não tratar o velho como o marginal social, o que “já deu o que tinha que dar”, mas na sua qualidade de sujeito histórico, inserido em uma realidade social, como prescreve o próprio Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC), já que educar é também propiciar um conhecimento para a vida de relações.

Tudo isso, sem estarem dissociados das outras gerações!

Pelo que pude analisar, o despertar para o lazer e a cultura é feito nos grupos, embora esta segunda, de forma bem menos intensa, e ainda assim, apenas nos programas definidos como “universitários”. Os outros dois igualmente importantes aspectos não são parte dessas propostas, mas podem aparecer, de alguma maneira, em grupos das classes populares, como o da AMPLA, onde habilidades anteriores são mobilizadas para a produção de um artesanato que se exhibe e vende, em benefício das idosas, e a experiência – memória do crescimento do bairro e do desmembramento das terras é posta na ação atual dos moradores contra a União Fabril.

Apesar dessas iniciativas ainda tão segmentadas, por tratar-se, cada grupo ou programa, de um trabalho coletivo, e a sociabilidade ser também um dos anseios dos participantes, esta é uma meta alcançada – que traz outras consequências, imprevistas, como venho assinalando, quanto a solidariedades e identidade geracionais – mas ainda um movimento parcial, ainda a sociabilidade intra-geracional.

Por fim, que está significando o fenômeno Universidade ou Faculdade para a Terceira Idade, como inovação ou reorientação educacional e social? Muito mais do que aparenta, e com algumas consequências ambíguas. Principalmente:

- Subversão do sistema educacional tradicional, adstrito rigidamente a determinadas faixas etárias, sempre jovens.

- Ao mesmo tempo, manutenção desse sistema, no que se refere a uma classificação ou segregação por idade.
- Um reforço da atual vontade de aprender, e do ainda maior afã de “ensinar”...
- Também parte da expressão da “revolução” dos velhos na sociedade atual.
- Uma questão de gênero – são predominantemente mulheres, e para elas é dado o tom fundamental das atividades.
- Questão também de classe – camadas médias urbanas, as(os) freqüentadoras(es).

E para os grupos definitivamente de convivência? Muitas dessas características são comuns a eles, diferenciando-se no que se refere à condição de classe – classes populares – e nas (im)possibilidades que essa condição determina, quanto ao nível de escolaridade e o acesso ao mercado de consumo.

Quanto à pedagogia e seus resultados, tanto nos grupos como nos programas, pauta-se pela não-formalidade, ou exagero de informalidade, mas termina por ensinar, via encontros e atividades conjuntas de indivíduos usualmente dispersos no seu não-lugar social, uma socialização para a “terceira idade” e a possibilidade de extensão da sociabilidade geracional, extra-família. Um certo redirecionamento da trajetória cotidiana – existencial. Uma “pedagogia” indireta e inesperada, que o encontro coletivo e a sociabilidade realmente elaboram. Que pode estender-se, ainda mais inesperadamente, como encontro afirmativo, propiciador do desenvolvimento de uma consciência, de uma identidade coletiva de idosos.

9 SOCIABILIDADE E GRUPOS

Simmel (1983:168-169) define a sociabilidade – em teorização até aqui a mais completa – como “a forma lúdica da sociação”; no que expressa um aspecto fundamental da “natureza” cultural dos indivíduos, a associatividade, sobretudo em sua expressão desinteressada: essas “formas ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com o conteúdo; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços.”

Ao mesmo tempo, é preciso pontuar-se, a duração ou permanência desse caráter puro deve ser relativizada: se a relação se prolonga, tende a transformar-se principalmente se em grupo maior que a díade. Aliás, o próprio Simmel (1983), que defende a pureza formal e a estrutura igualitária e democrática da sociabilidade – tomando-a como modelo privilegiado da Sociologia formal – não deixa de referir a sua dificuldade de manter-se nesse nível, principalmente quando vivenciada por indivíduos de classes sociais diferentes: “Entretanto, esse caráter democrático só pode se realizar no interior de um dado estrato social: a sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente e dolorosa.” (Simmel, 1983:172).

O que nos sugere outras reflexões e diferenciações, outras sociabilidades possíveis, quando vivenciadas por outros atores além das classes sociais, em diferentes tempos sociais; por exemplo, segundo as idades ou gerações, ou do ponto de vista das relações de gênero.

A sociabilidade tem, ainda, outros limites. Nesse sentido, Simmel (1983:171) refere “limiares de sociabilidade”, superiores e inferiores:

Esses limiares são transpostos quando os indivíduos interagem motivados por propósitos e conteúdos objetivos, e quando seus aspectos subjetivos e inteiramente pessoais se fazem sentir. Em ambos os casos, a sociabilidade deixa de ser o princípio formativo e central de suas sociações e se torna... uma conexão formalista e superficialmente mediadora.

Velho (1986:13) assinala como Simmel (1971:128), ao mesmo tempo, refere alguma presença da sociabilidade em todos os tipos de associação:

Mas acima e além de seu conteúdo específico, todas essas associações estão acompanhadas por um sentimento positivo, por uma satisfação pelo próprio fato de se estar associado a outros e de a solidão do indivíduo ser resolvida através da proximidade, da reunião com outros. (Tradução de Velho)

Também Cabral (1998:1), expressa: “No âmago de seus argumentos está embutida a idéia da necessidade intrínseca de exercer a sociabilidade como dimensão essencial da vida humana.”

Mauss, no Ensaio sobre a Dádiva (1974), demonstra a sempre atualizada tentativa social de troca entre iguais-que-vão-se-tornando-diferentes, enquanto exercitam a reciprocidade e, ao mesmo tempo, a afirmação social de cada indivíduo, ou a sua representação (ou apresentação?). A reciprocidade/afirmação é parte básica do mecanismo fundante da sociabilidade humana. Os seus modos de realização vão do “potlatch” primitivo a rituais sociais modernos, ainda relativamente pouco analisados pelas Ciências Sociais: festas, reuniões sociais, troca de presentes, homenagens...

Lévi-Strauss (1982:95-98) é particularmente feliz ao comentá-los, e na preciosa documentação de um uso francês tradicional:

Uma garrafa de vinho velho, um licor raro, um ‘foie gras’ [...] são iguarias que ninguém compraria e consumiria sozinho, sem um vago sentimento de culpabilidade. O grupo, com efeito, julga com singular dureza aquele que “bebe sozinho.

Mas o ritual das trocas não está somente presente nas refeições de cerimônia. [...] Freqüentemente observamos o cerimonial da refeição nos restaurantes baratos do sul da França. [...] Nos pequenos estabelecimentos onde o vinho está incluído no preço da comida, cada freguês encontra, diante do prato, uma modesta garrafa [...] Esta garrafa é semelhante à do vizinho, como são as porções de carne e de legumes que uma empregada distribui ao redor. Entretanto, manifesta-se... uma singular diferença de atitude com relação ao alimento líquido e ao alimento sólido, porque este último representa as servidões do corpo e o outro o luxo, o primeiro serve para alimentar, e o outro para homenagear. [...] O vinho, diferentemente do “prato do dia”, bem pessoal, é um bem social. A pequena garrafa pode conter apenas um copo, que esse conteúdo será derramado não no copo do detentor, mas no do vizinho. E esse executará logo a seguir um gesto correspondente de reciprocidade.

Que aconteceu? As duas garrafas são idênticas em volume e seu conteúdo de qualidade semelhante. Cada qual dos participantes desta cena reveladora... não recebeu nada mais do que se tivesse consumido sua porção pessoal. Do ponto de vista econômico ninguém ganhou nem perdeu. Mas é que na troca há algo mais que coisas trocadas.

Na modernidade ocidental, individualista e estruturalmente fragmentada em múltiplas esferas de ação, em contraste (ou compensação?) com as megaestruturas

do setor produtivo, está-se dando uma ênfase crescente na vida pequeno-grupal, das facções, das “patotas” ou das “tribos” (como diria Maffesoli, 1987), em extensões espontâneas do modelo das relações trazidas das instituições e espaços tradicionais (família, escola, vizinhança, trabalho). Também desenvolve-se uma outra espécie de associação, “fabricada” em vários módulos para o consumo capitalista – em grupos de convivência, clubes, escolas e cursos, entre os quais se destacam os programas “para terceira idade”. Agentes de gestão da velhice (Lenoir, 1979; Ariès, 1983) organizam o consumo de serviços e equipamentos para grupos cada vez mais numerosos – e a sociabilidade é uma das mercadorias oferecidas. A isso me referia, ao comentar (1997:135): “Os grupos de convivência e programas para idosos expressam ou instituem, comumente, uma sociabilidade dirigida e substitutiva da verdadeira (?), espontânea. Pelo menos no começo.” (Porque com o persistir dos encontros, outras relações vão-se construindo.) Mas nesse início, continuava,

As pessoas não se reúnem com aqueles que escolheram, por algum tipo de afinidade, mas com os que lhes são apresentados a conviver. É o modelo típico dos grupos de iniciativa pública governamental e dos assistenciais, inclusive ligados à área empresarial. Uma possível contraposição a esse modelo seriam os grupos auto-organizados, mas estes nem são tão espontâneos assim; são freqüentemente reunidos por – ou em torno de – uma figura forte de líder ou presidente, quase sempre uma mulher, que com férrea doçura dita as atividades e o modo de realizá-las aos “meninos”, ou “meus velhos.”

Com essas mulheres “fortes” (ver Parte II), cujo autoritarismo independe de classe social e revela uma faceta pouco analisada da condição social de gênero, os grupos deixam aflorar o que venho referindo como “poder subterrâneo das mulheres” (Britto da Motta, 1991 e 1993). Estas coordenam atividades predefinidas – muito semelhantes de um grupo para o outro, apesar das freqüentes diferenças de proposta inicial – com rígida disciplina mesclada com tintas de afetividade, em formas que me levaram a essa qualificação de “férrea doçura”... (1997:135)

Entretanto, no dinamismo das relações sociais o terreno da sociabilidade mercada também propicia encontros que podem gerar outras formas, mais espontâneas, de convivência, como a camaradagem e a amizade – e aí, sim, retornamos, ainda que pontualmente, à sociabilidade “pura”.

Cabral (1998:2) sugere o estudo desses grupos de convivência como experiências, experimentos, “oportunidade de testar hipóteses de sociabilidade”. O

que venho também tentando. Identificando caminhos novos, inclusive cortados por ambivalências. Por exemplo, ainda que tenha encontrado, na pesquisa, expressões de grande entusiasmo pelos novos amigos nos grupos, parece existir, paralela embora minoritariamente, uma resistência cautelosa dos mais velhos, principalmente de camadas médias, a novas amizades feitas no espaço semi-público dos grupos e, principalmente, a estendê-las ao cotidiano privado. Enquanto o Sr. Clóvis, 64, revela: “Meus melhores amigos são os amigos da Faculdade”, a Sra. Alyde, 75, declara: “Eu não posso dizer que fiz amigos, fiz amizades. Ainda é pouco tempo, são apenas 2 anos (de convivência).” E a Sra. Ma. de Lourdes, 75, analisa: “Quando a gente vai envelhecendo, fazer amizades fica mais difícil. Tenho a impressão de que os mais velhos ficam mais egoístas.”

De qualquer modo, uma pequena parte deles encontra, regularmente, esses amigos fora das atividades costumeiras do grupo. No caso da Faculdade da Terceira Idade, são 5 mulheres e 2 homens que respondem afirmativamente quanto a encontros regulares, além de 2 homens e 1 mulher que encontram os colegas-amigos às vezes. Os do Unidos Venceremos têm a coincidência, facilitadora de aproximação, do fato de que boa parte dos freqüentadores do grupo é de vizinhos. Mas, embora declarem, de maneira generalizada, que são amigos, relativamente poucos (9 mulheres) encontram esses amigos fora das atividades – que são também passeios e festas, lembre-se – do grupo.

Os da AMPLA têm, ainda mais coincidentemente, a relação de grupo e de vizinhança, por serem de uma associação de bairro. Entretanto, e talvez em grande parte por isso mesmo, tendem a colocar limites nas relações (Ver parte II). Também generalizadamente declaram muitas amizades, porém, apenas 6 encontram-se fora das atividades do grupo. Uma delas enfatiza: “Apenas na rua.” Duas outras, por outro lado, referem – caso raro – visitas em casa.

Peixoto (1997:68), em seu estudo sobre a clientela, de camadas médias, da UnATI/UERJ, também encontra essa “dificuldade que as pessoas de mais idade demonstram em transformar as relações tecidas no espaço público... em relações privadas”.

Mas, realmente, essas instituições de animação da “terceira idade”, ainda quando não intencionalmente, porém por força da sua ação de reunir pessoas que, em maioria, não se conheciam antes, tornam-se verdadeiros negociadores ou mediadores de sociabilidade, ao mesmo tempo propiciadores da criação de limiares

(lembre-se Simmel) por onde a sociabilidade pode expandir-se, ou “escorrer”. E “escorre”, também, para poder ir-se solidificando novamente em construções identitárias de idade/geração – um efeito ou um bem não previsto para qualquer dessas agregações (Britto da Motta, 1998b).

A vida nos grupos e programas desenvolve-se como um jogo onde todos os “contendores” podem ganhar – nem que seja em um primeiro momento. Ganham dinheiro ou senso de realização e credibilidade pelo trabalho cumprido, os organizadores das atividades; e ganha um tempo agradavelmente preenchido, companhia, lazer prazeroso, informação e circulação social, a clientela idosa.

Por isso, não encampeei totalmente a crítica de Ariès (1983:53) às atividades para a “terceira idade” como constituidoras de verdadeiros “ghettos”, e às suas organizações de lazer como meios de recolocar em circulação o dinheiro dos velhos. Reconhecendo, como já tenho feito em outros momentos, esse sentido mercantilista, além da potencialidade auto-segregadora desses grupos e programas, – mas esta, como ocorreu no caso do feminismo e de outros movimentos sociais, como passível de durar apenas uma fase – assinalava também um outro ângulo da questão:

Entretanto, em parte contraditoriamente, em parte, felizmente, (essas organizações) põem também em circulação os próprios velhos [...] grande parte deles sem lugar [...] na sociedade. Repõem-nos, embora nos interstícios dela. Mas ao mesmo tempo deixam-lhes a sensação de estar mais vivos e, às vezes, alegres. (Britto da Motta, 1996)

Assinala, aliás, Ariès, no mesmo artigo, que é a segregação, e não a miséria, o principal problema dos idosos, hoje. Refere-se, evidentemente, à Europa, embora no Terceiro Mundo a segregação também seja um fato. Ao mesmo tempo, a rigor todo grupo de iguais é, de alguma forma, segregado, ou se auto-segrega, por defesa ou/e por estratégia de luta por reconhecimento. Grupos de idosos, então, podem ser constituídos em “ghettos”, mas podem, também, construir novas e mais positivas identidades coletivas, de ordem geracional. É o que já parece ocorrer, no Brasil, com o Movimento dos Aposentados e com alguns grupos menores, principalmente os constituídos por participantes de programas culturais para idosos e de grupos de convivência. Estão construindo um re-conhecimento (Britto da Motta, 1996c e 1998b).

Sobre a questão da segregação analisa, ainda, Guerrero (1993:14), a propósito de um agrupamento específico: “É comum dizer-se que a universidade da

terceira idade é uma forma de segregação dos idosos. Porém, se ela é uma forma de segregação etária, é do tipo presente em outras instituições educacionais.” (Para outras idades, portanto).

De qualquer modo, o fato de que esses grupos ou programas sejam bem aceitos, ou diretamente procurados pelos idosos, demonstra a existência de uma carência, ou até de uma busca, por parte de um segmento etário/existencial que perdeu seu lugar social e ensaia construir algum outro. Seja com uma realização adicional ao seu itinerário de vida, ou a efetivação de um pequeno projeto ainda sem chance de se realizar, ou, ainda, e simplesmente, procurando companhia e “preencher o tempo”, esse largo tempo ampliado pela aposentadoria ou pela solidão das donas-de-casa.

Mas o ganho dos idosos pode ser parcial ou, como mencionei antes, ao menos inicial – dependendo das possibilidades que alcancem de crescimento de uma consciência crítica ou da referida identidade de idade/geração. Interação e integração geracionais, apenas, não levam ou não são suficientes para a integração social mais ampla e o alcance da cidadania. Podem ser, em algumas fases, realmente guetificantes.

Atrair o idoso, solitário em casa, ou insatisfeito, para os alegres grupos “de convivência”, ou, aqueles que expressam não querer parar no tempo, para cursos e “universidades” para a “terceira idade”, é um passo importante de recuperação ou avanço social, mas é evidente que a maioria dos programas pára aí. Por isso, venho perguntando sempre: E depois?! (1996c)

O reencontro e a solidariedade geracionais são grandes e bons momentos iniciais na trajetória do idoso em busca da redefinição de um lugar social, mas deverão ser também base e fortalecimento para a busca – que deveria ser da sociedade inteira – da convivência, privada e pública, com as outras gerações.

E desse tipo de movimento, de passagem do encontro intrageracional para o intergeracional, pouco se tem notícia. De um clamoroso contrário, entretanto, o Brasil viu lamentável exemplo, recentemente. Focalizado em programa de televisão (Globo Repórter, 4 de setembro p. passado), o município gaúcho de Veranópolis, como lugar onde os velhos são especialmente longevos e alegres, percebe-se, muito nitidamente, que isso se dá primordialmente porque todos têm *atividades*, inclusive de trabalho, e *convivem naturalmente com as outras gerações*. Ao final do programa, entretanto, aparece como novidade positiva o que seria, no caso, um retrocesso, e

que é recurso – ou percurso – apenas para os que não atingiram ainda essa integração: uma proposta de grupo para a “terceira idade”, igual a todos conhecidos, onde, “naturalmente”, as outras gerações não comparecem...!

A sociabilidade intergeracional constitui-se, evidentemente, no fundamento possível da pertença social dos mais velhos. A convivência solidária não deixa espaços para a solidão e a marginalidade, claro. Evidência e clareza não são suficientes, entretanto, para que esse valor se concretize. Reportando-me, sempre, aos grupos e cursos para idosos, aí incluídas as “universidades” para a terceira idade, espaços mais amplos e propícios para o encontro geracional, programa-se, quase invariavelmente, esse contato maior entre as gerações, mais ainda não tive notícia de que isso realmente acontecesse.

Define, apropriadamente, Peixoto (1997:73):

Pensar as universidades da terceira idade sem as práticas de sociabilidade é o mesmo que fundar uma escola sem [...] professores. [...] As pessoas vêm em busca de novas amizades, assim como para vencer a solidão [...] O que há de específico nas universidades da terceira idade é a oferta de atividades voltadas para a educação permanente mas, principalmente, a possibilidade de estabelecer relações com as gerações mais novas.

Mas, quando isso realmente acontecerá? No caso de Salvador, e da “Faculdade” que pesquisei, não encontrei contato com jovens sequer em programações festivas, quando às vezes pelo menos a família comparece, nem no dia-a-dia da “Faculdade”, que funciona no prédio da Faculdade de Educação da instituição, freqüentada naturalmente por jovens.

Na Universidade da Terceira Idade da PUCCAMP, Guerrero (1993) aponta, contra a desejável aproximação das gerações, o próprio fato de os pavilhões de aulas dos idosos serem distantes de onde ficam os jovens.

Resta, então, por enquanto, o encontro geracional. Que não é tudo, mas também não é pouco, como venho analisando. Peixoto (1997:73) assinala, inclusive, essa sociabilidade geracional como modificadora potencial de outras relações: “A identificação do peso que a solidariedade tecida nessas instituições adquire na vida cotidiana das pessoas de mais idade, permite também a reflexão sobre as transformações nas relações familiares.” (Ver também Jelin, 1994 e Bilac, 1991).

No estudo que realizei com os já referidos grupos que, grosso modo, poderiam ser rotulados “de convivência”, – por certa sistemática de trabalho e pelos

resultados alcançados – encontrei variados graus de exercício da socialidade, em que apenas os idosos da praça representariam a sociabilidade pura, espontânea. Os dois grupos de bairro representam tipos intermediários de associatividade, porque embora a maioria dos participantes tenha se engajado a convite de amigos ou vizinhos, trata-se, de qualquer maneira, de grupos organizados, com coordenação e atividades definidas. Principalmente o Unidos Venceremos, já tornado até associação formal. O da Faculdade da Terceira Idade representaria, ao lado dos Clubes da Maior Idade, um protótipo daquela sociabilidade dirigida, mercadológica, há pouco referida.

Mas novamente é preciso matizar-se o quadro do “apenas lucro”, porque, também mais uma vez, há terreno para uma “virada” mais pessoal: também amizades “puras” se originam nesses encontros e atividades regulares, reguladas por outros. E se mantêm, ainda que articuladas às próprias práticas de ordem mais formal e pública, nesse mercado simbólico de relações na sociedade capitalista.

Por outro lado, é importante reconhecer-se, tanto que novas formas de socialização têm existência no presente, a exemplo das analisadas, como também que uma ampliação do escopo de significados do termo vem-se dando no âmbito da própria prática científica, que extrapola o bem construído modelo formal de Simmel e, talvez referenciada às raízes durkheimianas, recobre as relações que se dão agora na vida cotidiana (por exemplo, Durhan, 1984; Telles, 1993; também Peixoto, 1997).

Nesta pesquisa, conhecedora, já, das características ambivalentes dos grupos organizados, majoritariamente, para idosos e não por idosos, propôs, nas entrevistas, a dupla questão: Que buscam e que encontram nos grupos?

Os da AMPLA, relembre-se, chegaram, em maioria, através do contato ou convite de alguém que já participava do grupo, principalmente Lili, sua coordenadora. Alguns, mais antigos, para receber, então, cestas de mantimento de convênio com a LBA (ver Parte II). Esperavam, do grupo, aqueles mantimentos, mas, sobretudo, distração. E companhia, as que moravam sozinhas. Muitas, simplesmente chegaram, instadas pelos convites. Gostaram. Ficaram. Quando das primeiras visitas da equipe de pesquisa, a maioria já tinha 3 a 5 anos de participação. Muitas ainda estavam lá em 1997.

Têm encontrado positividade, vantagens: mais alegria e distração; mais saúde; companhia e, talvez sobretudo, um descompromisso emocional restaurador, diferente das imposições da vida de família.

São muitos os relatos dessas experiências:

“Mudou, porque eu não tinha pra onde ir. Depois que eu vim pra aqui vi uma coisa melhor, a gente se distrai tanto, aqui, uma dá risada, os passeios que a gente faz pras igrejas, é uma turma de coroa!” (Sra. Filomena, 69, casada, sem filhos em casa).

“É uma distração pra gente. A gente brinca uma com a outra. Vem com preocupação...” (Sra. Maria Pureza, 61, viúva, morando só).

“Eu esqueço do que tou pensando (preocupação), estou junto com as irmãs.” (Sra. Ma. Etelvina, 69, viúva, 3 filhos adultos em casa).

“Ah! Mudei muito! Parece que fiquei até mais nova!” (Sra. Adriana, 68, viúva, 1 filha e 1 neto em casa).

Os da Unidos Venceremos chegaram, também, a convite ou por sugestão de alguém: de amiga que já fazia parte do grupo, de filhas, da presidente do Conselho de Moradores do bairro (e que já deixou o grupo), mas, principalmente, a convite ou por insistência de Sra. Elza. Narram como se tivessem atendido a um comando forte, naquele momento inicial, mas registram também um despertar, depois, para a validade existencial de estar na associação.

Enquanto Sra. Elza revelava que resolveu organizar o grupo porque havia se aposentado e precisava fazer alguma coisa da sua vida (“A Associação agora é a minha família”), muitos de seus comandados contavam:

“Primeiro foi minha amizade com a presidente. Ela me convenceu a entrar...” (Sra. Elza Buffoni, 80 anos). “Porque gosto muito da presidente.” (Sra. Valdete, 65) A Sra. Maria Júlia, 65, detalha mais: “...Com 63 anos, já estava no tempo (de pensar mais em si). Conhecia Sra. Elza, que sempre me convidava. O marido (agora falecido) também deu força, dizia que eu precisava me divertir mais.” A Sra. Ma. José, 65, filiou-se “para sair de casa, para passear”, por influência de uma grande amiga. “Depois quando ela morreu... eu não senti tanto por causa deste grupo.” A Sra. Francisca, 66 anos, há três anos no grupo, revela: “Deixei de trabalhar e vivia em casa muito isolada” (Hoje) “os amigos são o pessoal do meu grupo: danço, faço brincadeiras, dou piadas. Eles são muito importantes pra mim.”

Que esperavam do Unidos Venceremos?

Resume-se, das respostas: depois da sedução – antes que procura inicial – alguma expectativa de mais ampla sociabilidade, ou seja, diversão, distração, passeio, aprender alguma coisa (só um caso) ou, porque se aposentou, uma ocupação do tempo.

Apesar desse interesse por atividades e contatos, a solidão foi raramente posta. Quando referida, o foi, surpreendentemente, por pessoas que têm família ou até vivem com ela. Geralmente mulheres. A fala da Sra. Valdete, 68 anos, é exemplar: “Sinto. Meus filhos normalmente saem, vai cada um para um lado, e eu fico sozinha. Quando o marido estava vivo não adiantava de nada. Ele ficava em casa, mas eu me sentia só do mesmo jeito.”

A totalidade do Unidos Venceremos avalia positivamente a experiência de grupo, não apenas, parece, porque não tinham grandes expectativas quanto ao que iriam encontrar nele, mas porque se descobriram, como os da AMPLA, fazendo amizades, coisas novas, ficando mais alegres e até melhorando a saúde! Alguns depoimentos típicos:

“Aqui tenho visto coisas que eu nunca vi na vida. Antes, não podia sair de casa e agora participo de encontros e até já participei de uma peça de teatro. Agora tenho mais diversão. Vou à missa com as colegas, todas bem arrumadas e com muita disposição. Antes, meu marido não me deixava sair.” (Sra. Altina, 65).

“Tenho a satisfação de conversar. O tempo enche mais.” (Sr. Olímpio, 68).

“[Aqui] se melhora. A pessoa se aposenta, tem uma vida agitada, não pode parar, não!” (Sra. Francisca, 65).

“Vivo mais alegre e mais feliz. Tenho elas pra me distrair. Às vezes, chego aqui com um problema, converso e ... volto leve, leve.” (Sra. Flora, 63).

Em conclusão: o que procuravam, como os da AMPLA, muitos nem sabiam. O que encontraram: sempre uma sociabilidade geracional, em grande parte também de gênero, que vem trazendo companheirismo, um uso mais lúdico do tempo, alegria, saúde também, como consequência. São ganhos, enquanto não se desenha um novo lugar social. Ou isto já não é parte do desenho?

O caso da Faculdade da Terceira Idade já vem-se apresentando com claras diferenças. Não apenas pela definida maior formalidade da proposta e da organização como grande grupo, mas, principalmente, por se tratar de atendimento

e clientela de uma outra classe social. Inexiste a sociabilidade solidária de vizinhança pobre, não se chega apenas pela mão desses amigos, há expectativas definidas quanto ao que se pode ter no “grupo”. Além daquela possibilidade de busca de ampliação do conhecimento.

O modo de aproximação dos candidatos à Faculdade suscita, aliás, reflexões interessantes sobre projeto de vida de homem e projeto de mulher, na atualidade, porque os homens ingressaram, quase todos, por influência de amigos ou parentes – principalmente das esposas, que sempre chegaram primeiro –, enquanto as mulheres souberam da existência da F.T.I. dessa mesma maneira, mas também, em boa parte, através dos meios de comunicação, principalmente jornais, denotando uma certa condição alerta em relação a buscas existenciais, como a Sra. Valquíria, 52: “Soube através de anúncio de jornal. Era o que eu queria!”

Curiosamente, esse modo de aproximação dos (poucos) homens assemelha-se mais àquele das classes populares, ao mesmo tempo em que eles têm uma escolaridade mais baixa que a das mulheres. Já sabemos, aliás, que o nível de instrução da clientela dessa “Faculdade” é um pouco mais alto que o de outras “Universidades” desse tipo no Brasil (ver Guerrero, 1993:49 e Peixoto, 1997:61).

O que procuravam, certamente por questão de possibilidade cultural, os participantes da “Faculdade” em grande parte sabiam. E declararam, nas entrevistas, a tripla intenção de atualizar ou ampliar conhecimentos, fazer novas amizades e preencher espaços vazios do seu tempo. Também, alguns, o cuidado de “não ficar à margem da vida”, porque “as coisas agora estão mudando com muita rapidez e se você fica em casa, se isola do mundo.” (Sra. Ma. de Lourdes, 75).

Ainda assim tiveram surpresas positivas. Como os da AMPLA e da Unidos, encantam-se com os ganhos em dinamismo e, justamente, sociabilidade, resultados sempre alcançados pelos atuais grupos organizados de idosos – como venho acentuando – ainda quando esse não é o objetivo fundamental dos seus organizadores.

Todos deram depoimentos entusiásticos sobre a Faculdade – as aulas, os professores e a relação com estes – e enfatizaram o significado do encontro geracional com os colegas e como tudo isso contribui para lhes animar e melhorar a vida. Os depoimentos são abundantes. Alguns exemplos representativos:

“A gente se sente à vontade, porque pressente que todos aqui estão carentes de viver melhor. [...] A Faculdade desperta potenciais e coisas que você nem pensava que era capaz, ou nunca teve espaço para mostrar. Nós estamos avançando dentro da sociedade, mesmo encontrando barreiras impostas pela própria sociedade, como ‘já está velho para determinadas coisas’.” (Sr. Oswaldo, 62).

“Foi um meio de sair de casa e encontrar amigos. Encontrei uma professora do meu tempo de ginásio. Aqui é um ponto de encontro e de fazer amizades.” (Sra. Margarida, 65).

“Ampliei meus conhecimentos, me integrei mais, conheci outras amigas. E o preconceito quando a pessoa chega aos 50 anos, o velho! A Faculdade veio me mostrar que a velhice é o espírito, você tem a idade que quer.” (Sra. Jandira, 63).

“Bem, pelo fato de eu já estar no terceiro ano, você já vê que é importante na minha vida. Preencheu o que eu estava procurando.” (Sra. Ma. de Lourdes, 74).

“Construí mais amizades e algumas aulas me disseram alguma coisa.” (Sra. Ma. de Lourdes, 61).

O resultado em alegria e companheirismo é estimulante para os que vivem o processo e bom de ver para os que analisam. A sociabilidade geracional é esse ganho expressivo, ainda que parcial – não me canso de acentuar. Embora possa ter importantes significados, como ensejar a apreciável possibilidade de “um espaço em que a reformulação de padrões tradicionais de envelhecimento possa ser uma experiência coletiva” (Debert 1996:41), até “um processo de reinvenção do cotidiano” e “recriação dos pontos de referência”, como diria – e expressou, belamente, para os “seus mineiros” – Eckert (1995:187). Como, ainda, “locus” possível de construção daquela identidade coletiva de geração que venho referindo.

Ainda assim, resta alcançar-se, insisto, a meta fundamental do convívio e da solidariedade entre as gerações. Às vezes anunciados nos programas, raramente ou nunca efetivados, como tenho apontado. O que deve, no entanto, ser parte relevante do projeto de futuro de toda a sociedade.

PARTE IV

REVENDO CATEGORIAS E
CONCLUINDO

10 CATEGORIAS DO COTIDIANO NA ANÁLISE

Que há num nome?

Otelo, Shakespeare

Ao final, ainda uma questão de categorização, que implica em classificação social e remete a um problema de identidade. Ocorre que, por maior que esteja sendo o rigor teórico/conceitual com que se vêm construindo as categorias de análise do segmento idoso da sociedade, elas ainda estarão direcionadas a um objeto empírico que povoa o cotidiano e nele recebe variadas e insatisfatórias designações. Estas, na qualidade de construções sociais, são compartilhadas com a dimensão pública e política.

Neste caso, o problema conceitual tem a ver com a imagem social que se tem dos idosos. Isto é, antes que uma dificuldade de construção de categorias, tem-se um problema – e uma explicação – pelas representações sociais construídas em torno do objeto de reflexão, que resultou em arraigado preconceito social e, ao mesmo tempo, o mantêm atualizado. Vejamos as principais dessas designações.

Partindo-se de uma análise diacrônica das relações que se estabeleceram entre os grupos de idade e as gerações, chega-se à noção mais antiga e costumeira para designarem-se os de mais idade: a de *velho*. Esta vem sendo principalmente vinculada a duas outras, de caráter negativo: decadência e inatividade. Expõe Birman (1995:33-34):

No capitalismo, as diferentes etapas etárias da história do indivíduo passaram a adquirir valores diversos, de acordo com as suas possibilidades para a produção e para a reprodução de riquezas.

Sobre a velhice foram investidos valores negativos, considerando-se como critério social o seu potencial funcional nesses campos.

Além disso, o natural processo de envelhecimento e fragilização do corpo – fragilização que não é só para o trabalho – a que se contrapõe um modelo social desenvolvido de beleza jovem, propiciou uma construção cultural que resultou numa estética da recusa e do medo. “E todos exorcizam o fantasma do seu futuro, afastando-se dele ou até ensaiando destruí-lo.”

Essas imagens que sustentam o preconceito encontram-se em transformação, mas não de todo, nem em todas as instâncias. No cotidiano ainda persiste uma forte carga de “ageism”, principalmente quando a referência se faz a diretamente *velhos*.

Que é um velho? Eles próprios respondem.

Senhoras de Grupo de Idosos em uma associação de moradores, em Salvador, descrevem, inclusive gestualmente: “Velho é uma pessoa que anda assim...” (curva o corpo) “Eu sou uma mulher de idade.” (apruma-se). (Sra. Maria Pureza, 61 anos).

Dão pistas sobre significados e representações, sempre se auto-afirmando como diferentes daquilo que definem:

“Velho é um pano que se acaba, é um papel... Nós não somos velhos, somos idosos.” (Sra. Filomena, 69).

Descartam a designação incômoda, ao mesmo tempo que a própria existência da velhice. “Acho que não tem ninguém velho. Velho é só o que se joga no lixo.” (Sra. Maria Etelvina, 64) “Não existe velhice.” “Velho é uma coisa que lasca, tá velho.” (Sra. Elza, 78); frase muito repetida: “Velho não existe, velho é o mundo!”

Evidencia-se porque ser chamado de velho(a) incomoda. Como expressei em trabalho anterior (1995a:8):

Há, antes de tudo, um problema com o uso cotidiano da palavra velho. Na sua aplicação generalizada e indiferenciada a pessoas e a objetos, os significados de gasto e descartável predominam. Ao reino animal e, principalmente, aos humanos, acrescentam-se as remissões diretas ao desgaste da saúde e da energia, à consequente inutilidade social e ao descarte final da morte.

Na atualidade, a lógica produtivista acentua isso. Intensificam-se os estímulos à aposentadoria precoce nos setores mais definitivamente capitalistas da produção, do mesmo modo como se fecha o mercado ao ingresso ou regresso de trabalhadores “tardios”.

Produziu-se uma imagem social do envelhecimento e da velhice tão desfavorável, que os idosos saudáveis e lúcidos – que não parecem constituir minoria! – não se reconhecem nela. Por isso, a conhecida contradição – na verdade, aparente contradição – expressa no fato de que freqüentemente as pessoas declaram uma idade mais avançada, mas não se admitem velhos (como nos

exemplos acima), ou reconhecem velhice apenas nos outros (Debert, 1988). Claro, quem iria se reconhecer nos estereótipos negativos que circulam por toda a parte?! Fica lógica a ambivalência: velhice pode existir, mas não em nós.

A dificuldade com a palavra, de sentido homogeneizador de desvalores, é maior porque vai encarnar-se exatamente num ser liminar por excelência, como o velho: entre a vida e a morte, entre a experiência e a “inutilidade”, entre o biológico/natural de mudanças corporais muito visíveis e o social exigente, ao mesmo tempo, cerceador. Da liminaridade e ambigüidade à exclusão vai apenas um passo. Que insere uma negatividade enorme na palavra e na condição que ela representa.

O dicionário registra essa homogeneização de sujeitos e de sentidos que facilita o desenvolvimento do preconceito: “1. Adj. Muito Idoso. 2. De época remota, antigo. 3. Que tem muito tempo de existência. 4. Gasto pelo uso: 'camisa velha'. 6. Desusado, antiquado, obsoleto. 8. Homem idoso. 9. Bras., Fam., Pai.”

Na pesquisa, os que estão nessa faixa de idade confidenciam (ou revoltam-se): “É palavra pesada”, “que entristece”, “É o fim...o decrépito”.

Tentam outras definições, mas sempre se eximindo da pecha:

“A velhice está na falta de disposição para trabalhar. [...] Estou com a idade avançada, mas isso não quer dizer que estou velha.” (Sra. Noêmia, 66).

Definições em relação à capacidade (e possibilidade) ou não de trabalhar, como esta, revelam-se, compreensivelmente, no centro das preocupações dos idosos das classes populares.

Uma senhora de classe média (segmentos de classe e de gênero onde estão os que vêm com mais “filosofia” e “humour” a velhice), ainda “chegando pra idade”, produz uma narrativa que sintetiza a visão (e vivência) contraditória sobre a velhice que ainda persiste:

“Ser velho eu considero assim: a pessoa humana é... maravilhosa, tem tudo para ser feliz; o jovem é o que aproveita isso. Ser velho é como um piano – é lindo, mas ninguém sabe aonde botar. Um entulho, é como ele se sente. É questão de sentimento, não é questão de idade.” (Sra. Valquíria, 52).

Definição que ilustra a análise de Birman (1995:13) sobre “o lugar impossível que a modernidade ocidental construiu para a velhice”, onde “não tendo mais a

possibilidade de produção de riqueza, a velhice perderia também o seu valor simbólico.”

Alguns idosos, de diferentes classes sociais, sentem-se mais plenos e tentam reabilitar a imagem e a idéia de velho, definindo-o como: “É ter conhecimento ou experiência”, ou “É um privilégio”, “estar vivo, com saúde e atividade”. Muitos, entretanto, definem velhice como o momento quando vão apontando dores e impossibilidades de se continuar fazendo as coisas que se fazia antes. Mas quase sempre como etapa posterior à que vivem agora.

O que pode indicar o caminho conceitual (além de existencial), para se chegar a designações mais eufemísticas, como *terceira idade*. Este termo, em moda para designar a velhice, ou uma parte “melhor” dela, é, também, o mais recente. Criado em fins da década de 60, na França, em um momento de desvinculação do velho trabalhador proletário da imagem de doente/inválido, e a incorporação mais intensa das camadas médias ao assalariamento, com novas práticas quanto à aposentadoria (Lenoir, 1979; Guillemard, 1986), veio a corresponder plenamente a um personagem social de hoje – a do idoso “jovem”. Como acentuei em trabalho recente (1996c:3), foi, evidentemente, propiciada também pelo atual aumento da longevidade, que leva ao

...reconhecimento de que estão aí, agora, duas classes de idosos, os ‘mais jovens’ e os ‘muito velhos’, e é preciso diferenciá-los – principalmente para o mercado. Terceira idade identifica novos modos de vida de uma geração de mais idade, porém ativa, informal, livre e ‘leve’. Institui, enfim um eufemismo para não se falar da velhice e seus signos.

Instaura-se uma ideologia da terceira idade, que se difunde rapidamente pelo cotidiano e instiga novos padrões de consumo e necessidades, ao mesmo tempo em que incorpora a seus sentimentos esta resposta de mão dupla da população de mais idade: atende-se às novas demandas criadas pelo mercado, mas também constrói-se “uma nova imagem que simboliza a liberdade e o lazer, ou mesmo o ser jovem em toda idade.” (Peixoto, 1997). Corresponde a um certo início de desvinculação, em relação a esse segmento populacional, dos atributos negativos que tradicionalmente eram atribuídos à velhice.

Essa imagem do “velho jovem”, terceira idade, ganhou o entusiasmo dos idosos e se põe, com freqüência, como retrato de cada um, exibido com satisfação. Principalmente pelas mulheres, as grandes reprimidas até há pouco tempo. Os

idosos de classe média têm “terceira idade” muito presente em suas falas. O que corresponde aos valores do segmento social a que pertencem e à sua atual ideologia libertária. No processo da pesquisa, quando instados a comparar terceira idade e velhice, expressam opiniões hesitantes como: “é um sinônimo delicado”, terminando, em boa parte, por concluir, ora que não há diferença entre elas, ora a se identificarem com essa imagem de dinamismo jovem que constrói a terceira idade como etapa anterior à velhice – portanto, pelo menos momentaneamente, negadora dela.

Os das classes populares, espontaneamente, fazem pouca referência ao termo terceira idade. Quando provocados, entretanto, produzem um discurso semelhante aos de classe média, em que terceira idade significa etapa de maturidade ou de envelhecimento alegre e dinâmico, quando “o grupo que a gente se distrai esquece as coisas do passado, as coisas ruins; tem passeios, danças, cantos” (Sra. Ma. Pureza, 61) ou “é a fase em que a pessoa está carregada de vontade.” (Sra. Ma. Costa, 72).

Aliás, é um tipo de declaração positiva constante nas mulheres das várias classes sociais, como venho demonstrando em vários estudos (por exemplo, 1994a, 1996b).

Há, entretanto, quem perceba as facetas ideológicas, ou acolhidamente escapistas, da construção da categoria: “Acho que não querem usar o termo idosos e falam da terceira idade. As pessoas são muito preconceituosas.” (Sra. Ma. José, 65) “Chamam assim pra não dizer velho, aquela velha. É mais decente dizer ‘aquela pessoa da terceira idade’. É mais carinhoso.” (Sra. Jandira, 63).

Mas as mulheres estão colocando, cada vez mais, o bem da idade: “O envelhecimento, agora, na década em que vivemos, está cem por cento. Acabou aquela história de ficar em casa sem fazer nada. Hoje somos participantes.” (Sra. Ma. de Lourdes, 61).

Poderia sintetizar a polivalência semântica, de construção sobretudo positiva, da categoria terceira idade, com os seguintes significados e conseqüências, alguns também discutidos em trabalhos anteriores (1996a, 1996b):

- Apagamento de características preconceituosas socialmente pensadas como da velhice, que não incomumente eram antecipadas para os 50, 60 anos;

- neste aspecto, também significa um apagamento relativo, ou atenuação, dos limites entre as idades;
- apagamento relativo, porque redivide o segmento: marca uma separação, nova, entre idosos/'jovens' e velhos/velhos; portanto, institui novos limites;
- e uma nova categoria inevitável : a *quarta idade*;
- porque, na verdade, refere-se a uma velhice 'menos velha': aos 'velhos jovens' de 50 e 60 anos, os mais ativos e saudáveis;
- por isso, também, o sucesso obtido na atenuação dos preconceitos, pela demonstração de outra imagem da velhice, ativa, até de corpo cuidado, diferente da tradicional;
- nesse sentido teria sido uma construção "necessária", como identificação e correspondência a demandas sociais que se acentuavam no final dos anos 60, na Europa, continuando a identificar situações e correspondendo a demandas, hoje. No Brasil, inclusive;
- nos seus modos atuais de realização, com a prescrição de dinamismo, maior sociabilidade e lazer, e afirmações de liberdade e novas realizações, corresponde, basicamente, às vivências de classes médias e, principalmente, das mulheres;
- por fim, designa atualmente, um determinado momento, os "anos de plenitude" (Laslett, 1987) servidos por um novo e festejado mercado. Enumera, e *numera* as idades (terceira, quarta, quem sabe uma quinta...) 'asépticamente', sem uma definição mais rica de subjetividade.

Em suma, o que a categoria terceira idade vem representando é positivo – daí a sua rápida aceitação e difusão no cotidiano e até entre pesquisadores –, mas por trás dessa nova e boa imagem de idoso dinâmico e saudável que ela vem também representando, estão colocados o eufemismo/escapismo negador da velhice como condição humana e um estímulo a uma indústria e produção de serviços, como um novo e envolvente mercado.

Negação da velhice que pode levar a que ela não seja percebida em sua realidade, de etapa natural da vida, tanto nas necessidades e carências, quanto na contribuição social possível das pessoas velhas, com sua experiência, amadurecimento e conhecimento das relações humanas.

A ideologia da terceira idade enfatiza esses ‘anos de plenitude’ e a capacidade atual dos idosos para vivenciar o novo – e os próprios idosos ‘jovens’ estão expressando isso, autovalorizando-se sobretudo por essa faceta. Mas esta é apenas a face regeneradora da situação. A outra, já sedimentada, seria a contribuição possível da experiência, e da memória, que subitamente parecem fora de demanda. Mas a ênfase sobre a versão regeneradora, ou inovadora, está sendo de tal força que, em trabalho anterior (1996) sobre universidades para a terceira idade, comentava, com desapontada ênfase:

... parece que a continuidade normal do que se era antes deixa de valer e tem-se que procurar outros caminhos, outros recursos institucionais [...] onde se traçará ‘um novo projeto de vida’... (expressão tornada cotidiana naquelas instituições, e disciplina constante em seus programas de cursos).

De qualquer forma, a quase universal aceitação ainda não produziu a inscrição da categoria terceira idade no dicionário. Mas uma outra designação, *idoso*, está lá, em sua simplicidade e unicidade de sentido: “Idoso – Adj. – que tem bastante idade, velho”. Ponto final.

Mais descomprometido com a ideologia e o preconceito, o termo pode ter sentido singelo com o de muita idade, sim, mas pode ter também o de pleno de idade – positividade possível. Uma expressividade existencial dessa natureza, trazendo, também, o sentido de continuidade, parece ser o que sugerem, alternativamente, pessoas de mais idade. Como de forma modelar, o Sr. Aristides, 67: “Eu não me considero velho. A palavra velho não existe, existe a palavra idoso, idade avançada. Ser idoso é a continuação da idade”.

Em relatório, uma jovem estudante registra a recusa, por parte deles, do termo ‘velho’ e a ‘solução’: “O ‘ser velho’ leva a pensar naquele que não sabe envelhecer, não se atualiza e não gosta de viver e curtir a vida. A palavra idoso é mais aceita.”

Traçando, nestas reflexões, a trajetória de uma pesquisadora: Nos primeiros trabalhos que escrevi sobre a velhice, e na apresentação em reuniões, utilizei, firmemente, a palavra “velho” como definição e como afirmação desideologizante. Em congresso, na época, registrei, após o encerramento da discussão do meu trabalho, a pergunta, um pouco contrafeita, da presidente da mesa: “Você refere tanto ‘velho’! Por que não usa ‘terceira idade’ ...?”

Tenho referido ‘terceira idade’ em estudo de construção da categoria, em vários trabalhos, porém nunca como categoria afirmativa ou de meu uso geral. Pelas facetas negativas que acabei de apontar.

Gradativamente, fui utilizando também o neutro mas expressivo ‘idoso’ e tenho me detido, talvez, mais nele, completando, por enquanto, um movimento que tem também uma ressonância mais geral, como acabei de apontar em relação à percepção da estudante e à conclusão do Sr. Aristides. É, aliás, o termo usado nos textos atuais relativos às políticas públicas, agora cuidadosamente distanciados – com sucesso muito relativo... – das circunstâncias que ensejavam “pérolas” de desinformação como em documento do Instituto Nacional de Previdência Social levantado por Peixoto (1998:77):

Dada a preponderância marcante de pessoas jovens em nossa população, a elevada taxa de natalidade, a baixa expectativa de vida, a pequena renda média per capita e alta incidência de doenças de massa – os programas de saúde no Brasil devem, necessariamente, concentrar seus recursos no atendimento *das doenças da infância e dos adultos jovens. A assistência ao velho, é forçoso reconhecer, de aguardar melhores dias.* (Itálicos no texto original, registra Peixoto).

A esfera pública/política também segue, portanto, a sua moda semântica. Se nos documentos antigos, ou menos recentes, de órgãos como os previdenciários, a palavra “velho” fluía com essa naturalidade – aliás, correspondendo aos então usos da vida cotidiana –, nos documentos mais recentes, a exemplo máximo da própria Constituição Federal de 1988, passa-se a cunhar o menos contundente termo *idoso*. A mudança apresenta-se consolidada ao longo dos trabalhos e resoluções discutidos no recente I Seminário Internacional “Envelhecimento Populacional: uma Agenda para o final do Século”, organizado pelo Ministério da Previdência, em 1996, quando até se comete o pécadilho de referir “terceira idade”... (A que faixa etária então se reportaria?!) (Seminário, 1996:54-55).

Enfim, sem ter descartado velho, reconhecendo a atualidade ambivalente de terceira idade e afirmando a expressividade/neutralidade mais atraente de idoso, não proponho soluções; só exponho uma trajetória conceitual, geral, que se desenhou como imprecisa e insatisfatória. A discussão continua.

Tanto mais que há de reconhecer-se que só a família gramatical velho, velhice, envelhecer, envelhecimento, etc... preenche todas as alternativas de

categorias tanto gramaticais como de vivência. Terceira idade não se conjuga, é cristalizado, imóvel e classificatório, enquanto idoso desdobra-se em idade como sinônimo de velhice ou em expressões mais longas, e consagradas pelo cotidiano, como “chegando pra idade”. Portanto, velho é também de significado mais universal.

Tendo organizado, em 1997, um dossiê sobre o segmento de mais idade da população para a revista Estudos Feministas, batizá-lo Dossiê Gênero e *Velhice* significou uma reafirmação dessa tradição e universalidade expressivas da palavra; conferir-lhe um valor positivo, exorcizar o preconceito. Mesmo porque, evidentemente, a questão não está no significado original da palavra, mas no uso, preconceituoso ou não que se faz dela.

E como a discussão continua? Academicamente, em texto de Peixoto (1998), que refaz a trajetória dessas designações classificatórias pelo caminho do uso público, formal, delas, na França e no Brasil, e as compara. Alcançando a categoria homogeneizadora e mais recente, *aposentado*, terminando por anunciar categorias extensivas das atuais: “A quinta idade (pessoas de mais de 85 anos) já sobrevoa o céu francês, enquanto a quarta idade cairá em breve sobre as terras brasileiras.” (Peixoto, 1998:75).

A discussão continua até no próprio título do livro de onde o artigo de Peixoto é capítulo, “Velhice ou Terceira Idade?” (Lins de Barros, 1998), assim como na vivência cotidiana dos idosos em grupos: os clubes da terceira idade logo tornaram-se, há alguns anos e castelhanamente, clubes da “maior idade” (em seguida, maioridade...) e enquanto, mais recentemente rivalizam e polemizam tanto internamente como entre clubes, por questões de contribuições financeiras e liderança política interna, – que extrapolam e só prejudicam o movimento dos idosos – (ver jornal “A Tarde” de 7 de junho e 22 de agosto de 98, por exemplo), pretendem uma outra substituição de termos: da designação “maior” pelo no mínimo surpreendente “melhor idade”...! E marcam encontro nacional para discutir isso.

Dissenções internas à parte, na não-fixação de uma designação mais precisa e isenta de euforia de fachada, esses e outros grupos de idosos parecem seguir o caminho às vezes tateante, de certas categorias sociais ou segmentos ainda em processo inicial de politização. Evidente que o movimento dos aposentados é um caso já definido e claramente referenciado à experiência do mundo do trabalho. Quanto aos demais idosos em grupos, em que momento formar-se-á um ator coletivo, suficientemente esclarecido, um sujeito político que saiba construir e impor

socialmente uma expressiva designação?! Lugares são marcados por nomes e ambos constituem formas de classificação social...

CONCLUSÕES

A importância de estudar-se a velhice e o processo de envelhecimento advém da significação geral que a *idade* tem na organização das sociedades e, no interior desse marco teórico/existencial, ao significado que o segmento idoso adquire na distribuição de atribuições, papéis e lugares na divisão social do trabalho e de poder em todas as sociedades históricas conhecidas. Correspondendo a essa distribuição e exercício de lugares sociais, também representações, e uma inscrição de ordem simbólica na cultura.

Nas primeiras sociedades históricas o velho é importante porque representa e detém a memória social. Ele é a memória das comunidades ágrafas, e sua experiência, fundamental para a sobrevivência, tanto material como cultural dos grupos. Nas sociedades agrícolas tradicionais a importância dos mais velhos se mantém, por esse poder da experiência e pela invocação da sua anterioridade social (Meillassoux, 1976).

Com o desenvolvimento histórico das sociedades, a dinâmica das idades também vai-se modificando – memória escrita, diversidade de técnicas de produção da vida social, novas formas de divisão do trabalho, de transmissão de valores e de dominação social. Os centros de poder fixam-se em segmentos de idade mais novos, os adultos plenos (que, aliás, talvez fossem a maioria dos “velhos” dos primeiros tempos, quando a esperança de vida era pouco prolongada). Os mais velhos conservando, sobretudo, – não raro, quase só – uma aura de respeitabilidade social, inclusive porque eram pais e avós ... Mas contando ainda com alguma valorização social da experiência. Esse lugar social de respeitabilidade e da experiência tendo sido muito mais fortemente mantido no Oriente do que no Ocidente moderno, do desenvolvimento capitalista.

Nas sociedades capitalistas ocidentais contemporâneas, a situação dos velhos é muito outra. Quanto mais acelerado o desenvolvimento da técnica, maior a aceleração dos aprendizados, a valorização hipertrofiada do novo, a “necessidade” do consumo e do descarte, a aparente desnecessidade da memória e da experiência... e, portanto, dos velhos. Como expressa Birman (1995:45):

Constituiu-se um modelo de memória social restrito ao *registro da informação*, materializado nos arquivos, livros, filmes e agora nos computadores. A memória perde a sua dimensão de evocação em face da sua *dimensão de informação*, tornando-se, pois, fria frente à perda dos seus valores afetivo e desejante.

O próprio sentido histórico, valioso, da palavra *velho*, nesse quadro perde substância. Na sociedade da produção capitalista o que é velho é descartável, se joga fora – e as pessoas idosas também são atingidas por esse modo de pensar e agir. Têm decretada a morte social, em vida.

Mas, afinal, das próprias contradições do capitalismo gestam-se, agora, as mudanças. Com o desenvolvimento da medicina e da saúde pública, prolonga-se a vida – crescem as populações e, em especial, com a longevidade, a idosa – consequentemente: há mais velhos e estes têm maiores oportunidades de *se encontrar*. O mercado de trabalho não absorve a oferta de trabalhadores, nem os remunera de modo justo, o que ecoa nos sistemas de seguridade, que não contemplam, por sua vez, os velhos trabalhadores com aposentadorias também justas – até estes atingirem um grau de revolta e de mobilização que, numerosos, em vários lugares, inclusive no Brasil, *reúnem-se* para protestar e lutar por direitos sociais. Novamente o mercado, desta vez de consumo, descobre os velhos, a certa e recente etapa histórica, na figura nova de aposentado, portanto, do possuidor de alguma renda e tempo livre para comprar e usufruir certos serviços: os idosos respondem ao apelo, estão informados, e em mais um âmbito *se encontram*, para atividades principalmente de lazer e informação cultural.

Da conjugação possível de tantas possibilidades de encontros, começam, talvez pela primeira vez na história, a *identificar-se* como segmento social. É, realmente, um começo.

Neste começo me detive, para analisar algumas dessas formas de encontro. Foram quatro grupos estudados. Cada um com suas especificidades de proposta ou ausência dela, porém com convergências teóricas – direcionados para uma determinada classe, e um determinado gênero – e existenciais, também: ampliação da sociabilidade, do lazer, da informação e do próprio prazer de viver.

Foi importante poder estudar idosos de diferentes sexos e classes sociais de acordo com uma determinada concepção teórica, que ficou testada em sua eficácia interpretativa. Perceber, na dinâmica dessas categorias e sua apreensão no real, a perspectiva definidora e encompassadora do gênero, por vezes se sobrepondo à

própria situação de classe, (como Debert, 1994, também verificou) por exemplo, o otimismo e sentimento de liberdade, ou de liberação, das mulheres, em contraposição a um “realismo” mais sisudo e até meio desanimado, dos homens da mesma classe social. Como foi também importante comparar os grupos, tanto quanto traçar o perfil dos seus freqüentadores, encontrando-os muito longe da imagem do “velhinho, coitadinho” ou do “velho chato”, doente, triste e solitário das referências sociais, informadas por persistente preconceito, que vigiram até há bem pouco e ainda não cessaram totalmente de se manifestar.

Expostas etnograficamente suas práticas atuais e representações referenciadas à idade/velhice, inclusive quanto a gênero, classe e tempo social desses idosos, puderam esfumar-se aquelas figuras “inativas” “esclerosadas”, desanimadas, “em fim de linha”, das referências costumeiras, para que outras imagens de ação, vigor, desejos e alegrias pudessem substituí-las e permitir novas descobertas quanto à vivência atual dos idosos.

Não tenho a ingenuidade de supor que todos os velhos são iguais a esses que estudei – como todo segmento populacional numa sociedade de classes, o dos idosos é, por definição, heterogêneo, inclusive porque, sabemos, as sociedades se compõem de indivíduos também de diferentes sexos, e as idades, de diferentes grupos ou coortes. Não iria ignorar que existem os velhos abandonados ou desgarrados nas ruas, nos asilos e nos hospitais. Mas também não vejo porque considerá-los estatisticamente, maioria, e decalcar uma imagem social apenas dessa fonte negativa. Há, então, admitamos, uma variedade simultânea de velhices, mas a velhice ativa é a que parece, agora, predominar. Não será apenas coincidência que a maioria dos quase cem idosos que foram entrevistados, em bairros diferentes da cidade, nesta pesquisa, tenham, em articulação com as suas diversidades bio-sociais, tantos elementos existenciais e também sociais comuns, como vim expondo, ao longo deste trabalho.

Algumas situações vivenciadas pelos idosos da pesquisa como segmento geracional estão analisadas nos capítulos 7 a 10, cada tema também suscitando uma questão. Primeiro, a sempre fundamental, da família. E nela, o resultado mais surpreendente: ao contrário da situação generalizada de dependência do idoso, tão ampla e repetidamente mencionada, iria encontrar esse(a) idoso como figura central na família, sozinho(a) ou, no caso das ainda casadas, ao lado do seu par geracional – marido ou esposa. Provedor(a), protetor (a) das gerações mais novas, tendo filhos

(freqüentemente desempregados) e netos em casa ou em vizinhança próxima. E em nenhum momento aparecendo como dependentes dos filhos. Em raros casos, apenas recebendo contribuições ou trocando apoios, conforme a situação do momento de cada um.

Muitos casos de famílias ampliadas, forma característica mais encontrada nas classes populares, porém que se estende, atualmente, com o desemprego “estrutural”, para as camadas médias. Ao mesmo tempo, um modelo universal, ideal, de família nuclear, persistindo para todas, principalmente para essas. Enquanto se registra, pela primeira vez, a contemporaneidade de várias gerações – bisavós e bisnetos tendendo a se multiplicarem.

O segundo achado mais surpreendente apresentou-se como, definidamente, um traço feminino – o desejo ou a satisfação de morarem sós. No que, evidentemente, completar-se-ia a trajetória, gostosamente apregoada, de conquista da “liberdade”. Nada surpreendente, então, que não haja nenhum caso de constatação positiva ou expressão de desejo nesse sentido, por parte dos homens. Ainda não houve revolução “masculinista” para eles.

Crescem as chefias femininas de família, é um fato já sabido, objeto de estudos há algumas décadas – porém menos conhecida é o também crescimento da assunção dessa realidade, até há bem pouco tempo pudicamente (?) disfarçada quando havia a figura masculina por perto.

A terceira surpresa maior, nesse âmbito da família, confirmada pela pesquisa, refere-se à efetividade e satisfação com a sociabilidade desenvolvida nos grupos – uma sociabilidade geracional e extra-familiar. A família, entretanto, conservando a centralidade afetiva, principalmente nas relações de maior “tranqüilidade” econômica das camadas médias.

Já uma proposta pedagógica para velhos merece, realmente, um capítulo à parte, pelo ineditismo na História. Sabemos porque isso ocorre: se está havendo a necessidade ou o uso de cursos e programas para todos, na sociedade atual, e se isto é comércio, meio de vida e até ação filantrópica, não haveria porque excluir-se desse processo um segmento social que cresce, procura mais informação e atividades. Principalmente porque vivendo, ainda que parcamente, o que a imprensa tem apregoado, como uma “geração dourada”, aquela que vive um momento de certa autonomia, entre o tempo em que ainda não havia o direito à aposentadoria, (um passado tão recente!) e aquele em que os chamados impropriamente

“benefícios”, – recentemente tornados ainda mais restritos com a discutível “Reforma da Previdência” – estarão ainda mais raros e restritos para os que não conseguem emprego hoje. Há que aproveitar o filão enquanto ele ainda existe...

Curioso, entretanto, excetuando-se eventuais cursos de alfabetização de adultos que idosos – não raro, os muito idosos – aproveitam cada vez mais, as propostas pedagógicas para os de mais idade são tão informais, ou de tão escassa sistematicidade, que se afastam da função social do conhecimento, de uma formação para a vida e a comunidade. Tornam-se momentos e espaços apenas de informação cultural fragmentada e, sobretudo, de atividades de animação. Ao mesmo tempo, esses programas e cursos são tão numerosos que vulgarizam, ou “cotidianizam” a idéia de educação como atividade permanente (Stucchi, 1998), não apenas atraindo cada vez mais “alunos”, como instilando a valoração da busca do novo, uma idéia subversiva e quase constrangedora da secular função social dos idosos, de memória do grupo, transmissores de experiência e de conhecimentos para a vida, e elo entre as gerações.

Essa idéia de “estudar” como parte desse movimento atual de busca do novo é – ou seria – mais louvável pois, inclusive, “a vida continua”, se não houvesse a falta do sentido mais global e do significado daquilo que estão fazendo. Nesses cursos têm ficado de fora, por um lado, o aproveitamento da experiência da contribuição possível dos idosos e por outro, conteúdos e atividades que redundem em uma educação para a cidadania. Esses programas são educativos porque socializam os alunos, ou participantes – para a vida de relações mais amplas, para a participação mais pública, (quantos, em grupos, “aprenderam a falar”?!), mas também para serem mais “leves”, para apreciarem e darem-se ao lazer, que a vida anterior de trabalho não permitiu! E a sua não-programada e mais *inesperada pedagogia* é essa ampliação da capacidade de sociação (cf. Simmel, 1983) mas, sobretudo, o encontro geracional como propiciador de uma – ainda incipiente – identidade geracional, coletiva, de idosos.

Entretanto, essa identidade em formação não se tipifica pela “perfumaria” da “melhor idade” ou da “feliz idade”, mas pelo reconhecimento de conquistas reais e específicas – da maior liberdade, autonomia e dinamismo; até na comparação entre “o velho de ontem” e o “o idoso de hoje”, com a clara percepção de que conseguiram andar.

A questão da sociabilidade está pontificando em todas as discussões, como acabamos de ver quanto aos padrões de família e às práticas pedagógicas. É a grande descoberta e o motor que tudo faz girar – inclusive o consumo. É o momento privilegiado de encontro das pessoas, é aprendizado, até consolo, e “espaço” de premeditação de ações. Em relação ao segmento de mais idade, a consolidação da tendência a uma sociabilidade extra-familiar, já aqui bastante referida, é a grande consecução obtida até aqui. Facilita ou conduz à possibilidade da reflexão geracional coletiva, mas não é suficiente para o projeto socializador mais amplo. *A falta da sociabilidade intergeracional é das maiores falhas organizatórias da sociedade contemporânea.* Sua superação deve ser um dos mais prementes e urgentes projetos sociais. A consciência para ultrapassar os conflitos geracionais e o estímulo à comunicação e à solidariedade entre as gerações.

Mas não apenas a solidariedade premente que as crises da globalização, o desemprego e a precariedade, estão determinando em âmbito das famílias – como estivemos analisando; ou a solidariedade em recuo da previdência social; porém uma mobilização mais ampla. Que pode se expandir, para começar, em boa parte, através dos grupos e programas já organizados – afinal, não deve custar muito realizar aquilo que neles aparece, com freqüência, programaticamente.

Mas que deve abranger muito mais: o convívio, o entendimento entre as gerações deve ser uma meta relevante de projeto de *toda* a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Eliane Schmaltz Ferreira. *Somando Papéis Sociais : trajetórias femininas e seus conflitos*. Salvador, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- . Une Histoire de la vieillesse? *Communications*, Paris/Seuil, n.37, 1983.
- A TARDE. *Dia dos avós é ignorado por netos e pelo comércio*. Salvador, 26 jul. 1997.
- A TARDE. *Clube de Idosos*. Salvador, 07 jun. 1998. Espaço do Leitor.
- A TARDE. *Mal entendido entre idosos*. Salvador, 22 ago. 1998. Espaço do Leitor.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980. V.2.
- . *A Velhice*. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1990.
- BELO, Isolda. *Velhice : Anatomia Política dos discursos dominantes*. Recife, 1990. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Lacunas do óbvio : conteúdo sócio-político do processo de envelhecimento e da institucionalização do idoso.
- BERQUÓ, Elza. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In : SEMINÁRIO INTERNACIONAL "ENVELHECIMENTO POPULACIONAL : UMA AGENDA PARA O FINAL DO SÉCULO", 1., 01-03 jul. 1996, Brasília. *Anais ...* Brasília : MPAS, 1996.
- BILAC, Elisabete Dória. Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. *Ciências Sociais Hoje*, Rio de Janeiro, 1991.
- BIRMAN, Joel. Futuro de todos nós : temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In : VERAS, Renato (Org.). *Terceira idade (Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro)*. Rio de Janeiro : Relume Dumará/UnATI/UERJ, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983. A Juventude é apenas uma palavra.

———. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, Berkeley, n. 22, 1987.

———. *O poder simbólico*. Lisboa : Difel, 1989.

———. *Coisas ditas*. São Paulo : Brasiliense, 1990.

BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. Envelhecimento e trabalho. In : OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de, SCAVONE, Lucila (Org.). *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização*. Goiânia : AB, 1997.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Visão de Mundo da empregada doméstica. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

———. Relações de gênero em movimentos coletivos de bairro em Salvador. In : ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 15., out. 1991, Caxambu/MG. GT - Relações Sociais de Gênero.

———. Emprego Doméstico : revendo o novo. *Caderno CRH*, Salvador, n. 16, p. 31-49, jan./jun. 1992.

———. Familiarizando(-se com) o público e politizando o privado. In : XIMENES, Teresa (Org.) *Novos paradigmas e realidade brasileira*. Belém : UFPa., 1993.

———. Chegando pra idade. In : REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 19., 1994a, Niterói . (Publicado em LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.) *Velhice ou terceira idade?* (Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política). Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998; e em *Alteridades*, n. 2, Mestrado em Sociologia, UFBA., abr./set. 1995.)

———. Falando em surdina : são mulheres velhas. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 9., 1994b, Caxambú. *Anais...* Belo Horizonte : ABEP, 1994. Vol. 3, p.363-376.

———. Os velhos, os corpos, as estações. In : ENCONTRO DA REDOR, 4., 1995a, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa : Universitária, 1996.

———. Recontando o tempo de madureza. In : ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE/NORDESTE, 7., mai.1995b, João Pessoa. (Publicado em KURY, Mauro et al. (Org.) *Cultura e Subjetividade*. João Pessoa : Universitária, 1996).

- . Os velhos baianos (e a “música” é cada vez mais nova). *Bahia, Análise & Dados-SEI*, Salvador, v.6, n.1, jun. 1996a.
- . Trajetórias sociais de gênero e representações sobre velhice no Brasil. In : CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 4., set. 1996b, Rio de Janeiro.
- . Gênero, envelhecimento e Universidade para a terceira idade. In : ENCONTRO DA REDOR, 5., set. 1996c, Belém. (Publicado em ÁLVARES, Maria Luzia Miranda, SANTOS, Eunice Ferreira. (Org.). *Desafios de Identidade : espaço-tempo de mulher*. Belém : CEJUP, 1997. p. 265-279).
- . “Terceira Idade” - gênero, classe social e moda teórica. In : ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS - GT Relações Sociais de Gênero - 20., out. 1996d, Caxambú/MG. (Publicado em COSTA, Ana Alice A., ALVES, Ívia Iracema (Org.). *Ritos, mitos e fatos - mulher e gênero na Bahia*. Salvador : NEIM, 1997. p. 103-120. Coleção Bahianas 1.)
- . (Org.). Dossiê gênero e velhice. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n.1, 1997.
- . Revisitando a família do idoso. In : REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., abr. 1998a, Vitória.
- . A construção do poder dos idosos na sociedade brasileira do séc. XXI. In : CONGRESSO BRASILEIRO DE GERONTOLOGIA SOCIAL - II FÓRUM PERMANENTE DA POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, 1., out. 1998b, Porto Alegre.
- BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1975.
- CABRAL, Benedita E. S. Lima. Solidariedade geracional, uma experiência dos grupos de convivência de idosos. In : ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NO NORTE/NORDESTE, 8., 9-13 jun. 1997, Fortaleza.
- . A sociabilidade, alternativa de solidariedade na velhice. In : REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20., abr. 1998, Vitória/ES.
- CARDOSO, Ruth. Apresentação. In : KOWARICK, Lúcie (Org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- CASTRO, Mary Garcia. Comentários sobre textos da sessão ‘O lugar dos velhos na família’ no GT Família e Sociedade. In : ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 15., Caxambu, 1991.

- . Alquimias de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n. 0, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. O discurso competente e outras falas. São Paulo : Moderna, 1980.
- COMBES, Danièle, HAICAULT, Monique. Produção e reprodução. Relações Sociais de sexos e de classes. In : KARTCHEVSKY-BULPORT, Andrée. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.
- DEBERT, Guita Grin. História de vida e experiência de envelhecimento para mulheres de classe média em São Paulo. *Caderno do CERU*, São Paulo, 19 jun. 1984.
- . Envelhecimento e representação da velhice. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v.8, jul. 1988.
- . Família, classe social e etnicidade : um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 33, 1992. (ANPOCS/Relume-Dumará).
- . O remapeamento do curso de vida. In : ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 18., out. 1993, Caxambú.
- . Gênero e Envelhecimento. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1994.
- . As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In : SEMINÁRIO INTERNACIONAL "ENVELHECIMENTO POPULACIONAL", 1., 01-03 jul. 1996. Brasília. *Anais...* Brasília : MPAS, 1996.
- . A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e de demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 12, n.34, jun.1997.
- DURHAN, Eunice. Movimentos Sociais : a construção de Cidadania. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.10, 1984.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. (1712). In : GIANNOTTI, José Arthur (Org.). *Durkheim*. São Paulo : Abril Cultural, 1973.
- DUVERGER, Maurice. *Métodos de las Ciencias Sociales*. Baelona : Ediciones Ariel, 1962.
- ECKERT, Cornélia. Do corpo dilapidado à memória reencantada. In : FACHEL LEAL, Ondina (Org.). *Corpo e significado*. Porto Alegre : UFRGS, 1995.

FEATHERSTONE, Mike, WERNICK, Andrew. (Ed.). *Images of Aging*. London : Routledge, 1995.

FERREIRA, Adilton Roque, RODRIGUES JUNIOR, Valdomiro B. *Idosos : esse novo velho objeto (um estudo do preconceito contra a terceira idade)*. Trabalho final de Graduação em Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Aposentados ocupam vanguarda social*. São Paulo, 2 fev. 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Mulheres envelhecem sozinhas em São Paulo*. São Paulo, 22 jun. 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Idosos morrem solitários no estado de S.P.* São Paulo, 15 de março de 1998a.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Aposentadoria baixa cria o 'office' velho*. São Paulo, 2 mai. 1998b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Graal, 1986.

FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Laura V. C., HEILBORN, Maria Luiza. Apresentação e Antropologia e Feminismo. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, Rio de Janeiro, n.1, 1981.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 12. ed. Brasília : UNB, 1963.

———. O idoso válido como uma descoberta de nossa época. *Ciência e Trópico*, v. 5, n. 1, jan./jun., 1977.

GALVEZ, Thelma, TODARO, Rosalba. *La especificidad del trabajo doméstico y la organización de las trabajadoras de casa particular* (Santiago do Chile). In : CONGRESSO INTERNACIONAL DA LASA, 11., México, 1983.

GARCIA, Antonia S., PACHECO, Ana Cláudia, SANTOS, Célia L. Rompendo as amarras (o movimento de mulheres na periferia de Salvador). Trabalho final de Graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, jun. 1992.

GIANNOTTI, José Arthur. *Trabalho e reflexão* (Ensaio para uma dialética da sociabilidade). São Paulo : Brasiliense, 1983.

GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity* (Self and society in Late Modern Age). Cambridge, U.K. : Polity Press, 1991.

- GLOBO Repórter. *Rede Globo de Televisão*, São Paulo, 04 set. 1998.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis : Vozes, 1985.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Caderno Pagu*, São Paulo, n.1, 1993. (IFCH/UNICAMP).
- . Retratos de família em tempos de crise. *Estudos Feministas*, número especial, p. 303-335, 2. sem. 1996. (CIEC/ECO/UFRJ)
- GUERRERO, Patrícia. *A universidade para a terceira idade da PUC de Campinas e a experiência de envelhecimento*. Trabalho final de Graduação. UNICAMP, out. 1993.
- GUILLEMARD, Anne Marie. *Le declin du social : formation et crise des politiques de gestion de la vieillesse*. Paris : PUF, 1986.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo : Cortez, 1986.
- . *El movimiento de los jubilados y pensionistas*. In : CONGRESO ESPAÑOL DE SOCIOLOGÍA., 4., set.1992, Madrid.
- . *O direito à velhice*. São Paulo : Cortez, 1993.
- HAZAN, Haim. *Old Age : Constructions and reconstructions*. Cambridge : Cambridge University Press, 1994.
- HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo Gênero?: a antropologia da mulher no Brasil. In : COSTA, A., BRUSCHINI, M.C. (orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo : Fundação Carlos Chagas/Rosa dos Ventos, 1992, p. 93-128.
- HÉRITIER, Françoise. Symbolique de l'inceste et de sa prohibition. In : ISARD, M., SMITH, P. (eds.). *La fonction symbolique*. Paris : Gallimard, 1979, p. 209-243. Citado por HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo Gênero?: a antropologia da mulher no Brasil. In : COSTA, A., BRUSCHINI, M.C. (orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo : Fundação Carlos Chagas/Rosa dos Ventos, 1992, p. 93-128.
- HIRATA, Helena, KERGOAT, Danièle. *La classe ouvrière à deux sexes*. Politis, Paris, jul./août/sept., 1993.
- JELIN, Elizabeth. *Las Familias en América Latina*. ISIS Internacional - Familias Siglo XXI, Santiago do Chile, 1994.

- KERGOAT, Danièle. Em defesa de uma sociologia das relações sociais. In : KARTCHEVSKY-BULPORT, Andrée et al. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.
- LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do Social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 2, v. 1, out. 1996.
- LANDES, Ruth. *The city of women*. New York : The Macmillan Company, 1947.
- LANGEVIN, Annette. Les âges successifs aujourd'hui. *Informations Sociales*, Paris, n. 8, 1987.
- . Le Vieillissement comme processus. *Revue Française des Affaires Sociales*, Paris, oct. 1997.
- LARANJEIRA, Sônia M. G. Faz sentido falar em classes sociais? *Natureza, história e cultura*, Porto Alegre, 1993. (Sociedade Brasileira de Sociologia, Editora da UFRS).
- LASCH, Christopher. *The Minimal Self*. London : Picador, 1985. Apud GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity* (Self and society in Late Modern Age). Cambridge, U.K. : Polity Press, 1991.
- LASLETT, Peter. *The Emergence of the Third Age*. *Ageing and Society*, Cambridge, 1987.
- LAVINAS, Lena. *Identidade de Gênero : um conceito da prática*. In : ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 13., 1989, Caxambu/MG.
- LENOIR, Remi. L'invention du troisième age (constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse). *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, p.26-27, mar./avr., 1979.
- . Objeto Sociológico e Problema Social. In : CHAMPAGNE, Patrick, LENOIR, Remi, MERLLIÉ, Dominique et al. *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis : Vozes, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As formas elementares do parentesco*. Petrópolis : Vozes, 1982.
- LINS DE BARROS, Myriam M. Testemunho de Vida - um estudo antropológico de mulheres na velhice. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, Rio de Janeiro, n.2, 1981. (Jorge Zahar).
- . *Autoridade e afeto : avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

———. (Org.) *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACHADO NETO, Zahidé. A força de trabalho de mulher no espaço do bairro. *NEIM, Caderno*, Salvador, n. 4, p. 7-16, 1987. Espaço e Tempo de Mulher.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos* (O declínio do individualismo nas sociedades de massa). Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e Representações, ou de como os baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In : CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

MANNHEIM, Karl. *Essays on the Sociology of Knowledge* . London : Routledge & Kegan Paul, 1952. The problem of generations.

MARÍAS, Julian. El método histórico de las generaciones. *Revista de Occidente*, Madrid, 1949.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo : EPU-EDUSP, 1974. Ensaio sobre a dádiva. Vol. II.

MEAD, Margaret. *Culture and Commitment* : a study of the generation gap. The American Museum of Natural History Press/Doubleday & Company Inc., New York : 1970.

MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Lisboa : Afrontamento, 1977.

MENEZES, Adalci. *Relatório Anual de Pesquisa - Projeto Vivendo e Aprendendo* : os idosos na escola. Coordenadora : Alda Britto da Motta - Salvador, jul. 1996. P.8.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX* (O espírito do tempo). Rio de Janeiro: Forense, 1967.

OFFE, Claus. *Trabalho e Sociedade* : problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.

O GLOBO. *Trabalho que recomeça depois dos 60*. São Paulo, 26 abr. 1998.

OLIVEIRA, Gilson Costa. Entrevista. *Caderno do CEAS*, Salvador, n.139, mai./jun. 1992.

OLIVEIRA, Maria Coleta. A família brasileira no limiar do ano 2000. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1996.

- ORTEGA & GASSET, José. El tema de nuestro tiempo. *Revista de Occidente*, Madrid, 1929.
- PEIXOTO, Clarice. A Sociabilidade dos Idosos cariocas e parisienses : a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ANPOCS, n. 27, ano 10, 1995.
- . De volta às aulas ou como ser estudante aos 60 anos. In : VERAS, Renato. *Terceira Idade. Desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro : Relume Dumará/UnATI, 1997.
- . Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios : velho, velhote, idoso, terceira idade ... In : LINS DE BARROS, Myriam M. (Org.) *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- PEREIRA, Idma Alves, FRANCO, Nanci H.R., SOUZA, Railda A. de, MOREIRA, Rita de Cássia C. *Idosos em Movimento (a conquista de um direito)*. Trabalho final de graduação em Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.
- P.M.C./MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais* - Ministério da Educação e do Desporto. F.E.F. 1996. (Versão preliminar)
- PRATA, Lisete Emília. Os programas especificamente destinados à população idosa. In : SEADE. *O idoso na grande São Paulo*. São Paulo, 1990. p.233-249.
- , MAYUMI, Lúcia. *A dependência familiar do idoso nas populações de baixa renda*. In : ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 15., out. 1991, Caxambu/MG.
- REDONDO, Néida. *La Construcción de una Imagen Social de la vejez*. In : CONGRESO ESPAÑOL DE SOCIOLOGÍA, 4., Madrid, set. 1992. GT Sociología de las Edades.
- RIBEIRO JUNIOR, Raimundo Lago. *Os idosos da Praça de Plataforma*. Relatório preliminar de pesquisa. Salvador, 1994.
- RODRIGUES, Fernando. Insensível. *Tribuna da Bahia*, Salvador, 01 mai. 1996.
- RUBIN, Gayle. The traffic in women : notes on the 'political economy' of sex. In : RAITER, Rayna. (ed.). *Toward an anthropology of women*. New York : Monthly Review Press, 1975.
- SADER, Eder. *Quando novas personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

- SAFFIOTI, Heleyeth B. Rearticulando gênero e classe social. In : COSTA, Albertina, BRUSHINNI, Cristina. (Org.). *Uma questão de gênero*. São Paulo : Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.
- SALEM, Tânia. *O velho e o novo* : um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis : Vozes, 1980.
- SARDENBERG, Cecília M. B. *In the backyard of the factory* : gender, class, power and community in Bahia-Brazil. Tese de Doutorado. Universidade de Boston, U.S.A., 1997.
- SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. New York : Columbia University Press, 1988.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.
- SEADE. *O Idoso na Grande São Paulo*. São Paulo, 1990.
- SEEGER, Anthony. *Os índios e nós* (Estudo sobre sociedades tribais brasileiras). Rio de Janeiro : Campus, 1980. Os velhos nas sociedades tribais.
- SEMINÁRIO INTERNACIONAL "ENVELHECIMENTO POPULACIONAL : "Uma agenda para o final do mundo". 1., 01-03 jul. 1996, Brasília. *Anais...* Brasília : MPAS, 1996.
- SEPLANTEC, Centro de Estatísticas e Informações (CEI). *A questão do Idoso na Bahia* : problema emergente. Salvador, out. 1992.
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. In : VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro : Zahar, 1967.
- . On individuality and social forms. Chicago : University of Chicago Press, 1971. Apud VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade* - uma experiência de gerações. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1986.
- . Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal. In : MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Simmel*. São Paulo : Ática, 1983.
- SIMÕES, Júlio Assis. *A maior categoria do País* (Notas sobre o aposentado como ator político). In : ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 27., Caxambu, 1994.
- SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo : Brasiliense, 1991. Trabalhadoras e Trabalhadores : o dia a dia das representações.

- SOUZA, Nadiesel, PONTES, Paula, ROCHA, Sérgio. *As representações do envelhecimento*. Trabalho final de graduação em Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.
- STUCCHI, Deborah. O curso da vida no contexto da lógica empresarial. Juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. In : MORAES, Myriam, LINS DE BARROS, Míriam M. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 35-46.
- TELLES, Vera da Silva. *Cidadania inexistente : invisibilidade e pobreza*. São Paulo, 1993. Tese de doutorado - Universidade de São Paulo.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária na Inglaterra*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.
- . *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro : Zahar, 1991.
- TRIBUNA DA BAHIA. *Anciã saca revólver para deixar asilo*. Salvador, 10 nov. 1995.
- TRIBUNA DA BAHIA. *Noticiário*. 3 de julho de 1998.
- TRIBUNA DA BAHIA. *Governo derrotado na votação da Medida Provisória*. Salvador, 03 dez. 1998.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis : Vozes, 1974.
- VEJA. *Futuro programado*. Empresas promovem cursos para estimular a aposentadoria e oxigenar a produtividade. Rio de Janeiro, 28 set. 1994.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade - uma experiência de gerações*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1986.
- VERAS, Renato. *País jovem de cabelos brancos*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.
- WAGNER, Elvira Abreu e Melo. *Dignidade para todas*. Veja, São Paulo, 30 set. 1992.
- ZÁRRAGA MORENO, José Luis de. *Generaciones y grupos de edad*. Consideraciones teóricas. In : CONGRESO ESPAÑOL DE SOCIOLOGÍA, 4., sept. 1992, Madrid.

ANEXOS

ANEXO 1 - Proposta do curso da Faculdade da Terceira Idade

ANEXO 2 - Quadros de Horário I e II

**ANEXO 3 - Folder da programação do
“II Congresso Cultural e Turístico da
Terceira Idade”**

ANEXO 4 - Fotos do grupo de idosos da AMPLA

ANEXO 5 - Fotos do grupo de idosos da Associação Idosos Unidos Venceremos